



REDES SOCIAIS

Entrevista com o sociólogo italiano Paolo Gerbaudo

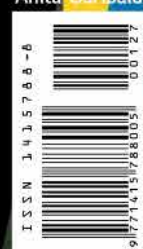
VINICIUS DE MORAES

Crônica: Todo mundo quer Vinicius só para si



PRINCÍPIOS

TEORIA, POLÍTICA E INFORMAÇÃO ■ Nº 127 ■ OUTUBRO-NOVEMBRO/2013 ■ R\$ 12,00



COPA E OLIMPÍADAS

BRASIL

SEDE MUNDIAL DO ESPORTE

Megaeventos
esportivos trazem
oportunidades para o
país se desenvolver e
aumentar seu prestígio
na arena global



Todo militante de esquerda precisa ter

PRINCÍPIOS

Teoria, política
e informação

ASSINE

A revista que faz uma análise
esclarecedora dos temas mais
importantes da realidade
brasileira e mundial.



INFORMAÇÕES E ASSINATURAS:

Editora Anita Ltda. R. Amaral Gurgel, 447/Conj. 31 - V. Buarque - São Paulo - SP
CEP 01221-001 Tel.: 3129-3438 www.anitagaribaldi.com.br

Copa e Olimpíadas: oportunidades de ouro para o desenvolvimento e a projeção internacional do Brasil

Divulgação/Portal da Copa/Ministério do Esporte



Obra da Arena das Dunas, em Natal (RN)

Em novembro de 2013, chega-se à simbólica marca dos mil dias que antecedem a realização das Olimpíadas de 2016, e de pouco mais de 8 meses do jogo inaugural da Copa de Futebol de 2014. A Copa e os Jogos Olímpicos são os dois maiores eventos do mundo, em termos de números de países participantes e de público que os assistem ou os acompanham em todo o planeta pelos diferentes meios de comunicação. Por tais dimensões, são cobigados e alvo de dura disputa.

O Brasil, ao conquistar o direito de sediar, com intervalo de apenas dois anos, tanto a Copa quanto as Olimpíadas/Paraolimpíadas, demonstrou a elevada confiança e respeito que angariou no plano internacional. As realizações dos governos do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, o reconhecimento do novo papel do país no mundo, foram os fatores decisivos para este grande feito. Orlando Silva, ex-ministro do Esporte e atual vereador do PCdoB na cidade de São Paulo, participou de modo destacado dessa jornada vitoriosa, ao lado do presidente Lula e de outras lideranças.

O governo da presidenta Dilma Rousseff recebeu o desafio de realizar o conjunto de tarefas estipuladas pelos termos de compromisso que o país assinou. Os compromissos pactuados passaram pelo crivo do Congresso Nacional, e a execução das obras e da extensa lista das necessidades se realiza sob a fiscalização das instituições pertinentes da República, e também, da sociedade. O ministro do Esporte, deputado federal Aldo Rebelo, desde outubro de 2011 trabalha intensamente com a equipe ministerial para garantir o êxito da Copa e dos Jogos Olímpicos. Demonstrando mais uma vez seu compromisso com o país, ele não será candidato à reeleição, para cumprir até o fim os trabalhos da Copa e dar prosseguimento à agenda das Olimpíadas.

A realização desses eventos no Brasil impôs como imperativo a execução acelerada de planos referentes a demandas há muito postergadas, como o estrangulamento da mobilidade urbana e a insuficiente capacidade dos aeroportos. Estão em andamento melhorias urbanísticas e de infraestrutura nas doze cidades-sede da Copa. A cidade do Rio de Janeiro,

que será o palco das Olimpíadas de 2016, passa, segundo seus gestores, por uma transformação, sobretudo no que refere às obras de mobilidade urbana. Com os grandes eventos esportivos, a economia nacional é estimulada por vários vetores, entre eles, o turismo, as telecomunicações e a construção civil – o que não é pouca coisa no contexto de uma crise global do capitalismo.

No país em que as pessoas amam os esportes e o futebol é a paixão nacional, são edificadas instalações esportivas que terão impacto positivo por anos. Além de estádios, serão construídos 250 centros de iniciação ao esporte como parte do Plano Brasil Medalhas. Este Plano contém o arrojado orçamento de R\$1 bilhão a mais em ações para incentivar a formação e o desempenho de atletas brasileiros. Com isso, se espera que o Brasil fique entre os dez primeiros países nos Jogos Olímpicos, e entre os cinco primeiros dos Jogos Paraolímpicos do Rio de Janeiro. E que o esporte conquiste, como coroaamento desse percurso, uma política de Estado que o fortaleça em todas as dimensões.

Há que se perguntar: Por que, com tantos aspectos positivos e largamente apoiados pela maioria do povo, a Copa e as Olimpíadas estão na linha de tiro do sistema de oposição? Na trajetória da República, todas as grandes realizações foram alvos de intenso combate. Para citar um caso, basta lembrar a violenta oposição que Juscelino Kubitschek teve que vencer para viabilizar a construção de Brasília. Hoje, o sistema de oposição acende velas, roga pragas e, para além disso, atua deliberadamente pelo fracasso desses eventos. Não se deve esquecer que a Copa se realizará na largada da sucessão presidencial de 2014.

É preciso reconhecer que não só a oposição, mas também um setor dos movimentos sociais, têm colocado os grandes eventos esportivos no alvo de protestos, como os ocorridos em junho passado. Mas em relação a eles, a questão é outra. O Brasil, apesar dos significativos avanços em termos de redução das desigualdades sociais e regionais da última década, segue sendo um país injusto e desigual. As tensões sociais são permanentes. Isso explica o bordão de uma parcela dos manifestantes de junho que pedia “Padrão FI-FA” para áreas como saúde, educação e transporte. As manifestações atacaram o problema certo, mirando no alvo errado, pois como já foi dito, os dois eventos têm o potencial de acelerar a resolução de diversos problemas urbanos.

Daniel Ramalho / Terra



Manifestantes aproveitaram os jogos para pedir serviços públicos de qualidade

Pesquisas de consultorias não vinculadas ao governo estimam que a Copa e os Jogos Olímpicos irão agregar R\$180 bilhões ao Produto Interno Bruto (PIB) até 2019 e gerar cerca de 700 mil empregos permanentes e temporários.

Somente a Copa puxará investimentos de R\$ 11,5 bilhões em mobilidade urbana. Ao todo, nesta esfera, são 41 projetos divididos em BRTs, corredores expressos, VLTs, monotrilhos e renovação de estações de trem, metrô e ônibus. Já na modernização e ampliação de 13 aeroportos estão sendo investidos mais 3 bilhões de reais. No quesito segurança, todas as 12 cidades da Copa receberão centros de Comando e Controle Regionais, além de mais um Centro de Comando Nacional e um Centro Integrado de Comando e Controle Móvel.

Em relação ao turismo, a Embratur calcula que a Copa atrairá 600 mil turistas estrangeiros e 3 milhões de brasileiros; por sua vez, as Olimpíadas terão a presença de 380 mil turistas internacionais. Para acolher tanta gente, a rede hoteleira das cidades ganhará forte expansão. A cidade do Rio de Janeiro tem o projeto de 75 novos hotéis que representam 16 mil novos quartos.

Como se vê, não há como transformar ouro em lata. Trata-se de uma grande oportunidade para o país alavancar o desenvolvimento e se projetar mundialmente.

Adalberto Monteiro
Editor

Editorial	1
------------------------	----------

CAPA

Aldo Rebelo: “Paixão do povo pelo futebol ajudará o Brasil a realizar uma Copa admirável”

por Cláudio Gonzalez..... **5**

Impactos e legados dos megaeventos esportivos

por Alberto Reinaldo Reppold Filho **12**

Copa e Olimpíadas para quem? O legado dos grandes eventos para o desenvolvimento do Brasil

por Luis Fernandes **17**

Megaeventos esportivos e diplomacia pública

por Luís Antônio Paulino..... **24**

Jogos de 2016 dão fôlego à transformação do Rio

por Eduardo Paes..... **32**

São Paulo: de berço do futebol a palco da abertura da Copa

por Nádia Campeão **36**

O legado da Copa do Mundo

por Ricardo Trade **41**

Copa do Mundo e Jogos Olímpicos: símbolos de uma etapa do Brasil

Osvaldo Bertolino **49**

ENTREVISTA COM DANIEL DIAS

“Brasil é referência em esportes paraolímpicos”

por Cezar Xavier **54**

Eventos são um bom negócio!

por Paulo Alvim **60**

ENTREVISTA COM A JUDOCA SARAH MENEZES

A evolução do judô feminino brasileiro e as expectativas para a Rio2016

por Ana Paula Bueno **66**

O futebol como arte de uma nação

por Osvaldo Bertolino..... **70**

ENTREVISTA

Cafu: a bola une os países!..... **79**

A agenda do Brasil na Copa

por Pedro Trengrouse Laignier de Souza .. **86**



O Congresso Nacional no centro das decisões sobre grandes eventos
por Valadares Filho..... **92**

O impacto turístico dos megaeventos no Brasil
por Flávio Dino e Leandro Garcia **98**

O esporte como política de Estado e de inclusão social
por João Derly **103**

CIÊNCIA E TECNOLOGIA

Um chute da ciência brasileira para a humanidade
por Rogério Rangel **106**

INTERNACIONAL

O Momento Lula – Contextualizando a luta por alternativas
por Chris Matlhako **114**

A Síria e a transição para um mundo multipolar
por José Farhat, Lejeune Mirhan e Khaled Favez Mahassen **119**

CULTURA

Todo mundo quer Vinicius só para si
por Jeosafá Fernandez Gonçalves..... **126**

SOCIEDADE

ENTREVISTA COM PAOLO GERBAUDO
“Redes sociais criam paixão política comum que deságua nas ruas”
por Cezar Xavier..... **129**

RESENHAS

O lendário Ho Chi Minh **133**

O Príncipe da Privataria **134**

A grande crise capitalista Global 2007-2013: gênese, conexões e tendências **135**



Aldo Rebelo: “Paixão do povo pelo futebol ajudará o Brasil a realizar uma Copa admirável”

Cláudio Gonzalez*

Confirmado como titular do Ministério do Esporte até 2014, o ministro Aldo Rebelo aposta que o Brasil e os brasileiros darão o seu melhor para que a Copa e as Olimpíadas fiquem marcados como momentos de glória na história recente do país

Marcelo Camargo/ABr



N o último dia 12 de outubro, o ministro do Esporte, Aldo Rebelo, concedeu entrevista à *Princípios* durante um intervalo da Conferência Estadual do PCdoB-SP, na capital paulista. Na conversa, Aldo adiantou que pretendia disputar a eleição a um cargo majoritário em 2014. Duas horas depois da entrevista, a Conferência lançou seu nome como pré-candidato ao governo de São Paulo.

A candidatura de Aldo ao Bandeirantes durou menos de uma semana. No dia 17 ele anunciou que, a pedido da presidenta Dilma Rousseff, permanecerá no comando do Ministério do Esporte e coordenará as atividades relacionadas à Copa do Mundo de 2014. Nos bastidores, Aldo revela que não foi apenas

a presidenta Dilma quem intercedeu por sua permanência no posto. O ex-presidente Lula, o ministro da Educação Aloísio Mercadante e até mesmo auxiliares de Rebelo no ministério pediram-lhe que ficasse. Engana-se quem pensa que a pressão pela permanência de Aldo tenha qualquer relação com os arranjos eleitorais da disputa pelo governo paulista. A preocupação de todos é com a importância estratégica que grandes eventos como a Copa do Mundo de 2014 e a Olimpíada de 2016 têm para o país e para a consolidação do novo papel que o Brasil vem ocupando na geopolítica mundial. Foi essa consciência que levou Aldo a abdicar de disputar as eleições no próximo ano, ele não será nem candidato a deputado. Após seis mandatos consecutivos na Câmara Federal, da qual já foi

Roberto Stuckert Filho/PR



Presidenta Dilma Rousseff na abertura da Copa das Confederações no estádio Nacional Mané Garrincha, em Brasília

presidente, e tendo ocupado diversas funções ministeriais, será a primeira vez nos últimos 25 anos que o nome do ilustre palmeirense comunista nascido em Alagoas, Aldo Rebelo Figueiredo, não será uma opção para o eleitorado paulista.

“O mandato de Aldo é um patrimônio de nosso Partido. Mas compreendemos que sua autoridade moral e política é fundamental para garantir a continuidade da boa condução que o ministério está dando para os preparativos destes dois grandes eventos esportivos mundiais”, opinou o presidente nacional do PCdoB, Renato Rabelo, ao apoiar a decisão do ministro de continuar na pasta.

Em conversa com Aldo, o ex-presidente Lula também opinou que a Copa de 2014 é uma grande conquista do Brasil, inclusive política. Segundo ele, o evento está sob permanente ataque da oposição e da mídia e poderia sofrer grande desgaste sem a contribuição de Rebelo na chefia do ministério.

Na conversa com *Princípios*, Aldo destacou aspectos que envolvem a realização da Copa e da Olimpíada e são reveladores da importância estratégica destes jogos, algo que vai muito além do campo esportivo.

Copa das Confederações: Brasil passou no teste com louvor

Segundo Aldo, apesar da corrosiva campanha de inspiração político-partidária contra a Copa de 2014, a maioria (63%) do povo brasileiro não só apoia sua realização no Brasil como acha (57%) que será boa/ótima. Os dados são de pesquisa realizada em junho pelo Datafolha a pedido do Ministério do Esporte, com mais de 10 mil pessoas em 17 capitais, inclusive as 12 cidades-sedes da Copa. “Os entrevistados ressaltaram principalmente o legado da infraestrutura nas cidades e, naturalmente, a crença no hexacampeonato. 74% acreditam que nossa Seleção vai levar a taça”, destaca o ministro.

Por outro lado, a pesquisa também revelou preocupações com custos ou superfaturamento de obras, violência e criminalidade. Daí por que o governo federal, para melhor escrutinar o uso dos recursos que aplica, montou sistemas de controle próprios e conta com a fiscalização instantânea do Tribunal de Contas. “Problemas são flagrados de imediato e logo resolvidos”, afirma o ministro.

A sondagem do Datafolha foi realizada antes e depois da Copa das Confederações e no meio do turbilhão político-social gerado pelas manifestações de junho. Apesar de toda a pressão das ruas, onde uma pequena parte dos manifestantes colocou os eventos esportivos na mira dos protestos, a maioria dos brasileiros julga positivamente a realização da Copa das Confederações, que é tida como um teste para a Copa do Mundo. 45% dos entrevistados disseram que foi melhor que o esperado, enquanto para 35% foi igual, e apenas 13% acharam ter saído pior do que previam.

“Pesquisas desse tipo confrontam o alarido de uma minoria pessimista que esconde os bons efeitos e destaca os problemas. Já está demonstrado que a Copa é investimento com excelentes resultados na economia, gerando desenvolvimento, renda e empregos em proporção muito superior aos gastos, com benefícios até mesmo para os dermatologistas profissionais”, alfineta Aldo.

Segundo ele, foi “um grande esforço” para o Brasil realizar a Copa das Confederações. O país correu para entregar seis arenas a tempo, garantir o transporte para torcedores e jogadores e até a segurança das delegações. Tudo isso, disse o ministro, foi providenciado a contento. Aldo reconhece que os protestos de rua tinham potencial para inviabilizar o torneio e realmente preocuparam os organizadores, mas um esforço concentrado na busca de soluções e o apoio da ampla maioria do povo fizeram com que, no final, tudo desse certo. “O teste no Brasil foi mais difícil do que outros. Creio que cumprimos o desafio. Conseguimos corresponder, não só com futebol”, avalia Aldo, lembrando que, além de garantir o sucesso da competição, o Brasil ainda ficou com a taça derrotando a “favorita” Espanha por 3 x 0.

A percepção positiva da Copa das Confederações também foi feita pela Fifa, entidade organizadora do torneio. Em entrevista coletiva no início de julho, o presidente da entidade máxima do futebol, Joseph Blatter, e o secretário-geral Jérôme Valcke disseram que apesar de a competição não ter sido perfeita e o ambiente social não ter sido dos melhores, a Copa foi bem sucedida e se fosse para ser avaliada com nota, mereceria “entre 8 e 10”.

Marcelo Camargo/ABr



“A autoridade política e moral de Aldo é fundamental para garantir a continuidade da boa condução que o ministério está dando para os preparativos destes dois grandes eventos esportivos mundiais”, diz o presidente do PCdoB, Renato Rabelo

Segundo Valcke, nenhum problema comprometeu a competição e os que apareceram foram problemas menores — limpeza nos banheiros de estádios, dificuldades na retirada de ingressos e falhas pontuais no sistema de transporte público de algumas cidades-sede —, que serão facilmente resolvidos em 2014. “Posso dizer que a Copa das Confederações foi 80%. Isso é bom para uma competição-teste”, disse.

O fantasma das manifestações não assusta

Respalado pelos números positivos das pesquisas que o ministério encomendou, o ministro Aldo Rebelo demonstra otimismo e afirma que não espera protestos contra a realização da Copa em 2014.

“Não creio em manifestações durante a Copa. Acho que a Copa estará protegida pelo clima de festa, pela grande expectativa que o evento gera no Brasil e no mundo. Acredito que teremos na Copa do Mundo um país tranquilo e pacífico porque as pessoas desejam uma festa para o futebol. Quando as seleções dos países classificados para a Copa e os torcedores de outros países começarem a chegar, encontrarão um

Brasil hospitaleiro como sempre e um ambiente de confraternização, não de protesto”.

Sobre as manifestações em si, o ministro dá sua opinião de líder político, com a experiência de quem já presidiu a União Nacional dos Estudantes (UNE), enfrentando a ditadura militar, e foi um dos fundadores da União da Juventude Socialista (UJS): “As manifestações que ocorreram neste ano estão ligadas às deficiências em serviços públicos, que são evidentes, em saúde, educação, transporte, segurança, mas também à reação de um setor conservador da classe média a sucessivos governos de esquerda no país.

Ele pondera que as manifestações de rua são atos democráticos desde que respeitem os princípios da sociedade democrática.

Glauber Queiroz/ME



Aldo Rebelo durante inauguração do PST/Forças no Esporte para crianças indígenas no Amazonas

Desinformação menospreza a grande oportunidade

Para Aldo, os protestos têm uma base de reivindicação justa, mas em determinado momento foram manipulados por “interesses antinacionais, antidemocráticos e desagregadores.” Ele critica, particularmente, a presença dos *black blocs*, que ele considera “meninos de classe média sem uma causa clara pra defender”. “Já participei de muitas manifestações na minha vida, boa parte delas enquanto o Brasil ainda vivia sob um regime ditatorial, e nunca precisei esconder meu rosto, nem saí por aí destruindo patrimônio público”, desabafa o ministro.

Ele ressalta que os grandes eventos esportivos foram introduzidos nas manifestações por setores oposicionistas e pela mídia. “Os protestos nas ruas tiveram como reivindicações principalmente a situação do transporte público, da saúde e da educação. O tema da Copa apareceu em quinto ou sexto lugar de importância para as pessoas que protestaram nas ruas.” Aldo concorda que o público que compareceu aos estádios durante os jogos da Copa das Confederações, e mais os que assistiram pelos telões instalados em espaços públicos, foi muito superior ao número de manifestantes que saíram às ruas especificamente para protestar contra os supostos “gastos” do governo com a construção dos estádios. Sobre este aspecto, ressalta que muito do que se fala em relação aos gastos é pura desinformação.

“Não há dinheiro do orçamento federal para a construção dos estádios. Há recursos indiretos como o da renúncia tributária, renúncia que o governo resolve aplicar levando em conta o interesse público,

a geração de empregos, geração de renda. E há os financiamentos do BNDES à iniciativa privada, feitos mediante todas as garantias necessárias e que, portanto, serão pagos pelos tomadores do empréstimo”, esclarece.

Investimentos beneficiam o desenvolvimento nacional

De tanto ser questionado sobre este assunto, o ministro, já famoso pela boa memória e pelo discurso afiado, tem na ponta da língua uma infinidade de argumentos para defender cada uma das ações do governo em relação à preparação da Copa e da Olimpíada. Durante au-

diência pública realizada no último mês de junho no Senado, Aldo cunhou uma expressão que já entrou para a história da crônica do jornalismo esportivo ao chamar os estádios de “elefantes de ouro”.

Aldo disse aos senadores que obras consideradas como “elefantes brancos”, como o caso dos estádios de Brasília e de Natal, atualmente podem ser consideradas como “elefantes de ouro”, porque estão com boas perspectivas de lucro. “Aqui mesmo em Brasília, um jornal da cidade já indica que o elefante branco, na verdade, é um elefante de ouro, porque permite à cidade não apenas a realização de jogos de futebol, mas também de outros grandes eventos, espetáculos, que não seriam possíveis em Brasília sem a presença desse estádio”, afirmou na ocasião. E aproveitou para alfinetar a imprensa que dissemina a desinformação: “A imprensa, ou uma parte da imprensa desinformada do Sul e do Sudeste, que conhece mais Miami do que o Nordeste do Brasil, chama de elefante branco a arena do Rio Grande do Norte sem nunca ter ido ao estado”, criticou.

Ele manifestou estranhamento em relação ao fato de a mesma imprensa que critica as despesas do Brasil nos preparativos da Copa do Mundo divulgar que o Japão lutou para sediar a Copa do Mundo em 2022 para recuperar o prestígio diante da China e melhorar a economia interna. “Eu pergunto: vale para o Japão e para nós não vale?” indagou Rebelo.

E lembrou ainda que a Alemanha sediou os jogos da Copa do Mundo em 2006 para se recuperar economicamente e apagar a imagem da Guerra Mundial, e ressurgir como país integrado à Europa e ao mundo. E novamente indagou: “A Alemanha pode e o Brasil não pode?”

Aldo destaca que o governo tem investido em obras de mobilidade urbana, em aeroportos, e muitas delas são demandas antigas e já estavam planejadas.

“Como teremos a Copa do Mundo em 2014, as pessoas pensam que todas as obras de transporte público e mobilidade urbana são para o Mundial. É bom esclarecer que essas obras estavam previstas no Plano de Aceleração do Crescimento (PAC), e elas seriam realizadas independentemente de termos a Copa do Mundo no Brasil. São aeroportos, viadutos, avenidas e outras ações para melhorar o tráfego das cidades, das 12 cidades-sede da Copa do Mundo, e que vão beneficiar a população. E essas obras recebem, praticamente, a maior parte dos investimentos do governo federal.

“A Copa também abre possibilidades para cidades que não são sedes, por causa dos Centros de Treinamento. Quem escolhe é a Seleção, mas uma delas pode ficar hospedada em Maceió, por exemplo, e jogar no Estádio Rei Pelé. Ou ficar em Florianópolis, ou em Caxias do Sul, ou em Campinas, ou São Luís, ou Aracaju. A Copa vai estender seus benefícios. E as Olimpíadas, muito mais além, porque envolvem mais de 20 modalidades e muito mais países que precisarão escolher cidades para treinar e se aclimatar”, disse o ministro em audiência no Congresso Nacional.

Ele destaca ainda que os investimentos em hotelaria e em turismo foram multiplicados visando a atender à demanda criada pelos grandes eventos esportivos.

Apoio aos atletas olímpicos

Especificamente sobre os investimentos em esporte, Aldo também cita números importantes e destaca as ações do ministério que visam a garantir um bom desempenho do Brasil na Olimpíada de 2016. “Nós temos a preocupação com o legado, mas também com o resultado. Precisamos ter um desempenho compatível com o nosso *status* de país-sede no quadro de medalhas”, afirma, citando o Plano Brasil Medalhas, um dos principais programas do ministério que foram criados para incentivar a formação e o desempenho dos atletas brasileiros.

Lançado há um ano, o Plano Brasil Medalhas investirá R\$ 1 bilhão a mais em ações para que o país fique entre os 10 primeiros países nos Jogos Olímpicos e entre os cinco primeiros nos Jogos Paraolímpicos do Rio de Janeiro.

Dos recursos, dois terços virão do Orçamento Geral da União (OGU) e um terço de investimentos de empresas estatais. Esses recursos são novos, ou seja, adicionais em relação ao orçamento já aplicado pelo Ministério do Esporte.

O Brasil Medalhas 2016 regulamenta instrumentos previstos na Lei 12.395, sancionada em março de 2011, que lançou as bases para elevar o nível do

esporte de alto rendimento. A vertente “apoio ao atleta” institui o Programa Pódio, que inclui nova categoria no Bolsa-Atleta – a Bolsa-Pódio – e cria a Bolsa-Técnico, que pagará, respectivamente, até R\$ 15 mil e até R\$ 10 mil mensais.

Os beneficiados do Pódio serão atletas de modalidades individuais que, entre outros critérios, estejam situados entre os 20 melhores do *ranking* mundial e com reais chances de medalhas, além de seus treinadores e equipe multidisciplinar (preparador físico, nutricionista, atleta-guia).

O Brasil Medalhas também contempla recursos para a aquisição de equipamento esportivo (até R\$ 20 mil por atleta) e apoio a treinamento e competições de atletas no Brasil e no exterior, por meio do pagamento de custos com diárias e passagens.

As demais categorias do Bolsa-Atleta (Estudantil, de Base, Nacional, Internacional e Olímpica/Paraolímpica) serão mantidas com os critérios atuais e dentro do orçamento regular do Ministério do Esporte.

Outra vertente do plano Brasil Medalhas 2016 é a destinação de recursos para a construção de centros de treinamento.

“Vamos construir 280 centros de iniciação ao esporte, que são equipamentos sofisticados, com ginásio, quadra oficial, área para prática de esportes como boxe, judô e esgrima, com minipista de atletismo. Temos também um programa para que cada estado tenha pelo menos uma piscina olímpica e uma pista oficial de atletismo até as Olimpíadas. Dois terços dos estádios não tinham pista oficial. Natal agora já tem uma, dentro da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, assim como teremos também na Universidade Federal de Alagoas”, informa o ministro. Outros dois projetos importantes que estão no radar do ministério é a construção do Centro Paraolímpico, “o maior do mundo, que será feito em São Paulo, mas será para o Brasil inteiro”, e a proposta de transformar o Parque Olímpico, no Rio de Janeiro, em uma universidade pública do esporte após os Jogos de 2016. “Nós estamos estudando com o Ministério da Educação a proposta para fazer uma universidade multidisciplinar, com jornalismo esportivo, medicina do esporte, marketing esportivo, fisioterapia das modalidades, psicologia e nutrição voltadas para o esporte”, explica Aldo.

Ao todo, oito empresas estatais (Banco do Brasil, Banco do Nordeste (BNB): BNDES, Caixa, Correios, Eletrobrás, Infraero e Petrobras) apoiarão modalidades esportivas em formato diferente do de patrocínio que a maioria delas já dá a vários esportes. O novo apoio será focado na preparação de atletas e seleções para os Jogos Rio2016.

Conferências nacionais

Boa parte das ações e programas do governo na área do esporte é fruto de debate com os mais diversos segmentos do mundo esportivo. Este exercício constante de observação, envolvimento, participação e controle da sociedade sobre as políticas públicas para o setor permitiu elaborar plataformas concretas. Elas foram aprovadas em amplas conferências nacionais, sob a coordenação do Ministério do Esporte. O Brasil já realizou três conferências. A terceira edição ocorreu em 2010 e a quarta deve acontecer em 2014.

Na última conferência, foi defendido um plano decenal, de “10 pontos” capaz de projetar o Brasil entre os mais importantes países na área esportiva. Os detalhes desta plataforma podem ser conhecidos através do link: www.esporte.gov.br/conferencianacional/resolucoesIIICNE.jsp

Aldo, porém, reconhece que ainda é preciso avançar na definição de uma política nacional de esporte mais permanente.

“O Brasil nunca teve uma política nacional de esporte. O Brasil tem programas, ações, projetos e leis que, no seu conjunto, não configuram um arcabouço legal típico de política de Estado que estabeleça responsabilidades específicas para municípios, estados e União. Diferentemente de áreas como a educação, em que há a Lei de Diretrizes e Bases, ou a saúde que tem o SUS (Sistema Único de Saúde), não temos algo correspondente para o esporte”, diz o ministro.

“O que é preciso registrar é que nós avançamos muito nos últimos dez anos. O Ministério do Esporte foi criado. Foram implementados programas importantes que financiam o esporte como a Lei Agnelo-Piva, a Lei de Incentivo ao Esporte, os programa Segundo Tempo, Esporte na Escola – que hoje alcança 25 mil escolas –, o Forças no Esporte, que leva a prática esportiva até para lugares distantes como o alto do Rio Negro, onde estive recentemente. Os brasileiros têm hoje mais acesso à prática esportiva, seja na área educacional, de alto rendimento ou no lazer. São avanços deste último período. O Brasil nunca conheceu isso antes”, agrega.

Segundo ele, o próximo passo é transformar estes programas em política permanente. “Mas o fundamental já foi feito, os programas existem. Alguns já são lei, como é o caso da Lei de Incentivo ao Esporte e da Lei Agnelo-Piva”.

Ingressos acessíveis

Outro tema que tem ocupado as atenções do ministério são as iniciativas para permitir que a Copa se transforme em um evento acessível a todos os torcedores. Um comitê interministerial foi formado a pedido da presidenta Dilma Rousseff para tratar do assunto e adotar as medidas necessárias para impedir que sejam praticados preços abusivos em serviços oferecidos aos turistas, como hospedagem e passagens, por exemplo. Segundo a ministra-chefe da Casa Civil, Gleisi Hoffmann, que coordena os trabalhos do comitê, o processo será pautado pelo diálogo, mas haverá monitoramento sistemático do

comportamento dos agentes envolvidos em relação a preços, tarifas e qualidade dos serviços. “Não tabelamos nem tabelaremos preços, mas não permitiremos abusos. Vamos utilizar todos os instrumentos à disposição do Estado para garantir a defesa dos direitos do consumidor, seja ele brasileiro, ou estrangeiro”, disse Hoffmann à imprensa.

O barateamento dos preços dos ingressos nas novas arenas também está na pauta e já obteve uma sinalização positiva da Fifa, da CBF e dos clubes neste sentido.

Segundo Aldo, o objetivo é permitir “que aquele antigo torcedor da geral, já que a geral não existe nesses novos estádios, possa continuar frequentando os jogos de futebol pagando ingressos a preços acessíveis”. Ele argumenta que o fim do espaço dos estádios conhecido como “geral” foi positivo, pois traz mais conforto para os torcedores. “A idealização romântica da geral é coisa de quem nunca a frequentou. É desconfortável, ruim. Por isso, extingui-la não é algo que se deva condenar. O que defendemos é que os clubes e administradores dos estádios criem formas de garantir que o torcedor de baixa renda possa continuar frequentando o estádio. Parece que o Corinthians já adotou medidas neste sentido e reservará parte dos ingressos para este público. Durante a Copa, também defendemos que parte dos ingressos tenha preços acessíveis.”, defende.

Atendendo à preocupação do ministro, a Fifa já anunciou que os ingressos para a Copa do Mundo estão cotados num preço abaixo dos ingressos comercializados para o Campeonato Brasileiro.

“Avançamos muito nos últimos dez anos (...) Os brasileiros têm hoje mais acesso à prática esportiva, seja na área educacional, de alto rendimento ou no lazer. São avanços deste último período. O Brasil nunca conheceu isso antes”



Para Aldo Rebelo, a paixão do brasileiro pelo futebol vai garantir o clima de festa na Copa do Mundo

Futebol: paixão brasileira

O futebol completou 150 anos no último dia 26 de outubro. Nesta mesma data, em 1863, uma reunião da Taberna Freemasons foi realizada em Londres e teve a presença de 12 clubes, que definiram as regras gerais da modalidade. Hoje, é o esporte preferido no mundo, admirado por cerca de 3 bilhões de pessoas, segundo a Fifa. E movimenta cifras também bilionárias. Em escala global, estima-se que hoje movimentam entre US\$ 400 bilhões e US\$ 1 trilhão por ano. A cadeia produtiva e de serviços que gira em torno do esporte também mobiliza recursos extraordinários, o que só reforça a importância econômica de um evento grandioso como a Copa do Mundo.

No caso concreto de 2014, conforme aponta um estudo feito pela consultoria Ernest Young junto com a Fundação Getúlio Vargas, cada real investido pelo poder público nas obras estruturantes associadas à Copa, alavanca 3,4 reais de investimento privado, e o evento pode gerar 3,6 milhões de empregos em diversos setores da economia nacional.

Aldo Rebelo destaca estes números e vai além. Julga que o Brasil precisa melhorar seu desempenho nos negócios do setor “porque temos uma participação muito modesta no PIB do mundial do futebol”. Segundo ele, a primeira divisão cabe à Inglaterra, com

30% do PIB do futebol, e à Alemanha, com 20%, seguidas por Espanha e Itália. Ao Brasil cabe a modesta fatia de 2% do PIB futebolístico mundial, algo em torno de R\$ 36 bilhões, de acordo com os cálculos da Pluri Consultoria.

Não é apenas o potencial econômico e as cifras animadoras que fazem o palmeirense militante Aldo Rebelo defender a realização da Copa. Para ele, a Copa do Mundo tem um sentido mais especial para os brasileiros. “Nós ajudamos a dar a este esporte sua dimensão planetária. Criamos os principais ídolos deste esporte. No Brasil, o futebol tem sido mais do que um esporte, tem sido uma plataforma de luta social, de inclusão social dos jovens pobres, dos jovens negros. A primeira celebridade negra do Brasil foi um jogador, o jovem Friedenreich, filho de uma lavadeira negra e de um comerciante alemão que, até então sem muita perspectiva, viu seu talento ser admirado, reconhecido. Depois vieram outros tantos como Leônidas da Silva, o Diamante Negro, que encantou o mundo na Copa de 1938, na França. Sem falar em Fausto, Domingos da Guia, Pelé e muitos outros... Acho que também por isso, o brasileiro gosta tanto do futebol. E essa nossa paixão vai ficar evidente mais uma vez na Copa do Mundo. Vamos fazer uma Copa admirável”, prevê o ministro.

**Da redação, com agências*

Impactos e legados

Alberto Reinaldo Reppold Filho*

O Brasil é considerado pelos especialistas a nova Meca dos megaeventos esportivos. Em poucos anos, o país saltou da periferia ao centro do cenário esportivo mundial. Nenhuma nação obteve igual sucesso em atrair eventos dessa magnitude em tão curto tempo. No ensaio que segue são destacados alguns impactos e legados dos megaeventos, com especial atenção aos deslocamentos e reassentamentos urbanos e às ações governamentais em ciência, tecnologia e informação na área do esporte

Por que as cidades se candidatam a sediar a Copa do Mundo de Futebol e os Jogos Olímpicos? Quem ganha e quem perde com esses eventos? O que podemos aprender com os eventos esportivos realizados em outros países? Que ensinamentos retiramos da organização dos Jogos Pan-Americanos e da Copa das Confederações? Essas são algumas perguntas a que os estudiosos dos megaeventos esportivos procuram responder.

As respostas não são fáceis. Os megaeventos esportivos são fenômenos complexos e multifacetados, cuja compreensão exige, muitas vezes, que os pesquisadores transcendam os olhares disciplinares e adotem perspectivas multi e interdisciplinares.

Nas últimas duas décadas, os megaeventos esportivos foram estudados por pesquisadores de diferentes disciplinas. São significativas as contribuições da economia, da administração, da geografia e da sociologia. Mais recentemente, especialistas em planejamento urbano, em turismo e meio ambiente ampliaram a compreensão desses eventos.

Atualmente, os estudos multidisciplinares experimentam um crescimento considerável. Nas pes-

quisas sobre impactos e legados de megaeventos esportivos, é comum pesquisadores de diferentes disciplinas trabalharem de maneira colaborativa, compartilhando ideias e informações, embora mantendo-se dentro dos limites conceituais e metodológicos das suas disciplinas.

As interrogações atuais sobre os impactos socioambientais dos megaeventos esportivos, por exemplo, estão a exigir que os pesquisadores atravessem fronteiras disciplinares em busca de abordagens mais integradoras. Em face desse desafio, a interdisciplinaridade se coloca como uma possibilidade. A característica essencial da interdisciplinaridade é a integração de conceitos, terminologias, métodos e dados em conjuntos mais amplos, favorecendo, assim, uma visão holística do objeto em questão.

Prós e contras

Até a década de 1980, havia uma convergência de opiniões entre comunidade acadêmica, administradores públicos e investidores privados, de que sediar megaeventos esportivos era um risco financeiro



Divulgação

Encerramento das Olimpíadas de Londres, 2012

e administrativo para a cidade e para as instituições organizadoras. Essa visão reforçava-se pelos prejuízos financeiros nos Jogos Olímpicos de Munique, em 1972, e nos de Montreal, em 1976. Entretanto, os lucros atingidos nos Jogos Olímpicos de Los Angeles, em 1984, chamaram a atenção para a possibilidade de esses eventos trazerem benefícios econômicos e sociais para as cidades-sede.

Os estudos sobre megaeventos esportivos demonstram que, quando bem planejados, esses eventos oferecem importantes vantagens para as cidades e os países-sede, deixando como legado instalações esportivas, promovendo estímulo à economia e à construção civil e incrementando o turismo. Esses eventos representaram também um incentivo para melhorias urbanísticas e na infraestrutura. Além disso, a exposição continuada na mídia melhora substancialmente a imagem da cidade, nacional e internacionalmente.

Entretanto, estes estudos deixam também importantes lições que, por seus aspectos negativos, necessitam ser consideradas pelas cidades quando da candidatura e organização de eventos esportivos

Os estudos sobre megaeventos esportivos demonstram que, quando bem planejados, esses eventos oferecem importantes vantagens para as cidades e os países-sede, deixando como legado instalações esportivas, promovendo estímulo à economia e à construção civil e incrementando o turismo

desta natureza. Sob o ponto de vista da opinião pública, ocorrem críticas de que as candidaturas e a organização dos Jogos não são suficientemente discutidas com a comunidade e que as informações relevantes ficam restritas a pequenas parcelas da população. Além disso, e talvez mais importante, estes estudos têm apontado que as comunidades carentes e com menos capacidade de organização política são as que mais perdem com os megaeventos esportivos.

Alguns exemplos

Os Jogos Olímpicos de Barcelona, em 1992, são exemplo de planejamento e organização de um megaevento esportivo. Os Jogos foram pensados como forma de realizar alterações profundas na infraestrut-



Vila Olímpica de Barcelona, cidade espanhola que sediou os jogos de 1992

tura urbana e de transformar a cidade em um centro internacional de turismo e de negócios. Para que isso se efetivasse, houve um enorme investimento de recursos públicos, cerca de 7 bilhões de dólares, bem como um apoio efetivo da população. A cidade até hoje colhe os frutos do evento.

Passados quase 20 anos desde a sua organização, os Jogos Olímpicos de Atlanta, realizados em 1996, fornecem importantes lições para as cidades que pretendem sediar eventos com dimensões similares. No geral, os Jogos trouxeram benefícios para a cidade. Os resultados indicaram que houve um estímulo econômico de curto prazo e de médio prazo. Além disso, o legado em termos de instalações esportivas e de imagem foi significativo. Todavia, o evento não provocou o impacto social esperado, atingindo de maneira negativa a população mais pobre.

A experiência dos Jogos Pan-Americanos de 2007, no Rio de Janeiro, deixou sérias dúvidas sobre a capacidade do país em organizar eventos esportivos de grande magnitude. Mesmo sendo um acontecimento menor quando comparado à Copa do Mundo de Futebol e aos Jogos Olímpicos, o Pan 2007 deixou uma ideia dos desafios a serem enfrentados: gastos acima dos previstos, suspeitas de desvio de recur-

sos e de superfaturamento nas compras, instalações subutilizadas, para mencionar apenas os problemas mais conhecidos do público. Por essa razão, a escolha do Rio de Janeiro como sede dos Jogos Olímpicos de 2016, na época recebida com entusiasmo pelas lideranças políticas e esportivas do país, hoje é vista com resistência e ceticismo por uma parcela significativa da população brasileira.

Em resumo, os megaeventos esportivos representam uma oportunidade para fazer alterações na cidade e no país-sede, tanto em infraestrutura, como em projetos sociais. Entretanto, as deficiências de planejamento e organização, entre outros fatores já mencionados, podem transformar esses eventos em um peso para os governos e para a população.

Um ponto crítico

Os deslocamentos e reassentamentos de populações urbanas decorrentes de obras da Copa do Mundo de Futebol e dos Jogos Olímpicos são um dos pontos críticos da realização dos megaeventos esportivos. Aqui é necessário todo cuidado. As pessoas estão nas suas regiões da cidade, levando suas vidas, algumas estabelecidas nesses locais há vários anos.

Vivem ali, articuladas com a sua comunidade, seus vizinhos, seus amigos, seu trabalho, seus espaços de lazer. Em razão dos megaeventos, essas pessoas são deslocadas para outras regiões da cidade. Passam a viver com pessoas que têm tradições, hábitos e histórias de vida, por vezes, completamente diferentes dos seus. As dificuldades de adaptação a essas novas circunstâncias são dramáticas. Os impactos desses deslocamentos, sobretudo em crianças, são similares aos experimentados pelos desabrigados e foragidos de guerras e catástrofes naturais. Dentro de um modelo de cidade que valoriza a cidadania, estas pessoas não podem ser deslocadas para regiões que apresentam condições ainda piores daquelas onde vivem. Um aspecto fundamental é garantir um reassentamento com infraestrutura, em condições adequadas, com acesso à escola, à saúde, ao transporte, aos espaços de esporte e lazer.

Outro ponto a considerar é de que a indenização seja feita de acordo com o valor do imóvel. É importante o aviso prévio e que seja dado o tempo necessário para que as pessoas organizem sua mudança. São muitos os casos em que a legislação é flexibilizada diante da urgência que cerca os megaeventos e as pessoas ficam anos lutando na justiça para garantir os seus direitos. Em áreas pobres, muitas pessoas não detêm a posse dos locais onde moram e a indenização se torna difícil. Há que se garantir o direito dessas pessoas. Existem vários registros de violações neste sentido decorrentes dos Jogos Olímpicos e da Copa do Mundo de Futebol.

Por fim, é importante mencionar que estas comunidades, quando percebem que serão atingidas diretamente pelas obras necessárias para a realização dos megaeventos esportivos, já não conseguem se organizar e arregimentar força política para fazer valer os seus direitos.

Ciência, tecnologia e informação na área do esporte

Em ciência, tecnologia e informação esportiva, vários projetos estão em andamento motivados pelos megaeventos que acontecerão no país. O Ministério do Esporte, com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), está

realizando o Diagnóstico Nacional do Esporte (Diesporte). O projeto vem sendo implementado por uma rede de universidades federais e visa a atender a uma demanda da comunidade esportiva brasileira apresentada nas três conferências nacionais do esporte. O Diesporte apresentará um perfil do praticante de atividade esportiva no país, organizado por sexo, faixa etária, escolaridade, nível socioeconômico, entre outras variáveis. Além disso, fornecerá um conjunto de informações sobre os tipos de atividades esportivas

mais praticadas e sobre os motivos, a frequência e os locais dessas práticas. O estudo abrange também o não-praticante, identificando os fatores que inibem a sua participação em atividades esportivas. O projeto prevê também um levantamento da legislação, do financiamento e da infraestrutura esportiva no país. Os resultados do Diesporte servirão para a formulação de políticas públicas, cujo objetivo é a democratização do acesso às atividades esportivas no país. O Diagnóstico pode ser considerado um legado científico, tecnológico e de informação, uma vez que a sua elaboração envolve produção de conhecimento, desenvolvimento de metodologia de coleta e armazenamento de dados, e sistema para a disponibilização de informações para diferentes segmentos do esporte brasileiro.

O Projeto Referências é outra iniciativa do Ministério do Esporte que, em 2016, quando finalizado, deixará um legado para o esporte brasileiro, em especial para as futuras gerações olímpicas e paraolímpicas

O Projeto Referências é outra iniciativa do Ministério do Esporte que, em 2016, quando finalizado, deixará um legado para o esporte brasileiro, em especial para as futuras gerações olímpicas e paraolímpicas. O Projeto tem por objetivo realizar um mapeamento das modalidades olímpicas e paraolímpicas no país nos seguintes aspectos: financiamento, modelos de gestão, infraestrutura e equipamentos, recursos humanos (atletas, treinadores, árbitros, gestores e dirigentes), suporte ao atleta, apoio científico e tecnológico ao esporte, programas de identificação de talentos esportivos, participações e desempenho em competições nacionais e internacionais. Os resultados servirão para subsidiar o plano nacional de esporte de alto rendimento. O Projeto exige o desenvolvimento de uma metodologia de mapeamento, com o uso de diferentes tecnologias. A equipe de trabalho é composta por pesquisadores de universidades brasileiras. O Projeto Referências deixará um legado de conhecimento significativo nas diferentes áreas das ciências do esporte.

Existe um legado considerável de conhecimento sobre o planejamento e a organização de megaeventos esportivos, em particular sobre os seus impactos e legados. Nesse sentido, o Ministério do Esporte vem apoiando com recursos financeiros a realização de eventos e publicações sobre o assunto. Em parceria com universidades, sociedades científicas, organizações profissionais e entidades esportivas, importantes documentos foram produzidos. Os estudos mais significativos foram: *Atlas do Esporte no Brasil* (2005) e *Legados de Megaeventos Esportivos* (2008). Essas obras contaram com a participação de pesquisadores de instituições do país e do exterior.

Em 2013, o Ministério da Educação e o Ministério do Esporte instituíram um grupo de trabalho interministerial para elaborar o projeto da Universidade do Esporte. Conforme a Portaria Interministerial, a Universidade será “voltada à excelência esportiva e ao esporte de alto rendimento, tendo como referência o legado da Copa do Mundo de 2014 e dos Jogos Olímpicos de 2016”. A iniciativa brasileira exige uma análise detalhada da experiência de outros países que possuem instituições congêneres. A Universidade de Esportes de Colônia, na Alemanha, representa o modelo mais bem sucedido desse tipo de instituição universitária. Criada em 1970, tem contribuído de maneira significativa para o ensino e a pesquisa em diferentes áreas das Ciências do Esporte. Com cerca de 5.500 estudantes de graduação e pós-graduação, exige investimentos financeiros de grande porte para manter sua infraestrutura e pessoal. O exemplo mais recente é o da Universidade Olímpica Internacional da Rússia (RIOU), criada na cidade de Sochi, em 2009. A RIOU foi concebida como um legado dos Jogos Olímpicos de Inverno de 2014 e tem como objetivo dar formação para ex-atletas e auxiliá-los a construir uma carreira após deixarem de competir. Trata-se da primeira universidade estabelecida em parceria com o Comitê Olímpico Internacional. Conforme o jornal *The Moscow Times* a construção da universidade custou 500 milhões de dólares. O Brasil, com mais de 850 cursos de graduação em educação física e com programas de mestrado e doutorado já consolidados, deve pensar com cuidado a criação de uma universidade desse tipo. Uma alternativa menos onerosa e talvez mais eficiente seria buscar uma articulação maior entre as universidades já existentes no país, criando uma rede de ensino e pesquisa. O ensino à distância, da mesma forma que utilizado para outras áreas, pode ser utilizado para a formação de pessoal para o esporte.

O Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação também tem promovido ações que podem ser caracterizadas como um legado de conhecimento para o esporte. Em 2012, o XXVI Prêmio Jovem Cientista – cujos objetivos são promover a reflexão e a pesquisa, revelar novos talentos e investir em jovens pesquisadores – teve como tema a Inovação Tecnológica nos Esportes. Entre as linhas de pesquisa propostas aos participantes encontravam-se temas de considerável importância para o esporte no país: gestão esportiva empreendedora e inovadora; tecnologias de comunicação e informação aplicadas aos esportes; materiais sustentáveis, eficientes e duráveis para infraestrutura e edificações esportivas; produtos inovadores em tecnologia e *design* de vestuários esportivos, entre eles os chamados “tecidos inteligentes”. Neste ano, a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia tem com tema: Ciência, Saúde e Esporte. Até o momento, estão previstas 86 ações, no Distrito Federal e em 17 estados.

Considerações finais

A escolha das cidades e dos países como sedes de megaeventos esportivos é geralmente comemorada pelos governantes nacionais e locais como um grande feito. Esses eventos são vistos como oportunidades para investimentos que melhorarão a vida dos seus habitantes. Isso, contudo, nem sempre se confirma na prática. Nem sempre bancar os custos desses eventos é bom negócio.

Esse parece ser o maior desafio do governo brasileiro frente à Copa do Mundo de Futebol e aos Jogos Olímpicos. O volume substancial de recursos públicos envolvidos exige do governo transparência, controle e eficiência quanto ao uso desses recursos. Tal postura será fundamental para que esses eventos tenham impacto positivo e deixem legados de longo prazo para o país.

**Alberto Reinaldo Reppold Filho é diretor da Escola de Educação Física e coordenador do Centro de Estudos Olímpicos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Doutor em Educação pela Universidade de Leeds, no Reino Unido*

Referências bibliográficas

DACOSTA, Lamartine (org.). **Atlas do Esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: Shape, 2005.

_____. et al (org.) **Legado de Megaeventos Esportivos**. Brasília: Ministério do Esporte, 2008.

Copa e Olimpíadas para quem?

O legado dos grandes eventos para o desenvolvimento do Brasil

LUIS FERNANDES*

rio2016.com



Croquis do projeto para a Vila Olímpica no Rio de Janeiro

Ao conquistar o direito de sediar a Copa do Mundo da Fifa, de 2014, e os Jogos Olímpicos e Paraolímpicos, Rio/2016, o Brasil se comprometeu a realizar mais do que dois grandes eventos esportivos. Bola na rede e medalha no peito são peças de uma engrenagem maior, que vai alavancar o desenvolvimento nacional e regional, bem como melhorar a qualidade de vida do cidadão em todas as regiões do país



Guarulhos



Natal



Cuiabá

O Brasil é um país em desenvolvimento de dimensões continentais, equivalente em tamanho à Europa Ocidental como um todo. Se- diar em sequência os dois maiores eventos esportivos e mediáticos do planeta abre ao país uma singular e histórica janela de oportunidades para fortalecer e acelerar o seu desenvolvimento. Enquanto os países centrais se valem de infraestrutura e serviços já montados em fases anteriores do seu desenvolvimento para servir aos grandes eventos – o papel desempenhado pelo sistema de transporte público de Londres nos Jogos Olímpicos de 2012 é um exemplo claro do caso em questão –, para o Brasil esses eventos são uma oportunidade para acelerar a montagem de infraestrutura crucial para o desenvolvimento do país, bem como fortalecer e expandir políticas públicas garantidoras de direitos de cidadania e alavancar cadeias produtivas e inovadoras, tanto no âmbito nacional quanto regional.

Visão estratégica dos legados

O reconhecimento desta oportunidade histórica nos remete para a discussão dos legados que os grandes eventos esportivos podem deixar no país. O conceito de “legados” de grandes eventos esportivos é objeto de discussão entre distintos autores e atores da área.

Alguns autores estabelecem uma distinção entre “legados” e “impactos”, de modo a acomodar no segundo possíveis efeitos negativos dos megaeventos

O legado que está sendo construído por todos os entes públicos envolvidos no planejamento do Mundial de futebol e das Olimpíadas contempla os anseios da população brasileira ecoados nas manifestações do último mês de junho

esportivos (TAVARES, 2011). Já Preuss (2007) define legados como “todas as estruturas, independentemente de seu tempo de produção e espaço, planejadas ou não, positivas ou negativas, tangíveis ou intangíveis, criadas para um evento esportivo que permaneçam por mais tempo que o evento em si mesmo”. Para Chappelet e Junot (2006), legados representam “os efeitos materiais e não-materiais produzidos direta ou indiretamente pelo evento esportivo, planejados ou não, que transformam de forma duradoura a região que o hospeda de uma maneira objetiva ou subjetiva, positiva ou negativa”.

As entidades internacionais diretamente responsáveis pelos megaeventos esportivos também participam desta discussão conceitual. A Federação Internacional de Futebol Associado (Fifa) define “legados” como “o conjunto de benefícios que impactam um país direta ou indiretamente, econômica ou socialmente, resultante de ações vinculadas ao futebol e seus eventos, como a Copa do Mundo”. Já o Comitê Olímpico Internacional (COI), os define como “impactos positivos, com efeito de longa duração, e que influenciam na vida e na cultura de um país e de sua população”.

Apesar de conter diferenças entre si, podemos identificar algumas ideias-força comuns nas conceituações de “legados” apresentadas acima, relacionadas a seus benefícios e impactos, à herança que deixam e às mudanças que provocam:

- Benefícios (diretos e indiretos; econômicos e sociais; resultantes de políticas e ações; nacionais e regionais)



Rio de Janeiro



Recife

- Impactos (positivos; de longa duração; influência na vida e na cultura)

- Herança (duradoura; positiva ou negativa; gerada pelo impacto de políticas e ações)

- Mudanças (estruturais; planejadas ou não; positivas ou negativas; tangíveis ou intangíveis; permanentes pós-evento)

Sintetizando estas ideias-força, podemos definir “legados” como “resultados produzidos, direta ou indiretamente, pela realização de grandes eventos esportivos, em nível nacional e regional, tangíveis ou intangíveis, planejados ou não, que transformam de forma positiva e duradoura a sociedade que os sedia”.

Embora nem todos os legados dos megaeventos esportivos possam ser planejados ou antecipados, sua viabilização depende da implementação de políticas públicas alavancadoras pelos três níveis de governo, materializadas em projetos estruturantes em múltiplas e distintas dimensões de transformação da nossa sociedade. Mas para isto, é necessário que a oportunidade histórica fornecida pelos megaeventos para a geração de legados seja reconhecida, tanto pelos dirigentes públicos quanto pela sociedade brasileira, de forma a gerar as iniciativas e ações necessárias para o seu aproveitamento. Parafraseando o célebre poeta lusitano, para que os megaeventos “valham a pena”, é preciso que “a alma não seja pequena”.

Cabe aqui ressaltar, uma vez mais, que Copa e Olimpíadas significam muito mais do que a construção e a modernização de estádios e ginásios, por si só um trabalho de vulto e de importância para a infraestrutura esportiva. A meta do governo federal é implantar um programa de desenvolvimento que transformará não apenas as 12 cidades-sede da Copa, mas o país inteiro. Por isso foi tomada a decisão de realizar jogos do Mundial nas cinco regiões do Brasil. Por isso o conceito de nacionalização dos grandes eventos, com a irradiação de investimentos para além do Rio de Janeiro, no caso dos Jogos

Olímpicos e Paraolímpicos, e de 12 capitais, em se tratando de Copa do Mundo. O objetivo, no campo esportivo, é alçar o Brasil ao patamar das potências olímpicas, de forma sustentável e perene. No âmbito geral, a missão é dotar a nação de musculatura social e logística que garanta o desenvolvimento sustentável de uma economia que já faz parte da lista das dez maiores do planeta.

Na dimensão urbana, as iniciativas geradoras de legado no âmbito dos megaeventos esportivos visam a garantir melhores condições de vida nas cidades, com projetos estruturantes nas áreas de mobilidade (transporte público), saneamento e habitação. Na dimensão logística e de infraestrutura, elas almejam erguer, modernizar e ampliar equipamentos e serviços que criam melhor ambiente para a realização dos eventos, mas que permanecem, sobretudo, como benefícios permanentes para a sociedade após a sua realização. Na dimensão econômica, o fomento do crescimento econômico associado à redução de desigualdades e à criação de empregos via a geração de novos negócios e de produtos e serviços inovadores. Na dimensão esportiva, a construção e modernização das instalações que sediarão os eventos, bem como a ampliação da infraestrutura e das políticas de fomento para a atividade esportiva em todo o país. Na dimensão social, a ampliação dos direitos de cidadania e da qualidade dos serviços públicos nas áreas de educação, saúde, acessibilidade, segurança e defesa. Na dimensão sociocultural, a valorização da identidade e da autoestima nacionais e regionais, nas suas múltiplas e variadas expressões. Na dimensão ambiental, a incorporação do princípio da sustentabilidade ao conjunto de empreendimentos e iniciativas associados aos eventos. Na dimensão política, a consolidação de novo modelo de gestão integrada entre os três níveis de governo do Estado brasileiro e parceiros privados e da sociedade civil.

O legado em construção

No planejamento inicial para a Copa do Mundo, o Grupo Executivo da Copa (Gecopa) do governo federal estabeleceu um teto de R\$ 33 bilhões para investimentos em infraestrutura. As arenas multiuso, fundamentais para a modernização do negócio futebol, são parte desse projeto, mas estão longe de ser a vertente principal. A mobilidade urbana, com obras de novos sistemas viários e de transporte público (BRT, VLT e metrô, entre outros), configura-se como o destaque de um plano que projeta no horizonte a transformação da qualidade de vida dos habitantes de nossas cidades. Os investimentos em mobilidade somam R\$ 11,5 bilhões, num universo de 40 empreendimentos. Ao fim das obras, terão sido construídos ou aprimorados mais de 450 km, entre trilhos e corredores de transportes rodoviários.

Estudos de consultorias privadas estimam que a Copa e os Jogos Olímpicos agregarão R\$ 183 bilhões ao Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro até 2019. Somente o Mundial deve atrair 3,7 milhões de turistas, nacionais e estrangeiros, que injetarão na economia aproximadamente R\$ 9,4 bilhões. Da construção civil à tecnologia de informação, dos pequenos negócios à ampliação da rede hoteleira, 700 mil empregos permanentes e temporários serão gerados. Sob os olhares do mundo inteiro, o Brasil vai consolidar a imagem de país moderno e democrático, com diversidade cultural, atrações turísticas espalhadas por um território continental e capacidade de organização. É uma oportunidade histórica que não pode ser desperdiçada. O Mundial de futebol e as Olimpíadas não têm varinha de condão para mudar o cenário da noite para o dia, mas aceleram políticas estruturantes de desenvolvimento nacional, regional e local.

No Rio de Janeiro, sede dos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos de 2016, o projeto Porto Maravilha visa a recuperar e adensar o centro histórico da cidade, constituindo nova área marcada tanto pela beleza quanto pela funcionalidade, ao mesmo tempo residencial e comercial, doméstica e turística. Outro exemplo carioca pode ser conferido em Deodoro. Legado dos Jogos Pan-Americanos de 2007, o centro

esportivo foi alçado à condição de Parque Olímpico – complementar ao complexo principal, na Barra da Tijuca – e já é responsável pela descoberta de talentos em modalidades há pouco tempo ainda desconhecidas no Brasil, como o hóquei sobre a grama, o tiro esportivo e o pentatlo moderno. O desenvolvimento do parque esportivo alavancará a região como um todo, detentora até aqui dos mais baixos indicadores de desenvolvimento humano da cidade. A comunidade de Deodoro colherá os frutos e agradecerá aos Jogos Olímpicos.

Na maior cidade da América do Sul, a bola da vez é Itaquera. O bairro paulistano com os mais baixos índices de desenvolvimento social será palco da abertura da Copa do Mundo. A nova arena impulsiona um rol de investimentos que dotará a área de universidade, conjuntos residenciais e infraestrutura urbana renovada. Pernambuco segue o mesmo caminho, ao erguer o estádio do Mundial em São Lourenço da Mata, município vizinho a Recife, com o objetivo de espalhar o crescimento econômico para além da capital. No mesmo sentido, a Copa e as Olimpíadas têm o poder de catalisar ações e projetos que já integravam o Programa de Aceleração de Crescimento (PAC) e encontraram nos grandes eventos esportivos o ambiente ideal para sair da prancheta.

Dentro da visão estratégica do governo federal, projetos estruturantes vêm modernizando setores da economia brasileira. Os aeroportos, por exemplo, com demanda crescente graças à ascensão social de camadas beneficiadas pelo crescimento econômico e pela redução da desigualdade no país, necessitavam de ampliação e aprimoramento da gestão, independentemente da realização dos grandes eventos esportivos. O processo de concessões à iniciativa privada, que contemplou numa primeira fase os aeroportos de Guarulhos, Viracopos e Brasília, tem se revelado caminho certo para aumentar a eficiência e a qualidade dos serviços. O mesmo ocorre com os portos, que ganham espaço e estrutura para receber cruzeiros internacionais e intensificar o turismo interno.

Nas telecomunicações, a aceleração do Programa Nacional de Banda Larga, com investimentos em infraestrutura e na aquisição de conhecimento tecnológico, mostrou resultados já na Copa das

Copa e Olimpíadas significam muito mais do que a construção e a modernização de estádios e ginásios. A meta do governo federal é implantar um programa de desenvolvimento que transformará não apenas as 12 cidades-sede da Copa, mas o país inteiro



A mobilidade urbana, com obras de novos sistemas viários e de transporte público (BRT, VLT e metrô, entre outros), configura-se como o destaque de um plano que projeta no horizonte a transformação da qualidade de vida dos habitantes de nossas cidades.

Confederações, realizada no último mês de junho. Todas as seis cidades-sede do torneio ofereceram a tecnologia 4G aos usuários de *smartphones*. No Mundial do ano que vem as 12 sedes serão abarcadas. Mais do que agregar confiabilidade às ligações telefônicas e velocidade aos aplicativos e *down-loads* executados pelos celulares, fala-se aqui em estruturar uma base tecnológica para abrir portas ao desenvolvimento econômico. O plano de banda larga diminui as distâncias físicas, amplia a oferta de oportunidades de negócio e, como consequência, atua como vetor para reduzir as desigualdades regionais. Tudo isso num cenário que apresenta importantes investimentos da iniciativa privada.

O ambiente de Copa e Olimpíadas joga luzes também sobre a base do esporte. Não se constrói uma potência olímpica – nem se democratiza o conceito de que a atividade física é primordial para a saúde e o desenvolvimento social – sem investimento no esporte educacional. E o Brasil tem uma dívida com suas escolas, em grande parte desprovidas de infraestrutura mínima para a prática esportiva. É nessa perspectiva de resgate que o governo federal está construindo 6 mil ginásios e cobrindo 4 mil quadras em escolas públicas. Parcerias do Ministério do Esporte com o MEC e as Forças Armadas – programas Segundo Tempo, Mais Educação e Forças no Esporte – podem beneficiar 7 milhões de estudantes em 2014. A valorização do professor de educação física, que passa necessaria-

mente pelo reconhecimento da disciplina como componente curricular obrigatório, é ponto importante nesse processo de reestruturação.

O fortalecimento da escola, aliado à construção de Centros de Iniciação ao Esporte (CIEs) em todo o país, cria as condições para a revelação de talentos que serão direcionados ao alto rendimento. O ciclo esportivo se completa, da base ao topo da pirâmide. O conceito de democratização da atividade física para a construção de uma sociedade saudável chega ao nível de refinamento, com a integração de centros esportivos regionais e a consolidação de uma Rede Nacional de Treinamento. O desfile de ídolos internacionais das duas maiores competições do mundo nos próximos anos só aumenta o interesse da juventude pelas atividades esportivas. Na outra ponta, o próprio Parque Olímpico da Barra da Tijuca sediará, após o evento, a primeira Universidade do Esporte do país, agregando em rede o que há de mais avançado na produção científica e tecnológica nacional para apoiar o esporte de alto rendimento brasileiro.

O legado de gestão pública já é realidade na segurança e na saúde. Esses setores experimentam inovações administrativas em que os grandes eventos esportivos aparecem na tela como elementos de um cenário maior. Os Centros Integrados de Comando e Controle, com aparelhagem de última geração, transcendem a tecnologia ao estabelecer como con-

ceito a integração das variadas forças de segurança, e destas com as Forças Armadas. O Novo Marco Regulatório da Saúde em Eventos de Massa, conduzido pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), também aproveita a Copa e os Jogos Olímpicos para desenvolver uma política pública estruturante e duradoura.

Na área ambiental, projetos como a Copa Orgânica e Sustentável, de alavancagem da produção de alimentos orgânicos, e Parques da Copa, de modernização administrativa e renovação de equipamentos dos parques e reservas nacionais, são capítulos do mesmo livro. Na cultura, o Projeto de Infraestrutura Cultural e Legados dos Museus segue essa trilha.

Megaeventos esportivos e desenvolvimento nacional

Os exemplos apresentados acima, entre milhares de outros, mostram como é equivocada a visão que supõe existir um antagonismo entre sediar os megaeventos esportivos no Brasil e ampliar os investimentos em saúde e educação no país. Ao contrário, partindo de uma visão ampla dos legados que esses eventos podem deixar no país, a Copa do Mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos e Paraolímpicos de 2016 nos propiciam uma oportunidade histórica para ampliar os investimentos em saúde, educação e outros serviços públicos e direitos de cidadania, alavancando o esforço contínuo empreendido pelo Brasil para superar a secular e pesada dívida social que marca a nossa sociedade.

Em junho de 2013, enquanto era disputada no Brasil a Copa das Confederações – importante teste para os megaeventos esportivos de 2014 e 2016 – centenas de milhares de brasileiros foram às ruas para reivindicar um país melhor. Transporte, segurança, saúde e educação se destacaram como temas de faixas e cartazes, numa clara demonstração de que a sociedade brasileira está cada vez mais atuante e consciente. A mensagem transmitida ao Estado é de que os indubitáveis avanços econômicos e sociais conquistados pelo Brasil nos últimos dez anos precisavam ser acompanhados por melhorias na infraestrutura urbana e nos serviços oferecidos à população.

As manifestações incluíram críticas de alguns se-

tores apontando que os investimentos associados aos grandes eventos esportivos estariam absorvendo recursos que deveriam ser investidos em setores mais importantes, teoricamente relegados a segundo plano. Tal visão, pelo que já foi exposto, é equivocada. Mais

do que isso, ela tolhe a conquista das melhorias reclamadas pelos próprios manifestantes. O legado construído por todos os entes públicos e privados envolvidos no planejamento da Copa e das Olimpíadas contempla, justamente, os anseios da população brasileira ecoados pelos manifestantes. Integram este legado o rigoroso controle e fiscalização dos empreendimentos associados a esses eventos, para evitar e combater gastos excessivos, bem como o mau uso de recursos públicos.

O planejamento estratégico que orienta a ação dos poderes públicos na preparação dos megaeventos esportivos busca potencializar os resultados extracampo da Copa e dos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos. Os gols da Seleção na Copa e as medalhas verde-amarelas nos Jogos Rio/2016 certamente emocionarão e inspirarão toda a torcida brasileira. Esperamos que o Brasil que emergir dos megaeventos esportivos possa fazer nossa torcida vibrar e se orgulhar, nas ruas e nas arquibancadas,

não só pelo que o seu país realizou, mas, sobretudo, pelas bases que lançou para um futuro com mais bem-estar e justiça social para o seu povo.

** Luis Fernandes é secretário executivo do Ministério do Esporte e coordenador dos Grupos Executivos da Copa e das Olimpíadas do governo federal.*

Esperamos que o Brasil que emergir dos megaeventos esportivos possa fazer nossa torcida vibrar e se orgulhar, nas ruas e nas arquibancadas, não só pelo que o seu país realizou, mas, sobretudo, pelas bases que lançou para um futuro com mais bem-estar e justiça social

Referências bibliográficas

CHAPPELET, J. & JUNOT, T. "A Tale of Three Olympic Cities: What can Turin Learn from the Olympic Legacy of other Alpine Cities?". In: TORRES, D. (ed.). **Proceedings of Workshop on Major Sports Events as Opportunity for Development**, Valencia, 2006.

PREUSS, H. "The Conceptualization and Measurement of Mega Sports Event Legacies". In: **Journal of Sport and Tourism**, Vol. 12, n. 3-4, 2007.

TAVARES, O. "Megaeventos Esportivos". In: **Movimento**, vol. 17, n. 3, jul./set-2011.

INVESTIR EM EDUCAÇÃO DÁ CERTO. DÁ RETORNO. DÁ ATÉ PRÊMIO.

A SABINA ESCOLA PARQUE DO CONHECIMENTO FOI ELEITA
A MELHOR DIVERSÃO PARA CRIANÇAS EM SÃO PAULO PELA REVISTA ÉPOCA, DA EDITORA GLOBO.



PINGUÍNARIO



PLANETÁRIO



A Sabina Escola Parque do Conhecimento acaba de receber o prêmio 'O Melhor de São Paulo 2013/2014', na categoria 'DIVERSÃO PARA CRIANÇAS EM SÃO PAULO', oferecido pela revista Época, da Editora Globo. Além de reconhecer a iniciativa e o trabalho da Prefeitura, a premiação coloca Santo André em destaque no cenário educacional de São Paulo. Mais um motivo de comemoração do cidadão e da cidadã andreense. Visite a Sabina e saiba o motivo pelo qual o prêmio é tão merecido.

O
MELHOR
DE
SP
2013 2014



**Prefeitura de
Santo André**
www.santoandre.sp.gov.br

Megaeventos esportivos e diplomacia pública

Luís Antônio Paulino*

A conquista do direito de realizar a Copa do Mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016 ajuda a dimensionar o espaço que o Brasil ocupou no cenário internacional. São eventos que atraem grande atenção e impulsionam realizações infraestruturais de importância histórica. Os números e os legados dos países que sediaram esses eventos mostram a importância que eles representam para o Brasil

Andy Worthington



Rua do centro de Londres decorada com bandeiras dos países participantes das Olimpíadas de 2012

Para ter o direito de sediar os Jogos Olímpicos de 2016, na cidade do Rio de Janeiro, o Brasil disputou com seis países: Japão, Espanha, Estados Unidos, República Tcheca, Qatar e Azerbaijão. As quatro cidades classificadas para a disputa final foram Tóquio, Madri, Chicago e Rio de Janeiro. No dia 02 de outubro de 2009, quando o Comitê Olímpico Internacional escolheu a cidade vencedora, em eleição realizada em Copenhague, na Dinamarca, nada menos que os quatro chefes de Estado dos países que competiam estavam presentes para sinalizar seu comprometimento com a realização do evento: o rei Juan Carlos, da Espanha; o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, do Brasil; o então primeiro-ministro Yukio Hatoyama, representando o Japão; e o presidente Barack Obama, pelos Estados Unidos. A escolha dos países-sede para a Copa do Mundo de Futebol passa, da mesma forma, por negociações diretas entre os governos dos países candidatos e a Federação Internacional de Futebol (Fifa), exigindo, frequentemente, adequações pontuais e temporárias na legislação nacional, em temas como permissão de venda de bebidas nos estádios, regras aduaneiras, normas fiscais e tributárias, para que o país possa sediar o evento. A escolha do Brasil como país-sede da Copa de 2014 deveu-se, em grande medida, ao empenho pessoal do então presidente Lula. As mudanças na legislação foram feitas por meio da Lei Geral da Copa, aprovada, em junho de 2012, pelo Congresso Nacional. As Copas do Mundo de 2018 e 2022 já têm os países-sede escolhidos: Rússia e Qatar e, nos dois casos, o comprometimento dos respectivos governos para realizar os eventos foi decisivo para a escolha. Muitos países já se movimentam para ter o direito de organizar a competição até 2050. Por que os países disputam e se empenham tanto para conquistar o direito de realizar essas grandes competições esportivas em seus territórios?

Megaeventos esportivos: vitrines globais

Os Jogos Olímpicos e a Copa do Mundo de Futebol não são apenas grandes competições esportivas. São os maiores eventos mundiais. Não há nenhum

Os governos dos países que se candidatam a sediar esses eventos o fazem porque têm consciência de que são oportunidades únicas no espaço de uma geração ou mais para construir, modificar e projetar sua imagem internacional

outro evento que reúna tantos países e que atraia tanta atenção do público e da mídia internacional. As suas cerimônias de abertura e as principais competições são assistidas por bilhões de espectadores. Os patrocinadores pagam fortunas para associar suas marcas aos eventos. As empresas de mídia fazem o mesmo para ter o direito exclusivo de transmissão. Poder organizá-los representa, para qualquer país e para as cidades que os sediam, uma possibilidade única de mostrar-se para o mundo, atrair investimentos, gerar empregos, modernizar a infraestrutura urbana, melhorar os sistemas de transportes, telecomunicações e segurança, inserir-se, enfim, de forma virtuosa, na restrita rede de lugares que são os pontos de conexão do mundo globalizado.

A convergência de estilos de vida e de consumo em todo o mundo, estimulada pela globalização, possibilitou às grandes cidades poder especializar sua produção para os mercados globais, mas, consideradas as diferenças regionais nas estruturas políticas, sociais e econômicas, que refletem particularidades históricas e culturais de cada país, é preciso que as localidades se capacitem para funcionar como polos dessa rede global. Tal capacitação passa, de um lado, pela realização de investimentos em infraestrutura, logística, telecomunicações, que capacitem essas cidades a desempenhar esse papel a despeito das diferenças existentes entre os lugares e, de outro, pela construção de uma imagem positiva do

país e das suas localidades.

Tanto a Copa do Mundo como as Olimpíadas são eventos que se prestam perfeitamente a esses objetivos, pois permitem que o país e suas cidades se tornem mais conhecidos no mundo. São momentos durante os quais os olhos do mundo se voltam para esses locais que os organizam. As cerimônias de abertura e encerramento, particularmente no caso das Olimpíadas, são um momento único durante o qual, por quatro ou cinco horas, o país organizador tem a oportunidade de mostrar para bilhões de espectadores de todo o mundo sua história, seus valores, suas conquistas.

Os governos dos países que se candidatam a sediar esses eventos o fazem porque têm consciência de que são oportunidades únicas no espaço de uma geração ou mais para construir, modificar e projetar sua ima-

gem internacional com o propósito de aumentar sua influência no mundo: o chamado *soft-power* ou poder brando. São, portanto, instrumentos importantíssimos da chamada diplomacia pública, cujo objetivo é estabelecer a comunicação de um determinado país diretamente com o público de outros países com o propósito de divulgar e tornar aceitos seus valores, sua cultura, atrair investimentos, abrir mercados para suas empresas e, sobretudo, tornar aceito seu poder econômico e militar. Diante do descrédito dos instrumentos tradicionais de propaganda usados durante a Guerra Fria, que utilizavam frequentemente informações falsas para atingir determinados objetivos políticos, a chamada diplomacia pública procura, por meio de informações confiáveis, comunicar-se com o público estrangeiro. Todas as grandes potências econômicas e militares do mundo, ao lado do “*hard power*” ou “poder duro” – representado, sobretudo, por seu poder militar – se esmeram em desenvolver o “*soft-power*” ou “poder brando”. Não por acaso, foram as duas grandes potências hegemônicas do século XX – Inglaterra e Estados Unidos – que desenvolveram os mais sofisticados sistemas de diplomacia pública. A Inglaterra, por meio do *British Council* e da BBC; os Estados Unidos, por meio da rádio *Voice of America* e de sua poderosa e onipresente indústria cultural. Embora o uso atual da diplomacia pública seja um fenômeno que ganhou mais relevância a partir de meados dos anos 1960, nos Estados Unidos, a diplomacia pública não é algo novo. Como destaca recente documento do governo do Reino Unido a respeito do tema, “A República de Roma convidava os filhos dos reis dos países vizinhos para serem educados em Roma. Napoleão, quando invadiu o Egito, planejou ordenar que todo o exército francês se convertesse ao Islã, com o objetivo de ajudar a estabelecer o domínio francês” (FCO, 2008:7).

O caso da China

Tomemos o exemplo da China. A cobertura jornalística internacional que China recebeu em apenas dois eventos – os Jogos Olímpicos de Pequim, em 2008, e a Expo-Xangai, em 2010 – superou toda a cobertura internacional recebida pela China nos dez

Marc van der Chijs



Jogador de basquete Yao Ming carrega bandeira chinesa na abertura das Olimpíadas de Pequim

A China usou com maestria os Jogos Olímpicos de Pequim, em 2008, como vitrine para passar ao mundo a imagem pela qual desejava ser reconhecida

anos anteriores aos eventos. Os mais de 30 mil jornalistas presentes aos eventos transmitiram para o mundo todo não apenas as competições, mas uma nova imagem da China. Por isso, ela esmerou-se nos

Jogos de Pequim, em 2008, para organizar com perfeição cada detalhe, de forma a passar para o mundo a mensagem pela qual queria ser conhecida e reconhecida: um país moderno, inovador, comprometido com o meio ambiente e com a paz mundial.

Partindo da constatação de que os Jogos Olímpicos de Pequim, de 2008, seriam o mais importante evento da diplomacia pública da China por décadas, o governo chinês organizou o evento em torno de três conceitos: Olimpíada Verde, Olimpíada da Ciência e Tecnologia e Olimpíada da Humanidade. Com o conceito de Olimpíada Verde, a China procurou desfazer a imagem divulgada por governos, Organizações Não-Governamentais (ONGs) e pelas imprensas ocidentais de que o país não dava atenção às questões ambientais e ao futuro do Planeta. Planejou cada detalhe, desde o projeto e execução das obras, o embelezamento da cidade, até o gigantesco esforço de

despoluição do ar em Pequim, para desfazer qualquer preocupação dos organizadores e equipes participantes quanto à questão ambiental; dezenas de fábricas e usinas poluentes, em Pequim e seus arredores, foram fechadas definitivamente, permanecendo a melhoria ambiental como um dos principais legados dos Jogos Olímpicos para essa cidade. O conceito de Olimpíada da Ciência e Tecnologia foi aplicado não apenas no uso de tecnologias de última geração para a construção das instalações dos jogos, mas em cada detalhe relacionado ao evento, desde a arquitetura arrojada dos estádios, os sistemas de telecomunicações, os sistemas de sinalização de trânsito, as instalações aeroportuárias, os sistemas de segurança etc. A ideia era aproveitar a oportunidade para mostrar ao mundo um país inovador e cuja inserção na divisão internacional do trabalho passaria a se dar não mais com base na produção de manufaturas de baixo valor agregado, com uso intensivo de mão de obra de baixa qualificação, mas com base na inovação tecnológica e mão de obra de alta qualificação. Tudo foi feito de forma a valorizar as empresas chinesas de tecnologia e passar a imagem de confiabilidade e alto desempenho de seus produtos. Finalmente, o uso do conceito de Olimpíada dos Povos visava a associar os jogos ao conceito de desenvolvimento pacífico da China, procurando desfazer a imagem de que a ascensão chinesa estaria se dando à custa dos interesses de outras potências, particularmente dos Estados Unidos. Em resumo: a China usou com maestria os Jogos Olímpicos de Pequim, em 2008, como vitrine para passar ao mundo a imagem pela qual desejava ser reconhecida: um país que se preocupa com o meio ambiente, um país cujo desenvolvimento se baseia cada vez mais na inovação tecnológica e um país cujo desenvolvimento se faz de forma pacífica, sem prejudicar os interesses de outros países.

Barcelona, Sydney, Berlim e África do Sul

Os chineses apenas fizeram, talvez com mais esmero, o que já haviam feito anteriormente a Espanha, em 1992, nas Olimpíadas de Barcelona; a Austrália, em 2000, nas Olimpíadas de Sydney; e a Alemanha, na Copa do Mundo de Futebol de 2006, ou que viriam a fazer, posteriormente, a África do Sul, na Copa do Mundo de Futebol de 2010; e a Inglaterra, nos Jogos Olímpicos de Londres, em 2012. Nem todos obtiveram os mesmos resultados, mas todos tinham o mesmo objetivo.

Segundo avaliação do Comitê de Relações Exteriores do Parlamento Britânico sobre as diretrizes da diplomacia pública do Reino Unido para os Jogos

Olímpicos de Londres de 2012, todos os governos utilizaram o fato de sediar a realização dos grandes eventos esportivos como instrumento de diplomacia pública visando a melhorar a reputação e a imagem internacional dos seus respectivos países, aumentar sua influência no mundo e criar oportunidades de negócios para suas empresas.

Os Jogos Olímpicos de 1992 deram um importante impulso para transformar Barcelona de um decadente centro industrial em uma das mais vibrantes cidades globais, por meio da elevação de sua imagem no mundo exterior e do aumento da autoestima de seus habitantes. As Olimpíadas de Sydney, em 2000, trouxeram grandes benefícios de longo prazo para a cidade e para a reputação internacional da Austrália. A Austrália já desfrutava de uma imagem positiva, porém fraca, por ocasião dos Jogos de Sydney. A realização desses jogos elevou definitivamente o conceito internacional do país, com grandes benefícios no longo prazo. O esforço de diplomacia pública realizado pela Alemanha, na Copa do Mundo de 2006, foi muito bem planejado e executado, antes, durante e após o evento. O principal objetivo foi quebrar os estereótipos ultrapassados de que a Alemanha era um país de gente mal-humorada e convencional, mas, ao mesmo tempo, preservar a imagem de um país confiável e produtor de bens de alta qualidade. A Copa do Mundo de 2006 foi um momento significativo na história da Alemanha, pós-Segunda Guerra, mudando, inclusive, a percepção dos alemães em relação a si mesmos. Ainda segundo o mencionado relatório do Parlamento da Inglaterra, as Olimpíadas de Pequim ofereceram para a República Popular da China um palco sem paralelos para expor suas realizações e o seu potencial futuro para uma audiência global. As Olimpíadas de Pequim foram um grande sucesso, por todos os ângulos que se analise: a China foi a maior ganhadora de medalhas de ouro (51), teve a maior audiência de todos os tempos (4,7 bilhões de expectadores), obteve a mais incrível cobertura de imprensa (30 mil jornalistas) e colocou Pequim como uma cidade de classe mundial, no mesmo nível de Xangai e Hong Kong. Com relação à África do Sul, a avaliação foi de que o país saiu ganhando em sua imagem internacional, simplesmente porque frustrou os pessimistas, organizando sem incidentes todos os eventos.

A diplomacia pública do Reino Unido e os Jogos Olímpicos de Londres

O *Foreign & Commonwealth Office* (FCO) – departamento do governo britânico responsável por proteger e promover os interesses do Reino Unido no mundo



A despeito dos pessimistas, a África do Sul aumentou seu prestígio ao conseguir organizar sem incidentes todos os eventos da Copa de 2006.

Na foto, torcedores do Bafana Bafana, como é conhecida a seleção da África do Sul, munidos com suas vuvuzelas, assistem ao jogo de abertura da Copa do Mundo, em telão montado pela Fifa no bairro de Soweto

– definiu sua estratégia para os Jogos Olímpicos de Londres, em 2012, partindo do pressuposto de que teriam profundo impacto sobre a reputação internacional do Reino Unido e iriam chamar a atenção para o país como nenhum outro evento esportivo por várias gerações. Haveria uma audiência global na ordem de 4 bilhões de pessoas, 14.700 atletas, 120 chefes de Estado, 25 mil jornalistas e 320 mil visitantes adicionais ao Reino Unido. Em sua estratégia global para os Jogos Olímpicos de 2012, o FCO estabeleceu os seguintes objetivos:

- Contribuir para a política externa do Reino Unido, usando os Jogos Olímpicos para promover a cultura e os valores do povo britânico, internamente e no exterior. Consolidar a reputação da Inglaterra como valiosa parceira bilateral e uma sociedade vibrante, aberta e moderna, um centro global em um mundo interconectado.

- Promover a economia do Reino Unido, aumentar as oportunidades para os negócios britânicos nos países-alvo (o Brasil entre eles), e garantir um alto valor de investimento direto externo.

- Aumentar a segurança do Reino Unido aproveitando o apelo global das Olimpíadas, particularmente entre os jovens, para reforçar os valores de tolerância, moderação e abertura.

- Trabalhar estreitamente com outros departamentos do governo inglês e seus parceiros, mobilizando o poderoso ativo da rede global de postos avançados do FCO no mundo, para obter o máximo impacto global da sua estratégia.

O FCO se propunha usar Londres/2012 como um catalisador para modificar a imagem do Reino Unido em todo o mundo e usar essas novas imagens para aumentar a influência global do país. Para realizar esse exercício de *soft-power* conceberam-se diversas

campanhas. Em uma delas, denominada “Veja o Reino Unido Através de Meus Olhos”, personalidades de diferentes origens étnicas, nacionalidades e credos religiosos, que viviam e trabalhavam na Inglaterra em diversas áreas – jornalismo, esporte, cultura –, deram testemunhos sobre os valores pelos quais o Reino Unido gostaria de ser reconhecido no mundo: liberdade de expressão, diversidade e tolerância religiosa, diversidade e dinamismo cultural. Outra iniciativa foi a produção de um documentário de TV sobre a construção do Parque Olímpico, cujo título – *Going for Green* – procurou demonstrar que Londres/2012 seria a mais verde das olimpíadas já realizadas.

No que se refere aos benefícios econômicos, o FCO, afirmava que:

“Os Jogos serão um catalisador para o desenvolvimento de novos negócios, encorajando os negócios existentes a crescerem e exportarem para mercados mais amplos como um magneto para atrair investimento estrangeiro de alto valor. Da mesma forma os empregos, habilidades e crescimento criados como resultado das empresas fornecendo diretamente para os Jogos criarão oportunidades para projetar para o mundo a capacidade das empresas britânicas realizarem grandes projetos, cumprindo prazos e orçamento. Esta é a chave para o legado sustentável nos negócios na medida em que as empresas britânicas poderão competir em mercados internacionais” (House of Commons, 2011, p. 25).

Para dar consequência a essas diretivas, o Comitê de Relações Exteriores do Parlamento Britânico recomendou ao FCO que:

“Adicionalmente às atividades já programadas, o governo deveria considerar urgentemente a possibi-

lidade de organizar um evento de negócios no período anterior ou posterior aos Jogos, em lugar adequado e acessível, para garantir o máximo benefício comercial desse raro evento para a economia nacional e durante o qual os olhos do mundo estarão voltados para o Reino Unido e um número sem precedentes de convidados VIPs estarão chegando ao país” (House of Commons, 2011, p. 26).

Uma grande oportunidade para o Brasil

Os fatos acima expostos demonstram o acerto do governo brasileiro em buscar o direito de organizar no Brasil a Copa do Mundo de Futebol, em 2014, e os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, em 2016. O fato de o Brasil ter sido escolhido para sediar, no curto espaço de dois anos, os dois maiores eventos esportivos mundiais revela o prestígio e a importância adquiridos pelo país não apenas frente a seus organizadores – Fifa e Comitê Olímpico Internacional –, mas também junto a seus patrocinadores oficiais e à opinião pública internacional. O Brasil é visto hoje como uma grande economia que, ao lado de outras grandes economias emergentes – o chamado grupo dos BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul) –, responde por uma parcela cada vez mais expressiva da produção, do mercado e do crescimento da economia mundial. A realização desses eventos no Brasil representa uma oportunidade única para o país. Por meio de uma estratégia adequada de diplomacia pública o governo e seus parceiros poderão elevar a reputação internacional do Brasil, valorizando características importantes de nossa formação social, como a tolerância, a abertura, a cordialidade e a diversidade étnica, cultural e religiosa. Poderá igualmente demonstrar que a ausência no país de uma cultura etnocêntrica é um fator favorável para que pessoas e empresas de todo o mundo sejam bem aceitas no Brasil e aqui encontrem um ambiente amistoso que respeite suas tradições e modos de fazer negócios. Servirá, igualmente, para desfazer visões ultrapassadas, mostrando ao mundo um país moderno, com uma economia vi-



Os benefícios que o Brasil pode conquistar, principalmente no longo prazo, por meio de estratégia bem definida de diplomacia pública associada a esses eventos são importantes para alavancar o desenvolvimento nacional

brante, que dá passos importantes para modernizar suas instituições e eliminar a grande desigualdade social que sempre marcou a formação econômica e social do Brasil. Os benefícios que o Brasil pode conquistar, principalmente no longo prazo, por meio de estratégia bem definida de diplomacia pública associada a esses eventos são importantes para alavancar o desenvolvimento nacional. Os investimentos que estão sendo feitos na construção dos estádios, na melhoria da infraestrutura de transportes e da mobilidade urbana nas cidades-sede devem ser vistos exatamente como são: investimentos e não gastos, como muitos insistem em dizer. São investimentos porque têm potencial para trazer retornos importantes para o país no curto e, principalmente, no longo prazo. Nesse ponto, vale a máxima de que o Brasil ganhará o que gastar. O Brasil assumiu, acertadamente, há alguns anos a responsabilidade de organizar esses megaeventos mundiais. Agora tem nas mãos a oportunidade de, por meio de uma estratégia adequada de diplomacia pública, projetar e elevar a sua reputação para o mundo. Cabe lembrar que tal tarefa não é apenas do governo, mas de todos os que têm a ganhar com a elevação da imagem internacional do

Brasil. É uma oportunidade única que não ocorrerá novamente pelo menos no espaço de uma geração.

** Luís Antonio Paulino é professor da Universidade Estadual Paulista (Unesp) e chefe da assessoria do Ministério do Esporte*

Referências bibliográficas

FOREIGN & Commonwealth Office. Engagement. Public Diplomacy in a Globalised World. London: Foreign & Commonwealth Office, 2008.

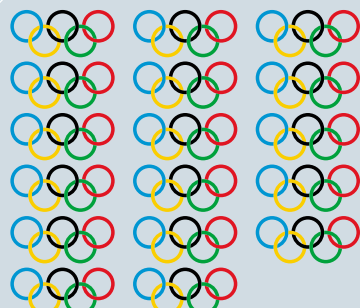
HOUSE OF Commons. FCO Public Diplomacy: The Olympic and Paralympic Games 2012. Second Report of Session 2010-2011. London: House of Commons. Foreign Affairs Committee, 2011.

ZHAO, Qizheng et al. The Wisdom of Public Diplomacy. Cross-Border Dialogues. Beijing: New World Press, 2012.

Geopolítica dos Jogos Olímpicos

Arte: Bernardo Joffily

A Rio 2016 desafiará o vício de concentrar as Olimpíadas na parte rica do planeta; desde 1896 aconteceram:





Jogos de 2016 dão fôlego à transformação do Rio

Marcelo Fonseca/Brazil Photo Press/Folhapress



Eduardo Paes e o presidente do COB, Carlos Arthur Nuzman, com a bandeira olímpica no Cristo Redentor

Eduardo Paes*

O Rio de Janeiro vive hoje uma profunda transformação, de tal modo, que projetos essencialmente olímpicos caminham em paralelo à reestruturação da cidade, que deixará legados como o primeiro Centro Olímpico de Treinamento (COT) para atletas de alto rendimento do país

Quem circula pelo Rio de Janeiro atualmente vê que a cidade não é a mesma de alguns anos atrás. Melhorias importantes em áreas como infraestrutura e transportes, entre outros setores, são hoje percebidas pela população como efeito de uma retomada de dinamismo, contribuindo também para gerar novos empreendimentos, mais empregos e renda.

A fantástica paisagem natural, a alegria do povo do Rio e o nosso amor pela cidade nos inspiram a trabalhar cada vez mais para que cariocas e visitantes possam desfrutar mais intensamente este

paraíso. Entretanto, a tarefa de mudar para melhor uma cidade tão maravilhosa e complexa não é simples e exige muita energia transformadora. Nossa metrópole tem características culturais, geográficas e, principalmente, históricas que tornam maior esse esforço de renovação.

Sem contar que, antes de a cidade ganhar a disputa para sediar os Jogos Olímpicos e Paralímpicos de 2016, predominava um sentimento de dúvida sobre a capacidade do Rio de dar a volta por cima e superar sua história recente. Dezenas de empresas transferiram suas atividades para outros estados; profissionais qualificados e pensadores de altíssimo nível foram buscar desafios

e oportunidades em outros locais; e minguaram os investimentos públicos e privados em todos os segmentos. Por aqui, o esvaziamento de décadas deixou um rastro de problemas administrativos e fundiários mais complexos que os de outras cidades do país.

Capital da colônia, do Reino português e do Império e da República do Brasil, o Rio também teve *status* de estado antes de finalmente tornar-se capital estadual. Essas mudanças, porém, não foram acompanhadas de todos os ajustes burocrático-administrativos necessários. Um dos principais exemplos remanescentes desse imbróglcio histórico é o Theatro Municipal do Rio que, apesar de ter seu nome associado à esfera de ação da Prefeitura, pertence ao governo do estado.

No Rio, a integração com a natureza também é uma de suas características mais marcantes – e razão de a cidade ter sido elevada à categoria de Paisagem Cultural da Humanidade, pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), em julho do ano passado. Nesse contexto, a manutenção e a melhoria da qualidade ambiental são compromissos permanentes da Prefeitura. Mas a responsabilidade sobre o saneamento de rios e lagoas é dividida entre diferentes esferas governamentais, exigindo conjugação de esforços para a execução de grandes projetos de despoluição das águas.

Ainda devido à sua importância histórica, o Rio tem uma rede de escolas públicas do Ensino Fundamental maior do que a da cidade de São Paulo, onde há o dobro de habitantes. E as unidades de saúde municipais são sobrecarregadas pelo afluxo de pacientes oriundos de outras cidades da Região Metropolitana.

Regularização fundiária é mais complexa no Rio

Assim, combater os problemas do município quase sempre exige o alinhamento entre níveis de governo. É o caso da revitalização da Região Portuária, cujas instalações e operação são de propriedade e atribuição federais. Ali, mais da metade dos terrenos não eram, e ainda não são, de propriedade municipal, o que dificultou a requalificação dessas áreas em nossa cidade, diferentemente do que ocorreu em outras metrópoles mundiais.

A construção dos principais eixos viários estruturais que integrariam a cidade – prevista no plano

Doxiadis, de 1965, do qual só saíram do papel as linhas Amarela e Vermelha – também esbarrou nessas questões. Isso porque, entre outros aspectos, o metrô e a ferrovia, por exemplo, estão sob controle do governo estadual.

Os Jogos de 2016 vieram em ótima hora, em que a estabilidade e a recuperação econômica do país, combinadas ao maior dinamismo de setores como o de petróleo do Rio e, posteriormente, à pacificação de comunidades locais, foram o pano de fundo para a mudança das expectativas. O compromisso assumido com entidades nacionais e internacionais também impulsionou a união de esforços dos três níveis de governo para a realização de projetos fundamentais à regeneração do nosso espaço urbano.

Nesse novo cenário, os Jogos vêm funcionando como motor de mudanças estruturais, dando sentido de urgência aos problemas e soluções, nos três níveis de governo. Vontade política e capacidade de execução não faltam à Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, que tem contado com o empenho dos demais níveis de poder.

A transformação mais significativa em curso é o projeto de mobilidade urbana. Antes, o Rio mantinha a lógica do desenvolvimento linear dos sistemas de

transporte: um do Centro ao Recreio dos Bandeirantes e outro do Centro a Santa Cruz, ao longo da Estrada de Ferro e da Avenida Brasil. Com os *Bus Rapid Transit* (BRTs), 152 km de novas vias cortarão a cidade, incluindo a Transoeste – concluída – e a Transcarioca – a ser entregue em 2014. O Veículo Leve sobre Trilhos (VLT) agregará outros 28 km na Região Portuária e no Centro e será integrado a metrô, ferrovia, ônibus, barcas e aeroporto.

Com a implantação dos novos corredores de transporte de massa, a atual frota de cerca de nove mil ônibus será reduzida em um terço após 2016. Cerca de 60% da população usarão transporte de alta capacidade, em comparação com os atuais 20%. O meio ambiente também será impactado positivamente, já que combustíveis mais limpos e sistemas de locomoção mais eficientes contribuirão para diminuir a poluição.

A exemplo do que já ocorreu – em alguns casos há décadas – em outros países, finalmente a Região Portuária está sendo revitalizada. Cinco milhões de metros quadrados de área estão em processo de

Os Jogos Olímpicos de 2016 vêm funcionando como um motor de mudanças estruturais, dando sentido de urgência aos problemas e soluções, impulsionando, ainda, a união de esforços dos três níveis de governo

Projeto de revitalização da Zona Portuária promete uma das mais radicais reformas urbanísticas da história do Rio de Janeiro



transformação acelerada, e os reflexos positivos já podem ser percebidos no entorno. Viabilizado pela maior Parceria Público-Privada (PPP) em curso no país – cerca de R\$ 8 bilhões –, o projeto não compromete recursos orçamentários tão necessários a setores prioritários, como saúde e educação.

Revitalização valoriza também as Zonas Norte e Oeste

Os dados econômicos também refletem os efeitos do legado da grande transformação em curso para a cidade. No primeiro semestre deste ano, Campo Grande, Madureira e Centro foram os bairros de maior valorização imobiliária, resultante de investimentos da Prefeitura na Transoeste, no Parque Madureira e no Porto Maravilha.

Outros projetos transformadores são o de controle das enchentes na Praça da Bandeira, que vai livrar a região dos alagamentos históricos que prejudicam comerciantes, moradores e pessoas que circulam neste importante elo entre o Centro e a Zona Norte; a macrodrenagem da Bacia de Jacarepaguá, em curso; e a duplicação do Elevado do Joá, importante ligação Zona Sul-Barra, em licitação.

A rede hoteleira, deteriorada pela falta de investimentos nas últimas décadas, também vive renovação significativa, com 75 novos projetos de hotéis que representam 16 mil quartos e mais de 10 mil empregos diretos.

Ainda motivados pelos Jogos, os Ginásios Experimentais Olímpicos trouxeram o conceito de excelência em educação e esporte. Às três unidades em funcionamento se somarão, até 2016, mais três colégios. Os mais de 500 mil estudantes das 1.076 escolas da

rede pública municipal também estão sendo beneficiados pela universalização do ensino de inglês, por meio do programa Rio Criança Global.

Os projetos essencialmente olímpicos caminham em paralelo à reestruturação da cidade, como o de construção do Parque Olímpico e Paralímpico, da Vila dos Atletas e do Campo de Golfe. O primeiro, por meio de uma PPP que viabilizou substancial aporte de recursos privados; e os demais, integralmente bancados pelo setor privado, fato inédito na história dos Jogos.

Além de planejado para tornar-se um bairro sustentável após 2016, o Parque Olímpico deixará como legado esportivo o primeiro Centro Olímpico de Treinamento (COT) para atletas de alto rendimento do país. Com essa infraestrutura, o Rio estará capacitado para receber competições internacionais de alto nível.

O Rio vive hoje uma profunda transformação; que é resultado, portanto, do empenho dos três níveis de governo, da confiança do setor privado e também do apoio da população. Só assim todas essas mudanças – que provocam alterações importantes e até alguns transtornos – puderam e continuarão a acontecer.

Neste mês de novembro de 2013, que marca os mil dias para os Jogos, o legado para a cidade é evidente e já contribui para recuperar o destaque do Rio nos cenários nacional e internacional. O tempo nos pressiona a agirmos para aproveitar e não desperdiçar esse impulso precioso. Todos, a começar por nós, exigem a prolongação dos efeitos positivos dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos para muito além de 2016.

** Eduardo Paes é prefeito da cidade do Rio de Janeiro*

SEIS ANOS EM DEFESA DA CLASSE TRABALHADORA



2007 • 2013



DEMOCRÁTICA,
CLASSISTA
E DE LUTA

www.portalctb.org.br

Avenida Liberdade, 113, Liberdade - São Paulo - SP
CEP: 01503000 - Fone: (11) 3106.0700

**Central dos Trabalhadores
e Trabalhadoras do Brasil**

facebook.com/portalctbbrasil



twitter.com/portalctb



São Paulo: de berço do futebol a palco da Abertura da Copa

Nádia Campeão*



Praça Charles Miller e Estádio do Pacaembu, palco da Copa de 1950

O futebol chegou ao Brasil por iniciativa do paulistano Charles Miller, que promoveu em 1895, no centro de São Paulo, a primeira partida disputada no país. Agora, em 2014, a cidade-berço do futebol brasileiro se prepara para mais um “pontapé inicial” histórico: a abertura da Copa do Mundo

Várzea do Carmo, região central de São Paulo (SP), 14 de abril de 1895. Graças à iniciativa do jovem paulistano Charles William Miller (1874-1953), de apenas 20 anos, o futebol chegava ao Brasil. Com a adesão de altos funcionários de duas empresas britânicas instaladas na cidade – a fábrica de gás São Paulo Gas Company e a companhia ferroviária São Paulo Railway –, Miller conseguiu promover a primeira partida no país disputada com regras oficiais.

Itaquera, Zona Leste, 12 de junho de 2014. Mais de um século depois da introdução do futebol em solo nacional, a cidade de São Paulo será o palco de outro “pontapé inicial” histórico: a abertura da 20ª Copa do Mundo da Federação Internacional de Futebol Associado (Fifa). Situada a quase 20 quilômetros da antiga Várzea do Carmo (atual Parque Dom Pedro II), a Arena Corinthians em nada lembrará as limitações e os improvisos do “campo” usado por Charles Miller. Ao contrário:

No imaginário popular, festa e luta eram compatíveis. Era como se a população aliasse harmoniosamente o orgulho de ser paulistano à aspiração de uma cidade mais justa e menos desigual. Não será diferente nesta São Paulo que vai receber, em 2014, a cerimônia e o jogo de abertura – além de outras cinco partidas – da Copa do Mundo

o moderno estádio paulistano, em construção desde 30 de maio de 2011, estará qualificado a receber, na Copa, dezenas de chefes de Estado e autoridades internacionais, cerca de 5 mil jornalistas e mais de 65 mil torcedores.

As páginas que contam a travessia entre 1895 e 2014 – ou, em outras palavras, da Várzea do Carmo à Arena Corinthians – não dizem respeito apenas à história do futebol brasileiro. É também uma amostra da evolução da própria São Paulo. O *status* que ambos – a cidade e o esporte – adquiriram, ao longo do século XX, ajudou o Brasil a ser reconhecido como uma nação mais cosmopolita, dinâmica, próspera, integrada e, acima de tudo, admirável.

Há episódios simbólicos da sintonia entre futebol e São Paulo. Quando o país, em 1950, sediou a Copa do Mundo – e o torneio ainda era mais conhecido como Campeonato Mundial de Futebol ou Taça Jules Rimet –, a capital paulista fez bonito. Seis das 23 partidas da competição



Divulgação

Nádia Campeão, vice-prefeita de São Paulo e coordenadora do Comitê Paulista para a Copa de 2014 discursa durante inspeção à Arena Corinthians

foram realizadas no Estádio do Pacaembu, inaugurado dez anos antes. A população, composta majoritariamente por migrantes e estrangeiros, viu na primeira Copa do Pós-Guerra um espelho das virtudes da sociedade, tal como a amistosa convivência entre povos de sotaques e idiomas tão díspares. Além disso, o ufanismo já começava a tomar conta da cidade, que, com dois milhões de habitantes, estava prestes a se tornar a mais populosa das metrópoles brasileiras.

A autoestima em relação à cidade não impediu que os paulistanos articulassem expressivas lutas em defesa de melhores serviços e equipamentos públicos, bem como por condições de trabalho mais dignas. Na década de 1950, o movimento comunitário, fortalecido pela fundação de várias Sociedades de Amigos de Bairro, levou as reivindicações populares para o centro da agenda municipal. Já os sindicatos operários estavam na linha de frente de paralisações históricas, a exemplo da “greve dos 300 mil”, que mobilizou diversas categorias em 1953.

A despeito desse crescente processo de conscientização política, o povo saiu às ruas, ao longo de todo o ano de 1954, para celebrar a própria cidade, nas festividades do 4º Centenário de São Paulo. O *slogan* da comemoração – “São Paulo, a cidade que mais cresce no mundo” – realimentava o ufanismo. No imaginário popular, festa e luta eram compatíveis. Era como se a população aliasse harmoniosamente o orgulho de ser paulistano à aspiração de uma cidade mais justa e menos desigual.

Não será diferente nesta São Paulo que vai receber, em 2014, a cerimônia e o jogo de abertura – além de outras cinco partidas – da Copa do Mundo. A gestão do prefeito Fernando Haddad, eleito em 2012 num pleito marcado justamente pela vontade de mudança, revela-se sensível às demandas populares, ao mesmo tempo em que procura fortalecer os vínculos entre cidadãos e cidade. Essa preocupação está expressa no *Programa de Metas 2013-2016* – o plano de governo proposto pela administração municipal e já discutido em dezenas de audiências públicas.

Sem dúvida, as massivas “manifestações de junho” – que levaram milhões de pessoas às ruas de São Paulo e de outras grandes cidades – ajudaram

a enriquecer o debate. Os protestos comprovaram o desejo da população de exercer cada vez mais o direito à cidade, o que pressupõe políticas públicas ousadas e uma gestão transparente. Além de exigirem qualidade na prestação de serviços públicos, em setores como saúde, mobilidade e educação, os manifestantes puseram a Copa do Mundo em pauta. De acordo com pesquisas feitas “no calor da hora”, a imensa maioria dos brasileiros é favorável à realização do Mundial no país – mas cobra do poder público um compromisso maior com os legados do megaevento. “Copa, sim. Indiferença, não”, estampava um dos cartazes das jornadas de junho.

É em consonância com o sentimento popular e com o *Programa de Metas* que São Paulo organiza os preparativos para a Copa-2014. Sob a coordenação da SPCOPA (Comitê Especial para a Copa do Mundo), a Prefeitura se aliou ao governo estadual e federal, bem como à iniciativa privada, para garantir legados concretos tanto à população quanto aos turistas da cidade. Três eixos estratégicos norteiam a administração municipal:

- Compatibilizar a realização da Copa do Mundo com o desenvolvimento socioeconômico e urbano da Zona Leste, melhorando a rede de serviços públicos e privados;
- consolidar a cidade de São Paulo como referência internacional no turismo de eventos e negócios; e
- aprimorar a governança e a transparência da gestão, com maior integração intersetorial e entre os governos federal, estadual e municipal.

Como dito acima, cada uma dessas prioridades está à altura da cidade, do povo e dos governantes de São Paulo. Tome-se o exemplo do foco da Prefeitura, bem como da SPCOPA, em induzir o desenvolvimento da Zona Leste. Com quatro milhões de moradores, a região é maior, em termos demográficos, do que 25 das 27 capitais brasileiras. No entanto, embora possua 35% da população de São Paulo, responde por apenas 16% da oferta de empregos da cidade e a menor renda *per capita* entre as regiões paulistanas.

Para reverter essa disparidade, a administração municipal vem promovendo uma série de iniciativas

A Arena Corinthians já ajuda a dinamizar a economia local e a gerar empregos na região. A obra acelera, por exemplo, o Polo Institucional de Itaquera e o Complexo Viário em construção no entorno do estádio, além da reforma do Parque do Carmo



A administração municipal vem promovendo uma série de iniciativas na Zona Leste, sendo muitas delas no contexto da Copa do Mundo

na Zona Leste, sendo muitas delas no contexto da Copa do Mundo. O projeto que mais sobressai é a Arena Corinthians, erguida numa localização privilegiada do distrito de Itaquerã, ao lado de duas estações do Metrô, uma estação da CPTM e um terminal urbano de ônibus. O estádio, construído mediante um contrato privado entre o Sport Clube Corinthians Paulista e a construtora Odebrecht Infraestrutura, pode receber, até 2014, R\$ 420 milhões em incentivos fiscais da Prefeitura, por meio de títulos denominados Certificados de Incentivo ao Desenvolvimento (CIDs). Aprovados pela Câmara Municipal, e sancionados em 2011, os incentivos levam em conta as projeções de impactos econômicos que a Copa em geral e a abertura em particular devem levar à Zona Leste.

Conforme estudo da consultoria Accenture, os resultados serão indubitavelmente benéficos à eco-

nomia paulistana e aos cofres públicos. A construção do estádio em Itaquerã e a realização do Mundial da Fifa no local vão adicionar R\$ 30,63 bilhões ao Produto Interno Bruto (PIB) da cidade de São Paulo ao longo de dez anos (2011-2020). Desse valor, cerca de R\$ 983 milhões se referem à receita adicional do governo com tributos municipais. Ou seja, mesmo ao abrir mão, num primeiro momento, de até R\$ 420 milhões de impostos com essa iniciativa, a Prefeitura não terá ônus em médio e longo prazo, uma vez que, apenas com tributação, deverá ter um acréscimo à sua receita mais de duas vezes superior.

Além disso, a Arena Corinthians já ajuda a dinamizar a economia local e a gerar empregos na região. A obra acelera, por exemplo, o Polo Institucional de Itaquerã e o Complexo Viário em construção no entorno do estádio, além da reforma do Parque do



Toninho Moura (ironicasocentro.blogspot.com.br)

Durante o período de jogos da Copa, o Vale do Anhangabaú, um dos principais cartões postais paulistanos, abrigará a Fifa Fan Fest, a “festa oficial” da Copa

Carmo – a segunda maior área verde do município, localizado também no Distrito de Itaquera. Assim, o poder público se aproveitou da Copa para garantir o primeiro vetor de desenvolvimento de sua história no sentido da Zona Leste.

O Polo Institucional concentra empreendimentos num perímetro próximo às estações do Metrô e da CPTM, com o objetivo de desenvolver toda a região. Entre as construções previstas – para aumentar a oferta de educação, empregos, cultura e lazer –, destacam-se incubadoras, unidades educacionais e profissionalizantes (Fatec, Etec, Senai e Sesi), um grande centro cultural sob responsabilidade da Fiesp, obras sociais, entre outras iniciativas. Já o Complexo Viário de Itaquera compreende cinco intervenções, que devem melhorar a acessibilidade e o espaço público da região. Para executar esse conjunto de obras, são necessárias apenas 26 desapropriações e oito remoções – as únicas que serão efetuadas no contexto da Copa-2014 em São Paulo.

Sediar os seis jogos é apenas parte do desafio. Em 11 de junho, na véspera da Abertura, centenas de dirigentes do futebol internacional vão participar do 64º Congresso da Fifa, no Transamérica Expo Center, em Santo Amaro, na Zona Sul. Durante o período de jogos da Copa, o Vale do Anhangabaú, um dos principais cartões postais paulistanos, abrigará a Fifa Fan Fest, a “festa oficial” da Copa, com transmissão ao vivo de todas as partidas em megatelões e uma extensa agenda de shows e atrações culturais. Outras regiões da cidade também terão eventos similares de exibição pública.

Pelas mãos – e, claro, pelos pés – de Charles Miller, o futebol se iniciou em São Paulo há 118 anos. Pelas mentes de corações de incontáveis personagens, essa história terá novos capítulos singulares em 2014.

** Nádia Campeão é vice-prefeita de São Paulo e coordenadora da SPCOPA (Comitê Especial para a Copa do Mundo)*

O legado da Copa do Mundo

Ricardo Trade*

Os números e dados citados neste texto são prova irrefutável de que a Copa do Mundo traz benefícios enormes ao nosso país, deixando um legado que vai ajudar a melhorar a qualidade de vida nas cidades e beneficiar amplas parcelas da população



Para o Brasil, um dos maiores legados que a Copa do Mundo de Futebol de 2014 já obteve foi o de atuar como catalisador de mudanças e aceleração do crescimento, trazendo impactos sobre o aquecimento da economia, maior circulação de recursos, desenvolvimento e fortalecimento das empresas nacionais, aumento do fluxo de investimentos estrangeiros, geração de empregos, investimentos em obras de infraestrutura, adequação e melhoria dos serviços de energia, Telecomunicações, segurança e saúde,

além de recuperação de áreas com baixo índice de desenvolvimento humano.

Como exemplos claros, a infraestrutura urbana sustentável passou a fazer parte da agenda política, e uma ampliação dos investimentos na área, com apoio do governo federal, foi feita de forma decisiva, notadamente nos projetos voltados às cidades que participam da Copa do Mundo – identificando demandas reprimidas, principalmente de sistemas de transporte sobre trilhos. Estes investimentos vultosos em mobilidade urbana representarão um legado

para a população após a Copa, sendo que a maioria delas passou a ter um tempo de conclusão obrigatório, a tempo de serem usados no evento, mas que, na verdade, deixam um legado enorme na forma de transporte das grandes cidades da Copa.

Uma aderência ao evento – ligação entre aeroportos, portos, terminais rodoviários, zonas hoteleiras e estádios – passa a fazer parte do planejamento, mas, ao final, o intuito é sempre o de atender ao sistema de transporte coletivo urbano das grandes cidades.

Mobilidade urbana

Dentro da Matriz de Responsabilidades do governo federal, há 41 projetos de mobilidade urbana, divididos entre *Bus Rapid Transit* (BRT), centrais de controle de trânsito, corredores expressos, Veículo Leve sobre Trilhos (VLT), Monotrilhos, renovação de estações de trem, metrô e ônibus. Além desses projetos, dentro da Matriz temos ainda: o VLT de Brasília, o Corredor Metropolitano e a reforma e ampliação do Terminal Santa Cândida, em Curitiba, e o Monotrilho Linha 17 Ouro, em São Paulo; bem como vários outros projetos em andamento que visam à melhoria da qualidade do transporte urbano nas grandes cidades, catalisadas pela realização da Copa no Brasil.

Não poderíamos deixar de citar, por exemplo, os benefícios para Belo Horizonte. O BRT da Avenida Antonio Carlos/Pedro I; o da Avenida Cristiano Machado; o da Avenida Catalão; e o Boulevard Arrudas, são apenas alguns dos exemplos que vão deixar a cidade muito melhor para a população após a Copa do Mundo.

Em Brasília, a duplicação da DF 047, com a trincheira no balão do Aeroporto; em Cuiabá, o Corredor Mario Andreazza, uma nova ponte sobre o rio Cuiabá, trincheira da Avenida Miguel Sutil; em Fortaleza, a Estação Padre Cícero, o VLT e as obras viárias no entorno da Arena Castelão; em Porto Alegre, o BRT da Avenida João Pessoa e o complexo da Rodoviária; em Recife, o Corredor da Via Mangue, a duplicação da BR 408 e o Ramal Cidade da Copa; no Rio de Janeiro, o BRT Transcarioca (Aeroporto/Penha/Barra); em Manaus, a integração dos aparelhos urbanos no entorno da Arena da Amazônia. Estes são só alguns exemplos de intervenções que a Copa do Mundo traz para nosso país, nossas cidades e nossos estados.

Aeroportos

Sobre nossos aeroportos, um de nossos maiores legados já é uma realidade.

De acordo com informações da Secretaria de Aviação Civil (SAC), da Presidência da República, estão sendo investidos R\$ 3,08 bilhões, em 13 aeroportos para a Copa do Mundo, com intervenções em 12 terminais de passageiros, construção de quatro terminais remotos (módulos operacionais), reforma de nove pistas e/ou pátios de aeronaves, e a construção de duas novas torres de controle.

Além de propiciar a modernização da infraestrutura aeroportuária, através dos investimentos citados acima, a Copa do Mundo é o principal motivador para que os processos de concessão dos aeroportos saíssem do papel.

Os aeroportos já concedidos, o Aeroporto Internacional São Paulo-Guarulhos (em Guarulhos), o Viracopos (em Campinas/SP) e o Presidente Juscelino Kubitschek (em Brasília), terão melhorias em seus ganhos de capacidade, já contando com investimentos privados – Guarulhos terá seu terceiro terminal, aumentando pelo menos para 7 milhões de passageiros/ano a sua capacidade.

Viracopos e Brasília terão novos terminais – aumentando suas capacidades em 5,5 milhões e 2 milhões de passageiros/ano, respectivamente. São Gonçalo do Amarante, a 40 km de Natal, será

o novo Aeroporto Internacional do Rio Grande do Norte – também concessionado, e recebendo investimentos de mais de R\$ 329,3 milhões através do Banco Nacional do Desenvolvimento (BNDES), correspondendo a 75% do total dos investimentos no mesmo.

Ainda em 2013, os Aeroportos do Galeão, no Rio de Janeiro, e o de Confins, em Belo Horizonte, também terão seus editais de concessão publicados.

Além dos aeroportos concessionados citados acima, o governo federal, através da Empresa Brasileira de Infraestrutura Aeroportuária (Infraero), está reformando, por exemplo, os dois terminais de passageiros do Aeroporto Internacional Galeão (terminais 1 e 2), do Rio de Janeiro, aumentando assim a sua capacidade de 17,4 milhões de passageiros para 43,2 milhões de passageiros/ano, além da construção de um novo hotel com 120 aparta-

Os investimentos vultosos em mobilidade urbana representarão um legado para a população após a Copa, sendo que a maioria delas passou a ter um tempo de conclusão obrigatório

mentos. Em Fortaleza, a ampliação do terminal de passageiros de 6,2 milhões para 8,6 milhões de passageiros/ano; em Recife, a construção da nova Torre de Controle; em Salvador, a construção da nova Torre de Controle, além da ampliação do pátio de aeronaves e reforma do terminal de passageiros. Em Porto Alegre, um novo terminal remoto, com capacidade para 2,3 milhões de passageiros/ano, bem como a ampliação do terminal já existente, passando assim de 13,1 milhões para 16,6 milhões de passageiros/ano. Em Belo Horizonte, no aeroporto internacional, a melhoria na pista de pouso, e dos sistemas de pátios, como também a reforma do terminal 1 e construção do terminal 3, aumentando assim sua capacidade de 10,2 milhões/ano para mais de 15,5 milhões de passageiros/ano.

Além dos aeroportos internacionais, aeroportos nas regiões centrais de algumas cidades vêm recebendo investimentos. Um exemplo disto são os aeroportos dentro de Belo Horizonte, também em reforma em razão da Copa do Mundo. O Aeroporto Carlos Drummond de Andrade, popularizado como “Pampulha”, e o Aeroporto Carlos Prates, serão remodelados com investimentos do governo federal, para a Copa do Mundo de 2014. As obras de modernização do Pampulha incluem a construção da nova Torre de Comando, ampliação da sala de desembarque, para instalação de dois novos carrosséis de bagagem, reconstrução do pátio norte, para operação de aeronaves de maior porte, modernização da iluminação do pátio principal e revitalização do sistema de energia – com investimento da União de R\$ 20 milhões. A expectativa é de atrair grande parte dos voos executivos que chegarão ao país durante o Mundial. Já as intervenções programadas para o Carlos Prates incluem a construção da Torre de Controle e recapeamento da pista e do pátio de aeronaves – com investimento da União de R\$ 806 mil, com previsão de conclusão para dezembro de 2013.

Será que isto é gasto ou investimento? Não há nenhuma dúvida, trata-se de investimento na qualidade de nossos aeroportos beneficiando nossa população, com a ampliação das rotas internacionais, incremento da malha aérea nacional e o desenvolvimento do turismo.

Tudo isto, combinado com a modernização de processos nos Terminais de Carga e de passageiros,



Obra de ampliação do aeroporto de Fortaleza

ganhos de eficiência, estabelecimento de metas, remoção dos entraves burocráticos, melhorias em climatização, iluminação, segurança, informação de voos, combate a incêndio, e demais serviços essenciais ao bom funcionamento dos aeroportos.

Portos

Outro investimento excelente para nosso país são os projetos de requalificação dos portos em várias cidades.

Segundo informações da Secretaria de Portos da Presidência da República, vários projetos já estão em andamento, como a construção dos Terminais Marítimos de Passageiros do Porto de Recife, Salvador, Natal e Fortaleza, a implantação do Píer em forma de Y, no Porto do Rio de Janeiro, projetos de navegabilidade do rio Capibaribe, revitalização do Porto de Santos e a reforma e ampliação do Porto do Rodway, em Manaus, são exemplos desses investimentos gerados pela Copa do Mundo.

Segurança

No setor de segurança, segundo relatório da Secretaria de Segurança para Grandes Eventos (SESGE), do Ministério da Justiça, teremos um legado material impressionante, além do legado doutrinário e operacional.

Todas as 12 cidades da Copa do Mundo receberão (as da Copa das Confederações já receberam), 12 centros de Comando e Controle Regionais, além de mais um Centro de Comando Nacional e um

Centro Integrado de Comando e Controle Móvel. Além disso, imageadores aéreos para helicópteros, plataformas de observação elevada, kits antibomba, armamentos não letais e delegacias móveis. E, no sentido doutrinário e operacional, o fortalecimento do Sistema Integrado de Comando e Controle, aprofundamento da integração entre as instituições de Segurança Pública, Defesa Civil, Emergência e Salvamento, capacitação de servidores, aperfeiçoamento das atividades de inteligência e prevenção de incidentes e catástrofes.

Comunicações

Na área de comunicações, segundo informações do governo federal, através do Ministério das Comunicações, a expansão da infraestrutura e dos serviços de telecomunicações, dotará o país de uma moderna infraestrutura de comunicações, aumentando a rede nacional de banda larga através da Telecomunicações Brasileiras S/A (Telebrás), com mais de 2.000 km de redes metropolitanas, mais de 740 km de redes construídas, chegando a 3.570 municípios até o final de 2014.

Além disso, a Copa do Mundo gerou a ampliação dos investimentos privados na infraestrutura de telefonia móvel e banda larga, (mais de 350 milhões de investimentos privados) através da implementação da telefonia móvel de 4ª geração – 4G, com atendimento nas 12 cidades-sede em 18 meses, equiparando assim nosso país ao mundo, no âmbito da telefonia celular 4G.

Em paralelo a este fato, com investimentos de 170 milhões, está sendo feita a modernização tecnológica da Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), aumentando assim sua capacidade de fiscalização em gestão do espectro e infraestrutura de fiscalização e crítica.

A Banda Larga, com o aumento do acesso à internet em alta velocidade, é insumo fundamental para a criação de ambientes regionais propícios à inovação e ao desenvolvimento tecnológico nacional, abrindo novos horizontes de desenvolvimento econômico, favorecendo a desconcentração das oportunidades e atuando como vetores de redução das desigualdades regionais.

Novamente, as obrigações geradas por receber a Copa do Mundo em nosso país – como nossos novos estádios conectados com o mais alto padrão de qualidade em fibras óticas, melhorias na banda larga, nas comunicações por telefonia móvel, através de um trabalho incansável da Telebrás – vão trazer benefícios enormes para nosso país, com investimentos que talvez, se não tivéssemos este evento no Brasil, só acontecessem num futuro ainda incerto!!!!

Turismo

Só pelo aumento da exposição positiva de nosso país nos preparativos para a Copa do Mundo, através das transmissões de televisão, este é notadamente o maior evento midiático do mundo. Conforme mostram dados da Federação Internacional de Futebol Associado (Fifa), só no dia da final, nada menos que metade da população mundial assistirá ao jogo no Maracanã, o que nos ajudará a consolidar a imagem do Brasil como destino turístico – o que já é um excelente indicativo do legado que a Copa do Mundo pode nos trazer.

Mas, aliado a isto, o Ministério do Turismo e as cidades-sede trabalham de forma acelerada na melhoria de seus aeroportos, no aumento de sua rede hoteleira e na capacitação dos trabalhadores do setor turístico. Pela previsão do governo federal, segundo informações do Ministério do Turismo, mais de 157 mil profissionais serão capacitados até 2014.

A realização da Copa do Mundo e esta capacitação aumentam as oportunidades de emprego no setor de turismo, como já vem acontecendo nas várias cidades-sede da Copa do Mundo, aumentando também a qualidade do atendimento ao turista, a inclusão social através do aumento dos negócios, beneficiando um grande número de micro e pequenos empresários.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Turismo (Embratur), a Copa das Confederações movimentou mais de 740 milhões de reais, houve gastos médios entre os turistas estrangeiros de R\$ 4,584 durante a viagem e de R\$ 1,42 entre os turistas brasileiros.

Hotelaria

Outro setor importante é a hotelaria. Impulsionados pela Copa e somente em Belo Horizonte, segundo dados divulgados pela Secretaria da Copa do Mundo (Secopa) do estado de Minas Gerais, já para a Copa das Confederações foram inaugurados quatro novos hotéis, abrindo mais mil leitos, e, para a Copa do Mundo, 43 novos hotéis somente na Região Metropolitana de Belo Horizonte, e mais 31.000 leitos, corrigindo uma deficiência crônica em Minas em relação à sua vocação para o turismo de negócios, pois a expectativa é de que pelo menos 30% dos novos hotéis contem com centros de convenção, com capacidade variando de 120 a 2000 pessoas.

Segundo a Secretaria da Copa do Mundo da Bahia, haverá 3.415 novas unidades hoteleiras em todo o estado, com geração de mais de 4.400 empregos num investimento de 632 milhões de dólares no segmento. Em Cuiabá, segundo a Secopa local, a es-

timativa até 2014 é de que tenhamos 9 novos hotéis prontos, com expansão de 13.249 leitos na cidade.

Com certeza, são cifras alvissareiras que nos levam a crer que aumentaremos o número de turistas internacionais após a Copa do Mundo. Hoje, o Brasil recebe apenas 0,5% do número de turistas internacionais recebidos em todo o mundo. Não tenham dúvidas de que, com todos estes investimentos, ultrapassaremos em muito nossa cota de 5 milhões e meio de turistas/ano.

Somos um país bonito, teremos agora aeroportos adequados, segurança, hotelaria e serviços adequados, além de promovermos nossa imagem, para que possamos virar este jogo e trazer muito mais divisas para o Brasil.

Emprego, renda e capacitação

Emprego, renda e capacitação são outros excelentes exemplos de legado tangível e duradouro. Somente na construção de estádios, foram criados mais de 24.500 empregos diretos, nos seis estádios da Copa das Confederações. No Amazonas, segundo dados da Secopa do Amazonas, temos os programas de capacitação como o Amazonas Bilingue, o Pronatec Copa, em parceria com o governo federal, cursos de inglês para trabalhadores de bares e restaurantes, e para servidores e feirantes, e o programa Taxista Nota 10.

Na Bahia, também segundo dados da Secretaria da Copa, em articulação com mais de 15 instituições, entre secretarias do estado e ONGs, há mais de 40 ocupações identificadas, mais de 50 mil vagas ofertadas em mais de 16 municípios baianos.

Em convênios com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), investimentos de R\$5,7 milhões com mais de 1.000 qualificados e 180 empresas baianas beneficiadas.

Em contrato com o Senac, com o investimento de R\$ 900 mil, houve mais de 2.100 beneficiados até abril de 2014.

No geral, o Programa Nacional de acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec), segundo dados do governo federal através do Grupo Executivo da Copa do Mundo (Gecopa), mais de 86.000 trabalha-

dores estão sendo qualificados em todo o Brasil. Em Minas Gerais, foram criadas mais de 240 vagas pelo Sebrae e a Secretaria do Turismo, para alunos da rede pública, com ensino de inglês e espanhol; além de 1.730 vagas para capacitação em inglês para turismo e hospitalidade, para o atendimento ao turista estrangeiro; e ainda o curso de agente de informações turísticas em inglês e o curso técnico em guia do turismo. Mais de 560 vagas foram criadas também pelo Sebrae, com cursos de camareira, recepcionistas em meios de hospedagem, garçom, auxiliar de cozinha.

Saúde

No setor de saúde, segundo o Ministério da Saúde, está ocorrendo a qualificação e ampliação de ações de prevenção, proteção e promoção da saúde, com aperfeiçoamento do marco regulatório, da gestão de riscos e de planos operativos integrados. Além disso, está sendo fortalecido o trabalho integrado e complementar do Ministério da Saúde, com as secretarias municipais e estaduais de saúde e demais órgãos de gestão pública, e os organizadores da Copa do Mundo, além da capacitação institucional do Sistema Único de Saúde (SUS), com capacitação de profissionais, produção e difusão de conhecimento sobre saúde em eventos de massa.

Outros programas em andamento são: o fortalecimento de serviços do SUS para atenção a acidentes químicos, biológicos, radiológicos, nucleares e explosivos (QBRNE); o

aumento da capacidade instalada dos laboratórios de saúde pública (tipificação de vírus, bactérias e substâncias tóxicas); e a elaboração de regulamentos que definem regras nacionais para a entrada de produtos sujeitos à vigilância sanitária por comitativas e delegações.

Ações de promoção da saúde, como o programa Saúde na Escola, levaram, já em 2013, a que mais de 4.800 municípios aderissem ao projeto, com mais de 79.000 escolas pactuadas atingindo mais de 18 milhões de educandos.

Só para falar de iniciativas ligadas à saúde, em Salvador, segundo dados da Secopa local, foram construídos os novos hospitais Roberto Santos e Eládio Lassere, com a ampliação de 238 novos lei-

Ainda segundo dados do Ministério do Esporte, mais de R\$ 100 milhões em novos negócios, para as pequenas e micro empresas brasileiras, foram gerados por grandes empregadores de mão de obra em nosso país, em razão das obras e dos serviços gerados pela oportunidade da Copa

tos; e no Rio Grande do Sul, serão criados mais de 2 mil leitos hospitalares até a Copa, incluindo investimentos públicos e privados em todo o estado, mais a implantação de quatro unidades de pronto atendimento em Porto Alegre e outras quatro na Região Metropolitana da cidade.

Em Minas Gerais, segundo dados da Secretaria de Saúde, 109 profissionais foram capacitados, de 2011 até agora, em cursos para os profissionais dos hospitais da rede de urgência, nos cursos de emergência hospitalar externa, princípios de Medicina de Catástrofe, assim como a capacitação de mais de 150 profissionais da rede de urgência e mais de 10.427 formados em assuntos variados na saúde, como combate a incêndio, evacuação de praças e estádios esportivos e locais de aglomeração de público, atendimento a múltiplas vítimas etc.

Projetos de estímulo ao desenvolvimento urbano e socioeconômico de regiões desfavorecidas

Dois projetos de estímulo ao desenvolvimento urbano e socioeconômico de regiões desfavorecidas são exemplos claros de legados gerados pela realização da Copa do Mundo. Um deles é a região de Itaquera em São Paulo. O projeto da Copa do Mundo na cidade de São Paulo passa por um plano de desenvolvimento da Zona Leste. Itaquera, onde o estádio do Corinthians está sendo construído, é uma região com mais de 500 mil moradores (de seu total de 4 milhões), ou 35% da população da cidade, e com somente 16% dos empregos.

O projeto trará estímulo ao desenvolvimento urbano e socioeconômico dessa região, através da instalação do Estádio do Corinthians, de um polo institucional de Itaquera (educação cultura e tecnologia), estímulos a programas de habitação de interesse social, incentivos fiscais ao setor de serviços (*telemarketing* e *call center*, informática, educação e hotelaria). Fazem parte desse projeto, escolas técnicas, instalação de empresas, a implantação do complexo viário de Itaquera, e do sistema metroferroviário na região, oferecendo, ao final, a capacidade de 110 mil passageiros/hora/sentido.

O outro exemplo é o estímulo ao desenvolvimento de um novo polo de crescimento econômico e adensamento populacional no Oeste da Região Metropolitana de Recife, com a construção da Arena Pernambuco

e da Cidade da Copa. Neste projeto, além da implantação da Arena Pernambuco, será criada a Cidade da Copa, conceito de cidade inteligente, com hotéis, serviços, habitação e convenções, além do incremento da malha viária para atingir a região, como a duplicação da BR 408 e a construção do viaduto de acesso à Arena, além da construção da nova estação de metrô e Terminal Integrado Cosme e Damião.

Legado esportivo

E o futebol, o que está ganhando com isto? Doze arenas da Copa do Mundo em nível internacional, mais a Arena do Palmeiras e a Arena do Grêmio, além do Estádio Independência em Belo Horizonte, totalizando assim 15 equipamentos de primeira geração para o crescimento do futebol brasileiro.

Estes novos estádios inauguram uma nova era para o torcedor brasileiro – trazendo um legado de tecnologia de ponta com telões e sistemas de som de última geração, com assentos marcados e rebatíveis (visando à segurança obrigatória), e estádios mais seguros com modernos equipamentos de segurança, câmeras de segurança espalhadas por todo o estádio, sala de comando central e catracas e sistemas de controle de acesso modernos e seguros.

Acessibilidade é uma parte importante nos estádios brasileiros construídos para a Copa do Mundo. Assentos e locais específicos para portadores de deficiência, cadeirantes e obesos, além do acesso identificado e facilitado em todas as áreas dos estádios, fazem parte dos novos projetos de estádios, beneficiando uma parcela da população que sempre teve dificuldades neste quesito para assistir aos nossos espetáculos de futebol.

Com isso, haverá visão privilegiada aos torcedores, com o campo mais perto do torcedor, corredores amplos, iluminação de primeira classe, estádios com cobertura trazendo mais conforto e proteção do sol e da chuva, número de banheiros, e qualidade aumentada exponencialmente, áreas de hospitalidade, camarotes em nível internacional, e trazendo possibilidades de receitas adicionais para o futebol e fortalecendo o conceito de arenas multiuso! Campos de jogo com sistemas modernos de drenagem, gramados adequados para os climas de

Acessibilidade é uma parte importante nos estádios brasileiros construídos para a Copa do Mundo. Assentos e locais específicos para portadores de deficiência, cadeirantes e obesos

cada cidade, tratamento e cuidados de qualidade, uma nova indústria em nosso país.

O costume de tratar bem os torcedores é um legado que a Copa das Confederações já inaugurou em 2013, e que os novos estádios já estão implementando, aumentando o nível dos serviços prestados – utilização de *stewards* como orientadores de público, com informações adequadas e corretas, novas concessões de alimentação com qualidade e conforto, atendimento prioritário à imprensa dando condições de tecnologia e trabalho de forma adequada a todos.

A maioria dos novos estádios da Copa do Mundo já tem operadores privados. Mineirão, com a Minas Arena; Castelão com a Arena Castelão; Maracanã com o consórcio Odebrecht + AEG; Fonte Nova, com o consórcio Odebrecht + Amsterdam Arena + OAS; Arena Pernambuco com o Consórcio Odebrecht + consultoria da AEG; E Natal com a empresa OAS mais a consultoria da AEG. A Arena da Baixada será operada por seu proprietário, e o Clube Atlético Paranaense com uma consultoria da AEG. O Estádio do Corinthians será administrado pelo próprio clube, e o do Inter também numa parceria entre a Construtora Andrade Gutierrez e o Internacional.



De acordo com a Fifa a Copa do Mundo é o maior evento midiático do mundo, só no dia da final nada menos que metade da população mundial assistirá ao jogo no Maracanã

Os Estádios de Cuiabá, Manaus e Brasília ainda não têm indicações de operações privadas, mas Brasília já se mostra uma nova força no futebol brasileiro. Além disso, temos operadores privados operando a Arena do Grêmio em parceria com o clube (OAS), além da parceria do Palmeiras na operação privada de seu estádio.

Estas novas operações já causam um impacto grande na média de público nos novos estádios. Um exemplo disto é que dos dez maiores públicos do Brasileirão, nove foram realizados em Arenas da Copa do Mundo da Fifa (ver quadro abaixo).

Também como legado de aumento de público e receitas para os clubes, como vemos no quadro abaixo, de utilização das Arenas depois da Copa das

Dez maiores públicos do Campeonato Brasileiro

Estádio	Jogo / Show	Público
Mané Garrincha	Santos x Flamengo	63.501
Mané Garrincha	Vasco x Flamengo	61.767
Mané Garrincha	Flamengo x Coritiba	52.825
Maracanã	Flamengo x Botafogo	52.361
Maracanã	Fluminense x Vasco	46.860
Mané Garrincha	Flamengo x São Paulo	44.164
Arena do Grêmio	Grêmio x Internacional	40.054
Fonte Nova	Vitória x Bahia	38.980
Maracanã	Fluminense x Flamengo	38.715
Mineirão	Cruzeiro x Atlético-MG	35.689

	Jogos	Shows	Capacidade	Público Total	Renda Total	Média de público	Segurança Privada?	Orientadores de público	Assentos marcados
Maracanã	11	0	76.804	329.366	R\$ 13.159.135,00	29.942	Sim	Sim	Não
Arena PE	7	1	44.148	101.173	R\$ 2.741.707,00	14.882	Sim	Sim	Não
Mineirão	9	3	62.547	236.755	R\$ 22.813.658,65	26.306	Sim	Sim	Sim
Mané Garrincha	9	1	70.064	332.045	R\$ 23.535.175,00	36.894	Sim	Sim	Não
Fonte Nova	8	0	48.747	161.045	R\$ 4.437.842,50	20.131	Sim	Sim	Não
Castelão	6	0	64.846	88.284	R\$ 1.716.690,00	14.714	Sim	Sim	Não
Total	50	5	367.156	1.251.668	R\$ 68.404.208,15	25.033			

OBS 1: Média de público apenas dos jogos.

OBS 2: Importante destacar que o estádio com menor público (Castelão) está recebendo jogos da Série B

Confederações, os estádios estão tendo um excelente público, com médias de público muito superiores às anteriores, nos estádios antes da Copa das Confederações.

Além dos Estádios, o governo federal, através do Ministério do Esporte, liberou para os campos e estádios públicos escolhidos pela Fifa e o Comitê Organizador Local (COL) como centros de treinamento de seleções, mais de R\$ 133 milhões de reais em investimentos para reformas estruturais, modernizando-os e reformando-os para uma nova era, não só nas cidades da Copa, mas também em locais como Maceió, Macapá, Porto Seguro, Goiânia, São Luis, Ipatinga, Juiz de Fora, Uberlândia, Belém, Maringá, Bento Gonçalves, Piracicaba, Araraquara e Palmas, por exemplo.

Também os Estádios de Pituáçu, em Salvador; da CAVE, em Guará; Serejão em Taguatinga; Bezerrão, em Gama; UFMT e CT Barra do Pari, em Cuiabá, foram beneficiados por investimentos de mais de 34 milhões de reais, no mesmo programa, deixando um legado imenso de renovação dos campos e estádios de futebol no Brasil.

Todos esses Estádios, que serão campos de treinamento durante a Copa do Mundo, receberão da Fifa equipamentos esportivos – traves, banco de reservas, barreiras para treinamento de faltas, bandeiras de escanteio, além de desfibriladores e máquinas de gelo, que ficarão como legado em cada um dos equipamentos esportivos.

Conclusão

A Copa das Confederações foi um sucesso, com um público recorde total de mais de 804 mil pessoas, e na média de mais de 50 mil espectadores. A audiência de TV foi 50% maior que a da Copa das Confederações na África do Sul, em 2009, mais de

69 milhões de telespectadores assistiram à final ao redor do mundo e, só no Brasil, mais de 42 milhões pessoas assistiram ao jogo final entre Brasil e Espanha!!!

Os números e dados citados neste texto, além dos dados de público e audiência da Copa das Confederações, são prova irrefutável de que a Copa do Mundo traz benefícios enormes ao nosso país. E, além disso, tanto COL, Fifa, como o governo federal, as cidades e estados participantes, estão se preparando para que, no próximo ano, realizemos uma belíssima Copa do Mundo, com uma organização perfeita, recebendo bem os torcedores, atletas, árbitros e a imprensa, que virá para a cobertura, e mostrando que não somos bons somente em jogar futebol, somos bons também em organizar o maior torneio do mundo da modalidade, e ainda deixaremos um enorme legado para o Brasil.

A Copa do Mundo da Fifa Brasil/2014 é vista, assim, como uma oportunidade para acelerar obras e projetos que trarão benefícios perenes à sociedade. O foco primordial de um evento deste porte em nosso país é melhorar a vida das pessoas, é o chamado legado, além de ser uma oportunidade única para o Brasil de mostrar ao mundo tudo o que há de melhor em nosso país!

Que a polêmica dos estádios no padrão Fifa nos ajude a criar a consciência necessária para que tenhamos um país cada vez melhor, num padrão internacional e não só nos itens descritos no texto acima – infraestrutura urbana, aeroportos, segurança, futebol, negócios gerados, emprego, renda e capacitação –, mas também em saúde, educação e habitação!

Que todos se juntem num só ritmo para nos ajudar nesta missão tão importante!

** Ricardo Trade é diretor executivo do Comitê Organizador Local (COL) da Copa do Mundo Fifa/2014*

Copa do Mundo e Jogos Olímpicos: símbolos de uma etapa do Brasil

Osvaldo Bertolino*

Quando Orlando Silva assumiu o Ministério do Esporte, de início ele teve de enfrentar o grande desafio de organizar os Jogos Pan-Americanos e o Parapan, no Rio de Janeiro. O sucesso do evento, realizado em 2007, deu a certeza de que os brasileiros seriam capazes de assumir grandes eventos esportivos, e serviu de base para a conquista do direito de realizar a Copa do Mundo em 2014 e os Jogos Olímpicos em 2016

Charles Dharapak/AP



Delegação brasileira comemora em Copenhague, Dinamarca, a escolha do Rio de Janeiro para receber os Jogos Olímpicos de 2016

Orlando Silva assumiu o cargo de ministro do Esporte aos 34 anos de idade, um dos mais jovens ministros da história do Brasil, e pegou a tarefa de organizar os Jogos Pan-Americanos e o Parapan com determinação. “Minha experiência de três anos como secretário-executivo foi positiva, mas minha meta nunca foi ser ministro. Fico orgulhoso e satisfeito pela oportunidade de vivenciar essa experiência”, afirmou ele na cerimônia de posse, prestigiada por lideranças políticas, atletas e dirigentes esportivos.

Torcedor do Vitória, da Bahia, Orlando Silva herdou o nome do pai, que havia sido uma homenagem ao “cantor das multidões”. “Tenho vários LPs do Orlando Silva. Ele foi o primeiro ídolo *pop* do Brasil”, diz o ex-ministro, hoje vereador pelo Partido Comunista do Brasil (PCdoB), na cidade de São Paulo. Membro da direção do seu Partido desde 1997, Orlando foi o primeiro presidente negro da União Nacional dos Estudantes (UNE), de 1995 a 1997. No Ministério de Esporte, era secretário-executivo desde novembro de 2003, e antes havia sido secretário nacional de Esporte do Ministério, em 2003.

O sucesso do Pan também reforçou os argumentos a favor da realização da Copa do Mundo e dos Jogos Olímpicos no Brasil

Ao comentar o sucesso da realização dos Jogos Pan-Americanos e do Parapan, Orlando Silva lembrou que o evento, em princípio, era visto com desconfiança. “Poucos apostaram que o país seria capaz de realizar um evento de tamanha envergadura. Ele nos restituiu a autoestima e trouxe de volta o brio da camisa verde-amarela”, afirmou. Logo após a realização do evento, uma pesquisa do Ibope revelou que 81% da população brasileira com mais de 16 anos consideraram os Jogos “bem organizados” e, para 73%, os recursos utilizados para promovê-los foram “bem aplicados”. “O esforço se refletiu nas arenas esportivas, onde nossos atletas conquistaram o maior número de medalhas nesse certame: 157 no Pan (terceiro no *ranking*) e 228 no Parapan, valendo a primeira colocação”, diz Orlando Silva.

O país entrava em uma nova realidade esportiva, surgida com a vigência da Lei de Incentivo ao Esporte, que marcou uma mudança importante na vida esportiva nacional, ao permitir investimentos em eventos esportivos equivalentes a 1% do Imposto de Renda devido por pessoas jurídicas, e 6% do que é devido por pessoas físicas. O ex-ministro recorda que um dos destaques era o Programa Se-

Wilson Dias/ABR



Franck Caldeira, campeão da maratona masculina nos Jogos Pan-Americanos de 2007



gundo Tempo, que atendia a crianças e jovens das escolas públicas, oferecendo atividades esportivas, reforço escolar e refeições no contraturno das aulas. Ele lembra ainda os Programas Esporte e Lazer na Cidade, Pintando a Liberdade e Pintando a Cidadania. “Nunca é demais falar das vantagens do ‘Bolsa-Atleta’, que assegura renda fixa àqueles que não têm patrocínio, mas apresentam bom desempenho em provas nacionais e internacionais”, enfatiza.

Como destacou o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, o Pan-Americano foi uma espécie de preliminar para a meta de trazer a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos ao Brasil. “Vamos começar com o Pan, que é menor, mas vamos provar que temos competência para fazer o melhor Pan-Americano”, disse ele no Rio de Janeiro, durante o lançamento do mascote dos Jogos Pan-Americanos de 2007, representado por um sol nas cores laranja e amarelo. Segundo o presidente, o Pan significava o início de uma “nova era” no esporte brasileiro, na qual o Estado deveria assumir a responsabilidade pelos resultados da área.

Lula também afirmou não ser possível que um país como o Brasil, que tem no futebol uma grande representatividade, estivesse há 50 anos sem sediar uma Copa do Mundo. “Depois de 56 anos, está na hora de o mundo esportivo perceber que o Brasil merece uma nova chance. Precisamos sonhar, acreditar, ousar e trabalhar”, opinou. Em relação às Olimpíadas, Lula disse que nunca um país da América Latina sediara este evento. “Queremos provar que o Brasil pode fazer igual ou melhor do que qualquer país rico do mundo já fez.”

O sucesso do Pan também reforçou os argumentos a favor da realização da Copa do Mundo e dos Jogos Olímpicos no Brasil. A esperança se tornaria realidade com o anúncio da Federação Internacional de Futebol Associado (Fifa), em 30 de outubro de 2007, e do Comitê Olímpico Internacional (COI), em 2 de outubro de 2009. “O país que produziu os melhores jogadores do planeta, que tem cinco títulos mundiais, terá o direito, mas também a responsabilidade, de sediar a Copa em 2014”, anunciou Joseph Blatter, o presidente da Fifa.

Discursando na cerimônia de entrega do Prêmio Brasil Olímpico, em 21 de dezembro de 2009, Lula disse: “o Brasil não vai chegar às Olimpíadas com a cara lambida para disputar meia dúzia de merreca de

Para Orlando Silva, o presidente Lula foi a peça-chave na escolha do COI. “Durante o dia e meio que ficou em Copenhague, ele teve contato direto com pelo menos uns 30 eleitores”



Agência Brasil

medalhas”. “Cada cidade tem que se transformar numa cidade olímpica”, enfatizou. “Temos uma coisa que eles não têm, temos uma alma do tamanho do Pão de Açúcar, um coração que pode fazer a diferença”, afirmou. “Falavam que o Brasil não tinha condições de realizar as Olimpíadas, que a gente não tinha estrutura, que tinha a violência. Aquilo mexeu com os meus brios. O Rio não devia nada a ninguém. Mas a gente não acreditava e chegava lá já derrotado, de cabeça baixa”, criticou, referindo-se às tentativas anteriores de trazer os Jogos Olímpicos para o Brasil.

Para Orlando Silva, o presidente Lula foi a peça-chave na escolha do COI. “Durante o dia e meio que ficou em Copenhague, ele teve contato direto com pelo menos uns 30 eleitores. Não tenho a menor dúvida de que isso teve um impacto decisivo na definição da vitória do Rio de Janeiro”, enfatizou. No anúncio da Copa, estava presente uma delegação brasileira liderada pelo presidente. “O mundo terá a oportunidade de ver o que o povo brasileiro é capaz de fazer. O futebol, para nós brasileiros, não é apenas um esporte, mas uma verdadeira paixão”, disse Lula.

Quando saiu o anúncio sobre os Jogos Olímpicos, Lula também ressaltou a ligação do povo brasileiro com o esporte. “Somos um povo apaixonado pelo esporte e pela vida”, afirmou. “Com muito orgulho, represento aqui as esperanças e os sonhos de mais de 190 milhões de brasileiros”, afirmou o presidente. “Chegou a nossa hora. Somos a décima economia do mundo e ainda não sediamos os Jogos Olímpicos. Para os outros, será apenas mais uma Olimpíada. Para nós, será algo inédito”, lembrou Lula. “Os Jogos Olímpicos do Rio serão inesquecíveis, pois estarão cheios da paixão do povo brasileiro”, destacou.

Com a conquista do direito de sediar a Copa do Mundo, o país começou a se preparar, planejando investimentos, tendo como ponto de partida o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC). Segundo Orlando Silva, a Copa é muito mais que a disputa de 64 partidas de futebol por seleções de 32 países; é um evento que produz oportunidades e que serve como catalisador para o desenvolvimento de quem a realiza. “A Copa é excelente plataforma para a promoção de nosso país em âmbito global. O mundo verá uma nação moderna e inovadora. Uma democracia forte. Um lugar marcado pela diversidade, pela tolerância e pela cultura de paz. Uma nação com economia complexa, estável, que permite desenvolvimento sustentado e forte política de inclusão social e distribuição de renda”, afirma.

Discursando no evento de assinatura do *Termo aditivo à matriz de responsabilidades* — o documento que trata das áreas prioritárias de infraestrutura das 12 cidades que irão receber os jogos, e define as responsabilidades de cada ente federativo, assinado pelo ministro e por prefeitos e governadores —, Orlando Silva destacou que a Copa se realizará com a máxima transparência, porque cada contrato assinado, cada projeto e programa indicado têm um cronograma detalhado e está disponível na Internet —, como determinara o presidente da República. “Dessa maneira, faremos a Copa, Olimpíadas, Jogos Paraolímpicos no Brasil com eficiência e com a máxima transparência”, afirmou.

Orlando Silva deixou o cargo de ministro em 26 de outubro de 2011, acossado por uma virulenta campanha midiática, dirigida contra ele e seu parti-

do, o PCdoB, com base em acusações sem provas do policial militar João Dias Ferreira. Quando o atual ministro do Esporte, Aldo Rebelo, assumiu o cargo, em evento realizado no Palácio do Planalto, no dia 31 de outubro de 2011, ele disse que daria atenção especial aos dois grandes eventos esportivos. “O desafio se torna mais leve, se torna menor pelo que foi construído e realizado até agora”, declarou. “O bem que os homens fazem é enterrado com seus ossos. E o mal que lhes atribuem levam consigo”, disse, citando o romano Marco Antônio.

A presidenta Dilma Rousseff fez uma citação de Martinho da Vila: “Deixo o rumo me rumar para onde quero ir.” “Orlando Silva não perde meu respeito. Desejo-lhe muito sucesso em sua cruzada pela verdade. Perco um colaborador, mas preservo o apoio de um partido cuja presença no meu governo considere fundamental”, afirmou a presidenta. O discurso mais aplaudido foi o de Orlando Silva. “Depois de passar por essa turbulência, eu fico feliz de poder olhar nos olhos da minha mãe, da minha esposa e da minha filha, de olhar nos olhos da senhora, presidenta, e poder falar: eu sou inocente”, despediu-se.

A Comissão de Ética Pública da Presidência da República isentou Orlando Silva das acusações, em 11 de junho de 2012. Já o policial João Dias Ferreira foi aposentado em 4 de julho de 2013, por “incapacidade para o serviço”, conforme Portaria da Secretaria de Estado de Segurança Pública do Distrito Federal.

**Osvaldo Bertolino é jornalista e editor do Portal Grabois*



“Orlando Silva não perde meu respeito. Desejo-lhe muito sucesso em sua cruzada pela verdade”, disse a presidenta Dilma Rousseff ao se despedir de Orlando na cerimônia de posse de Aldo Rebelo como ministro do Esporte

OLINDA, O FUTURO SORRI PARA TI.

Com obras estruturadoras e importantes ações sociais em Saúde e Educação, a Prefeitura reforça o cuidado com o futuro de todos os cidadãos. Dedicção e trabalho para um novo passo a cada dia, num caminho que segue adiante e faz Olinda sorrir.



Entrevista com Daniel Dias

“Brasil é referência em esportes paraolímpicos”

Cezar Xavier*

Daniel Dias em entrevista
para *Princípios* em sua
casa em Bragança
Paulista – SP



Considerado – por duas vezes – como o melhor atleta do mundo em paraolimpíadas, em poucos anos, Daniel Dias viu o investimento em seu talento esportivo aumentar e abrir oportunidades inéditas. Hoje, diz ele, não falta nada para um verdadeiro talento alcançar seus sonhos

Desde que descobriu a existência das Paraolimpíadas, assistindo à edição de Atenas, em 2004, até receber o primeiro Laureus, em 2008, foram apenas quatro anos de uma trajetória esportiva intensa. Tão pouco e tão rápido o tempo que o nadador Daniel Dias parece ter dificuldade de olhar para trás e traçar uma análise mais elaborada sobre suas motivações, impulsos e conquistas. Em entrevista à revista *Princípios*, em sua casa em Bragança Paulista, a 86 km da capital paulista, ele se mostrou mais à vontade ao falar sobre o futuro e opinar sobre os rumos do esporte.

Ele não hesita ao afirmar que o Brasil, hoje, é referência no esporte paraolímpico. “Eu confesso que estamos chegando ao ideal, com várias categorias de bolsas para atletas, acompanhando todos os momentos de uma carreira”, diz ele. E afirma que autoridades esportivas de outros países procuram o Comitê Paraolímpico Brasileiro (CPB), para saber o que o Brasil fez para ter tanto destaque e divulgação. Ele conta que, em Montreal, nosso país tinha mais veículos de comunicação cobrindo a Paraolimpíada que todos os outros países. “O Brasil acreditou e, com poucos recursos, investiu o que não tinha para que a imprensa estivesse acompanhando os jogos. Agora, a mídia paga para estar lá cobrindo”, relata.

O fato de ele ter percebido a existência dos esportes paraolímpicos em Atenas já foi determinado pelo destaque brasileiro naquele ano. A edição de Sydney, em 2000, foi o marco da participação do Brasil em Paraolimpíadas, com a conquista de 22 medalhas em quatro modalidades diferentes. De lá para cá, no quadro geral de medalhas, o país saltou do 24º lugar para o 14º, em Atenas, em 2004 e para o 9º, em Pequim, 2008. Com as seis medalhas de Daniel Dias, o Brasil conseguiu superar a meta para Londres, em 2012, e passou para o 7º lugar, com 43 medalhas.

Com resultados assim, os atletas paraolímpicos receberam tanta ou mais atenção da mídia e da torcida do que os atletas olímpicos. Para Daniel, os resultados superiores da Paraolimpíada estão relacionados com o histórico de vida dos atletas, para além do esporte. “Desde o início da vida, a gente tem que lutar muito e provar muita coisa para todo mundo.

A gente tem que superar obstáculos o tempo todo”, explicou. Ele acredita que o brasileiro se vê na luta das pessoas com deficiência para alcançar pódios tão destacados diante do mundo todo.

Oportunidade ampliada

Mas Daniel também atribui ao aumento dos investimentos o destaque que o Brasil vem tendo nesta área. Quando ele começou já dava para perceber um início dos investimentos governamentais e privados em atletas paraolímpicos. “Mas não era como está hoje.”

Daniel vê atletas iniciantes, nos dias atuais, que já contam com a Bolsa Atleta, da qual ele não dispunha quando começou. “Eu precisava estar entre os três melhores do Brasil para ter uma bolsa, e agora não precisa mais disso”, diz ele, que contou com o “paitrocínio” durante parte de sua carreira. “Se tinha algum incentivo de governo, nessa época, eu desconhecia...”

Ele conta que procura conscientizar os novos atletas sobre a necessidade de se reconhecer – com o esforço pessoal – a importância dessas bolsas. É preciso esforço e desempenho para garantir uma bolsa, critério que Daniel considera importante “para não virar bagunça”. “Mas todo atleta com algum talento e esforço garante esse tipo de apoio e estímulo.”

Falta alguma coisa para esse atleta iniciante dar andamento a uma carreira de alto desempenho?

“Hoje, não! Eles têm nutricionista, fazem pilates, com a bolsa conseguem comprar os suplementos. Mesmo antes de garantir conquistas em competições, eles já estão usufruindo desses benefícios, que eu tive mais tarde”, opina ele.

Pressa de vencer

Daniel respira fundo para responder sobre o grande momento de sua carreira, até o momento. São tantos, em tão pouco tempo! Ele escolhe a segunda conquista do Laureus, depois de Londres (o primeiro foi conquistado depois de Pequim), prêmio conhecido como o “Oscar” do esporte. Entre os brasileiros, apenas os jogadores de futebol Pelé e Ro-

Daniel atribui ao aumento dos investimentos (Bolsa Atleta) o destaque que o Brasil vem tendo nesta área. Quando ele começou já dava para perceber um início dos investimentos governamentais e privados em atletas paraolímpicos. “Mas não era como está hoje”

naldinho, e o skatista Bob Burnquist, têm esse troféu no armário. Com isso, Daniel é considerado o melhor atleta paraolímpico do mundo, e não apenas o melhor da natação.

O fato de ter nascido com deficiência nos membros superiores e inferiores, nunca impediu Daniel de querer ser um atleta. Apaixonado pelo Corinthians, ele já se imaginava um jogador de futebol. E, antes de andar com prótese, aos três anos, já brincava de bola correndo de joelhos. “Acho que eu era bom. Não era o primeiro a ser escolhido, mas também não era o último!”

A natação veio do esforço de buscar orientação para esportes adaptados à sua deficiência na Associação Desportiva para Deficientes (ADD). “A natação caiu de paraquedas, foi algo que sobrou. Graças a Deus, o futebol não deu certo, porque a minha aptidão era na piscina”, explica ele, dizendo que teria de jogar futebol sem a prótese. Em oito aulas de natação, Daniel já havia aprendido com destreza todos os oito estilos, em meio a outros nadadores que faziam apenas fisioterapia ou uma atividade relaxante, conforme o tipo de deficiência. Sua aptidão tornava-se evidente.

Daniel abocanhava cinco medalhas em seu primeiro mundial, em Durban (África do Sul), quando treinava natação havia cerca de dois anos, ou seja, começou a nadar com 16 anos e com 18 já havia se tornado uma revelação mundial. “Eu me imaginava competindo numa paraolimpíada, mas não tão rápido”, diz ele sobre Pequim (2008), quando conquistou nove medalhas.

A velocidade foi tal que Daniel demorou a perceber que sua trajetória não era comum. “Tem pessoas que treinam anos para conseguir uma vaga e representar o Brasil num mundial, quanto mais num Parapan-Americano ou Paraolimpíada.” De família presbiteriana, Daniel só encontra explicação para tanto num dom dado por Deus para alguém que tinha tudo para desistir de qualquer esporte.

Nadador paraolímpico com seis ouros nos jogos de Londres, Daniel Dias é o maior medalhista do Brasil



Marcelo Camargo/Abi

Amparo institucional

Hoje Daniel avalia que o acesso à informação sobre esportes de alto rendimento para atletas com deficiência é muito melhor. A própria instituição do Comitê Paraolímpico Brasileiro contribui muito para facilitar o avanço de uma carreira. O CPB pode ser o primeiro contato de um atleta, assim como a fonte de informação e encaminhamentos sobre apoio técnico e financeiro.

Segundo ele, antes do Mundial de Durban, em 2006, ele já havia passado a receber uma ajuda de custo do CPB, devido a seu desempenho nas competições nacionais. Por essa época, o Comitê já contava com patrocínios e calendário garantido de competições – conquistas importantes para os atletas paraolímpicos.

Depois das medalhas na África, veio o primeiro patrocínio, garantindo exclusividade de dedicação aos treinos, mais tempo de descanso, nutricionista e suplementos alimentares, preparador físico de pilates – “detalhes que fazem toda a diferença”. Em troca, ele agrega uma agenda de eventos do patrocinador em que tem a oportunidade de divulgar o esporte paraolímpico, algo que sempre quis poder fazer. Daniel sonha em criar um instituto para afastar crianças da vulnerabilidade social e trazê-las para o esporte.

Brasil, a ficha caiu!

Daniel estava na Dinamarca, com o presidente Lula, quando o Rio de Janeiro foi anunciado como sede das Olimpíadas de 2016. Ele confessa que não achava que conseguiríamos. “Mas, chegando lá, e conhecendo o projeto, entramos no clima de todo mundo, ficou muito claro que tínhamos tudo para ganhar”. Para ele, a emoção de competir em casa é uma alegria enorme. Ele tenta imaginar qual será a emoção de ver e ouvir milhares de torcedores cantando o Hino Nacional brasileiro durante a conquista de uma medalha de ouro.

Todos os atletas brasileiros se sentem com uma responsabilidade adicional, desde Londres. “Parece que o mundo todo está vigiando a gente, agora que vamos sediar as Olimpíadas”, diz Daniel. A passagem da bandeira olímpica para as mãos dos brasileiros, no encerramento das Olimpíadas de Londres, foi para ele o momento em que “caiu a ficha”. “A minha expectativa é das melhores. Sou muito otimista e acho que o Brasil tem a grande chance de mostrar que não é apenas o país do futebol”, afirmou.

Não obstante ele perceber uma mudança no modo como o país acompanha os jogos de vôlei – devido a um trabalho contínuo feito desde muito tempo neste esporte – Daniel ressalta que ainda somos apenas o país do futebol. “As olimpíadas mexem muito com o país, mesmo ocorrendo em apenas uma cidade”, diz ele, confiante de que a atenção dos brasileiros sobre outros esportes vá aumentar.

Direito à cidade

A acessibilidade urbana é o foco de atenção de Daniel, quando pensa nos avanços que devem ocorrer no país, com a vinda da Copa e das Olimpíadas. Ele está confiante de que a realização de grandes eventos no Rio de Janeiro vai tornar a cidade um modelo de acessibilidade para pessoas com deficiência para todo o Brasil. Este, para ele, deve ser o principal impacto, desde a Copa do Mundo. “As demais cidades vão poder se espelhar no Rio de Janeiro para tornarem-se acessíveis a todos”



Roberto Stuckert Filho/PR

Presidenta Dilma Rousseff recebe Daniel Dias em Brasília

A acessibilidade urbana é o foco de atenção de Daniel, quando pensa nos avanços que devem ocorrer no país, com a vinda da Copa e das Olimpíadas. Ele está confiante de que a realização de grandes eventos no Rio de Janeiro vai tornar a cidade um modelo de acessibilidade para pessoas com deficiência para todo o Brasil

– acredita ele –, citando avanços legislativos nesse sentido, que obrigam as cidades a se adaptarem e garantirem o direito de locomoção para todos.

Daniel opina que as pessoas estão certas em ir às ruas, expressar suas inquietações sobre a realização dos eventos esportivos. “Elas não querem fazer feio, mas mostrar para o mundo do que os brasileiros são capazes”. Cobrar o bom uso do dinheiro, de acordo com ele, faz bem para a Nação e, “quando vir tudo pronto e der certo, as pessoas vão poder dizer que fizeram parte disso.” Ele diz que já esperava esse tipo de expressão popular, só se surpreendeu com a antecipação das manifestações.

Ele não tem dúvidas de que o Brasil vai estar à altura do nível de uma competição de qualquer outro país do mundo. À exceção da China! Ele diz que, depois de Pequim 2008, Londres tinha um abacaxi nas mãos. “Os chineses fizeram algo tão extraordinário, que acho que dificilmente vamos ver algo igual, novamente”. No entanto, o Brasil tem a alegria e a simpatia tropical para mostrar – que ele acredita serem únicas. “E vamos ter uma vila olímpica que eu jamais vi”, ressalta.

**Cezar Xavier é editor executivo do Portal Grabois, entrevistou Daniel Dias na casa do atleta, em Bragança Paulista – SP, em 26 de setembro 2013*

O movimento paraolímpico brasileiro

Há notícia da existência de clubes esportivos para pessoas surdas em Berlim (Alemanha), ainda em 1888. Hoje, os atletas surdos praticavam esportes junto de pessoas sem deficiência e não possuíam modalidades no programa paraolímpico.

Em 1945, com o término da Segunda Guerra Mundial, o neurocirurgião judeu-alemão Ludwig Guttmann iniciou um trabalho de reabilitação de veteranos de guerra paraplégicos, através de práticas esportivas na Inglaterra.

A primeira competição para atletas com deficiência aconteceu na cidade de Guttmann, Stoke

Mandeville (Inglaterra), no dia 29 de julho de 1948 – data exata da abertura das Olimpíadas de Londres. Quatro anos depois, surgiu o movimento internacional, que culmina com a 1ª Paraolimpíada em Roma (Itália), em 1960. Quatrocentos atletas participaram daqueles primeiros jogos. Em Londres/2012, havia 4.200 participantes de 165 países.

Brasil paraolímpico

O esporte paraolímpico brasileiro surgiu em 1958 com a criação de clubes agregando atle-

Edição	Total de atletas brasileiros	Modalidades disputadas	Medalhas conquistadas				
			Posição	Ouro	Prata	Bronze	Total
1972 Heidelberg	20	4	0	0	0	0	0
1976 Toronto	33	9	31	0	1	0	1
1980 Arnhem	14	3	0	0	0	0	0
1984 Nova York e StokeMandeville	29	2	24	7	17	4	28
1988 Seul	62	5	25	4	9	15	28
1992 Barcelona	43	6	27	3	0	4	7
1996 Atlanta	60	10	37	2	6	13	21
2000 Sidney	64	9	24	6	10	6	22
2004 Atenas	98	13	14	14	12	7	33
2008 Pequim	188	17	9	16	14	17	47
2012 Londres	182	18	7	21	14	8	43
TOTAL	611	78	-	52	69	66	187





tas com deficiência. Os pioneiros, Robson Sampaio de Almeida e Sérgio Seraphin Del Grande, resolveram trazer o esporte paraolímpico para o Brasil enquanto faziam tratamento hospitalar nos Estados Unidos.

Em 1969, o Brasil teve sua primeira participação internacional nos Jogos Parapan-Americanos de Buenos Aires (Argentina). Em 1972, o Brasil foi representado pela primeira vez em uma Paraolimpíada, realizada em Heidelberg (Alemanha). Mas foi em 1976, em Toronto (Canadá), que o Brasil conquistou as primeiras medalhas.

Em 1978, foi a vez de o Brasil sediar uma edição dos Jogos Pan-Americanos em Cadeira de Rodas. As disputas aconteceram no Rio de Janeiro. A partir dali, começavam a surgir entidades representativas das diversas modalidades de esporte para pessoas com deficiência.

O melhor desempenho do Brasil foi em Pequim, no ano de 2008, quando a delegação brasileira conquistou 47 medalhas. A melhor colocação no ranking foi em Londres/2012, ficando em 7º lugar (43 medalhas), com a meta de avançar para o 5º lugar na Paraolimpíada do Rio de Janeiro em 2016.

Hoje, as Paraolimpíadas são eventos de esporte de alto rendimento para atletas com deficiência, que enfatizam mais as conquistas do que as deficiências de seus participantes.





Palco do Seminário “Oportunidades para 2014” realizado pelo Sebrae em Porto Alegre, 2011

Eventos são um bom negócio!

Paulo Alvim*

Eventos esportivos mobilizam massas e multiplicam impactos. O olhar econômico em decorrência do volume de investimentos se dirige em especial ao poder de transbordamento de outros negócios em sua decorrência e continuidade. O desafio é que empresas e profissionais incorporem estes ganhos de forma permanente e sustentável pela oferta de produtos e serviços cada vez mais competitivos

Investimentos transbordam seus impactos diretos e indiretos, cada vez mais, com benefícios nos campos econômicos, sociais e ambientais.

Os eventos, nas suas mais diversas tipologias, demandam cada vez mais investimentos, e, na consecução de seus objetivos, têm gerado desdobramentos, antes, durante e depois de suas realizações.

E este tem sido um diferencial da realização de qualquer evento nos dias de hoje, utilizando estruturas provisórias ou permanentes. E o evento esportivo não foge a esta regra, com fortes impactos territoriais, temporais e nos diversos públicos envolvidos.

Mercado de eventos

Evento é uma atividade que tem um objetivo claro e apresenta uma característica específica: temporalidade e territorialidade pré-definida. Ele ocorre em um local e em determinada data. Pode até ser alterada, mas quando acontece, estão definidos o local e a data, sendo que hoje com os meios de comunicação tem possibilidade de a cada dia se tornar mais público, seja onde for.

O conjunto de tipologia de eventos é diverso e, a cada dia, novas tipologias vêm surgindo, refletindo níveis de especialização cada vez maiores, exigindo mais e mais encadeamentos e profissionalização para a sua realização.

Temos eventos sociais (festas de casamentos, formaturas), culturais (exposições, shows), históricos (comemorações), temáticos (ambientais, manifestações), religiosos, de negócio (encontros e rodadas de negócios), de capacitação (seminários, congressos), de comercialização (feiras), políticos (comícios, manifestações, mobilizações), esportivos (suas mais diversas modalidades), entre outros. E que ainda podem estar segmentados pelos seus públicos, pela sua abrangência, dentre outras formas de delimitação.

Aspectos de organização levaram a se ter toda uma estruturação e infraestrutura de suporte e apoio que, em muitos casos, só o processo de preparação do evento supera muito o esforço de realização.

E nesse esforço de melhorar o desempenho para a realização de eventos, com uma efetiva profissionalização, já se criou uma ambiência onde

existem empresas especializadas na organização, e um complexo encadeamento produtivo que envolve os prestadores de serviços nas diversas etapas de realização de um evento. Temos redes de fornecedores, de profissionais, e este nível de especialização ocorreu de uma forma bem natural, como decorrência de um ambiente cada vez mais competitivo.

Hoje, temos um mercado de eventos e, como tal, para um evento – independentemente de que modalidade seja – é um negócio!

Dados da Fundação Getúlio Vargas apontam que só o mercado de shows no Brasil vem crescendo 7% ao ano. E já falamos de cifras que beiram a bilhões de reais ao ano de aplicações em suas realizações e em faturamento.

Seja uma festa de casamento, um comício político ou uma competição esportiva, os eventos ocorrem em mercados cada vez mais exigentes, onde as cifras que circulam são crescentes.

Seja uma festa, um comício político ou uma competição esportiva, os eventos ocorrem em mercados cada vez mais exigentes, onde as cifras que circulam são crescentes

A cadeia produtiva esportiva

O evento esportivo, de uma forma peculiar, tem algumas características que o distinguem e, como tal, demandam procedimentos diferenciados.

O primeiro aspecto distintivo se relaciona à modalidade esportiva a ser trabalhada, que direciona para demandas específicas de infraestrutura de arenas, equipamentos utilizados, necessidades dos atletas e equipes, perfil de assistência, e outros pontos correlacionados.

Estamos falando de demandas técnicas, tecnológicas, de *marketing*, imagem, registro – específicas de cada modalidade esportiva –, que evoluem ao longo do tempo, demandando cada vez mais conhecimento, tecnologia e investimentos.

Exemplos podem ser percebidos nos trajes utilizados pelos atletas, em seus processos de preparação, nos equipamentos de registro e mensuração, nos revestimentos de pistas, entre outros pontos.

Ou seja, o esporte hoje é uma atividade econômica que demanda encadeamentos produtivos com atividades de pesquisa e desenvolvimento, indústria, serviços, comércio, com desdobramentos em setores como alimentos e bebidas, medicamentos, vestuário, mobiliário, instrumentação, tecnologia de informação, entre outros.

O esporte é uma atividade econômica transversal, que vem crescendo a cada dia, demandando ainda interações com comunicação, *marketing*, saúde, educação, segurança, logística e transporte.

A logística para um evento esportivo em si é uma atividade de forte impacto econômico e social, que gera renda e postos temporários de trabalho com impacto forte nos territórios onde os eventos ocorrem. Um bom exemplo são as corridas de Fórmula 1, onde o circuito anual corre o mundo, com migração de todo o conjunto de suporte das equipes em tempo recorde, dentro dos mais precisos aspectos de segurança que usa a mais alta tecnologia.

Esses pontos reforçam a ideia de que a estrutura de um evento esportivo – hoje possível de ser operado em qualquer parte do planeta, seja pelos meios de logística seja pela disseminação das tecnologias de instalações provisórias empregados – aponta para a relevância dos impactos econômicos, sociais e ambientais deste tipo de evento, que cada vez mais mobiliza recursos e incorpora multidões nas suas assistências. E que cada vez mais tem seus mercados ampliados em função de forte aceitabilidade pela população em seus mais diversos matizes, pela adesão popular ao esporte, que se reflete na forte visibilidade por meio da mídia, dos esforços de patrocinadores, que mobilizam cada vez mais grupos de torcedores, muitos até fanáticos, em peregrinações junto a seus atletas e suas equipes preferidas.

Hoje temos grupos de pessoas que cada vez mais acompanham as modalidades esportivas onde elas aconteçam, e grupos locais que cada vez mais não perdem oportunidades de assistir a eventos esportivos. Eventos esportivos movimentam e agitam!

As arenas esportivas lotam, para alegria de organizadores, atletas, patrocinadores e de todos os que atuam na cadeia produtiva do esporte.

Os indicadores de público, comercialização de produtos vinculados ao esporte, espelham de forma concreta o impacto desta modalidade de evento. Sem contar o volume de recursos aplicados em patrocínio e *marketing* esportivo nas mais diversas modalidades de esporte.

Hoje, diversos países já mensuram o Produto Interno Bruto (PIB) do esporte. Com cifras que chegam a cerca de 2% do PIB em alguns casos.

Momento Brasil

Há bastante tempo, o Brasil passou a se incorporar no circuito internacional do esporte, seja por conta da paixão por algumas modalidades (como o futebol que já realizou alguns eventos internacionais, como a Copa de 1950, diversos Sul-Americanos, campeonatos interclubes, entre outros), ou pelo desempenho de alguns atletas nas respectivas modalidades (neste caso, são exemplares as corridas automobilísticas de

Fórmula 1 e Indy, torneios de tênis, e competições de vôlei de praia e de quadra, basquete, judô, futebol de salão e de areia, entre outros).

A última década foi muito significativa neste aspecto.

E por que isto tem ocorrido mais intensamente nos últimos anos?

Além do desempenho esportivo do país e de seus clubes, equipes e atletas, um conjunto de contextos favoráveis tem ocorrido e favorecido esta nova realidade. Consequências de vivermos uma realidade de estabilidade política e econômica, de ter crescido o poder aquisitivo da população, de o país ter adquirido uma imagem positiva em nível internacional e o seu melhor desempenho no cenário internacional.

Até a crise internacional nos ajuda nesse cenário!

O país aumentou efetivamente sua atratividade internacional para eventos e tem demonstrado competência na sua realização. A par de al-

guns questionamentos e críticas, o país, numa integração de esforços entre poder público e iniciativa privada, tem demonstrado capacidade de realizar eventos.

No caso de eventos esportivos, temos os bons exemplos das corridas de Fórmula 1; os circuitos de vôlei de praia; as competições de futebol de areia, que hoje já acontecem alguns em diversas localidades do país, interiorizando inclusive esta capacidade de realizar eventos esportivos.

Os mais recentes que merecem ser citados, pois apresentaram êxito nas suas organizações, foram:

- Jogos Pan-Americanos no Rio de Janeiro;
- Olimpíadas Militares no Rio de Janeiro; e
- Copa das Confederações de futebol, que ocorre-

A última década foi muito significativa para os negócios ligados ao esporte no Brasil. Além do bom desempenho esportivo do país e de seus clubes, equipes e atletas, um conjunto de contextos políticos e econômicos positivos tem favorecido esta nova realidade



Eventos esportivos têm demandas técnicas, tecnológicas, de *marketing*, imagem, registro – específicas de cada modalidade esportiva –, que evoluem ao longo do tempo, exigindo cada vez mais conhecimento, tecnologia e investimentos

ram nas cidades de Brasília, Belo Horizonte, Salvador, Fortaleza, Recife e Rio de Janeiro.

Ou seja, a vinda da Copa Fifa de futebol em 2014 e das Olimpíadas e Parolimpíadas em 2016, coroa um esforço do país, que demonstra nossa capacidade de fazer acontecer.

E as oportunidades?

A par dos ganhos do ponto de vista esportivo, a realização de eventos precisa ser olhada em função das oportunidades de negócios. E mesmo quando muito se fala dos valores investidos na modernização e construção de arenas e instalações esportivas, por conta da realização desses eventos internacionais no país é a chegada de uma nova geração de arenas esportivas ao país. Sem entrar no mérito dos valores aplicados e das formas de sua contratação, algo que não ocorre apenas nesta tipologia de obra e compra de produtos e serviços –, o que pode efetivamente ser afirmado – é que isso está ocorrendo com muito atraso.

Aliás, este movimento incorpora o conceito de arena multiuso, que já em alguns casos de arenas inauguradas para a Copa das Confederações se mostrou como espaços diferenciados para a realização

de shows e outros tipos de eventos, demonstrando a plenitude da viabilidade econômica.

Outro fator diferenciado neste processo de modernização de arenas foi a incorporação de conceitos de construção sustentável, que passou inclusive a ser considerado referencial técnico que passará a ser seguido em outras praças em que venham a ocorrer eventos desta envergadura.

Assim, a par do impulso que se dará no esporte, com impacto direto de ganhos nas áreas de saúde e educação, a realização desses eventos no país tem permitido acelerar e antecipar investimentos em áreas como mobilidade urbana, terminais (rodoviários, aeroviários, portuários), saneamento, comunicações, transporte e segurança.

O impacto é direto, com benefícios claros e mensuráveis para as populações destas localidades onde ocorrerão estes eventos, por mais transtornos que estas populações possam estar passando na fase de construção dessas obras.

Uma realidade que temos hoje: as cidades-sede de jogos da Copa Fifa de futebol se tornaram verdadeiros canteiros de obras. Será que se estes jogos não fossem

acontecer, haveria esta movimentação? Só este esforço gera nestas localidades novos postos de trabalho, demanda por novos produtos e serviços, circulação de recursos e potencial de melhoria da qualidade de vida. Isto é efetivamente medido.

Ou seja, podemos afirmar que o ganho é geral! E não ficamos só neste tipo de ganho!

Outro impacto perceptível ocorre em atividades econômicas correlacionadas, em especial nas atividades de hotelaria, turismo, gastronomia, alimentos e bebidas, serviços, economia criativa e comércio varejista.

A Copa das Confederações já mostrou resultados bem interessantes e as perspectivas para a Copa Fifa e os Jogos Olímpicos já são animadoras.

Nas seis cidades-sede da Copa das Confederações o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) realizou um observatório de oportunidades de negócios, onde mensurou o que se ganhou e o que pode ser trabalhado ainda para a Copa Fifa de 2014. E depoimentos de empresários foram excelente *feedback* de incrementos de faturamento e pontos que precisam ser melhorados, para melhor aproveitar as oportunidades de aumento de negócios por conta da realização desses eventos.

Outro estudo realizado em 2010 pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) e o Sebrae identificou 1.000 oportunidades de negócios para empresas de menor porte em 10 setores, onde resultados de ganho financeiro vêm sendo obtidos desde 2011, e onde pequenos negócios vendem mais ou passam a gerar novos negócios por conta da Copa, e já estão ocorrendo ganhos por conta dos Jogos Olímpicos.

Um bom exemplo é a empresa Boneleska, do Paraná que, por processo de licenciamento da Fifa, desenvolveu e comercializou o boné do Fuleco – que foi campeão de vendas e sucesso de público na Copa das Confederações. Um produto novo lançado por uma pequena empresa por conta do evento esportivo.

Neste sentido, o Sebrae, desde 2011, vem trabalhando com mais de 25 mil pequenos negócios, para que, preparados e informados, aproveitem esta oportunidade decorrente da Copa das Confederações que ocorreu este ano, e da Copa Fifa em 2014. Des-

de 2012, vem promovendo rodadas de negócios por conta destes dois eventos, com vendas ocorrendo de forma efetiva.

E as oportunidades não param por aí.

Talvez o maior ganho desse impulso esteja relacionado à melhoria de produtos e a serviços oferecidos à população!

O tão falado padrão FIFA nada mais é que termos oferta de produtos e serviços com padrão de competitividade internacional. E este resultado permanecerá com empresas brasileiras mais competitivas.

Além de aumento da capacidade de receber e atrair eventos, em função de instalações e serviços que passaremos a ter capacidade de oferecer.

A concorrência sadia entre cidades e locais para receberem os Centros de preparação e treinamento das equipes que virão participar da Copa Fifa é um exemplo concreto.

Todos estes ganhos e oportunidades anteriormente apontados são decorrentes de investimentos privados que vêm ocorrendo, e, em muitos casos, demandando recursos de crédito – que teve inclusive postura de oferta de bancos públicos e privados que viram também, nestes eventos, oportunidade de ampliação da oferta de serviços financeiros, como, por exemplo, a ampliação do uso de cartões de débito e de crédito.

E não fica por aí a oportunidade de ganhos!

Outro ganho, intangível e imensurável, é a visibilidade internacional que o Brasil terá por conta da transmissão dos jogos realizados no país – que irá gerar demanda por produtos e serviços do Brasil, e que com certeza atrairá pessoas que terão interesse em conhecer o país.

Ganhos para frente, ou seja, após a realização dos eventos.

Ganhos para a imagem do país, de seu povo, seus territórios, seus valores, sua cultura e com rebatimentos para empresas, produtos e serviços, e profissionais.

Ganhos para o Brasil, que poderá aparecer para o mundo pela sua diversidade, alegria, solidariedade, receptividade e qualidade em fazer.

Estes são legados que podem ser considerados imensuráveis neste momento! Transbordando negócios.

A visibilidade internacional que o Brasil terá por conta da transmissão dos jogos realizados no país irá gerar demanda por produtos e serviços do Brasil, e que com certeza atrairá pessoas que terão interesse em conhecer o país. Ganhos para frente, ou seja, após a realização dos eventos

Roberto Custódio / Jornal de Londrina

Prefeitura de Contagem



Davi Felix de Souza, gerente industrial da Boneleska - empresa lucrou com a produção do boné do "Fuleco" na Copa das Confederações



Entrega de kit esportivo para times de futebol amador em Contagem (MG); produção de material esportivo é uma atividade em expansão

Eventos esportivos demandam sempre investimentos em instalações, equipamentos, recursos humanos, e com diversas atividades de suporte, que se viabilizam com recursos de patrocínio e, em alguns casos, com captação de recursos públicos.

Investimentos que geram demandas por produtos e serviços, postos de trabalho, e que criam um ciclo virtuoso do empreendimento, com impactos sociais, territoriais, econômicos e ambientais. E que têm a capacidade de transbordar em outras demandas externas ao evento em si, em função das necessidades dos desportistas, da mídia, de torcedores e acompanhantes.

O evento esportivo envolve circulação de pessoas. E aqui está um filão de oportunidades de negócios, em alguns casos maior do que a própria implementação do evento esportivo.

Neste momento ocorre o efetivo incremento de consumo, localizado em área de influência mensurável e proporcionada pela realização dos eventos, e ela começa, em alguns casos, a ser considerada área de impacto. Exemplos disso são as áreas de *fan fest* da Fifa.

Este impacto adicional beneficia principalmente os setores de construção civil, serviços especializados, comunicação, economia criativa, transporte, logística, turismo, alimentação, artesanato, entre outros.

Estudos da OCDE já apontam que em decorrência da realização em determinados países de eventos esportivos de mobilização planetária, como Copa e Olimpíadas, podem ser percebidos incrementos de até 1% do valor do PIB. Daí o interesse de nações e patrocinadores na realização desses eventos.

Estamos falando de volumes de recursos muito grandes e que se ampliam nos desdobramentos aqui apontados, numa relação direta com o número de pes-

soas envolvidas, nas mais diversas formas. Sempre lembrando que os impactos ocorrem antes, durante e após, quando pensamos os eventos como negócios.

Oportunidade privilegiada de negócios

Eventos esportivos têm se tornado cada vez mais objeto de estudo e observação por profissionais fora da atividade do esporte em função do seu papel mobilizador de massas, e capacidade de multiplicação de seus impactos.

Atualmente, e cada vez mais, passou a ter um olhar econômico, seja em decorrência do volume cada vez maior que se aplica na sua realização, mas em especial pelo poder de transbordamento de outros negócios decorrentes e em continuidade aos eventos esportivos. Os volumes investidos em patrocínio apontam para esta capacidade de desdobramento.

E o desafio maior é que nos apropriemos destas oportunidades e que empresas e profissionais locais incorporem estes ganhos de forma permanente e sustentável pela oferta de produtos e serviços cada vez mais competitivos.

Com certeza, o esporte e os eventos esportivos são e geram bons negócios.

** Paulo Alvim é engenheiro, mestre em Ciência da Informação. Atualmente, gerente da Unidade de Acesso a Mercados e Serviços Financeiros do Sebrae Nacional*

Referências bibliográficas:

Mapeamento de oportunidades da Copa FIFA 2014 no Brasil – Sebrae – FGV, 2011

Programa Sebrae 2014 – Sebrae 2010

Entrevista com a judoca Sarah Menezes

A evolução do judô feminino brasileiro e as expectativas para a Rio2016

Ana Paula Bueno*

Com um sorriso discreto e olhar firme de uma lutadora, a jovem piauiense Sarah Menezes — primeira judoca brasileira a conquistar uma medalha de ouro nos Jogos Olímpicos de Londres, em 2012 — falou com Princípios sobre sua trajetória, os desafios de uma atleta de alto rendimento e as boas perspectivas para as Olimpíadas de 2016 no Brasil

Com um sorriso discreto e olhar firme de uma lutadora, a jovem piauiense, hoje com 23 anos, nos contou um pouco de sua trajetória, os desafios de uma atleta de alto rendimento e as boas perspectivas para as Olimpíadas de 2016 no Brasil.

Sarah disse que a motivação para sua entrada no judô se deu a partir de uma apresentação feita na escola onde estudava, quando tinha apenas 9 anos de idade. Ficou impressionada e afirma ter entrado sem pretensões no esporte, como diz: “entrei meio que por brincadeira, por esporte mesmo, gostei muito. Até porque tinha muitas crianças e muitas brincadeiras, o que fez com que eu continuasse”.

Após treinar em sua escola por quase um mês, foi para um clube de Teresina, o Serviço Social do Comércio (Sesc), onde conheceu Expedito Falcão, seu treinador até os dias de hoje. Ele apoiou a, então judoca iniciante, a participar de várias competições estaduais, nacionais e internacionais.

Já aos 15 anos, Sarah começou a treinar com adultos (acima de 20 anos) e participou de uma competição chamada *Brasileiro*, na qual quem ganhasse poderia passar por uma seletiva olímpica. Ficando entre os três melhores, no geral, ela passou a integrar a seleção brasileira. A partir disso, iniciou-se em competições internacionais e treinamentos de campo, como Pan-Americanos e Sul-Americanos.

A vaga para as Olimpíadas é definida a partir de critérios da Confederação de Judô – ser medalhista dos Jogos Pan-Americanos, e/ou obter até a quinta colocação no Mundial 2007, levaria à classificação automática da atleta –, ou seja, aqueles que obtivessem os melhores resultados se garantiriam para os Jogos Olímpicos de Pequim, 2008. À época, disputaram Sarah Menezes e Danielle Posim. Sarah ficou com o bronze em Budapeste e conseguiu sua vaga, já Danielle não conseguiu sua classificação.

Sobre competir no exterior, a judoca disse que, por um lado, à época – nas Olimpíadas de Pequim, 2008 –, foi bem tenso, duro, por ser ainda muito jovem, mas, por outro, foi maravilhoso, uma experiência inesquecível.

“Considero importantíssimo o apoio do governo federal aos atletas, como também o incentivo ao esporte no município. (...) O apoio se dá, e tem que ser assim, desde a escola no ensino fundamental”

E o fato de a equipe brasileira ser bem unida, como uma família – onde há uma torcida, apoio, fortalecimento de um pelo outro no individual –, mesmo que haja alguma competição na equipe, é muito importante não só pela pouca idade dos atletas, em geral, como também pela pressão que se sente, pela responsabilidade e por todo o trabalho empenhado.

Além do apoio da família e dos colegas atletas, outro apoio importante, tão indispensável quanto os demais, é o financeiro, pois eles precisam dedicar-se exclusivamente ao seu esporte para obterem os resultados esperados. A despeito disso, nossa campeã olímpica disse que recentemente começou a receber apoio do estado do Piauí, onde nasceu e continua vivendo, para participar das Olimpíadas de 2016. Até então, só recebia financiamento privado, de empresas diversas como: Sadia, Embratel, Concessionária da Toyota *Newland* e a Faculdade Santo Agostinho (FSA), em Teresina, onde estuda Educação Física.

Sobre essa questão, Sarah destaca: “considero importantíssimo o apoio do Estado aos atletas em particular, como também o incentivo ao esporte no município. Como no caso da minha cidade há dois centros de treinamento de judô que dão oportunidade a outras gerações de conhecerem esse esporte. O apoio se dá, e tem que ser assim, desde a escola no ensino fundamental”.

Fundamental também é o apoio do Ministério do Esporte aos atletas, possibilitando-lhes mais oportunidades, como viagens a outros países, não só para competir como para treinar, pois só assim, diz Sarah, “é possível sentirmos as adversárias; e para isso precisamos pegar no quimono delas, para daí nos avaliarmos enquanto atleta e o nosso psicológico – por ser algo que mexe muito com a gente”.

A estrutura física é outro componente indispensável, preliminar para que os atletas tenham seu espaço de treinamento. A Confederação dos Esportes proporciona um acompanhamento especializado aos atletas profissionais, com médicos, fisioterapeutas, massoterapeuta, psicólogos, nutricionistas e treinadores.

Todo esse apoio tem apresentado muitos resultados positivos ao Brasil. É visível a evolução do país nos esportes e nos resultados dos atletas, como no judô feminino. Anos atrás o judô masculino



Final da luta final de Sarah Menezes que venceu a romena Alina Dumitru na final da categoria até 48 kg. Uma conquista inédita para o judô feminino brasileiro em Jogos Olímpicos a primeira medalha de ouro do Brasil em Londres, 2012

trazia muito mais resultados que o feminino, e hoje está de igual para igual. Inclusive neste ano, no Campeonato Mundial de Judô, Rio 2013, ocorrido na capital carioca, a equipe feminina conquistou 5 (cinco) medalhas contra 1 (uma) da equipe masculina, ou seja, foi um crescimento grandioso.

A judoca destacou a ótima estrutura e a boa organização do Campeonato Mundial de Judô no Rio de Janeiro. Devido a isso, ela acredita que teremos uma estrutura brilhante para as Olimpíadas em 2016. De tal modo, ela vê com muito otimismo os jogos no Brasil e não acredita num possível fracasso dos jogos olímpicos que ocorrerão aqui, como estão tentando afirmar por aí.

Assim, afirma: “afinal de contas, já tivemos vários eventos de grande proporção aqui e todos foram altamente positivos. Faltam três anos para as Olimpíadas e ainda teremos a Copa do Mundo de Futebol, com uma excelente organização, então, acredito no sucesso total dos jogos aqui. Serão mais de 150 países participantes dos jogos olímpicos e, por todos os dados e saldos positivos, vejo que vamos vencer mais esse novo obstáculo”.

“Todos esses eventos deixarão um grande legado ao país e, assim, o esperado de tudo isso é que se dê continuidade a esse processo de crescimento esportivo no Brasil, de modo que esses megaeventos não se tornem ‘elefantes brancos’. Por essas experiências vividas no Rio de Janeiro, acredito e espero que o Brasil continue crescendo nos esportes”.

Lutadora e otimista, Sarah Menezes, encerrou sua entrevista falando das perspectivas que tem sobre a Copa e as Olimpíadas a se realizarem no Brasil nos próximos anos: “sou otimista e acho que nem as críticas feitas durante as manifestações de junho, a respeito dos investimentos que estão sendo feitos, conseguirão diminuir o sucesso esperado para esses eventos, tampouco

irão tirar as boas expectativas que temos com o crescimento do esporte nacional”.

Títulos conquistados pela judoca Sarah Menezes

	Ano
Ouro no Grand Slam de Judô em Moscou, Rússia.	2013
Ouro no Campeonato Pan-Americano de Judô em San José, Costa Rica	2013
Ouro nas Olimpíadas de Londres	2012
Campeã Mundial Junior em Amsterdã, Holanda	2008
Bicampeã Mundial Junior em Paris, França	2009
Ouro na temporada das Copas do Mundo de Madrid (Espanha) e Lisboa (Portugal) nesta, venceu todas as lutas por Ippon	2009
Bronze no Campeonato Mundial de Judô em Paris, França	2011
5ª colocada no Mundial Sênior de em Amsterdã, Holanda	2009
4ª colocada no Grand Slam de Tóquio, Japão	2009
Eleita a Atleta do Ano, pelo Comitê Olímpico Brasileiro	2009
Eleita a melhor atleta olímpica do Brasil	2009

** Ana Paula Bueno é da redação de Princípios e entrevistou Sarah Menezes no Centro Olímpico (COTP), da Prefeitura de São Paulo, no dia 26 de setembro*



A LUTA DO SINDICATO DOS METALÚRGICOS...

- fim do fator previdenciário • 40 horas semanais • contra PL 4330 da Terceirização
- recuperação da dignidade e do valor das aposentadorias

...É A MESMA DE TODOS OS TRABALHADORES E DA SOCIEDADE PARA O BRASIL AVANÇAR MAIS NAS MUDANÇAS.

- reforma política • reforma urbana • reforma tributária • democratização dos meios de comunicação • mais investimentos em saúde e educação • menos juros

Nesses 80 anos, o Sindicato dos Metalúrgicos de Caxias do Sul e Região tem estado presente nas transformações de Caxias, do Rio Grande e do Brasil.



O futebol como arte de uma nação

Osvaldo Bertolino*



Com o futebol-arte, o Brasil passou a ter aquela identidade nacional descrita por Eric Hobsbawm, que faz com que uma comunidade imaginária pareça mais real na forma de um time de onze pessoas com nome. O indivíduo, mesmo aquele que apenas torce, torna-se o próprio símbolo de sua nação.

Era uma vez o Brasil, terra de cobras e feras. Mais de feras do que de cobras. João Saldanha, o mais brilhante dos técnicos da Seleção Brasileira de futebol, quando montou o “esquadrão de ouro” de 1970 disse que cobra estava barato demais. Para ele, a maior fera é o homem. E, para ganhar a Copa, era preciso ter homens — feras em contato com o povo. “Havia aquele negócio de canarinho, ‘os onze canarinhos’, mas eu achava meio fraco para os objetivos”, disse Saldanha. Ele criou as “feras” para infundir um discurso otimista e transmitir ao time a alma do povo brasileiro. O futebol teria de ser jogado com as raízes brasileiras, e não como uma cópia europeia. Saldanha jogou por terra o mito, já forte à época, do fim da história para o futebol-arte.

Segundo o escritor Nelson Rodrigues, fã confesso de Saldanha, aquela seleção de feras desmentia os “idiotas da objetividade” — máxima cunhada por ele para definir o jornalismo artificial —, que defendiam a “velocidade burra” no lugar da arte. Saldanha provava que o futebol brasileiro autêntico, de toques, dribles e passes cadenciados, ainda era o melhor. O técnico escolheu os jogadores um a um, sem interferência de natureza política ou comercial. Com

isso, legou a oportunidade para um profícuo debate sobre a raiz e a natureza do futebol brasileiro, permeado por elementos históricos, filosóficos e sociais — sempre, obviamente, com generosas pitadas de arquibancadas.

Quando se fala em raízes, está se dizendo que a história do futebol guarda simetria com a formação do povo brasileiro, que ganhava identidade nacional quando ele chegou por aqui. Não sem razão, diversos intelectuais apostaram no fracasso do futebol no Brasil porque era um esporte trazido por ingleses grã-finos na *belle époque*. Era, como diz o escritor uruguaio Eduardo Galeano, “um produto de exportação tão tipicamente britânico como os tecidos de Manchester, as estradas de ferro, os empresários do banco Barings ou a doutrina do livre comércio”. Aonde chegava, o futebol levava com ele os modos britânicos — o uniforme, o equipamento e o vocabulário eram importados da Inglaterra.

A causa do fenômeno era o progresso trazido pelos ingleses por meio de grandes investimentos em ferrovias, em infra-estrutura urbana, em energia. No final do século XIX e começo do XX, a economia mundial viveu grandes mudanças. A tecnologia da Revolução Industrial aumentou ainda mais a produção, o que ge-

rou uma grande necessidade de mercado consumidor para esses produtos e uma nova corrida por matérias-primas. Era natural que a expansão do capitalismo difundisse os modos ingleses — entre eles o futebol.

Em outubro de 1848, uma associação de escolas reuniu-se no Trinity College, em Cambridge, e elaborou as famosas “quatorze regras de Cambridge”. Em 1863, representantes dos clubes de futebol ingleses fundaram a Football Association, a partir de uma reunião realizada na taverna Freemason’s, e redigiram um código de leis para o esporte, num total de treze itens. Essas regras sofreram sucessivas alterações até chegarem aos dezessete itens que formam hoje as leis do jogo. As regras foram aprimoradas, nasceram organizações semelhantes em outros países e no início do século XX o futebol afirmou-se como esporte de massas.

No final do século XIX, as federações inglesa, escocesa, irlandesa e galesa criaram o International Football Association Board (IFAB), responsável pelo monitoramento das leis de jogo. Em 1904, surgiu a Federação Internacional de Futebol Associado, mais conhecida pelo acrônimo Fifa, a instituição interna-

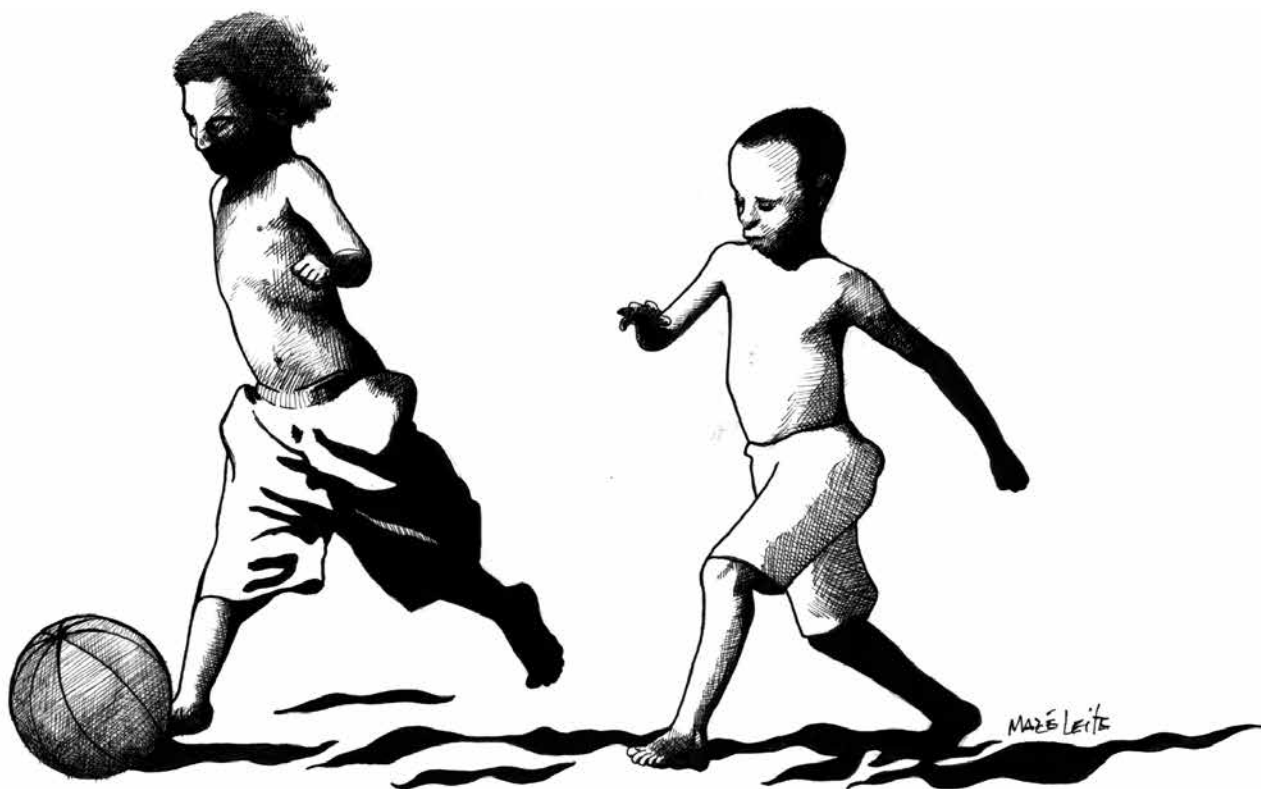
cional encarregada de dirigir o futebol, com sede em Zurique, na Suíça. A Fifa passou a integrar o IFAB em 1913 e, hoje, o International Board continua a ser o guardião das leis do futebol.

Quando os ingleses desembarcaram no Brasil, trouxeram na bagagem toda essa formulação futebolística. A elite brasileira, como observou Eça de Queiroz, logo começou a imitar os ingleses e tentou erguer barreiras para manter o povo distante da bola. Mal sabia ela que o futebol já havia conquistado ampla popularidade entre os súditos de Sua Majestade Britânica. Segundo o sociólogo britânico Stephen Wagg, muitos clubes ingleses surgiram como times de fábricas — o Arsenal, por exemplo —, ou de igrejas — como o Aston Villa. Tornado religião laica do povo, na bela defi-

nição de Eric Hobsbawm, aonde o futebol chegava ganhava simpatia das massas.

Quando o paulista Charles William Miller voltou ao Brasil em 1894, depois de passar dez anos estudando na Inglaterra — país natal de seus pais —, trouxe na mala um livro de regras da Football Association, duas bolas, uma bomba de ar, um par de

A elite brasileira,
como observou Eça
de Queiroz, logo
começou a imitar
os ingleses e tentou
erguer barreiras
para manter o povo
distante da bola



chuteiras, uma camisa do Banister Court School e outra do Saint Marys's Football Club — onde se destacara como atacante.

Aos poucos, por trem ou navio, ao transpor fronteiras a bola tornava o mundo mais redondo por diversas razões. O futebol chegou ao Brasil quando o país respirava os novos ares da Independência e da Abolição. Os primeiros chutes vistos por aqui foram de marinheiros britânicos, frequentadores habituais da costa do país — de Belém do Pará ao Rio Grande, no Rio Grande do Sul —, e logo o futebol desencadearia uma intensa luta de classes. O Colégio São Luís, de Itu (SP), por exemplo, reunia filhos dos “barões do café” e professores em animadas partidas. Outro brasileiro que trouxe a experiência do futebol a colégios foi o carioca Oscar Cox, que conhecera o esporte durante seus estudos no Collège de La Ville, em Lausane, na Suíça. Mais jovens que estudaram no exterior espalharam a prática pelo Brasil.

Os clubes começaram a surgir, inclusive entre os trabalhadores. Em São Paulo, Charles Miller promoveu o primeiro jogo em 1895, reunindo funcionários da Companhia de Gás e trabalhadores da São Paulo Railway — a maioria formada por sócios do The São Paulo Athletic Club. Já existiam cinco clubes que promoviam o futebol: o São Paulo Athletic Club, a Associação Athletica Mackenzie College, o Sport Club Germania, o Sport Club Internacional e o Club Athletico Paulistano.

Foram eles que criaram, em 1901, a primeira Liga de clubes do país, que começaria, no ano seguinte, a promover o Campeonato Paulista.

Ainda em 1901, o carioca Oscar Cox reuniu uma comitiva de futebolistas e viajou para São Paulo a fim de participar de duas partidas com um grupo paulista liderado por René Vanorden. Os dois empates — 1 a 1 e 2 a 2 —, segundo o cronista Leopoldo Sant'Ana, citado por Thomaz Mazzoni — um dos pioneiros do jornalismo esportivo brasileiro — em seu livro *História do futebol no Brasil*, de 1950, traduziram a cordialidade do encontro. “Foram verdadeiras festas ao ar livre, nas quais predominava o esporte pelo esporte, num ambiente da mais franca camaradagem”. Tudo isso sem se descuidar do “desenvolvimento físico da raça, aliado ao intercâmbio social entre a mocidade das duas grandes capitais brasileiras”.

O empate do primeiro jogo foi festejado por ambos os lados em um banquete na Rotisserie Sport, quando

um brinde foi levantado ao rei Eduardo VII, da Inglaterra, e ao presidente brasileiro, o paulista Campos Salles. O encontro serviu para dinamizar o futebol nos dois estados. No Rio de Janeiro, Oscar Cox fundou, em 1902, o Fluminense Football Club, reunindo jovens que tentavam criar na cidade um espaço para manter os novos hábitos adquiridos no exterior. No mesmo ano, nasceu o Rio Foot-ball Club, considerado o primeiro clube de futebol da capital carioca, reunindo ingleses e brasileiros sem ascendência britânica.

Mas o futebol era ainda essencialmente elitista. Ser jogador de futebol era chique. O jornalista Mário Filho, outro pioneiro da nossa literatura futebolística, diz em seu livro *O negro no futebol brasileiro* que as partidas eram presenciadas por moças maquiadas,

bem penteadas e elegantes em seus grandes chapéus emplumados, torcendo nas arquibancadas com lençinhos em suas mãos delicadas.

No gramado, os jogadores se apresentavam enfeitados com toucas de tricô e faixas de cetim. “O futebol prolongava aquele momento delicioso de depois da missa”, disse ele, na mais perfeita consonância com a etiqueta social da *belle époque*. Ao cair nas graças da juventude, era inevitável que o futebol chegasse às camadas sociais que não pertenciam aos seletos clubes e aos prestigiados colégios. Mário Filho diz que os jogadores entravam em campo, saudavam as moças nas arquibancadas, mas não repetiam seu *hip-hip-hurrah* “dian-

te da geral, onde se amontoavam os torcedores sem colarinho e gravata”.

Mas os sem-colarinho e sem-gravata logo começaram a fundar seus próprios clubes. Em 1906, a cidade do Rio de Janeiro já contava com mais de trinta deles. O Clube Regatas Botafogo, o Clube de Regatas Flamengo e o Clube de Regatas Vasco da Gama abriram suas portas ao futebol. Em São Paulo, segundo Thomaz Mazzoni, “a semente da popularidade futebolística brotou logo prodigiosamente”. “O exemplo dos estudantes e dos moços ricos do Mackenzie, Paulistano etc. não deixou indiferentes os rapazes operários dos bairros, e daí surgirem pequenos clubes em pouco tempo. Assim, se consultarmos, por exemplo, os jornais de 1903 leremos em duas ou três linhas que ‘estão combinados para hoje alguns *matches* de football’ no ponto final do Tramway da Cantareira, entre os clubes A. A. Cruzeiro Paulista x A. A. Santos Dumont e S. C. Sílvio de Almeida x S. C. Guarani”, escreveu.

No Rio de Janeiro,
Oscar Cox fundou,
em 1902, o
Fluminense Football
Club, reunindo
jovens que tentavam
criar na cidade um
espaço para manter
os novos hábitos
adquiridos no
exterior

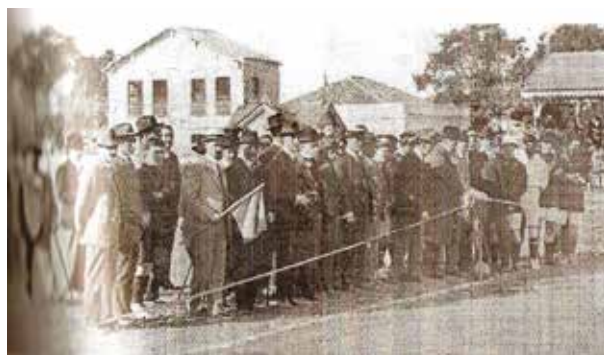
Mazzoni cita também o exemplo de Campinas, um dos polos da economia cafeeira do interior do estado de São Paulo, aonde o futebol chegou em 1897 pelos pés de estudantes do Colégio Culto à Ciência e encontrou abrigo no bairro da Ponte Preta. Ali, os rapazes limpavam uma área de terreno junto aos trilhos da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, levantaram traves feitas de bambu e passaram a jogar. “Com o passar do tempo, outros rapazes, moradores do mesmo bairro, dos bairros vizinhos e mesmo da cidade, vieram juntar-se aos primeiros e o aglomerado de adeptos do esporte bretão foi pouco a pouco aumentando, e esse desenvolvimento a todos entusiasmou. Foi quando resolveram constituir-se em associação”, escreve Mazzoni. Nascia assim, em agosto de 1900, a Associação Atlética Ponte Preta.

Thomaz Mazzoni diz que os marujos realizavam seus jogos “nos capinzais desertos do litoral norte e sul do país”. Distantes do mar, afirma, alguns obscuros e mal-documentados, como uns tais *mister Hugh* e *mister John*, um em São Paulo e outro no Rio de Janeiro, juntaram operários brasileiros e funcionários ingleses em gramados improvisados.

Nasciam também os clubes de várzea — sinônimo de futebol humilde. Mazzoni relata que por volta de 1908 as modestas equipes da Pauliceia começaram a se reunir aos domingos na vasta área da Várzea do Carmo, próximo ao centro da capital paulista. “Nos vários campos improvisados, era um suceder-se interminável de partidas”, diz ele. A prática também se expandiu para terrenos baldios da cidade e surgiram vários clubes nas periferias. O futebol explodia em todo o país e rompia as barreiras geográficas e sociais que separavam a elite e o povo.

Outro exemplo de influência da popularidade do futebol na expansão desse esporte no Brasil ocorreu no estado do Rio Grande do Sul. O antropólogo Arlei Sander Damo diz que um clube formado na cidade portuária de Rio Grande, o Sport Club Rio Grande, aproveitou-se das conexões marítimas e principalmente ferroviárias da cidade com o estado para se tornar uma espécie de sementeiro de bolas. “A ‘cosmopolita’ Pelotas, integrada ao circuito internacional das turnês culturais, foi pioneira na incorporação dos negros ao futebol de ponta — através do E. C. Brasil, primeiro campeão gaúcho — e é, ainda hoje, uma das poucas cidades do interior do Brasil onde os torcedores dividem sua predileção clubística entre os times locais, sem maiores considerações pelos da capital”, diz ele.

O futebol só chegaria a Porto Alegre em 1903, quando os riograndinos realizaram uma partida entre duas equipes do Sport Club Rio Grande. Uma semana depois, a cidade já possuía dois clubes de-



Revista Pelotas 90 anos

Pedro Luis Osório, grande benemérito e patrono do Esporte Clube Pelotas, cortou a fita simbólica na inauguração de campo em 1908

dicados ao esporte bretão — o Fuss-Ball Clube Porto Alegre e o Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense, ambos originados entre a juventude e profundamente marcados pela presença alemã.

Contudo, ainda demoraria um bom tempo para o futebol provar que tinha muito a ver com o povo brasileiro. Graciliano Ramos, em texto de abril de 1921 publicado no jornal *O Índio*, da cidade alagoana de Palmeira dos Índios, disse que o futebol não pegaria como esporte de massa no Brasil porque havia uma diferença gigantesca entre os sertanejos e os habitantes das cidades:

“As cidades regurgitam de gente de outras raças ou que pretende ser de outras raças; nós somos mais ou menos boto-cudos, com laivos de sangue cabinda e galego. Nas cidades, os viciados elegantes absorvem o ópio, a cocaína, a morfina; por aqui há pessoas que ainda fumam limba. Nas cidades assiste-se, cochilando, à representação de peças que poucos entendem, mas que todos aplaudem, ao sinal da claque; entre nós, há criaturas que nunca viram um gringo. Nas cidades há o maxixe, o tango, o fox-trote, o one-step e outras danças de nomes atrapalhados; nós ainda dançamos o samba. Estrangeirices não entram facilmente na terra do espinho. O futebol, o boxe, o turfe, nada pega.”

Eça de Queiroz também via um certo tipo de brasileiro nas cidades com pouca identidade nacional:

“No Brasil, as cidades eram cabeças de ponte do mundo moderno. Grupos urbanos procuravam aproximar-se o máximo possível dos exemplos europeus de organização econômica, estrutura social, atitudes e modo de viver. Os brasileiros se habituaram a consumir comida estrangeira, a usar remédios patenteados para curar suas moléstias, a perfumar-se com novas essências, a encher suas casas com móveis estranhos e novidades em artigos sanitários, a iluminar as casas sem o uso do óleo, a ir e a retornar da cidade mais rapidamente, a vestir-se à moda estrangeira e a adotar novos tipos de divertimentos, tudo porque os europeus davam o exemplo.”

Ele atribuía o fenômeno à ostensiva presença dos ingleses no mundo. “Estão em toda parte, esses ingleses! Porque, por mais desconhecida e inédita que seja a aldeola onde se penetra, por mais perdido que se ache num obscuro canto do Universo o regato ao longo do qual se caminhe, encontra-se sempre um inglês, um vestígio de ingleses!”, afirmou. Para ele, os confins do mundo estavam recebendo o seu *Times* ou o seu *Standart* e formando a sua opinião não pelo que viam ou ouviam ao redor de si, mas pelo artigo escrito em Londres. “A alma voltada sempre para trás, para o *home*; abominando tudo o que não é inglês, e pensando que as outras raças só podem ser felizes possuindo as instituições, os hábitos, as maneiras que os fazem a eles felizes na sua ilha do Norte”, disse.

Lima Barreto também via o futebol como coisa essencialmente estrangeira. “O futebol é coisa inglesa, ou nos chegou por intermédio dos arrogantes e rubicundos caixeiros dos bancos ingleses, ali, da Rua da Candelária e arredores, nos quais todos nós teimamos em ver lordes e pares do Reino Unido”, escreveu na obra *Feiras e Mafuás*. Para ele, era um “jogo de elite” disputado por “moços ricos” em clubes fechados que não permitiam jogadores negros.

Graciliano Ramos, Eça de Queirós, Lima Barreto e outros intelectuais interpretavam elementos do seu tempo. Na verdade, o futebol estava prestes a se transformar em patrimônio cultural do povo brasileiro. Em 1915, com a fundação da Confederação Brasileira de Desportos (CBD) — que mais tarde se transformaria na Confederação Brasileira de Futebol (CBF) —, a organização do futebol deu um salto importante no país. Nasceu ali a grande amálgama entre o sentimento nacional e a bola. A realização do terceiro Campeonato Sul-Americano de Futebol no Rio de Janeiro em 1919 fez explodir a nacionalidade futebolística brasileira.

A conquista daquele Campeonato Sul-Americano pela Seleção Brasileira, com um goloço do genial Arthur Friedenreich na final contra o Uruguai, despertou o país definitivamente para o futebol. Até o sisudo historiador Capistrano de Abreu se rendeu à crescente mobilização popular. Em carta dirigida à senhora Assis Brasil, ele no Rio de Janeiro e ela no Rio Grande do Sul, escrita às vésperas do jogo con-

tra os uruguaiois, ele disse: “O grande acontecimento desse aldeão é o foot-ball. O Brasil só tem pela frente o Uruguai. Vencerá? (...) Nunca assisti a uma partida, não posso fazer ideia de como é, e os termos técnicos soam-me aos ouvidos como a mais arrevesada das gírias; mas enquanto for independente de socorros federais ou municipais, contará com minhas simpatias incondicionais o jogo de foot-ball.”

A decisão, realizada dia 29 de maio de 1919, uma quinta-feira, às 14 horas, no novíssimo estádio do Fluminense, no bairro das Laranjeiras, fez o presidente da República, Delfim Moreira, decretar ponto facultativo nas repartições públicas da capital, enquanto os bancos e boa parte do comércio sequer abriram as portas. Ao meio dia, o bonde da Companhia Light em direção às Laranjeiras começou a circular a cada dez minutos. O estádio lotou. Os morros ao redor foram tomados pela população. A conquista do título levou os torcedores ao delírio. Era, na expressão do historiador Nicolau Sevcenko, a “descoberta de uma vocação”. Segundo ele, o jornal *O Estado de S. Paulo* publicou que “os jogadores brasileiros evidenciaram possuir as melhores qualidades que se podem desejar em ‘footballers’, qualidades que somente ele, e nenhum outro povo, reúnem todas”.

Na ocasião, o jornalista Américo R. Netto, editor da então recém-lançada revista *Sports*, anunciou o surgimento da “escola brasileira de futebol”. Segundo ele, todos os povos que jogavam futebol imitavam os ingleses, mas aos brasileiros cabia a honra e a glória de terem criado seu uso próprio, um sistema novo de jogar. O futebol já era, de fato, parte importante do movimento modernizador da nação brasileira. Mas a entrada de pobres, negros e trabalhadores em campo escandalizava os que se imaginavam donos do futebol. Tanto que ameaçaram criar regras para enquadrá-lo em seus limites dominantes.

No começo da década de 1920, a revista *Sport Ilustrado* relatou um distúrbio no campo do Botafogo de forma acentuadamente preconceituosa. “Há (...) em todos os clubs uma classe que sem fazer parte dos quadros sociais, é causa, quase que exclusiva, dos distúrbios verificados nos campos de futebol: a classe dos ‘torcedores’. Essa classe constituída em sua maior parte por indivíduos de baixa condição social,

Graciliano
Ramos, Eça
de Queirós,
Lima Barreto
e outros
intelectuais
interpretavam
elementos do
seu tempo.
Na verdade, o
futebol estava
prestes a se
transformar
em patrimônio
cultural do
povo brasileiro



Arthur Friedenreich e Leônidas da Silva: os dois primeiros gênios do futebol brasileiro

sem instrução e sem educação, não podendo, portanto, discernir com critério, a quem nada fica mal, pois a sua própria condição assim o permite. O problema é difícil, mas pode e deve ter solução, do contrário a polícia encarregará de resolvê-lo”, escreveu a publicação.

O texto dizia que a “famosa torcida” se avolumava a cada dia. E com ela o número de mal-educados. “Quem se der ao trabalho de fazer uma ligeira análise sobre esses pedidos de inscrição verificará facilmente que quanto menos elevada é a posição social de um bom jogador, quanto mais duvidoso pode ser o seu nível moral. Tanto maior o número de clubs que o inscreveram e com as circunstâncias de que esses clubs são tais que não escolhem elementos de ordem moral para os seus quadros, mas, apenas bons jogadores”, disse a revista.

A mesma publicação aplaudiu, em 1921, a decisão do presidente da Liga de Desporto Terrestre de Natal, Rio Grande do Norte, de promover “uma limpeza geral nos *teams* de club de foot ball”. “É muito melhor e mais bonito apresentar-se em campo um *team* de rapazes decentes, embora não saibam jogar, porém que tem educação esportiva e representação

no meio social, aos que se tem apresentado mal educados”, completou.

O alvo principal das discriminações era o negro. As demarcações sociais remanescentes da escravidão aparecem com nitidez quando se percorre a história do futebol, ainda que rapidamente. O livro de Mário Filho é uma referência importante, mas a imprensa da época revela, em toda a sua dimensão, o submundo do futebol daquele tempo. Já em 1907, o jornal *Gazeta dos Sports* noticiou que o Bangu Athletic Club oficiou a Liga Metropolitana dos Sports Athletics desligando-se da entidade. O motivo era um ofício da Liga comunicando que não seriam aceitos registros de “pessoas de cor”.

Uma polêmica envolvendo o Vasco da Gama e a Associação Metropolitana de Esportes Athleticos, em 1924, também mostra a força do racismo no futebol. O clube protestou contra a eliminação de doze atletas e obteve a resposta de que a Associação alimentava “a esperança de que para o futuro, elle (o Vasco) fizesse todos os esforços para constituir equipes genuinamente portuguesas,

para uma demonstração sportiva das verdadeiras qualidades dessa nobre raça secular”.

A Revolução de 1930 começaria a mudar mais radicalmente a face elitista do futebol, mas ela, ainda nos dias que correm, se mostra vez por outra. De toda forma, é significativa a constatação de que dois jogadores que seriam os maiores ídolos da “era Vargas”, Arthur Friedenreich e Leônidas da Silva, têm a marca do negro brasileiro. E que, mais tarde, dois negros, Pelé e Garrincha, lideraram o ciclo de ouro do futebol brasileiro.

A “era Vargas” abriu as portas para uma nova manifestação cultural brasileira. O reflexo disso no futebol pode ser visto nas páginas esportivas dos jornais, nos textos de Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e José Lins do Rego. No prefácio do livro *Copa Rio Branco*: 32, de Mário Filho, José Lins do Rego escreveu: “Os rapazes que nos representaram, triunfalmente, em Montevideú, eram no fundo um retrato da nossa democracia social, onde Paulinho, filho de uma família importante, se uniu ao negro Leônidas da Silva, ao mulato Gradim, ao branco Martim. Tudo feito à boa moda brasileira. Lendo este livro sobre futebol, eu acredito no Brasil, nas qualidades

eugênicas dos nossos mestiços, na energia e na inteligência dos homens que a terra brasileira forjou, com sangue diversos, dando-lhes uma originalidade que será um dia o espanto do mundo.”

O Brasil passou a ter aquela identidade nacional descrita por Eric Hobsbawm. A nascente paixão nacional ganhou impulso nas décadas 1930 e 1940, quando o futebol passou a representar uma espécie de unidade simbólica poderosa. Nos anos seguintes, o Santos de Pelé e o Botafogo de Garrincha apresentaram ao mundo as credenciais da verdadeira arte futebolística brasileira. A conquista da Copa de 1958 selou definitivamente o encontro do futebol brasileiro com a arte. E em poucas sociedades uma competição esportiva específica assumiu as dimensões que a Copa do Mundo assumiu no Brasil. “Hoje, com a nossa impecabilíssima linha disciplinar no Mundial, verificamos o seguinte: o verdadeiro, o único inglês, é o brasileiro”, afirmou Nelson Rodrigues, fazendo um contraponto às palavras dos intelectuais que viam o futebol como coisa de Vossa Majestade.

Ninguém sintetizou melhor o futebol brasileiro daqueles tempos do que Nelson Rodrigues em sua clássica crônica sobre a famosa partida entre Santos e Milan pelo mundial interclubes. “O que procuramos no futebol é o drama, é a tragédia, é o horror, é a compaixão. E o lindo, o sublime na vitória do Santos é que atrás dela há o homem brasileiro, com o seu peito largo, lustroso, homérico”, escreveu. À alusão a teoria clássica do drama, estabelecida por Aristóteles, Nelson Rodrigues agregou que a vitória do Santos valeu pela vitória do homem brasileiro.

O cronista aplicou a mesma lógica quando interpretou o significado do “escrete nacional” defendendo as cores brasileiras nas competições internacionais. Para ele, nessas ocasiões a pátria se apresenta em calções e chuteiras. Na sua ideia, o que está implicado é o sentido moderno da palavra nação. Ou seja: uma comunidade política que, para existir, precisa ser corporificada por signos que representem os laços de pertencimento e solidariedade.



O Santos de Pelé e o Botafogo de Garrincha apresentaram ao mundo as credenciais da verdadeira arte futebolística brasileira

Nelson Rodrigues entendia que o “escrete” fazia a nação se realizar plenamente. Em uma crônica de 1970, por exemplo, ele afirmou que os jogos da seleção são as únicas ocasiões “em que todos se lembram do Brasil, em que 90 milhões de brasileiros descobrem o Brasil”. E provocou: fora as esquerdas, que acham o futebol o ópio do povo, todos os outros brasileiros se juntam em torno da seleção. O “escrete”, nas competições internacionais, era o “mito” da nação brasileira, revelando por intermédio dele as qualidades do agente representado, o homem brasileiro.

Essa formulação começou a se desenvolver com a conquista da Copa do Mundo de 1958, quando – segundo Nelson Rodrigues – a seleção brasileira venceu o complexo de vira-latas. Ele não menciona, mas é preciso considerar alguns aspectos já então incorporados ao futebol brasileiro — como a criação de um estilo próprio de jogar. A influência de elementos da cultura negra, como o samba e a

Foto: Jean Nascimento



Pintura de Nerival Rodrigues



capoeira, era uma marca da identidade do mencionado “homem brasileiro”. Em outra crônica, Nelson Rodrigues elegeu o negro Didi como símbolo da vitória brasileira de 1958 — antes, o brasileiro era bom de bola, mas “frouxo como homem”.

Com a conquista, não era só a imagem de Didi que se transformava. Mas, sobretudo, a imagem que o brasileiro fazia de si próprio. “A partir desse mundial, o brasileiro começa a ter uma nova imagem de Didi. Repito: passa a ver Didi como um homem de bem. Pois nós sabemos que nenhum escreta levanta um campeonato do mundo sem extraordinárias qualidades morais. De nada adianta o futebol se o homem não presta. O belo, o comovente, o sensacional do triunfo de ontem está no seguinte: foi, antes de tudo, o triunfo do homem”, escreveu. Pelé e Didi mostraram em campo, além de virtuosos da bola, ser também bravos, sérios e responsáveis como os europeus.

Essa mesma definição ganhou formas mais sofisticadas quando o Brasil conquistou o bicampeonato mundial em 1962. As magistrais atuações de Garrincha fizeram Nelson Rodrigues dizer que ele havia jogado um futebol lúdico e dionisíaco. Em uma crônica antológica, na qual comenta o jogo final contra a Tchecoslováquia, Nelson Rodrigues se concentra nos minutos finais, quando Garrincha, depois de dar um espetáculo em campo, parou diante de alguns adversários:

“É de arrepiar a cena. De um lado, uns quatro ou cinco europeus, de pele rósea como nádega de anjo; de outro lado, feio e torto, o Mané. Por fim, o marcador do brasileiro, como única reação, põe as mãos nos quadris como uma briosa lavadeira. Num simples lance isolado, está todo o Garrincha, está a todo o brasileiro, está a todo o Brasil. (...) O homem do Brasil entra na história com um elemento inédito, revolucionário e criador: a molecagem. Aqueles quatro ou cinco tchecos, parados diante de

Mané, magnetizados, representavam a Europa. Diante de um valor humano insuspeitado e deslumbrante, a Europa emudecia, com os seus túmulos, as suas torres, os seus claustros, os seus rios.”

As crônicas de Nelson Rodrigues não são teses produzidas com a objetividade do trabalho acadêmico. São parte do mundo do futebol, escritas no calor dos fatos comentados. Os leitores eram as mesmas pessoas que iam aos estádios, que acompanhavam os jogos, que conversavam sobre futebol. Elas integram muito mais com a realidade do que a predominância das ideias acadêmicas de maior circulação. O antropólogo Roberto Da Matta, por exemplo, no ensaio *Futebol: ópio do povo ou drama de justiça social?* afirma que o futebol no Brasil é uma “metáfora da própria vida”, uma “dramatização” em que a sociedade representa seus dilemas.

Do mesmo modo, Anatol Rosenfeld, no artigo *O futebol no Brasil*, considera o futebol uma forma de “expressão simbólica”, ou “representação organizada”, em que a sociedade brasileira expia impulsos e tensões da vida social por meio de um processo de catarse. São formulações que descartam o modo como os sentidos associados ao futebol pelo imaginário coletivo brasileiro são produzidos.

Não há dicotomia entre academia e arquibancada, mas a essência do “homem brasileiro” descrito por Nelson Rodrigues tem muito mais a ver com o futebol como arte de uma nação, o motivo principal de sua enorme popularidade no país.



** Osvaldo Bertolino é jornalista, editor do Portal Grabois e colaborador da* *Princípios*

Pelé



Cem canções falam seu nome. Aos dezesse-
te anos foi campeão do mundo e rei do
futebol. Não tinha vinte anos quando o go-
verno do Brasil o declarou tesouro nacional
e proibiu sua exportação. Ganhou três campeo-
natos mundiais com a seleção brasileira e dois
com o Santos. Depois de seu gol número mil, con-
tinuou somando. Jogou mais de mil e trezentas
partidas, em oitenta países, uma partida atrás da
outra em ritmo de pancadaria, e fez quase mil e
trezentos gols. Uma vez deteve uma guerra: a Ni-
géria e Biafra fizeram uma trégua para vê-lo jogar.

Vê-lo jogar bem valia uma trégua e muito mais.
Quando Pelé ia correndo, passava através dos
adversários como um punhal. Quando parava, os
adversários se perdiam nos labirintos que suas
pernas desenhavam. Quando saltava, subia no ar
como se o ar fosse uma escada. Quando cobrava
uma falta, os adversários que formavam a barre-
ira queriam ficar de costas, de cara para a meta,
para não perder o golão.

Nasceu em casa pobre, num povoado remo-
to, e chegou ao cume do poder e da fortuna, on-
de os negros têm a entrada proibida. Fora das
canchas, nunca doou um minuto de seu tempo
e jamais uma moeda caiu de seu bolso. Mas os
que tivemos a sorte de vê-lo jogar, recebemos
dele oferendas de rara beleza: momentos des-
ses tão dignos de imortalidade que a gente pode
acreditar que a imortalidade existe.

EDUARDO GALEANO, "Futebol ao sol e à sombra"

Entrevista

Cafu: a bola une os países!

Por Osvaldo Bertolino*



Divulgação

Cafu com a taça conquistada pela Seleção Brasileira em 2002: 100% Jardim Irene

No começo da noite de 29 de outubro de 2013, um dos maiores jogadores da história conversou com Princípios sobre o papel social do esporte, especialmente o futebol. Durante quase uma hora de conversa ele passou por sua história, falou dos seus projetos sociais e comentou a importância da realização da Copa do Mundo de 2014 no Brasil

Marcos Evangelista de Moraes nasceu em 7 de junho de 1970, em plena Copa do Mundo, no dia em que o Brasil ganhou da Inglaterra por um a zero, gol de Jairzinho. Naquele momento a enfermeira arriscou um chute: Nasceu um jogador de futebol! E acertou — aquele bebê que acabara de vir à luz seria um dos maiores jogadores da história do futebol, capitão da Seleção Brasileira. “Eu já nasci com um DNA de futebol, um DNA de Seleção Brasileira”, constata Marcos.

Os primeiros chutes aconteceram no Jardim Irene, bairro da Zona Sul paulistana. Depois Marcos passou por clubes da região, como o Juventude, o Guarani e o Vasquinho, e chegou ao Nacional da Comendador Sousa, ao Itaquaquecetuba e foi ser profissional no São Paulo Futebol Clube. Jogava na ponta direita e, segundo seus companheiros, lembrava Cafuringa, jogador do Fluminense, do Rio de Janeiro, que fez história na posição. Foi rebatizado com o nome de Cafu, com o qual ficaria famoso.

No São Paulo, começou a ser treinado por Telê Santana, o técnico que dirigiu a Seleção nas Copas de 1982 e 1986. A fome se juntou à vontade de comer, na síntese de Cafu, porque um gostava de dar treino e outro adorava treinar. Passou da ponta direita para a lateral direita, a pedido do técnico, e de lá não saiu mais.

Essa lenda do futebol recebeu *Princípios* na sua sala repleta de troféus, medalhas, chuteiras, camisas autografadas e outras lembranças de uma carreira reconhecidamente vitoriosa. A imponência do espaço reservado em sua casa no luxuoso Residencial Alphaville 2, em Barueri, nas imediações da cidade de São Paulo, impressiona.

Logo na entrada da sala, uma camisa de mangas longas da Seleção Brasileira, caprichosamente emoldurada, se destaca e chama a atenção pela dedicatória de Pelé ao “irmão” Cafu. Cada objeto ali “tem uma história, um porquê”. Na parede, as camisas lembram passagens por São Paulo, Palmeiras, Juventude, Zaragoza (Espanha), Roma, Milan (Itália), Itaquaquecetuba (um dos seus primeiros clubes em São Paulo)... Uma do Brasil, relíquia do jogo número cem de Cafu vestindo o manto da Seleção Brasileira, também está autografada pelo “irmão” Pelé.

Ele se ajeitou na cadeira e começou a falar da Fundação Cafu, que tem uma “história bastante

interessante”, iniciada por inspiração nos pais que “viviam ajudando instituições”. Trajando camiseta da Fundação, ele se empolga a cada dado que apresenta. “A Fundação Cafu, por incrível que pareça, não é uma escolinha de futebol. Muita gente confunde. O nosso foco e a nossa missão é 100% inclusão social. Fazer com que as crianças se incluam na sociedade com mais igualdade”, comenta, demonstrando a satisfação pelos resultados com seu riso fácil.

O custo de tudo isso? Ele explica que faz parcerias com várias empresas. “Fora disso, quando falta é o próprio Cafu que acaba bancando, colocando do seu bolso para dar sequência aos projetos”, diz, recorrendo à terceira pessoa do singular para enfatizar até onde vai a sua dedicação. Segundo ele, são atendidas 750 crianças, de 3 a 17 anos, com cursos profissionalizantes e reforço escolar.

Ele segue explicando: “Por exemplo, nós temos curso de cabeleireiro, que é feito pelo Instituto Embelleze, um colaborador mensal; temos o curso de corte e costura, que é profissionalizante; o curso de informática, que também é profissionalizante; o curso de grafite, também profissionalizante; e o curso de inglês, que vira um curso profissionalizante.” Tem ainda brinquedoteca, biblioteca, canto, dança, coral, consultório odontológico,

sala multimídia... “É uma Fundação completa e ampla, com espaço para que as crianças realmente possam expressar suas inteligências”, resume.

Cafu explica que a Fundação presta contas ao Ministério Público, demonstrando que é uma instituição “seríssima”. “Então, eu acho que o governo federal, sem sombra de dúvida, poderia valorizar um pouco mais essas instituições que realmente trabalham para o bem das crianças. Nós trabalhamos com um único objetivo. Tanto que nosso *slogan* é ‘alimentando sonhos’. Trabalhamos alimentando os sonhos das crianças que não têm oportunidade”, detalha. Segundo ele, o governo poderia mandar pessoas sérias vistoriar todas as fundações. “Por exemplo: a Fundação Cafu existe há 11 anos, trabalhando no mercado, formando cidadão para o mundo”, enfatiza.

Ele eleva o tom da voz para dizer que poderia muito bem estar sentado à beira de um lago, ou em cima de um barco pescando, e não estar nem aí com o que acontece no mundo. Mas volta à realidade rapidamente, lembrando que tem 750 crianças precisando de dinheiro. “Infelizmente, dependemos das

O nosso foco e a nossa missão é 100% inclusão social. Fazer com que as crianças se incluam na sociedade com mais igualdade



Cafu concedeu a entrevista a *Princípios* em sua sala de troféus

para que possamos dar sequência ao nosso trabalho”, lamenta.

Se em sua época existisse a Fundação Cafu muitos dos seus amigos não teriam sido perdidos para o mundo do crime. “Não teria perdido tantas meninas para o mundo da prostituição, não teria perdido tantos amigos, hoje mortos, outros na cadeia, outros em cadeira de rodas, porque não tínhamos oportunidade para expressar a nossa inteligência. A gente vivia na rua. Então, esse é um dos motivos de eu ter montado a Fundação lá no bairro do Jardim Irene”, diz.

Ao falar de si mesmo, Cafu fica encabulado. “O Cafu é este cara que você está vendo aqui. Gosto de ajudar as pessoas. Sou um cara de família humilde, pobre, mas digna. Uma coisa que meu pai sempre me ensinou foi ter dignidade, honestidade, para andar de cabeça erguida. Eu sou aquele mesmo Marquinho do Jardim Irene. Claro, a vida me deu oportunidade para que eu pudesse mudar a minha qualidade de vida”, comenta.

Quando fala dos pais, falecidos há quatro anos, demonstra emoção. “E quem assumiu a responsabilidade de gerir toda a família fui eu”, emenda, tentando mudar de assunto. O irmão mais velho, Marcelo, é o presidente da Fundação Cafu. O Maurício é subsecretário de esportes de Barueri. O Mau-

ro é o gerente do seu escritório. A Margarete é a secretária. A Mara toma conta da casa...

Pai de Danilo (24 anos), Wellington (23) e Michele (22); avô da Yasmin (1 ano) e do Gabriel (2 meses), Cafu é o recordista de jogos pela Seleção Brasileira, com 148 partidas. Fez parte das equipes vencedoras de 1994 e 2002, e das que disputaram as Copas de 1998 e 2006. É o único jogador na história do futebol a ter entrado em campo em três finais de Copa. Em 1994, foi eleito pelo jornal uruguaio *El País* o melhor jogador da América.

Antes de se firmar como jogador profissional, Cafu passou por nove “peneiras” — seleção de jovens promovida pelos clubes — sem sucesso. Na Copa de 2002, foi o capitão do Brasil e imortalizou o amor à esposa, proclamando: “Regina, eu te amo!”. Na camisa, escreveu a frase “100% Jardim Irene”, lembrando e imortalizando o bairro onde nasceu.

Ao falar da realização da Copa do Mundo no Brasil, Cafu se emociona. “Ah, vai ser fantástica! Olha, pena que a idade já passou, meu *timing* já deu, se não eu disputaria a Copa do Mundo em nosso país. Para quem disputou quatro Copas, participar de uma aqui no nosso glorioso país ia ser uma coisa maravilhosa. O Brasil hoje tem capacidade e vai fazer uma das Copas jamais vistas por todo o mundo. Muita gente

está criticando, falando da nossa infraestrutura, do nosso país... Você vai ver. Nós vamos fazer uma Copa do Mundo da qual todos vão sair do Brasil elogiando. Se vai ganhar ou não é outro discurso, mas que vamos fazer uma Copa do Mundo fantástica, vamos!”

Segundo ele, a Copa vai coroar a imagem do Brasil como o país do futebol, do samba, do carnaval. “Um país completo! O Brasil é um país completo! Nós temos tudo! E quando se fala de futebol, carnaval e samba, e agora Copa do Mundo, coisa que não vemos há 50 anos, então eu acho que a sinergia dessa Copa veio no momento certo. Vem num momento em que o Brasil está numa ascensão muito boa e o povo está confiante em relação a nosso país. Essa Copa do Mundo vai deixar não só os estrangeiros, mas o povo brasileiro muito feliz”, analisa.

Cafu contabiliza, também, a elevação do nível de conhecimento do povo, que procura se especializar para receber os turistas. “Isso tudo é o legado da Copa do Mundo. A infraestrutura dos nossos aeroportos e do transporte está melhorando, o serviço de saúde também, nossos estádios estão ficando maravilhosos. A Copa do Mundo vai acabar, mas isso vai ficar para nós, brasileiros. É disso que o povo brasileiro tem que se conscientizar. Que a Copa do Mundo não é da Fifa, não é do estrangeiro; a Copa do Mundo é do Brasil, é nossa. Somos nós que vamos usufruir disso tudo. Então, o legado que vai ficar é muito maior do que o prejuízo que pode ter uma Copa do Mundo no país”, comenta.

Ele vê ainda uma boa oportunidade para melhorar a estrutura do futebol brasileiro. Cafu lembra que os atletas lutam por esse objetivo há tempos. “Caramba! O Brasil é o único país pentacampeão do mundo! É o único país que tem três capitães vivos. Por que os outros países, profissionalmente falando, têm de ser melhor do que nós? Porque não podemos ser melhor do que todo mundo? Imagine se nós profissionalizarmos a coisa, com um calendário mais acessível, jogos menos pesados, atletas mais descansados para melhorar o rendimento físico dentro de campo. Acho que isso seria fantástico!”, afirma.

Para ele, o futebol vive um momento especial na passagem dos 150 anos de existência, do qual o Brasil têm motivos especiais para comemorar. “Eu vejo esse momento com a maior felicidade do mundo. São 150 anos de futebol, 73 anos de Pelé e 80 de Garrincha, o Zagallo, uma lenda do futebol, que ainda está vivo... Acho que temos que aproveitar e

homenagear essas pessoas enquanto estão vivas. Só o Brasil tem isso, esse celeiro de craques. Você tem dez craques para cada posição. Você tem pessoas que são idolatradas. O futebol brasileiro é idolatrado no mundo. O Pelé onde vai é idolatrado. Foi o jogador do século. Quer dizer: só nós brasileiros temos isso tudo!”

Sobre o favoritismo para o título da Copa de 2014, ele diz, em tom de chiste, que apenas o Brasil está no páreo. “Os favoritos são Brasil, Brasil e Brasil”, pilheriou. “E esse favoritismo nós conseguimos conquistando a Copa das Confederações. Isso deu certa credibilidade à Seleção Brasileira e uma confiança a mais para o povo. Fez com que o povo brasileiro confiasse mais na Seleção. Mas, à parte agora as brincadeiras, eu acho que temos grandes seleções que poderão enfrentar o Brasil de igual para igual. A própria Argentina é uma seleção fantástica. Holanda,

Alemanha, Itália, Inglaterra, Espanha são seleções de tradição, que já foram campeãs e podem dar trabalho para a Seleção Brasileira”, analisa.

Cafu comentou também as manifestações de junho, para ele uma ação louvável e justa. “As democráticas, não o vandalismo”, ressalva. “A manifestação é legal, é viável, nós temos de concordar, desde que ela seja com um objetivo. Vamos fazer uma manifestação para pleitear o quê? Qual o nosso objetivo? Não fazer por fazer! Simplesmente para demonstrar que o nosso país não tem governo. Mentira! Temos governo, temos nossa política, nossas leis. E as manifestações, quando têm essa bagunça, essa baderna, dão a impressão de que é isso (não tem governo). Mas não é. Então, temos que realmente fazer manifestações e pleitear aquilo que temos direito”, comenta.

O momento, na opinião de Cafu, é propício para as manifestações também a favor de melhorias no futebol. Segundo ele, seria necessária uma ampla união de forças para a busca desse objetivo. Ao comentar o assunto, Cafu volta a se empolgar. “Eu acho que tinha de juntar todo mundo nas federações, nos palácios, ou aqui em casa, ou num boteco, ou num campo de futebol. Todo mundo falar o mesmo idioma, falar a língua do futebol. O futebol para a guerra. Uma bola de futebol une países. O poder que tem a bola de futebol é muito grande. Talvez vocês não tenham noção, não tenham ideia, do que uma bola de futebol é capaz de fazer. A bola de futebol agrada a criança, o irmão, o pai, o tio, a vó, o vô, o idoso, o político, o papa, o muçulma-

O Brasil hoje tem
capacidade e vai
fazer uma das Copas
jamais vistas por
todo o mundo

no, o budista, o macumbeiro, o crente, o católico... Une todo mundo!”

Ao comentar esse assunto, Cafu parece tomado pelo entusiasmo de quando deu seus primeiros chutes. “Difícilmente você verá uma pessoa que não gosta de uma bola de futebol. Então, se nós uníssemos todas as categorias e falássemos assim: Gente, vamos modernizar o futebol brasileiro! O que se precisa fazer para que o futebol brasileiro possa ser maior ainda do que é? Poxa, acho que seria fantástico! Mas isso não cabe só a nós atletas. Tinha que ser uma coisa de conjunto. Do governo, da CBF, dos atletas, dos torcedores, dirigentes de clubes... Fazer com que realmente nosso futebol se transformasse em um dos maiores do mundo, além do que já é”.

Cafu demonstra o mesmo entusiasmo em suas atividades profissionais — ele está envolvido com a promoção da Copa, trabalhando com sua empresa de eventos Footwise, especializada em futebol, que lançou o projeto “Brasil – um país, um mundo”. A identidade brasileira, celebrada por meio do futebol, é o centro do projeto, concebido pela Footwise e coordenado pela agência Mix Brand Experience, com a chancela do Ministério do Esporte. No lançamento, na cidade de São Paulo, também estavam presentes Pelé, o embaixador do Brasil para a Copa de 2014; Carlos Alberto Torres, o capitão do tri no México em 1970; e o ministro do Esporte, Aldo Rebelo.

O projeto percorre as 12 cidades-sede da Copa do Mundo e vai até junho de 2014. Cada exposição fica entre 30 e 40 dias em cada uma delas. A ideia também foi apresentada por Cafu ao presidente da Embratur (Instituto Brasileiro de Turismo), Flávio Dino, em 6 de junho de 2013. Ele explicou que o objetivo é despertar o orgulho dos brasileiros em relação à sua pátria e ao privilégio de sediar o evento esportivo mais importante do planeta, deixando, assim, um forte legado para cada brasileiro.



Cafu ao lado de um de seus troféus: a camisa da seleção com dedicatória de Pelé

O futebol para a guerra. Uma bola de futebol une países. O poder que tem a bola de futebol é muito grande

Flávio Dino elogiou a iniciativa. “Com a proximidade do Mundial de 2014, temos que intensificar ainda mais a promoção do Brasil nos países vizinhos. Uma das possibilidades é levar a mostra para os países onde serão realizadas as próximas edições do *Goal to Brasil* (série de eventos idealizada pela Embratur para promover internacionalmente os atrativos turísticos das cidades-sede da Copa do Mundo), em eventos que poderão ocorrer simultaneamente”, afirmou.

Cafu informou que o projeto vai além do futebol. “‘O Brasil – um país, um mundo’ tem o intuito de renovar e atualizar a imagem do país, mostrando a todos nossa evolução política, econômica e industrial, nossa relevância cada vez maior como potência global, a beleza única de nossas cidades e do nosso território”, afirmou. “É de extrema importância que possamos fazer ações conjuntas com a Embratur, já que temos o mesmo objetivo, que é divulgar o Brasil para o mundo”, destacou.

** Osvaldo Bertolino, editor do portal Grabois e colaborador da Príncípios, entrevistou o ex-jogador Cafu na residência do atleta em Alphaville, São Paulo. Colaborou: Cezar Xavier.*

Se o apoio de uma pessoa já faz tanta diferença, imagine o de milhões.

Com a Lei de Incentivo ao Esporte, todo cidadão que faz a declaração completa do imposto de renda pode ajudar o esporte brasileiro a crescer ainda mais. É só escolher o projeto beneficiado, fazer o depósito bancário no valor de até 6% do imposto devido e pronto. Mesmo que a declaração só seja entregue ano que vem, é importante definir a doação ainda em 2013. Apoiar o esporte é mais simples do que você imagina. E o seu incentivo faz toda a diferença. Acesse esporte.gov.br/leilncentivoEsporte e saiba mais.

Ministério do Esporte. Formando um Brasil vencedor.



Ministério do
Esporte







A agenda do Brasil na Copa

Pedro Trengrouse Laignier de Souza*

O povo brasileiro quer participar da Copa ativamente e não simplesmente assistir aos jogos como se fosse em outro país. O Brasil é o país do futebol e da biodiversidade e não pode perder a oportunidade de aproveitar a Copa como ferramenta para suas ações ambientais e instrumento eficaz para o desenvolvimento do futebol brasileiro, que hoje já contribui significativamente para o arranjo produtivo nacional e pode – se melhor administrado – gerar ainda mais empregos, renda e alegria para o Brasil



A agenda da Federação Internacional de Futebol (Fifa) na Copa do Mundo não é necessariamente a mesma do Brasil. Sediando o maior evento de futebol mundial é um grande desafio, que não pode se resumir apenas ao atendimento das exigências da Fifa e a intervenções em infraestrutura de estádios, transportes, rede hoteleira, segurança pública e, é claro, numa seleção de jogadores altamente competitiva.

As manifestações populares que aconteceram no Brasil durante a Copa das Confederações aumentaram ainda mais a importância de uma agenda brasileira que aproveite a Copa do Mundo em defesa dos interesses nacionais.

Embora pesquisas feitas pelo Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (Ibope) apontem que 70% dos brasileiros querem a Copa do Mundo no país e apenas 5% das pessoas que foram às ruas protestar disseram ser contra os gastos públicos com a Copa, é nítido que governo, Fifa e patrocinadores ficaram assustados. O maior sinal disso é de que não houve sequer uma campanha publicitária festejando o enorme sucesso que foi a Copa das Confederações.

Todos emudeceram diante dessas manifestações, que evidenciaram fragilidades de um evento privado, que depende fundamentalmente de investimento público, e até agora não consolidou iniciativas capazes de transcender a agenda da Fifa e concretizar seu enorme potencial de transformação social e mobilização popular.

O Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil é de R\$ 4,4 trilhões e todos os investimentos previstos na Matriz de Responsabilidades da Copa – que congrega as obras que o governo julga relevantes para o evento – estão na ordem de R\$ 25 bilhões, destinados às mais diversas intervenções em áreas prioritárias de infraestrutura e serviços, como, por exemplo, aeroportos, mobilidade urbana, segurança, turismo, saúde e telecomunicações.

Diante destes números, é evidente que não houve nenhum contingenciamento no orçamento público noutras áreas em razão da Copa. O Programa de Aceleração do Crescimento II (PAC 2), por exemplo, investiu R\$ 557,4 bilhões em infraestrutura até junho deste ano e, embora ainda aquém dos padrões recomendados pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), os recursos aplicados em educação e saúde quase triplicaram nos últimos 10 anos, com os investimentos em políticas sociais chegando a R\$ 656 bilhões em 2012.

A rigor, no que diz respeito à Copa, essenciais mesmo são os estádios, cujos custos totais estão em R\$ 7 bilhões, divididos em R\$ 3,7 bilhões financiados pelo BNDES; R\$ 2,7 bilhões a cargo dos governos locais; e R\$ 612 milhões em investimentos privados. São nove estádios públicos e três privados e, ainda assim, considerando que os financiamentos do BNDES devem ser pagos pela operação privada das arenas, os investimentos públicos diretos representam menos de 40% do total.

E mais, não é verdade que estejam mais caros que nas últimas Copas. O estádio mais caro do Brasil (Mané Garrincha, em Brasília) custou pelo menos três vezes menos que Wembley e, segundo estudo de uma Organização Não-Governamental (ONG) dinamarquesa, os custos médios por assento no Brasil estão no mesmo patamar de USD 5 mil que Japão, Coreia e África do Sul, pelo menos 20% menores do que Green Point e Sapporo Dome, por exemplo.

Os novos estádios serão muito mais utilizados pelo futebol brasileiro que pela Fifa. Conforme dados coletados pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) em 2009, para subsidiar a atuação da Secretaria Nacional do Futebol do Ministério do Esporte, o futebol movimentava, à época, R\$ 11 bilhões/ano e gerava 370 mil empregos no Brasil, mas poderia mo-



Divulgação

Arena-Estádio de Wembley, em Londres, onde foram investidos cerca de US\$ 1,5 bilhão

O estádio mais caro do Brasil custou pelo menos três vezes menos que Wembley e, segundo estudo de uma ONG dinamarquesa, os custos médios por assento no Brasil estão no mesmo patamar de USD 5 mil que Japão, Coreia e África do Sul, pelo menos 20% menores do que Green Point e Sapporo Dome, por exemplo

vimentar R\$ 62 bilhões/ano e gerar 02 milhões de empregos, principalmente com esta modernização dos estádios e os ajustes significativos no calendário, gestão e governança dos clubes.

O BNDES é, atualmente, o maior banco de desenvolvimento do mundo, superando inclusive o Banco Mundial em volume de operações. Desde 2008, quando as sedes da Copa do Mundo no Brasil foram anunciadas, o BNDES desembolsou no total mais de R\$ 700 bilhões em financiamentos diversos. Trocando em miúdos, o investimento nos estádios representa muito pouco diante dos grandes números do banco, que poderia ousar bem mais para promover o desenvolvimento do futebol brasileiro enquanto atividade econômica relevante para o arranjo produtivo nacional e para a identidade cultural brasileira.

Um estudo da FGV mostra que a Copa pode quintuplicar o total de aportes no evento. Além dos recursos previstos na Matriz, a competição deve injetar R\$ 112,79 bilhões na economia brasileira, movimentando o total de R\$ 142,39 bilhões adicionais entre 2010 e 2014, com a geração de 3,63 milhões de empregos/ano e R\$ 63,48 bilhões de renda para a população. Ainda assim, é preciso enxergar o evento na perspectiva global da economia brasileira.

A maioria das obras relacionadas à Copa é realmente essencial para melhorar a infraestrutura do país. O Brasil é o país do futebol e já precisava de melhores estádios para desenvolver seu pleno poten-

cial de geração de emprego e renda. O maior legado da Copa do Mundo para o Brasil seria mesmo uma profunda transformação no futebol brasileiro. Não seria razoável colocar problemas nacionais crônicos na conta da Fifa. Por outro lado, também não é razoável deixar que a Fifa se aproveite da boa vontade brasileira sem que contribua decisivamente para a solução de problemas que estejam ao seu alcance.

O país do futebol

Com dimensões continentais, economia pujante e organizador da próxima Copa do Mundo, o Brasil tem vocação para ser o laboratório da excelência no futebol mundial. A Fifa, a Confederação Brasileira de Futebol e o governo precisam estar sintonizados para promover iniciativas fundamentais ao desenvolvimento do futebol brasileiro, aproveitando esse momento especial da Copa.

A gestão anterior da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) encontrou a entidade completamente falida, a seleção brasileira desacreditada, um calendário totalmente desorganizado e o Clube dos 13 – União dos Grandes Clubes do Futebol Brasileiro

– pronto para assumir a gestão das suas competições com o sucesso da Copa União em 1987.

Desde então, a seleção brasileira ganhou o maior número de títulos de sua história, as finanças da CBF se estabilizaram com receitas consideráveis e o Campeonato Brasileiro, que até 2002 nunca havia sido disputado dois anos seguidos com o mesmo formato, se consolidou e já comemora 10 anos de sucesso, contando hoje com quatro divisões.

Esta nova gestão da CBF encontra, portanto, um quadro totalmente diferente da anterior e precisa estabelecer uma nova agenda para o futebol brasileiro, assumindo sua responsabilidade como catalisadora de transformações estruturais, promovendo um verdadeiro choque de gestão, individual e coletivo, principalmente agora que os clubes se encontram enfraquecidos política e financeiramente.

A dissolução do Clube dos 13 aumenta ainda mais a responsabilidade da CBF, que passa a ser a única entidade capaz de liderar com legitimidade as discussões coletivas sobre calendário, Timemania, carga tributária, Lei de Incentivo ao Esporte, modelos comerciais para propriedades coletivas etc., compatibilizando interesses muitas vezes distintos como, por exemplo, os que tocam às Federações Estaduais e aos grandes clubes.

Aliás, cabe o registro: mesmo se o Clube dos 13 ainda existisse ou houvesse alguma Liga no Brasil, a CBF ainda estaria à cabeceira, como inclusive ocorre na Europa, onde o único membro permanente das Ligas é a respectiva Federação Nacional, com direito a veto e monopólio jurisdicional incontestável.

Os clubes brasileiros precisam mais do que nunca da liderança da CBF principalmente porque, além dos ajustes em sua própria gestão e governança, é fundamental repensar melhor o calendário de atividades do futebol brasileiro e sul-americano.

O Brasil tem 783 clubes de futebol e apenas 100 possuem atividade o ano inteiro. Em média, os 683 clubes que formam a base da pirâmide do futebol brasileiro jogam apenas 4,5 meses/ano. Esta atrofia impede o desenvolvimento pleno desse esporte no

O Brasil tem 783 clubes de futebol e apenas 100 possuem atividade o ano inteiro. Em média, os 683 clubes que formam a base da pirâmide do futebol brasileiro jogam apenas 4,5 meses/ano. Esta atrofia impede o desenvolvimento pleno desse esporte no país, com um custo de oportunidade em torno de R\$ 600 milhões/ano e 25 mil empregos na economia brasileira

país, com um custo de oportunidade em torno de R\$ 600 milhões/ano e 25 mil empregos na economia brasileira.

Enquanto isso, os grandes clubes do país sofrem com o excesso de jogos que os impede de competir com clubes europeus, não raro culpando campeonatos estaduais que, em muitos casos, são mais lucrativos que competições da Confederação Sul-Americana de Futebol (Conmebol).

A agenda do século passado trouxe a Copa do Mundo para o Brasil, com a CBF rica e os clubes pobres. É inadmissível pensar que Fifa, o governo e a CBF não aproveitem todo esforço para organizar a Copa do Mundo no Brasil de modo que possam enfrentar juntos os desafios do futebol brasileiro no século XXI, que são muito maiores e começam por otimizar o calendário, fortalecer os clubes e campeonatos estaduais, modernizando a gestão e a governança do futebol brasileiro.

O país da biodiversidade

É evidente que preparar e sediar uma Copa do Mundo causa, inevitavelmente, um considerável impacto ambiental, a começar pelo aumento das emissões na atmosfera de *Green House Gases* (GHG), causadores de efeito estufa.

Na Copa do Mundo de 2006, o Comitê Organizador, o Ministério do Meio Ambiente da Alemanha e o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA) estabeleceram um compromisso para medir o impacto ambiental gerado pela Copa e desenvolveram inicia-

tivas capazes de neutralizar o equivalente a 100 mil toneladas de CO₂.

Este compromisso foi batizado de Gol Verde e custou 1,2 bilhão de euros em iniciativas para, por exemplo, promover o uso responsável da água, com a utilização de águas pluviais e a instalação de micrótórios secos nos estádios; o reaproveitamento e a reciclagem de materiais, com a utilização de copos retornáveis e coleta seletiva de lixo nos estádios; o transporte favorável ao meio ambiente, com o planejamento do transporte público e o incentivo à utilização de meios coletivos; o uso eficiente de energia,



Divulgação

O estádio Arena Amazônica tem um projeto de construção sustentável, com sistema de reaproveitamento de água, estação de tratamento de esgoto e baixo consumo de energia. E, ainda, terá vaga para 400 automóveis em estacionamento subterrâneo.

com o desenvolvimento de sistemas de gerenciamento; e a utilização de energia solar nos estádios. A África do Sul manteve este compromisso, aproveitando a experiência da Alemanha e reforçando a mensagem: “Esporte e Meio Ambiente caminham de mãos dadas”.

Além das estratégias de mitigação e compensação dos impactos ambientais implementadas com sucesso em 2006, a África do Sul tentou trabalhar programas sobre paisagismo e biodiversidade, que incluíam o treinamento de mão de obra especializada com foco em práticas e processos sustentáveis como, por exemplo, a compostagem da matéria orgânica proveniente da coleta seletiva dos estádios; o desenvolvimento de um código de responsabilidade e conduta para os visitantes e toda a cadeia produtiva do turismo; e a construção de um EcoCentro onde seria possível demonstrar formas práticas de vida sustentável.

Segundo estudo do Comitê Organizador Local da Copa do Mundo da África do Sul, realizado em parceria com o governo da Noruega, o impacto ambiental da Copa de 2010 foi estimado em 2.753.250 toneladas de CO₂.

A agenda do Brasil na Copa deve ter como uma das prioridades a questão ambiental

A discrepância entre as 100 mil toneladas de CO₂ que se neutralizaram na Alemanha explica-se porque lá não foram consideradas emissões geradas por viagens de avião, que corresponderam a 67% das estimativas.

O Brasil, assim como a África do Sul, está distante dos grandes centros mundiais e não possui malha ferroviária ligando as sedes – bem distantes entre si –, o que aumentará consideravelmente o uso do transporte aéreo e, consequentemente, a emissão de gases causadores do efeito estufa.

Em 2014, o torcedor que quiser assistir a jogos em Porto Alegre e Manaus – as duas sedes mais distantes – fará uma escala em Brasília, pois não há voo direto – e causará mais do que o dobro de emissões de CO₂ que seria emitido por quem voasse entre as duas sedes mais distantes em 2010, Cidade do Cabo e Nelspruit.

O custo total para neutralizar as emissões na África do Sul ficaria em torno de R\$ 66 milhões. Esse valor, que será ainda maior no Brasil, não assusta se comparado com o volume de recursos relacionados à Copa. A agenda do Brasil na Copa deve ter como uma das prioridades a questão ambiental.

O povo na Copa

Ainda em 2010, a Fifa já tinha conseguido levantar mais dinheiro para a Copa do Mundo no Brasil em 2014 que para a Copa do Mundo da África, que aconteceria naquele mesmo ano. Só em 2011, a Fifa arrecadou com a Copa do Mundo no Brasil cerca de R\$ 2 bilhões e a previsão é de que consiga mais de R\$ 8 bilhões no ciclo 2010-2014.

As principais fontes de receitas para que a Fifa consiga tanto dinheiro com a Copa do Mundo são os direitos de transmissão, vendidos para TVs do mundo inteiro, e as cotas de patrocínios compradas por grandes empresas multinacionais, como, por exemplo, AmBev, Coca-Cola, Adidas, Sony, Hyundai, Visa, Itaú, McDonalds, Seara, Oi, Johnson & Johnson etc.

Estima-se que as TVs e os patrocinadores ainda invistam valor semelhante ao que pagam à Fifa para ativar suas propriedades na Copa do Mundo com publicidade, promoções e eventos próprios.

E apesar de tudo isso, quem mais coloca dinheiro na Copa do Mundo de 2014 é o governo, e muitas vezes sem considerar o custo de oportunidade.

Será que este mesmo investimento em outros setores traria melhores resultados?

Na mesma linha do que fazem os patrocinadores para ativar seus direitos comerciais, será que o governo deveria fazer algum investimento adicional para aproveitar ao máximo todas as oportunidades da Copa do Mundo com uma agenda própria diferente da Fifa?

Como resolver esta equação: cerca de 03 milhões de ingressos, metade destinada aos patrocinadores e os demais à venda no mundo inteiro, para 200 milhões de brasileiros apaixonados por futebol e ansiosos pela Copa do Mundo no Brasil?

Em outros países, a solução encontrada para viabilizar a participação de um número cada vez maior de pessoas nessas competições é a realização de eventos de exibição pública dos jogos, aliada com uma série de shows e outras atividades de entretenimento. A Copa do Mundo da Alemanha em 2006 é um ótimo exemplo disso, com cerca de 3 milhões de pessoas nos estádios e 18 milhões nos eventos de exibição pública organizados pelo governo.

Em 2012, na Eurocopa, realizada pela União das Federações Europeias de Futebol (UEFA, sigla em inglês) na Ucrânia e na Polônia, 1,4 milhão de torce-

dores assistiu aos jogos nos estádios enquanto mais de 7 milhões de pessoas festejaram nos *Fan Fests*. Em Varsóvia havia a capacidade de 100 mil torcedores por dia e em Kiev o show de encerramento foi de ninguém menos que Elton John, para 85 mil pessoas.

A questão é que a Copa da Fifa não é, necessariamente, a Copa do Povo e, embora os eventos de exibição pública dos jogos sejam ferramentas importantíssimas para inclusão social e segurança pública na Copa, indispensáveis ao controle das multidões e palcos para

a promoção da cultura nacional, a previsão da Fifa é de organizar apenas 12 eventos gratuitos, porém cercados, um em cada cidade-sede.

É muito pouco! Ainda mais considerando que no Brasil há duas condicionantes muito relevantes: o forte interesse nacional pelo futebol e a vocação natural para eventos de massa de Norte a Sul do país, como, por exemplo: carnaval, micaretas, São João, *Reveillon*, Parintins, rodeios, exposições agropecuárias, Rock in Rio, Alzira Brandão etc.

Prova disso é que a Fifa reconheceu que a *Fan Fest* da Praia de Copacabana, que reuniu 600 mil pessoas com a melhor infraestrutura de todas, deveria ser a referência para 2014.

Com o devido planejamento e o poder de mobilização do futebol no país, os eventos de exibição pública dos jogos podem ser o símbolo da Copa 2014. A pergunta é: Quem deve ser responsável por isso?

Enquanto os estádios são prioridade para a Fifa, os eventos de exibição pública devem ser prioridade para o poder público, que está pagando a maior parte da conta da Copa e, da mesma forma que os patrocinadores fazem, precisa investir um pouco mais para “ativar” todo esse investimento e garantir uma agenda para seus próprios interesses.

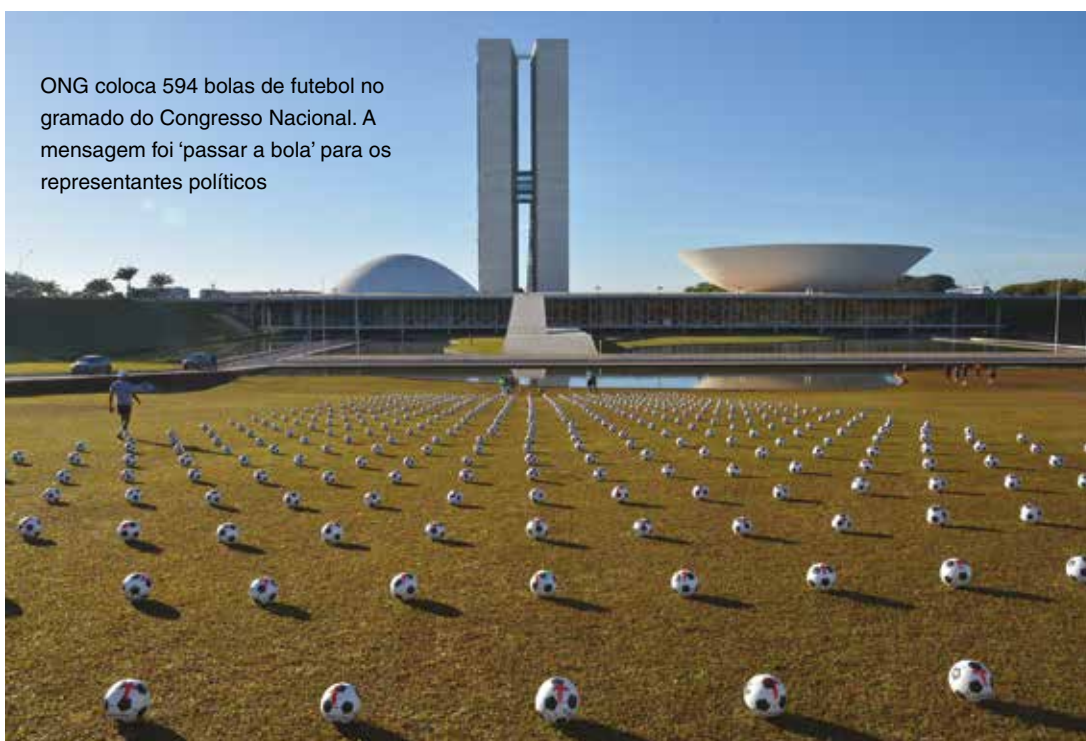
O povo brasileiro não pode pagar a conta da Copa e ficar de fora da festa.

Com o devido planejamento e o poder de mobilização do futebol no país, os eventos de exibição pública dos jogos podem ser o símbolo da Copa 2014. A pergunta é: Quem deve ser responsável por isso?

** Pedro Trengrouse é advogado, mestre em Humanities, Management and Law of Sports – FIFA Master, membro da Comissão Jurídica do Clube dos 13 e consultor da ONU/PNUD a serviço do governo federal para questões legislativas do desporto, em especial relacionadas à Copa do Mundo FIFA 2014 e ao futebol brasileiro. Também é membro da Comissão de Estudos Jurídicos do Conselho Nacional do Esporte e coordenador acadêmico do curso FGV/ FIFA/CIES em Gestão, Marketing e Direito no Esporte*

O Congresso Nacional no centro das decisões sobre grandes eventos

Valadares Filho*



ONG coloca 594 bolas de futebol no gramado do Congresso Nacional. A mensagem foi 'passar a bola' para os representantes políticos

Agência Brasil

A realização da Copa do Mundo de 2014 no Brasil é um compromisso que exige das instituições representativas do povo, como o Congresso Nacional, medidas condizentes com a magnitude do evento. Assim como outros acontecimentos que mudaram a face da nação, a Copa do Mundo já é um grande feito brasileiro. E o conjunto da legalidade que está sendo criado para ele é uma demonstração de compreensão profunda da institucionalidade do país para a sua importância histórica



Audiência pública na Câmara debate os planos e programas do Ministério do Esporte

trutura e de natureza fiscal decorrentes da responsabilidade por sediar os jogos, os grandes movimentos de turistas, as mobilizações nas grandes metrópoles. Muitos movimentos têm sido feitos pelos que jogam nas posições decisórias, seja no Executivo federal, nos estaduais ou no Congresso Nacional. Tudo segundo as regras do jogo democrático, e sujeito ao controle rígido de bandeirinhas e juízes, postados tanto na Controladoria-Geral da União, como no Tribunal de Contas da União como em todo o Judiciário. E, em todos os momentos, sob os

olhares de uma torcida atenta a todos os lances.

Mas, antes de falar dos embates que tornaram possível o Brasil como sede de tantos eventos mundiais importantes, é preciso lançar mão de um pouco de memória. Um povo sem memória não faz história. E nós, brasileiros, precisamos usar o passado como fonte de reflexão para o futuro.

Na memória política e cívica nacional repousam ainda os ecos dos grandes acontecimentos que mobilizaram as paixões, em torno de grandes projetos. Foi assim, por exemplo, com a construção da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), em 1941, quando Getúlio Vargas deu o passo decisivo para a industrialização do país, rompendo com o absurdo que era exportar minério bruto e importar trilhos, por exemplo. Não foi uma questão pacífica. Assim como não foi pacífica

a transferência da Capital para o Centro-Oeste, iniciada em 1956; pelo contrário, foi um embate que muito custou a Juscelino Kubitschek e a seus aliados. E, ainda que não se pudesse manifestar-se livremente, como hoje é possível, também foram acalorados os debates em torno da construção de Itaipu, iniciada em 1973. Não tem sido sem embates, também, a transposição do rio São Francisco. E não seria diferente com a reconstrução dos estádios nacionais mais emblemáticos para sediar a Copa das Confederações, este ano, e a Copa do Mundo de Futebol, em 2014.

Os brasileiros não inventaram o futebol, isso é certo. Mas isso não nos impediu de tornar o Brasil o país do futebol, pela maestria com que jogam nossos atletas mundo afora, e pela quantidade de campeonatos mundiais já ganhos. Já as olimpíadas remontam

aos gregos. O que não nos impede de competir, onde quer que estas se realizem, e de buscar medalhas olímpicas e paralímpicas.

Sendo o país do futebol, não nos cabe a primazia de sediar as Copas do Mundo. Mas não estamos impedidos de fazê-lo, como já ocorreu em 1950, e como o faremos em 2014. Mas de 1950 para os dias de hoje, muitos gols foram feitos, e outros tantos agarrados. Entretanto, o tempo não deixou de corroer as estruturas de estádios-símbolo do orgulho nacional, como é o caso do Maracanã. E o Brasil já é outro. De país rural passamos a predominantemente urbano; de uma primazia do Sudeste e Sul, passamos a ter maior equilíbrio regional – em 1950, no Nordeste, apenas Recife foi sede de um jogo.

Para nos candidatar-mos a sediar a Copa das Confederações, Copa do Mundo de Futebol, a Jornada Mundial da Juventude e as Olimpíadas de 2016, o Brasil competiu com outros países. E, para tornar-se viável, assumiu compromissos. Compromissos esses que passaram pelo Congresso Nacional, a fim de que este aprovasse as políticas de infraes-

Na memória política e cívica nacional repousam ainda os ecos dos grandes acontecimentos que mobilizaram as paixões, em torno de grandes projetos



Mídia Ninja

Mas o que têm de comum e de distinto em todos esses empreendimentos? Primeiro de tudo, ninguém pode negar que eles mobilizaram muitos recursos e também as paixões nacionais. Mas nem todos ocorreram em momentos de livre debate e com o poder decisório passando pelo Congresso Nacional, pela representação da cidadania. Ainda que com apoio expressivo dos nacionalistas, Getúlio Vargas criou a CSN por decreto. JK, por sua vez, contava com uma Câmara e um Senado democraticamente eleitos. Quando da construção de Itaipu, foi impossível manifestar oposição, pois o país estava sob uma ditadura. Para a transposição do São Francisco, temos tido debates – ainda não concluídos e bastante acalorados. Claro que não poderia ser diferente em relação às grandes obras para os megaeventos de futebol e das Olimpíadas, em 2016. Mas qual a diferença? A cidadania tem-se manifestado de maneira vigorosa, seja pelas manifestações nas ruas, seja pela palavra de seus representantes no Congresso Nacional, seja pelo eco na mídia e nas redes sociais.

Por termos deputados e senadores que ouvem o clamor das ruas, e por termos mídias livres é que o

debate assumiu as proporções vistas. Parabéns para a cidadania, para a democracia e para as políticas de desenvolvimento.

Em parte, os questionamentos referentes à construção dos estádios, da infraestrutura de mobilidade urbana e de aeroportos vieram em função da aplicação de recursos advindos de um banco público, o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES); em parte, porque alegavam que tais recursos poderiam ser mais bem aplicados, se direcionados a outros empreendimentos. Talvez tenham alguma razão. Mas não toda.

No portal de transparência www.portaltransparencia.gov.br podem ser visualizadas as responsabilidades de cada um, no que diz respeito aos financiamentos. Isso porque para o Brasil receber a Copa do Mundo de Futebol em 2014 foram firmados compromissos

para a realização de obras e empreendimentos nas cidades-sede dos jogos. Tais compromissos têm o objetivo de melhorar a mobilidade urbana e as instalações de estádios e arenas esportivas. Como todos podemos ver, tais ações já estão sendo levadas adiante por meio de parceria entre os governos

A cidadania tem se manifestado de maneira vigorosa, seja pelas manifestações nas ruas, seja pela palavra de seus representantes no Congresso Nacional, seja pelo eco na mídia e nas redes sociais

federal, estaduais e municipais; outras têm até a participação de clubes de futebol.

Nesse mesmo portal, podem ser vistos os desembolsos já realizados pela Caixa Econômica Federal, pelo BNDES, pelo Banco do Nordeste do Brasil (BNB), pelo Banco do Brasil, e pelo Banco do Estado do Rio Grande do Sul S.A. (BANRISUL).

Tomando apenas um desses agentes, o BNDES, verificamos que os empréstimos se destinaram não apenas à reforma, à reconstrução e à adaptação de estádios, mas também para a construção e adaptação de hotéis, passando pelo financiamento de sistemas viários para mobilidade urbana. Na primeira categoria, encontramos a reforma e adaptação do Mineirão, em Belo Horizonte (MG); da Arena Multiuso Pantanal, em Cuiabá (MT); do Castelão, em Fortaleza (CE); da Arena da Amazônia, em Manaus (AM); da Arena das Dunas, em Natal (RN); da Arena Pernambuco, em Recife (PE); da reforma do Maracanã, no Rio de Janeiro (RJ); do Estádio Fonte Nova, em Salvador (BA); do Complexo Esportivo Curitiba, em Curitiba (PR); e do Beira Rio, em Porto Alegre (RS).

Também com recursos do BNDES, na categoria mobilidade urbana, para obras de adequação viária e obras de acessibilidade, foram destinados recursos para Cuiabá e Belo Horizonte. Sem esquecer que a Caixa Econômica atuou em outras cidades, como Fortaleza, Brasília, Curitiba, Porto Alegre e Recife.

Na categoria desenvolvimento turístico, ainda com empréstimos do BNDES, para hotéis, receberam recursos empresas que operam em Natal, Recife, Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo.

No mundo inteiro, nem mesmo nos Estados Unidos, chamados de berço do capitalismo, o Estado tem deixado de intervir, quando se trata de induzir o crescimento econômico. Após a grande depressão econômica, de 1929-1930, o governo daquele país passou a investir pesadamente. Tanto é assim que, de uma participação de 3% no Produto Interno Bruto (PIB), em 1930, o governo passou a contribuir com 9%, no final daquela década.

No Brasil, certamente não teria havido o desenvolvimento observado desde Vargas se não fosse a intervenção do Estado. Para mencionar outro evento de peso, recorremos à criação do Banco Interamericano de Desenvolvimento. Ele não existiria se não fosse a conhecida Operação Pan-Americana, iniciada por JK, que levou à criação do Banco em 1959, para proporcionar financiamentos ao desenvolvimento econômico, social e institucional dos países da região, bem como promover a integração continental.

Sua versão nacional, o BNDES, havia sido criada em 1952, justamente com o propósito de formular e executar nossa política nacional de desenvolvi-

to. Sua atuação – e seus recursos – foi crucial para a afirmação do projeto nacional de industrialização, para a criação da potência agropecuária que hoje é o Brasil, e assim por diante. A participação do BNDES no financiamento dos grandes empreendedores das grandes obras sempre ocorreu. Assim sendo, a construção e adequação da infraestrutura necessária à realização dos megaeventos esportivos também contam com empréstimos do BNDES, que serão pagos pelos tomadores destes.

E qual a correlação entre a CSN, de 1941, a industrialização, de 1952, a construção de Brasília, Itaipu e os grandes eventos de 2013 a 2016? A necessidade da inversão de grandes capitais, o que só pode ser feito por grandes corporações. Para financiar a CSN, o Eximbank norte-americano só liberou o empréstimo motivado pelo engajamento do Brasil, entre os aliados, na Segunda Guerra Mundial. Mas desde a década de 1950, nosso país aprendeu a lição, criando sua própria fonte de financiamento de grandes empreendimentos essenciais à sua infraestrutura e a seu desenvolvimento.

O mais importante é constatar que todos os debates passaram pelo Congresso Nacional que, de maneira translúcida, recebeu os projetos, debateu-os, emendou-os, sempre ouvindo a cidadania.

Foram intensos os debates em torno da Medida Provisória nº 584, de 2012, convertida em projeto, votada e sancionada como Lei nº 12.780, de 2013. Essa lei dispõe sobre medidas tributárias referentes à realização, no Brasil, dos Jogos Olímpicos de 2016 e dos Jogos Paraolímpicos de 2016.

Outro projeto de lei que animou o debate foi o PLC 10, de 2012, que dispõe sobre as medidas relativas à Copa das Confederações, Fifa 2013 e à Copa do Mundo, Fifa 2014. A norma inclui também a já realizada Jornada Mundial da Juventude.

Mas a aprovação desses dois projetos principais repercutiu de tal maneira que outros foram apresentados em sua esteira, como é o caso do Projeto de Lei nº 107, de 2012, Complementar, que dispõe sobre a isenção do Imposto Sobre Serviços (ISS) de qualquer natureza, de competência dos municípios e do Distrito Federal, à Federation International de Football Association (FIFA) e a outras pessoas, para fatos geradores relacionados com a Copa das Confederações, Fifa 2013 e com a Copa do Mundo, Fifa 2014. Ainda em tramitação, essa proposição complementa as medidas anteriores para incentivar os empreendedores nacionais.

Também em tramitação está o Projeto de Lei do Senado nº 451, de 2012, que pretende alterar a lei já aprovada (a Lei nº 12.663, de 05 de junho de 2012), a fim de aperfeiçoá-la; o Projeto de Lei do Senado nº 728, de 2011, que define crimes e infrações admi-

nistrativas com vistas a incrementar a segurança da Copa das Confederações, Fifa 2013 e da Copa do Mundo de Futebol de 2014, além de prever o incidente de celeridade processual e medidas cautelares específicas, bem como disciplinar o direito de greve no período que antecede, e durante, a realização dos eventos.

Outra proposição anterior às aprovadas, mas embalada pelo espírito de participação do Congresso Nacional nas medidas que impactam o país, o turismo e a cidadania, é o Projeto de Lei do Senado nº 394, de 2009, que dispõe sobre a utilização de espaços publicitários, denominações, bandeiras, lemas, hinos, marcas, logotipos e símbolos relativos à Copa do Mundo de 2014 e à Copa das Confederações de 2013, assim como a organizadores, mantenedores dos direitos da FIFA, das seleções e dos atletas participantes.

Para lidar com a fiscalização da aplicação de recursos públicos destinados à Copa do Mundo de Futebol de 2014 e aos Jogos Olímpicos e paraolímpicos de 2016, está tramitando o Projeto de Lei do Senado nº 480, de 2009.

A fim de dar caráter inclusivo aos benefícios concedidos aos empreendedores está tramitando o Projeto de Lei do Senado nº 506, de 2011, no qual se estabelece que, para a fruição dos benefícios fiscais relativos à realização da Copa das Confederações de 2013, da Copa do Mundo de 2014 e dos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos, Rio-2016, a pessoa jurídica deverá destinar o percentual mínimo de 5% (cinco por cento) dos seus encargos a pessoas com deficiência.

O primeiro teste sobre a adequação dos serviços de infraestrutura para a Copa de 2014 e para as Olimpíadas de 2016 já foi feito, com base na Copa das Confederações e na Jornada Mundial da Juventude.

Existem, ainda, ajustes a serem feitos. E fiscalizar é papel de entidades públicas, como os órgãos de controle estaduais ao TCU, passando pela Controladoria-Geral da União até chegar ao Congresso Nacional, que é a instância máxima de fiscalização.

No <http://www.portaltransparencia.gov.br> estão todas as informações acerca da preparação para os grandes eventos. Ao acessá-lo, todos podemos tomar conhecimento das especificidades da matriz de res-

The screenshot shows the 'Portal da Transparência' website with a 'COPA 2014' banner. A table titled 'Financiamentos por Cidade-sede' is displayed, showing financial data for various cities. The table has columns for 'Cidade sede', 'Valor previsto', and 'Valor realizado'. The data is as follows:

Cidade sede	Valor previsto	Valor realizado
Belo Horizonte	1.400.000.000	100.000.000
Brasília	300.000.000	3.000.000
Curitiba	100.000.000	100.000.000
Porto Alegre	400.000.000	200.000.000
Recife	100.000.000	100.000.000
Salvador	100.000.000	100.000.000
São Paulo	1.000.000.000	100.000.000
Fortaleza	100.000.000	100.000.000
Manaus	100.000.000	100.000.000
Sumo	100.000.000	100.000.000

Portal da Transparência disponibiliza todas as informações acerca da preparação para os grandes eventos

“Tudo estamos fazendo, concomitantemente à realização das obras, para fiscalizar o bom emprego dos recursos públicos”

ponsabilidade. Essa matriz está dividida em tópicos, como Telecomunicações, Segurança, Integração de Instituições e Sistemas, Controle dos Pontos de Entrada, Segurança do Evento, Segurança Aeronáutica, Segurança – Exército; Segurança – Marinha, Segurança – Estado-Maior, Conjunto das Forças Armadas; e também matrizes em cada uma das cidades-sede dos jogos.

Na Comissão de Turismo e Desporto da Câmara dos Deputados, temos feito acompanhamento de perto de tudo o que tem sido feito. Da análise dos relatórios parciais do TCU às visitas técnicas aos estádios e a obras de infraestrutura à realização de audiências públicas, tudo tem sido feito para que a cidadania – por intermédio da TV Câmara, Rádio Câmara e de veículos análogos do Senado Federal – tenha acesso a todas as informações.

Como se diz no jargão, o jogo só acaba após as prorrogações dos 45 minutos do segundo tempo. Mas o jogo da preparação ainda está em andamento e não termina com as prorrogações. Tudo estamos fazendo, concomitantemente à realização das obras, para fiscalizar o bom emprego dos recursos públicos. E esperamos que, junto com a fiscalização atenta da cidadania, o legado da Copa e das Olimpíadas de 2016 perdure por muitas e muitas décadas, em proveito do esporte brasileiro, da juventude, da inclusão social e da melhoria da mobilidade urbana.

** Valadares Filho é deputado federal pelo PSB-SE, presidente da Comissão de Turismo e Desporto da Câmara dos Deputados.*

A luta gera o conhecimento.
O conhecimento gera a luta.

O CONHECIMENTO É LIBERTADOR

O Sindicomerciários se orgulha de
lutar lado a lado de uma revista
que há mais de 30 anos, promove
o conhecimento e amplia a luta por
um mundo mais justo e igualitário.



Rua Garibaldi, nº 370, Centro . Caxias do Sul . RS . 54 3221.6711
www.sindicomerciariorios.com



Projeto Goal To Brasil, da Embratur, leva informações sobre o Brasil para jornalistas e agentes de turismo estrangeiros

O impacto turístico dos megaeventos no Brasil

A Embratur prevê que os megaeventos serão peça fundamental para que o país alcance marcas inéditas no turismo internacional, como a entrada de 7 milhões de turistas estrangeiros no Brasil já no ano de 2014 e a importante marca de 10 milhões de turistas em 2020

Flávio Dino* e Leandro Garcia**

A realização de diversos grandes eventos mundiais em sequência no Brasil trará inúmeros benefícios tangíveis e intangíveis para a economia, o turismo e para a sociedade brasileira. Estes benefícios passam principalmente pelo ganho de imagem gerado pela enorme exposição do país no exterior, mas também pela receita direta advinda dos gastos dos turistas, brasileiros e estrangeiros, que movimentarão a economia do país durante os eventos, além de todo o impacto na cadeia produtiva nacional decorrente de tais gastos, promovendo desenvolvimento econômico e social nas diversas regiões do Brasil.

O sucesso econômico dos grandes eventos no país fica evidenciado através dos resultados de pesquisas feitas pela Embratur (Instituto Brasileiro de Turismo) durante os eventos, que serão expostos neste artigo, juntamente com um breve relato do histórico dos megaeventos sediados pelo país.

1. Copa das Confederações

Em 15 de junho de 2013 iniciou-se a Copa das Confederações no Brasil, torneio que serviu como preparação para a realização da Copa do Mundo no ano seguinte. A Copa das Confederações é um even-

to organizado a cada quatro anos pela Federação Internacional de Futebol Associado (Fifa™), que também é responsável pela Copa do Mundo de Futebol. Contando atualmente com a participação de oito seleções, sendo uma de cada região do mundo, mais a campeã mundial e a do país-sede, a Copa das Confederações tornou-se um sucesso de audiência e de público desde o seu início, transformando-se em um dos campeonatos mais importantes do calendário das seleções nacionais de futebol. Esse sucesso se traduziu em grande exposição midiática mundial e em grandes públicos nos estádios.

Foi com este histórico que a Copa das Confederações desembarcou no Brasil neste ano. E a participação da torcida brasileira na competição foi equivalente à paixão pelo futebol existente no país. Foram estabelecidas grandiosas marcas de público na competição, tanto nos estádios quanto em audiência televisiva. Apenas nos dezesseis jogos do torneio, 804.659 torcedores compareceram às arenas, consolidando a marca de 50.291 torcedores por jogo, segunda melhor marca da história do evento, atrás apenas da Copa das Confederações realizada no México em 1999, que teve média de 60.625 torcedores.

Dentre os mais de 800 mil torcedores que assistiram aos jogos, cerca de 20 mil eram turistas estrangeiros, que vieram ao Brasil para apoiar suas seleções. Outros quase 250 mil eram brasileiros de outros estados e/ou regiões que se movimentaram dentro do país para acompanhar o torneio. Toda essa movimentação dentro do país proporcionou um maior dinamismo econômico às cidades envolvidas pelo incremento no consumo de produtos e serviços incluídos na cadeia do turismo, como passagens aéreas, reservas em hotéis ou outras acomodações, gastos em restaurantes, bares, *shoppings centers*, táxis, transporte público, entre outros.

De acordo com a Fifa, o sucesso turístico e midiático alcançado pela Copa das Confederações de 2013 no Brasil, com a exposição de diversas regiões do país em audiências recordes do torneio, configurou-se principalmente como um benefício intangível para o país: são impactos duradouros que irão perdurar positivamente no longo prazo, porém não podem ser quantificados em termos de valores monetários.

A primeira pesquisa a respeito da movimentação econômica dos megaeventos mostrou que os impactos positivos do evento superaram todas as expectativas e trouxeram um grande dinamismo à economia brasileira

Para que fosse possível calcular os impactos econômicos tangíveis dos megaeventos no Brasil, a partir da Copa das Confederações de 2013, a Embratur realizou pesquisas no setor, com o objetivo principal de quantificar a efetiva movimentação econômica e seu consequente impacto no desenvolvimento econômico e social do Brasil gerado pelos turistas, brasileiros e estrangeiros, que se deslocaram entre as cidades, hospedaram-se nas diferentes sedes, e consumiram diversos produtos e serviços em todo o país.

Desta forma, a primeira pesquisa a respeito da movimentação econômica dos megaeventos mostrou que os impactos positivos do evento superaram todas as expectativas e trouxeram um grande dinamismo à economia brasileira.

Os resultados desse estudo mostram que, somente nos 16 dias do evento, houve um impacto econômico total de R\$ 855.593.147,01 da Copa das Confederações ao país, originado dos gastos diretos dos turistas nacionais e estrangeiros e das delegações da Fifa™, que somaram em sua totalidade R\$

452.694.786,78. E houve efeitos indiretos destes gastos nas cidades brasileiras, através da movimentação de toda a cadeia produtiva do turismo, que totalizou um impacto adicional de R\$ 402.898.360,23 ao país, conforme demonstrado na Tabela 1 (pág. 102).

O cálculo foi efetuado com base nos dados relativos ao gasto médio *per capita*, divulgados pela pesquisa *Características do Público Geral e da Demanda Turística Internacional*, feita durante a Copa das Confederações pelo Ministério do Turismo e pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe), com turistas nacionais e estrangeiros, enquanto os efeitos indiretos foram estimados a partir do impacto médio calculado em eventos anteriores. O número de turistas brasileiros e estrangeiros em cada jogo foi avaliado a partir dos números disponibilizados pela Fifa™ sobre vendas de ingressos por localidade do torcedor.

Todos esses números comprovam que a Copa das Confederações foi um evento de grandes proporções, que proporcionou diversos benefícios econômicos e sociais ao Brasil, ajudando o país a consolidar um caminho de desenvolvimento socioeconômico sustentável, demonstrando a capacidade do turismo em diminuir as desigualdades sociais e regionais.

Tabela 1

Impacto econômico direto, indireto e total da Copa das Confederações 2013, por origem do turista

	Turistas (estim.)	Gasto per Capita (médio)	Efeitos Diretos	Efeitos Indiretos	Efeitos Totais
Turistas Estrangeiros	20.912	R\$ 4.060,09	R\$ 84.904.602,08	R\$ 75.565.095,85	R\$ 160.469.697,93
Turistas Brasileiros	248.874	R\$ 1.196,55	R\$ 297.790.184,70	R\$ 265.033.264,38	R\$ 562.823.449,08
<i>Gastos FIFA (efeitos diretos e indiretos)</i>					R\$ 132.300.000,00
<i>Efeitos diretos e indiretos da Copa das Confederações</i>					R\$ 855.593.147,01

2. Jornada Mundial da Juventude

No ano de 1985, o Papa João Paulo II instituiu a Jornada Mundial da Juventude, um evento da igreja católica que, a partir de então, passou a reunir milhões de pessoas no mundo todo. O evento é um chamamento para que os jovens celebrem a fé católica, para que conheçam melhor a sua doutrina e para que construam pontes de amizade e esperança entre continentes, povos e culturas, além de compartilhar entre si a vivência da espiritualidade.

A JMJ, como é conhecida, é celebrada a cada dois ou três anos na data especial do Domingo de Ramos, e tem duração de cerca de uma semana, em que se promovem eventos da igreja católica como catequeses, adorações, missas, momentos de oração, palestras, partilhas e shows, em diferentes idiomas.

E, em 2011, a cidade do Rio de Janeiro confirmou a sua vocação para sediar grandes eventos e foi a escolhida para acolher a décima terceira edição da Jornada Mundial da Juventude no ano de 2013, ocorrendo pela segunda vez em território latino-americano. E as circunstâncias do evento fizeram com que esta edição da Jornada no Rio de Janeiro fosse ainda mais especial: ela ficou marcada como a primeira viagem internacional do Papa Francisco I, o primeiro pontífice latino-americano da história da igreja católica, o que proporcionou uma atenção ainda maior por parte da mídia internacional para o evento e para o Rio de Janeiro, além de um aumento no interesse dos turistas sul-americanos, sobretudo dos argentinos, conterrâneos do Papa, em comparecerem ao evento.

Com esses atributos, a JMJ/2013 levou uma multidão de peregrinos à cidade do Rio de Janeiro entre os dias 23 e 28 de julho. A missa final do evento alcançou um público estimado de 3,7 milhões de pessoas na orla de Copacabana. Foram 427 mil fiéis inscritos no evento, dos quais cerca de 150 mil eram estrangeiros. Porém, outros milhões também compareceram ao evento pela

chance única de verem o Papa e participarem das celebrações, mesmo que não tenham se inscrito oficialmente na Jornada.

De acordo com a organização do evento, os países do exterior com o maior número de inscritos foram, respectivamente, Argentina, Estados Unidos, Chile, Itália e Venezuela. Estes dados são corroborados pelos números preliminares de entrada de turistas internacionais no Brasil, disponíveis até o momento: segundo dados da Polícia Federal, apenas pela via aérea mais de 100 mil estrangeiros entraram no país pelo Aeroporto do Galeão em julho, um incremento de 30,4% em relação ao mesmo mês de 2012. Um aumento de 27,3% no número de turistas também foi verificado em Guarulhos, com a chegada de 189 mil estrangeiros na cidade no mês de julho.

Os grandiosos números do evento não param por aí: 60 mil voluntários, 644 bispos, 7.814 sacerdotes, 632 diáconos também se inscreveram ao evento. A grande exposição de mídia da cidade do Rio de Janeiro, que contribui para um legado turístico duradouro do evento, fica evidenciada pelo grande número de jornalistas credenciados na Jornada, que totalizaram 6,4 mil, vindos de 57 países diferentes.

Os benefícios econômicos e sociais proporcionados pelo megaevento da Jornada Mundial da Juventude à população do Rio de Janeiro e do Brasil certamente ficaram entre os principais legados positivos do evento para o país. Considerando também a Semana Missionária, realizada com jovens brasileiros e estrangeiros em diversas cidades do Brasil na semana anterior à JMJ propriamente dita, o impacto econômico total dessa Jornada, estimado pela Embratur, foi em R\$ 1.741.100.685,00, concentrado no Rio de Janeiro, mas também sentido em todo o país.

Destes mais de 1,7 bilhão de reais, R\$ 921 milhões são relativos aos gastos diretos dos turistas e dos residentes no Rio de Janeiro que compareceram ao evento, e outros R\$ 820 milhões se referem aos efeitos indiretos destes gastos na economia do país. O estudo

levou em consideração o perfil típico do participante da Jornada, seu gasto médio, o período médio de estadia, o preço pago pelos pacotes, entre outros, tomando como base também uma pesquisa realizada pela PricewaterhouseCoopers (PwC) na última Jornada, realizada em Madri em 2011, e cruzando estas informações com o número de participantes por perfil. A Tabela 2 abaixo demonstra o valor que cada perfil de turista gastou.

Tabela 2

Impacto econômico direto, indireto e total da Jornada Mundial da Juventude 2013, por perfil de participante

Perfil dos Participantes	
Número de Inscritos	427.000
Número de Participantes	3.700.000
Gasto Médio / Dia	R\$ 97,55
Permanência Média	2 a 7 dias
Impacto Econômico	
Inscritos	R\$ 251.173.621
Voluntários	R\$ 16.773.717
Bispos	R\$ 699.470
Imprensa	R\$ 4.370.224
Não-inscritos (locais)	R\$ 271.574.470
Não-inscritos (turistas)	R\$ 58.529.792
Hospedagem	R\$ 200.096.000
Gastos da Organização	R\$ 118.000.000
Impactos Diretos	R\$ 921.217.294
Impactos Indiretos	R\$ 819.883.392
Impactos Totais	R\$ 1.714.100.685

O impacto econômico bilionário da Jornada Mundial da Juventude no Brasil mostrou que, além da renovação da fé católica e do sonho por um mundo melhor e mais justo, o evento também atingiu outro objetivo: o de contribuir no processo de transformação do Brasil. Seus efeitos puderam ser sentidos com grande intensidade na capital fluminense, com uma multidão de fiéis convivendo em harmonia, paz e união – os quais, na luta por uma sociedade mais justa, contribuíram também para o desenvolvimento social e econômico do Rio de Janeiro e do Brasil.

A JMJ/2013 foi um marco na história do Rio de Janeiro: comprovou sua capacidade em sediar com sucesso grandes eventos, consolidou sua imagem como principal destino turístico brasileiro e também como um dos mais importantes destinos mundiais,

Divulgação/JMJ



Turistas de vários países estiveram no Rio de Janeiro para a Jornada Mundial da Juventude

e mostrou ao mundo o lado humano, caridoso e hospitaleiro do povo carioca e brasileiro –algumas das características mais marcantes mencionadas pelos turistas estrangeiros que nos visitam.



3. Olhar para o futuro: Copa do Mundo e Olimpíadas

Nos próximos três anos o Brasil ainda terá grandes desafios a enfrentar. Ao sediar os dois maiores eventos esportivos do planeta, a Copa do Mundo em 2014 e os Jogos Olímpicos no Rio de Janeiro em 2016, o país passará por sua maior prova em relação à sua capacidade de organização e de coordenação em praticamente todos os setores de sua infraestrutura: turismo, transportes, telecomunicações, segurança, hotelaria, sinalização, entre outros, que estarão sob escrutínio mundial.

Milhares de turistas, dentre brasileiros e estrangeiros, passarão pelas doze cidades-sede da Copa do Mundo no ano que vem, e pelo Rio de Janeiro durante as Olimpíadas, os quais irão demandar serviços e infraestrutura de qualidade. A Embratur tem

Gráfico 1

Metas de Entrada de Turistas Internacionais do Brasil: 2009-2020, em Milhões



total convicção de que o Brasil sediará com sucesso ambos os eventos, e de que os 600 mil turistas estrangeiros e os mais de 3 milhões de brasileiros que deverão comparecer à Copa do Mundo, além dos outros 380 mil turistas internacionais que virão às Olimpíadas no Brasil em 2016, sairão com uma imagem altamente positiva do Brasil; e os altos índices de satisfação e de desejo de retorno ao país, assim como os registrados na Copa das Confederações e na Jornada Mundial da Juventude, irão se repetir nos próximos megaeventos.

Além do recorrente sucesso do Brasil entre os turistas estrangeiros que visitam o país durante os grandes eventos, o legado econômico dos megaeventos também será incomparável. Estimativa inicial da Embratur a respeito do efeito da Copa do Mundo na economia brasileira calculou em mais de R\$ 25 bilhões os gastos diretos dos turistas brasileiros e estrangeiros no evento. Foram estimados em R\$ 18,3 bilhões os gastos dos brasileiros e em R\$ 6,8 bilhões os recursos advindos dos estrangeiros. Esta é apenas uma pequena amostra da magnitude que alcançará o grande evento futebolístico, visto que ainda não foram calculados os impactos indiretos na economia brasileira.

A Embratur prevê que os megaeventos serão peça fundamental para que o país alcance marcas inéditas no turismo internacional, como a entrada de 7 milhões de turistas estrangeiros no Brasil já no ano de 2014 e a importante marca de 10 milhões de turistas em 2020. Estas ambiciosas metas da Embratur estão sintetizadas no Gráfico 1 abaixo, que ilustra o número de turistas estrangeiros projetados para os próximos anos. Além de gerar empregos e renda para os brasileiros, este crescimento possibilitará que o Brasil alcance o posto de terceira maior economia turística do mundo até o final da década.

* *Flávio Dino é presidente da Embratur e professor de Direito na Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Foi deputado federal de 2007 a 2010. No Judiciário, foi juiz federal por 12 anos, exercendo os cargos de secretário-geral do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), presidente da Associação dos Juizes Federais do Brasil (Ajufe) e assessor da presidência do Supremo Tribunal Federal (STF)*

** *Leandro Garcia é assessor da presidência do Instituto Brasileiro de Turismo (Embratur). Formado em Ciências Econômicas pela Universidade de São Paulo (USP) e economista de carreira do órgão, ingressou na Embratur em 2012*

Referências bibliográficas

JORNADA MUNDIAL da Juventude, Rio/2013. Sítio oficial. Disponível em: <http://www.rio2013.com/pt/a-jornada/historia-da-jornada>.

_____. Sítio oficial. Disponível em: <http://rio2013.com/pt/noticias/detalhes/3443/jmj-rio2013-alcanca-publico-recorde-de-3-7-milhoes-de-pessoas-em-copacabana>

MINISTÉRIO DO TURISMO / FIPE. Copa das Confederações FIFA Brasil 2013 – **Características do Público Geral e da Demanda Turística Internacional**. 2013 Disponível em: http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/noticias/todas_noticias/Noticias_download/Apresentacxoxo_-_Pesquisa_Copa_das_Confederacxoxes.pdf.

_____. **Anuário Estatístico de Turismo** – 2013. Vol. 40. Ano base 2012. Disponível em: http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/dadosefatos/anuario/downloads_anuario/Cxpia_de_Anuxrio_Estatistico_de_Turismo_-_2013_-_Ano_base_2012_Versxo_Set2013.xlsx

PRICEWATERHOUSE Coopers / Arzobispado Madrid. **El Impacto económico de la JMJ Madrid 2011**, 30-11-2011. Disponível em: http://www.conferenciaepiscopal.es/images/stories/jmj2011/JMJestudio_resultados.pdf

O esporte como política de Estado e de inclusão social

João Derly*

O investimento no esporte é um dos caminhos para se enfrentar problemas comuns nas cidades brasileiras, de ordem social e de infraestrutura (saneamento de água e esgoto, mobilidade urbana, entre outros). São muitas as ações do Ministério do Esporte e do governo federal para que o povo brasileiro se beneficie desses dois grandes eventos tendo a oportunidade de assistir aos jogos, mas também para que se possa tirar proveito social, esportivo e econômico com a Copa e os Jogos Olímpicos



O bicampeão de judô e vereador de Porto Alegre, João Derly, em visita à escola Maria Lygia Andrade Haack, de Esteio, RS

A história institucional do esporte no Brasil teve início no final da década de 1930, na época da criação da divisão de educação física do Ministério da Educação e Cultura. Em 1970, a divisão virou departamento, adquirindo em 1978 o *status* de secretaria, vinculada ao MEC. Em 1990, foi criada a Secretaria de Desportos da Presidência da República, que foi transformada em Ministério de Estado Extraordinário do Esporte em 1995 e, depois, ainda, em Ministério do Turismo e do Esporte. No governo do presidente Lula, em 2003, as duas pastas são separadas, sendo criado o Ministério do Esporte – e com ele nascem as diretrizes da Política Nacional do Esporte. O Ministério do Esporte trabalha com o esporte na dimensão da inclusão social, da qualidade de vida e do pleno desenvolvimento humano. E desenvolve, também, a dimensão do esporte de alto rendimento.

Considerando a realidade de nossa sociedade que é fortemente marcada pelas desigualdades econômicas e pela exclusão social, advindas da grande concentração de riqueza nas mãos de alguns poucos e o despojamento absoluto para os demais; pode o esporte, se constituir em um fator de inclusão social e desenvolvimento humano. Nesse sentido torna-se necessário que se desenvolvam sua dimensão sócio-esportiva, bem como a promoção do esporte educacional. Este, por sua vez pode vir a se configurar em esteio do esporte de alto rendimento ao possibilitar a vivência de diferentes práticas esportivas a toda a população escolar. População essa que atualmente se encontra quase na sua totalidade na escola (etapa fundamental), devido à universalização do ensino. Torna-se premente a compreensão política das ações do Ministério, promover a inclusão social e o potencial humano através de programas como o Segundo Tempo e Segundo Tempo na Escola. O esporte e o lazer difundidos na cidade oportunizam a democratização do esporte, sendo também fator de incremento à cidadania da população. Entendida aqui enquanto direitos civis e sociais que se relacionam às liberdades por

O esporte e o lazer difundidos na cidade oportunizam a democratização do esporte, sendo também fator de incremento à cidadania da população. Entendida aqui enquanto direitos civis e sociais... São Políticas Públicas necessárias ao Brasil da atualidade, que vem reunindo esforços no combate à pobreza e à má-distribuição da renda

serem exercício de desenvolvimento dos sujeitos que vivem em coletividade. São Políticas Públicas necessárias ao Brasil da atualidade, que vem reunindo esforços no combate à pobreza e à má-distribuição da renda. Somente com planejamento podem ser conquistados resultados inéditos nas competições e assim projetar o Brasil no *ranking* do alto rendimento. Para tanto, necessita-se que se incremente a infraestrutura esportiva;

que se qualifique a gestão do esporte e do lazer. Trata-se da descoberta e da promoção das habilidades e potencialidades aliadas à construção de políticas de estímulo e continuidade do exercício da prática em condições de desenvolver a excelência.

O esporte transforma vidas, nesse sentido não posso deixar de falar de um fato recente ocorrido neste ano, em agosto. A atleta Rafaela Silva consagrou-se a primeira mulher brasileira a ser campeã mundial de judô, feito inédito e grandioso que orgulha o país não só pelo resultado, mas também por sua história. Rafaela é oriunda de um projeto social do Instituto Reação, de meu amigo Flávio Canto, que leva o judô para crianças e adolescentes da Cidade de Deus, no Rio de Janeiro.

Do projeto social na Cidade de Deus ao lugar mais alto no pódio do esporte, Rafaela inspira uma nova geração e serve de exemplo prático de que o investimento no esporte vale a pena e tem retorno certo. Eu mesmo, como atleta, conquistei meu primeiro patrocínio somente após ganhar o título mundial em 2005, no Cairo.

Sei que ao longo do tempo o apoio aos e às atletas tem aumentado muito em decorrência dos resultados que vão obtendo por sua

própria atuação, mas também conforme tem crescido a consciência da importância do investimento no esporte de alto rendimento por parte do poder público. Aqui em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, através do mandato parlamentar que exerço na Câmara de Vereadores e do trabalho amplo e de referência política que o PCdoB tem executado enquanto oposição consequente, que tem nos permitido dialogar com o governo, aprovamos o Projeto de Lei que inclui o esporte de rendimento como competência da Secretaria de Esportes de nossa cidade.

Buda Mendes/Getty Images

Neste ano de 2013, o programa Bolsa Atleta, do Ministério do Esporte, que apoia diretamente atletas que alcançam resultados objetivos, possui orçamento de 180 milhões, possibilitando contemplar mais de 5.600 atletas de modalidades olímpicas e paralímpicas. Foram ações como essa que construíram a nossa atuação nos Jogos Olímpicos de Londres, de 2012; situação em que o Brasil teve sua melhor participação na história olímpica. É da ação consequente na atualidade que o Brasil vai construindo o projeto para o ciclo olímpico de 2016 onde pretendemos estar entre as dez maiores potências esportivas do mundo (*Top Ten*).



Do projeto social na Cidade de Deus ao lugar mais alto no pódio do esporte, Rafaela Silva, campeã mundial de judô em 2013, inspira uma nova geração

Para o próximo período, nas Olimpíadas de 2016, os desafios de nosso país são ainda maiores, pois se configuram para além da esfera de obtenção das medalhas; e, de fato, nós as queremos em grande quantidade. Em 2016 os Jogos Olímpicos irão se realizar aqui no Brasil, assim como a Copa do Futebol, já em 2014 – nossa vocação nacional.

A Copa tem promovido incansáveis discussões acerca do conceito de mobilidade urbana, tem promovido também a melhoria da infraestrutura das cidades, que se constitui em legado desses eventos uma vez que ficarão no país, a fim de que nosso povo possa usufruí-los. Também constitui-se em legado o incremento ao turismo, à economia, à geração de empregos e às mais variadas oportunidades de negócios, pois afetarão positivamente o Brasil para além do evento esportivo.

São programas de inclusão, em parceria com a Federação Internacional de Futebol (Fifa), que possibilitarão ingressos gratuitos a um contingente populacional significativo de indígenas e beneficiários(as) do Programa Bolsa Família. São investimentos na estruturação de Centros de Excelência de Atletismo; investimentos na área da medicina esportiva, recuperação e sofisticação de instalações esportivas em universidades públicas; construção e/ou cobertura de quadras esportivas por todo o país em parceria com o Ministério da Educação. São muitos os convênios com os governos na esfera estadual e também municipal.

São muitas as ações do Ministério do Esporte e do governo federal para que o povo brasileiro se beneficie desses dois grandes eventos tendo a oportunidade de assistir aos jogos, mas também para que se possa tirar

proveito social, esportivo e econômico com a Copa e os Jogos Olímpicos.

Não se pretende aqui negar a existência dos grandes problemas nacionais, muito embora tenhamos vivido nos últimos dez anos significativas transformações que têm melhorado a condição de vida da nossa gente. No entanto, as manifestações de junho deixam evidente a necessidade de ampliação e consolidação da democracia através de reformas estruturantes, acelerando as mudanças.

A falta ou precariedade dos serviços públicos nas periferias das cidades, os elevados índices de violência e criminalidade, problemas com saneamento, o funcionamento ainda precário do Sistema Único de Saúde (SUS) são exemplos de problemas a serem enfrentados. O investimento no esporte é um dos caminhos para enfrentá-los, junto com reforma política, reforma urbana, democratização da mídia, reforma tributária e educacional. Não podemos retroceder nas conquistas, mas avançar nas mudanças.

** João Derly de Oliveira Nunes Júnior é vereador pelo PCdoB de Porto Alegre e ex-judoca – o primeiro, e até hoje o único, brasileiro a se tornar bicampeão mundial da modalidade*

Referências bibliográficas

www.esporte.gov.br/snelis/segundotempo/maiseducacao
www.copa2014.gov.br/pt-br/noticia

Um chute da ciência brasileira para a humanidade

Rogério Rangel*

“Aqui, no país do futebol, em plena Copa, o mundo vai esperar as confirmações, mais uma vez, dos estereótipos brasileiros – os grandes jogadores de futebol, a música, as belezas naturais. Acontece que queremos mostrar que somos mais do que isso. Vai ser um chute da ciência brasileira para toda a humanidade”, afirmou um emocionado Nicolelis em palestra na Finep



N o final do século XIX, um jovem mineiro milionário, herdeiro de “barões do café”, foi confrontado pela mãe sobre o que gostaria de fazer na vida, segundo dizem. A resposta veio tão rápida quanto assustadora: “Eu vou voar”. E assim fez Alberto Santos Dumont, que poderia ter sido qualquer coisa e acabou por ser o maior inovador nascido no Brasil. Do nome e do gênio do inventor vieram a inspiração para a criação da Associação Alberto Santos Dumont para Apoio à Pesquisa (AASDAP), fundada há dez anos pelo neurocientista brasileiro Miguel Nicolelis. Hoje, a AASDAP conta com 170 funcionários e é a matriz de projetos que, se não fazem voar, fazem crianças pobres se apaixonarem por ciência, e prometem uma chance às pessoas presas a uma cadeira de rodas: andar de novo.

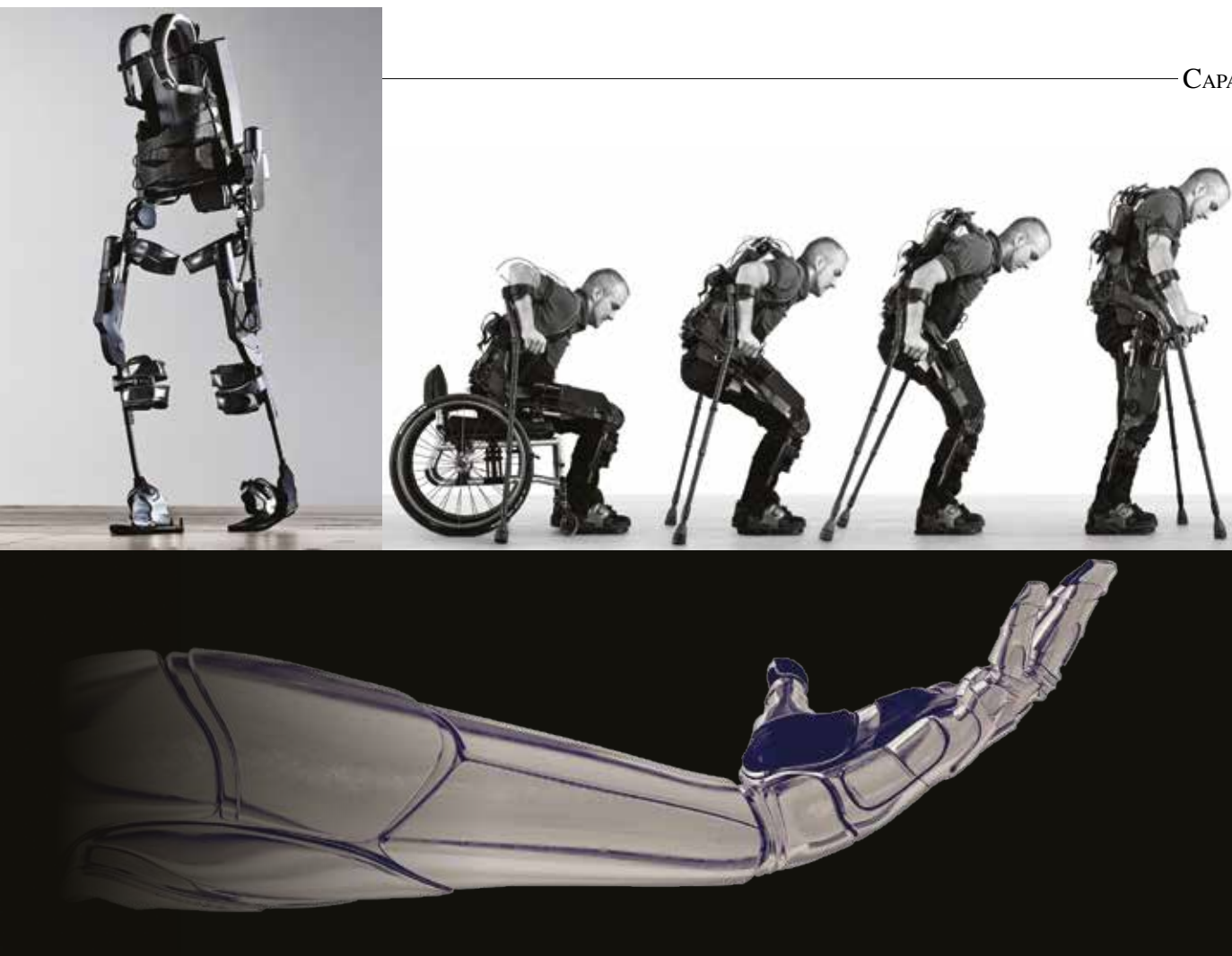
A abertura da Copa do Mundo de 2014, no estádio do Itaquerão, em São Paulo, será palco de um chute histórico: um cidadão brasileiro paraplégico será capaz de levantar-se de uma cadeira de rodas, dar 25 passos e inaugurar com um pontapé não apenas o evento, como também a maior vitória da neurociência no mundo. A proposta é considerada pela revista *Scientific American* uma das dez ideias que estão “além dos limites da ciência atual”. Segundo Nicolelis, há vários desafios a serem suplantados até lá, mas “tudo está funcionando como planejado”. O Projeto Andar de Novo está sendo apoiado pela Finep, com cerca de R\$ 33 milhões em recursos não reembolsáveis. “Esta é a forma que encontramos de comunicar para o mundo que existe uma nova neurociência, e ela pode transformar a vida de milhões de pessoas com lesões medulares”, afirma o cientista.

O Projeto Andar de Novo é possível graças a um exoesqueleto, uma espécie de prótese externa do esqueleto humano, “vestida” e controlada diretamente pela pessoa com deficiência. A ideia é fruto de mais de uma década de pesquisas em Interfaces Cérebro-

cia no mundo. A proposta é considerada pela revista *Scientific American* uma das dez ideias que estão “além dos limites da ciência atual”. Segundo Nicolelis, há vários desafios a serem suplantados até lá, mas “tudo está funcionando como planejado”. O Projeto Andar de Novo está sendo apoiado pela Finep, com cerca de R\$ 33 milhões em recursos não reembolsáveis. “Esta é a forma que encontramos de comunicar para o mundo que existe uma nova neurociência, e ela pode transformar a vida de milhões de pessoas com lesões medulares”, afirma o cientista.

“Aqui, no país do futebol, em plena Copa, o mundo vai esperar as confirmações, mais uma vez, dos estereótipos brasileiros – os grandes jogadores de futebol, a música, as belezas naturais. Acontece que queremos mostrar que somos mais do que isso. Vai ser um chute da ciência brasileira para toda a humanidade”, afirmou um emocionado Nicolelis em recente palestra na Finep.

O Projeto Andar de Novo é possível graças a um exoesqueleto, uma espécie de prótese externa do esqueleto humano, “vestida” e controlada diretamente pela pessoa com deficiência. A ideia é fruto de mais de uma década de pesquisas em Interfaces Cérebro-



Máquina (ICMs), que possibilitam a transmissão de impulsos elétricos cerebrais para algum receptor externo, que, por sua vez, entendem os comandos e os executam. As pesquisas, iniciadas há mais de uma década na Universidade de Duke, nos EUA, onde Nicolelis é Professor Titular de Neurobiologia e Codiretor do Centro de Neuroengenharia, têm sido feitas também no Instituto Internacional de Neurociência de Natal Edmond e Lily Safra (IINN-ELS).

Em 2003, Nicolelis conseguiu registrar pela primeira vez os sons de uma “tempestade cerebral”, ou seja, os impulsos elétricos emitidos no cérebro de macacos, que puderam ser lidos e decodificados de maneira tal que se conseguia prever a que tipo de movimento físico eles corresponderiam – mexer um braço, uma perna e daí por diante.

A ideia é fruto de mais de uma década de pesquisas em Interfaces Cérebro-Máquina (ICMs), que possibilitam a transmissão de impulsos elétricos cerebrais para algum receptor externo, que, por sua vez, entendem os comandos e os executam

Esse foi o primeiro passo para que esse sinal pudesse ser transferido a um robô, que executaria o mesmo movimento apenas “pensado” pelo animal. Hoje, o mapeamento chega a cerca de dois mil neurônios, em vez dos cem do primeiro experimento. Nos próximos meses, serão implantados milhares de minúsculos eletrodos no cérebro de um macaco. Os sinais registrados serão digitalizados, submetidos a diversos modelos matemáticos, que vão extrair dessa atividade cerebral os comandos necessários pra que o artefato robótico possa realizar o movimento que o cérebro está planejando milissegundos antes que o movimento em si ocorra. “É dessa maneira que nosso cérebro funciona, ele antecipa o futuro, mesmo com os movimentos mais simples”, explica o cientista. O desafio, agora, é a aplicação em humanos. Ho-

je já existem empresas de neurotecnologia nos EUA voltadas a usar aplicações desse conhecimento na confecção de uma série de artefatos biomédicos para o tratamento de uma variedade de doenças.

No início, os macacos eram treinados a usar uma espécie de joystick num jogo de erros e acertos. Com o tempo, retirou-se o joystick e percebeu-se que, mesmo assim, os mesmos comandos cerebrais continuavam a ser realizados. Dessa forma, em vez do controle do jogo, adaptou-se um braço robótico que o animal movia apenas com o comando do cérebro, sem realmente tocá-lo. Em pouco tempo, o cérebro passou a entender que o macaco tinha um “novo braço” – o artefato robótico remoto. Isso demonstra que, no limite, pode-se controlar remotamente qualquer coisa, perto ou do outro lado do planeta, se necessário. Segundo Nicolelis, “é o oposto do evento muito conhecido chamado ‘membro fantasma’, quando alguém que perde um membro do corpo ainda tem a sensação dessa parte do corpo – 80% das pessoas amputadas têm essa experiência. Aqui, criamos a sensação de que um braço mecânico faz parte do corpo do animal”.

Avatar remoto

Outro momento histórico na evolução das ICMs ocorreu em 2007, quando a macaca Aurora, já perita na utilização remota do braço robótico, foi conectada, via internet de alta velocidade, a um robô humanoide no Japão. Aurora foi treinada a caminhar numa esteira de exercícios, na Universidade de Duke, enquanto observava em uma tela o robô japonês fazendo o mesmo, em Quioto. Pouco tempo depois, o animal aprendeu a ver o robô como um avatar de si próprio, comandando o andar na esteira a milhares de quilômetros de distância, em tempo real.

E, no início de 2013, um novo salto foi demonstrado, dessa vez uma variante da ICM, a ICC – Interface Cérebro-Cérebro, quando dois ratos foram conectados online, um no Brasil, outro nos EUA. No experimento, o ratinho localizado no IINN-ELS, em Natal, chamado de “codificador”, tinha duas alavancas à sua frente e uma luz sinalizava qual delas ele deveria pressionar para receber uma recompensa. Os impulsos cerebrais, captados por microeletrodos implantados em seu cérebro, foram transmitidos para o roedor que estava no laboratório da Universidade de Duke. Esse também tinha os mesmos tipos de alavancas, mas nenhuma indicação luminosa. Para acertar a alavanca, o ratinho americano dependia do sinal transmitido pelo seu colega no Brasil. Quando o animal nos EUA errava, o

rato do Brasil alterava seu comportamento, tentando ajudá-lo. Depois de 70 dias, os animais atingem quase 100% de acerto. Foi a primeira interface cérebro-cérebro já feita. Um passo para a criação do conceito de *brainet*, espécie de “internet cerebral”. “Este é o estado da arte no momento, que indica novos caminhos que poderão nos beneficiar do fenômeno da plasticidade cerebral, aliada à tecnologia”, diz Nicolelis. Toda essa jornada e conjunto de experimentos deram subsídios para o Andar de Novo, cujo próximo passo será começar a selecionar e treinar pessoas que tenham potencial para participar da abertura da Copa.

Made in Macaíba

O resultado da pesquisa de Nicolelis, única no mundo, vem de uma tentativa de um novo modelo de fazer ciência. “É investir na educação, dar espaço

à criatividade para apostar na única coisa que faz sentido: a busca da felicidade”, diz. Um dos grandes diferenciais do cientista foi criar, na periferia de Natal (RN), especificamente em Macaíba, o Campus do Cérebro, um polo de ciência, já em construção, capaz de competir com os grandes laboratórios de neurociência do mundo. O campus será composto por 25 laboratórios voltados aos estudos da neuro-

ciência e pela escola Lygia Maria, de ensino regular, com capacidade para 1500 estudantes, do berçário ao ensino médio. Uma escola que não tem provas “porque o aprendizado está estampado no rosto de cada um”, orgulha-se Nicolelis. Pesquisas do MEC indicam que a evasão escolar é de 56% no ensino público, enquanto no curso de iniciação científica do programa educacional de Macaíba é de 2%. E esse cuidado começa no pré-natal, quando podem ser detectados problemas passíveis de diagnóstico, sem o qual se tornam lesões cerebrais irreversíveis. Doações públicas e privadas tornaram os laboratórios do IINN-ELS possíveis, assim como o projeto social, chamado de “Educação para a Vida”. Depois de uma década, hoje já existem, inclusive, jovens locais que estão matriculados em universidades de renome no País.

No campus de Macaíba há um centro de saúde pré-natal materno infantil que realiza atualmente cerca de 12 mil atendimentos por ano. As mães têm acesso a todo cuidado médico. O programa pedagógico com as crianças utiliza o método científico como pilar e desperta desde cedo a curiosidade científica nos pequenos, tão comumente deixada de lado por pura falta de oportunidade. “Construímos um programa educacional que eu gosto de dizer que busca



o casamento da genialidade de Santos Dumont com a de Paulo Freire”, afirma Nicolelis. Lá, segundo o cientista, aprende-se fazendo, com ênfase dada ao uso dos laboratórios especialmente desenhados para a criança despertar o prazer pelo conhecimento e pelo aprendizado. “Nossa ideia é que uma criança de Macaíba possa ser acompanhada desde o pré-natal, na clínica especializada, até o final, na pós-graduação, no Campus do Cérebro”, explica Nicolelis. O Campus do Cérebro é um complexo que está sendo construído, que abrigará as instalações definitivas do IINN-ELS, do centro de saúde materno infantil e da escola de ensino regular. Segundo Nicolelis, es-

te será o único campus de pesquisa de alto nível do mundo, ao lado do MIT, que terá uma escola.

Os cursos não têm prova. Lá, crianças e jovens aprendem de modo mais lúdico e logo começam a transformar sua realidade: criaram a rádio Big Bang, que transmite direto da escola. “Elas próprias montaram a rádio e cuidam da programação, que eu retransmito no meu Twitter”, diz o cientista.

** Rogério Rangel é jornalista. Matéria originalmente publicada na revista Inovação em Pauta nº 16 (set/2013). Republicada com novo título e pequenas alterações.*



Miguel Nicolelis com a palavra

Como a ciência pode ser uma força de transformação social?

MN: Nossa experiência em Macaíba prova isso na prática. A ciência é um agente de transformação social em vários planos, além de ser relevante até como ponta de alavanca-

gem do desenvolvimento de um país. Não há dúvida alguma de que sociedades que investiram na ciência como motivo principal da sua atividade econômica, assim como na educação científica no ensino fundamental, continuam a ter resultados espetaculares. Nossa ideia, em 2003, de criar um centro desses longe de grandes centros urbanos, parecia louca. Hoje, estamos fazendo o futuro na periferia de Natal.

Por que assuntos ligados ao cérebro provocam tanta curiosidade e até medo nas pessoas?

MN: Muitas histórias sobre o cérebro são mitos, além de ele sempre ter sido a última fronteira da natureza humana, que todos achavam ser intransponível, intocável. Na realidade, estamos mostrando que isso não é verdade. A neurologia do futuro vai atuar diretamente no cérebro para melho-

rar a condição humana. A educação vai fazer os mitos caírem: só ela seca todas as fontes de ignorância.

É possível impulsionar a evolução humana melhorando o cérebro?

MN: É complicado falar em melhorar o cérebro, porque quais são os critérios de “melhorar”? O que ocorre é que, certamente, estamos interferindo em nossa evolução muito mais que nossos antepassados. As tecnologias que estamos inventando estão alterando a forma como o cérebro funciona em nossos filhos e netos e isso está selecionando quem terá mais aptidão para sobreviver neste ambiente de comunicação instantânea. É um absurdo total a ideia de que a evolução humana parou. A evolução acontece de maneira muito lenta, não é percebida em nossa vida.

Como o senhor vê a cobrança que se faz, às vezes, para que a ciência dê resultados rápidos e práticos?

MN: Por exemplo, o que estamos conseguindo realizar agora, depois de dez anos de trabalhos, só foi possível também devido ao que foi feito nos dez anos anteriores. A sociedade é imediatista para tudo. Não existe ciência aplicada sem ciência básica. Nunca veremos invenções, ou traduções para a prática, em novos produtos ou processos, sem

haver um *pool* de pesquisadores fazendo ciência abstrata, básica. É uma equação conhecida: às vezes, descobertas de ciência básica se tornam coisas muito diferentes do que aquilo para o que elas foram originalmente concebidas. Isso tudo leva muito tempo, dedicação e investimento.

A sociedade é imediatista para tudo. Não existe ciência aplicada sem ciência básica.

CTB promove campanha contra o PL 4.330

Adilson Araújo*

Dezenove ministros do TST condenaram o projeto do capitalista Mabel, mas a mídia burguesa silenciou e a opinião pública não faz ideia do que pode significar a generalização da terceirização



Adilson Araújo, presidente da CTB

Tramita na Câmara Federal uma proposta que escandaliza a consciência jurídica nacional e deixa o movimento sindical em estado de alerta e mobilização. Trata-se do Projeto de Lei 4.330, que escancara a terceirização na economia brasileira a pretexto de regulamentá-la. Tal projeto é repudiado pelas centrais sindicais, por parlamentares de esquerda, advogados, juízes, ministros e especialistas da Justiça do Trabalho. Mas a nossa burguesia não abre mão de sua aprovação, fechou questão e promove um poderoso *lobby* no Congresso para impor seus interesses.

Em geral, no Brasil, como em quase todo o mundo, o recurso à terceirização do processo de produção e distribuição avançou com o neoliberalismo e a chamada reestruturação produtiva, como parte da ofensiva capitalista para reduzir o custo da força do trabalho, driblar a legislação trabalhista e ampliar os lucros empresariais aumentando o grau de exploração da classe trabalhadora.

Estudo recente do Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos (Dieese) não deixa margens a dúvidas a este respeito. O assalariado terceirizado ganha, em média, 27% menos que o contratado diretamente pela empresa-mãe; trabalha

mais tempo; está sujeito a uma rotatividade maior; não goza dos mesmos benefícios; e é tratado, até pelos colegas, como um indivíduo de quinta categoria. A degradação do trabalho se reflete de forma dramática na saúde. O trabalhador terceirizado é quem mais sofre acidentes de trabalho.

A terceirização ocorre quando a força de trabalho do peão é vendida por um intermediário, que lucra com isto —, ou seja, arranca-lhe —, a famosa mais-valia revelada por Karl Marx. Deste modo, o terceirizado é submetido a uma dupla exploração: produz ao mesmo tempo o lucro da contratante e da contratada. Exacerba-se aí a chamada alienação do trabalho, pois o terceirizado é ainda mais estranho e alheio aos desígnios e destinos da empresa onde produz, e geralmente não fica por muito tempo.

A terceirização não é um desdobramento natural e inevitável da globalização nem uma mera modernização do processo de trabalho, como sustentam os porta-vozes do capital. Trata-se de uma política deliberada da burguesia para precarizar as relações trabalhistas, arrochar salários, cortar direitos e dividir a classe trabalhadora. Não é de estranhar que seja também um canal para o trabalho escravo em pleno século XXI.

O número de terceirizados no Brasil cresceu admiravelmente ao longo dos últimos anos, a despeito

da resistência do movimento sindical, e é estimado hoje em 12 milhões. Atualmente, a Lei limita a terceirização, admitindo-a apenas em quatro hipóteses: contratação de trabalhadores por empresa de trabalho temporário (Lei 6.019, de 03 de junho de 1974); contratação de serviços de vigilância (Lei 7.102, de 20 de junho de 1983); contratação de serviços de conservação e limpeza; contratação de serviços especializados ligados à atividade-meio do tomador, desde que inexistam a pessoalidade e a subordinação direta.

O PL 4.330 generaliza a terceirização, nos setores privados e públicos, estendendo-a à atividade-fim, além de consolidar a responsabilidade subsidiária da empresa-mãe (e não solidária, como querem as centrais) em relação aos débitos trabalhistas. O deputado Sandro Mabel, um capitalista goiano, é capaz de jurar que o PL de sua autoria vai proteger o trabalhador contra o mau patrão. O argumento, repetido em uníssono pelo empresariado, não ilude os representantes da classe trabalhadora, que estão convencidos do contrário; e contam, neste sentido, com amplo e inesperado respaldo da Justiça do Trabalho.

Surpreendentemente foi da Justiça do Trabalho, e não dos partidos e sindicatos, que emergiu a consciência mais aguda e avançada sobre os riscos embutidos no PL 4.330. Nada menos que 19 dos 26 ministros do Tribunal Superior do Trabalho (TST) subscreveram um parecer encaminhado à Comissão de Constituição e Justiça da Câmara Federal no dia 27 de agosto deste ano, no qual condenam o projeto do capitalista Mabel com invulgar energia e apontam seus prováveis desdobramentos.

“A diretriz acolhida pelo PL 4.330-A/2004, ao permitir a generalização da terceirização para toda a economia e a sociedade, certamente provocará gravíssima lesão de direitos sociais, trabalhistas e previdenciários no País, com a potencialidade de causar a migração massiva de milhões de trabalhadores hoje enquadrados como efetivos das empresas e instituições tomadoras de serviços em direção a um novo enquadramento, como trabalhadores terceirizados,

deflagrando impressionante redução de valores, direitos e garantias trabalhistas e sociais”, alertam os ministros, cujo documento foi depois apoiado e subscrito por todos os presidentes e corregedores dos 24 Tribunais Regionais do Trabalho (TRT) existentes no território nacional.

A generalização da terceirização abre a possibilidade da existência de empresas sem funcionários próprios ou com um quadro reduzido ao extremo do necessário. Neste sentido, conforme os juízes, “o PL esvazia o con-

ceito constitucional e legal de categoria, permitindo transformar a grande maioria de trabalhadores simplesmente em ‘prestadores de serviços’ e não mais ‘bancários’, ‘metalúrgicos’, ‘comerciários’, etc.”. Isto também significaria o esvaziamento, ou mesmo o desaparecimento, dos sindicatos na forma como existem hoje, além das repercussões negativas sobre a organização nas bases e formação da consciência de classe.

Sintomaticamente, a mídia burguesa silenciou diante do petardo lançado pelos 19 ministros do TST contra o PL 4.330, limitando-se a editoriais invariavelmente favoráveis ao patronato, num comportamento que apenas revela o seu caráter antidemocrático, reacionário. Neste tema, os interesses

do capital e do trabalho são antagônicos e inconciliáveis, o que explica o fracasso da comissão quadripartite criada com a ilusão de que se poderia chegar a um consenso em torno da proposta.

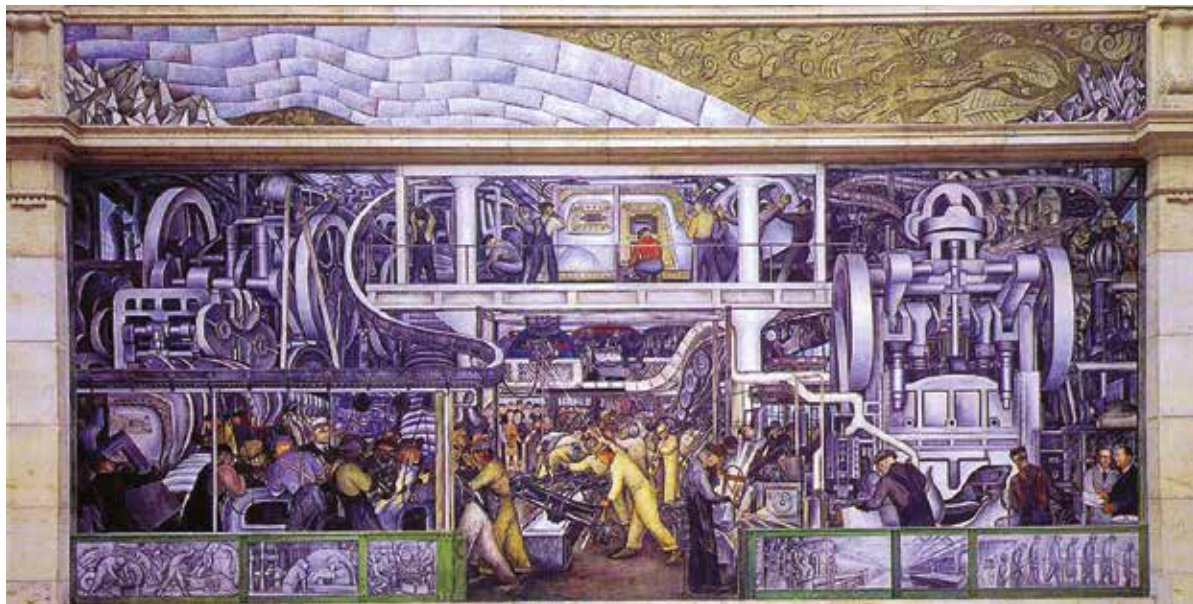
A Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil (CTB) entende que a luta contra a generalização da terceirização é uma batalha de classes indeclinável e que tem grande dimensão e relevância, embora sobre isso haja hoje uma escassa consciência. Por isto, estamos em campanha contra o PL 4.330, que pode ir a voto no Plenário da Câmara a qualquer momento. Não mediremos esforços para esclarecer e conscientizar o povo trabalhador sobre o que está em jogo e a importância desta nossa luta em defesa da dignidade e dos interesses da nossa classe.

** Adilson Araújo é presidente da CTB (Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil)*



Cartaz da campanha da CTB contra o PL 4330

Quando a história não tem fim



INDÚSTRIA DE DETROIT OU HOMEM E MÁQUINA (1933) Parede Sul. Mural de Diego Rivera

Contrariando a ideologia do “fim da história”, a luta contra o capitalismo se fortalece em uma época de convulsões sociais. Para a Federação Intersindical dos Metalúrgicos e Metalúrgicas do Brasil (Fitmetal), só a luta internacionalizada poderá levar à mudança

N o século XIX, o filósofo alemão Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831) declarou que o mundo poderia chegar ao **fim da história**. Esse *ponto final na historiografia* aconteceria no momento em que a humanidade atingisse o *equilíbrio* – o que representaria a ascensão do liberalismo e da igualdade jurídica. No entanto, não arriscou um prazo determinado para o fim dos processos históricos.

Tempos depois, alguns historiadores – em especial Francis Fukuyama, ideólogo do governo de Ronald Reagan (1981-1989) – afirmaram categoricamente que, com a Queda do Muro de Berlim, havíamos, enfim, chegado a esse fim.

Afinal, supostamente os antagonismos ideológicos se encerraram e o mundo, de repente, encontrava-se dominado por uma única potência política, econômi-

ca e militar: os Estados Unidos. O equilíbrio, enfim, havia chegado. Era o fim da história. *Ponto morto* dos processos sociais. O mundo poderia gozar de uma inédita estabilidade.

De lá para cá, porém, não foi bem assim.

À beira do precipício

Desemprego crescente, chegando a 200 milhões no mundo todo, segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT) – com a perspectiva de que avance para 214 milhões até 2018. Direitos sociais retirados. Salários reduzidos. O número de pessoas em situação de pobreza extrema cresce exponencialmente e, em alguns anos, pode chegar até 1,04 bilhão. Enquanto isso, cerca de 1.500 bilionários detêm uma fortuna de mais de US\$ 5,4 trilhões.

Países são quase “privatizados” por instituições financeiras como o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional (FMI). Mulheres são assassinadas simplesmente por serem mulheres (só no Brasil 10 delas morrem por dia). O mundo inteiro vive intensas “primaveras nas ruas”, exigindo mudanças urgentes. Sim, o mundo parece viver um grande caos, mas as batalhas não cessaram e seguem movendo as *engrenagens* da história.

Há uma grande crise, mas ela não é só financeira: é sistêmica. Há, portanto, uma nova história sendo construída. A concepção fatalista de Fukuyama – que se tornou arauto dos capitalistas – carregava em seu bojo a ideologia das grandes corporações. Como propor o “fim da história” enquanto as variáveis são múltiplas? Como afirmar que o neoliberalismo, ou mesmo o capitalismo, seria a mais alta expressão de desenvolvimento econômico e social, levando ao perfeito equilíbrio, enquanto milhões morrem de fome?

Perenizar uma situação vigente sempre será a atitude das nações hegemônicas para manterem seu domínio econômico e cultural. Para eles, a exploração generalizada e o crescente mal-estar da civilização seriam somente paliativos enquanto todos os “benefícios” neoliberais chegam para trazer o esperado “equilíbrio”.

Sobre a sustentação de impérios

A única certeza que se pode ter, diante desse contexto, é que impérios sempre cairão. O romano sucumbiu aos “bárbaros” após séculos de hegemonia. No século XVI, a Igreja Católica perdeu espaço para os protestantes, mais afinados com os novos tempos. O nazismo, que presumia que seu III Reich duraria mil anos, não passou de doze.

Se for possível interpretar a história pelos princípios hegelianos, enxerga-se uma constante luta de contrários (tese e antítese) para se chegar à acomodação (síntese). Com isso, parece que se configura como inocência imaginar que os padrões de consumo e produção serão sempre os mesmos. A própria natureza já trata de expor as fragilidades desse sistema que, ao garantir o consumismo e a felicidade de poucos, promove a miséria e privação de uma esmagadora maioria.



Perenizar uma situação vigente sempre será a atitude das nações hegemônicas para manterem seu domínio econômico e cultural

O mundo hoje trilha por caminhos alternativos. Países como China, Rússia, Índia, África do Sul e Brasil apresentam crescimento e propostas políticas que fazem frente ao poderio americano. Um bom exemplo é o “Caso Síria”, que obrigou o governo americano a recuar depois do posicionamento do premiê russo. Se o episódio tivesse acontecendo nos anos 1990, os Estados Unidos não hesitariam. Porém, é claro, isso não significa que os EUA estão mortos e cairão em pouco tempo, mas sim que já há fissuras em seu império.

No entanto, com as fissuras nos impérios e o acirramento das contradições do sistema, o que fazer?

Uni-vos!

É bem verdade que a reestruturação do mundo do trabalho – os avanços tecnológicos, a terceirização e a descentralização dos centros produtivos – e a hegemonia do capital financeiro, ocorridas nas duas últimas décadas, afetaram sig-

nificativamente as formas organizativas e de lutas da classe trabalhadora. Porém, é preciso lutar. A Federação Intersindical dos Metalúrgicos e Metalúrgicas do Brasil (Fitmetal), realizou o II Congresso da União Internacional dos Sindicatos do setor metalúrgico (UISMetal) entre os dias 23 e 25 de outubro, no Rio de Janeiro – com 36 organizações de 27 países inscritas –, para debater sobre o mundo do trabalho e a construção de um movimento internacionalizado de luta dos trabalhadores, em especial da metalurgia e a mineração, setores estratégicos para o crescimento de qualquer nação.

O congresso ocorre em um momento importante, em que há necessidade de propor alternativas para se enfrentar o sistema capitalista e suas sucessivas crises. E o sindicalismo classista, como o praticado pela Federação e as organizações participantes, pode consolidar um passo adiante na conquista de direitos sociais, mostrando que trabalhadores de todo o mundo, a cada dia, a cada luta, estão se unindo para construir um mundo melhor. E que a história ainda não acabou.

Federação Intersindical dos Metalúrgicos e Metalúrgicas do Brasil (Fitmetal)

O Momento Lula – Contextualizando a luta por alternativas

Chris Matlhako*

Os acontecimentos no Brasil são de grande interesse para os progressistas da África do Sul, uma vez que este país (não obstante as diferenças em tempo e espaço) enfrenta desafios conjunturais semelhantes aos que o Brasil tem tratado com relativo sucesso



Em viagem ao continente africano, o ex-presidente Lula fez uma visita cordial ao presidente sul-africano Jacob Zuma

Durante o 11º Congresso da COSATU (1), uma das questões que dominou os debates e chamou a atenção de muitos (no plenário e fora dele) foi o euforicamente chamado “Momento Lula”! Muitos foram os acontecimentos desde então e muito se falou sobre o “nosso momento Lula”. Subsequentemente, surgiram diferentes interpretações acerca do significado desta expressão. De acordo com os principais textos da articulação do 11º Congresso da COSATU e a posterior elaboração

das resoluções pelo seu Comitê Central (CEC), a essência da postulação pode ser resumida da seguinte forma: Agora é o momento para uma transformação social radical – portanto, um Momento Lula Sul-Africano! Precisamos algo semelhante ao que Lula alcançou no Brasil!

O Momento Lula é uma referência ao ex-presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e aos esforços do governo na tentativa de resolver as contradições fundamentais da realidade brasileira durante os seus mandatos e o de sua sucessora, a presi-

dente Dilma Rousseff: a desigualdade, a pobreza e o subdesenvolvimento. Este quadro é importante para uma melhor apreciação do que foram as principais questões que confrontaram o governo Lula.

A postulação sobre o Momento Lula, apresentada no 11º Congresso da COSATU, deve ser bem acolhida, pois abre uma importante frente política para o engajamento e uma séria reflexão sobre o que se traduzia como um período previamente negado e desencorajado pelos conservadores, tido como não-apropriado e não cabendo ao paradigma da política econômica (neoliberal), puramente direcionada pela corrente dominante de mercado. E, como seria de se esperar, o Momento Lula da COSATU tem alguns pontos positivos, mas também áreas problemáticas que devem ser melhor trabalhadas. O mais problemático, na generalidade, é que a articulação da COSATU tem uma qualificação: seu foco está no segundo mandato do governo Lula – apenas o segundo período do Brasil de Lula! No entanto, nele se encontra o problema real! Porque, como argumentamos aqui, procurar compreender o último período do sucesso do governo Lula, pressupõe algum fundamento sobre a dinâmica histórico-política e econômica e a valorização dos desafios, que traduzem o Brasil em sua totalidade.

Entretanto, o Brasil é o maior e menos conhecido país no mundo, exceto o samba, as inúmeras vitórias na Copa do Mundo e a sociedade mais desigual mundo afora. Além disso, o português é um idioma de pouca visibilidade em comparação com a língua espanhola falada na América do Sul. O Brasil, e o que lá ocorre, provavelmente têm particular e imenso interesse para os progressistas, aqui e em outros lugares, dado que a África do Sul encontra-se hoje (embora o tempo e o espaço sejam muito diferentes) enfrentando desafios conjunturais semelhantes aos que o Brasil parece ter começado a abordar há algum tempo – em particular, no início do processo da (re)democratização brasileira – e que continuam ao longo dessa trajetória, com algum aparente sucesso (contestado em alguns círculos). Além disso, o Brasil também está se tornando internacionalmente mais importante em seu papel na economia financeira e em outras áreas-chave de importância mundial. Em oito anos, ele se tornou a 10ª (décima) maior economia do mundo e encontra-se em posição para vir a ser a 5ª (quinta),

dentro de alguns anos. Pela primeira vez, o Brasil está crescendo economicamente com distribuição de renda, estabilidade política e democracia – portanto, é um caso de estudo muito relevante para as perspectivas mundiais.

O governo de Lula: a polêmica

Os debates a respeito de um Momento Lula são de fato muito importantes e devem ser abordados como tal. A retórica do Momento Lula tem provocado (...ao menos na África do Sul) uma infinidade de interpretações e várias nuances de conceitos ideológicos e políticos. No entanto, deve-se notar que Lula e seu legado vêm despertando ao longo dos anos diferentes categorias de análises e interpretações, tanto nas Américas, quanto em outros lugares. Desde sua saída do cargo (com os mais altos índices de popularidade já obtidos por um presidente brasileiro), após oito anos de mandato, seu legado suscitou interpretações diversas, na tentativa de entender as razões que impulsionaram o seu sucesso. Acreditamos que esses argumentos e interpretações possam ser condensados em duas grandes categorias. São elas:

⇒ Avaliação simpática, mas crítica, da posse de Lula; e

⇒ Uma práxis hostil anti-Lula (entremeada com a nostalgia de uma era pré-Lula, caracterizada pela dominação da elite e do regime militar).

Os debates havidos na África do Sul sobre o Momento Lula, no período pós-11º Congresso da COSATU, seguem padrões muito semelhantes de comprometimento, embora com um toque sul-africano típico. Por exemplo, alguns interpretam que isso significa:

⇒ Acabar com a Aliança Tripartite e lançar um partido operário com a base sindical e setores da sociedade civil;

⇒ Buscar a plena aplicação da Carta da Liberdade – portanto, um “momento Carta da Liberdade”;

⇒ Procurar interpretar o sentido da transformação radical na segunda fase da transição – significando um “Momento Zuma”; e

⇒ Por um lado, rejeição total à direita, enquanto outros admitem alguns elementos, portanto setores que poderiam ser explorados, após uma análise mais aprofundada.

Pela primeira vez, o Brasil está crescendo economicamente com distribuição de renda, estabilidade política e democracia – portanto, é um caso de estudo muito relevante para as perspectivas mundiais

No entanto, outros, como Leon Schreiber (2), deliberadamente associam a posição da COSATU – como ele sugere – a uma desculpa entre facções para defender o atual *status quo* no seio do CNA (3) e do governo, além de uma injunção importante, para envolver a trajetória de transformações sociais. A tentativa de lançar este quadro na “construção de uma terceira via estreita” também não é suficiente, porque os principais aspectos das dimensões histórico-políticas são deixados fora da equação, ou lhes é concedido um peso nominal. Mas, segundo argumento de Driver e Martell (4), não há espaço apenas para uma terceira via, mas para muitos caminhos, com diferentes valores e posições políticas.

Em outros lugares, como na América do Norte, o legado de Lula é basicamente resumido como “contraditório” e referido como um “mito”. No Brasil, existem diversas opiniões acentuadas pela proximidade ao Estado, portanto, uso de recursos estatais, a prevalência da corrupção e da miríade de denúncias que implicam figuras importantes, tanto do Estado e do Partido dos Trabalhadores (PT), quanto de sua central sindical (CUT) – as opiniões sobre as realizações de Lula durante seus mandatos são as mais variadas. Forças de direita, em sua maioria – cujo poder político e econômico teve sua hegemonia interrompida, embora não quebrada –, não perderam tempo para se referirem depreciativamente ao governo Lula como um mito. Além disso, apontam que Lula teve a “sorte de ter sido eleito presidente, em um momento em que a economia brasileira poderia proporcionar um crescimento com alguma redistribuição de renda e sem reacender a inflação”. Em particular, nos círculos da direita (acadêmica e jornalística), o fenômeno Lula, durante seus dois mandatos, continua a ser retratado de forma tendenciosa e distorcida – apresentado de maneira depreciativa que, sob as circunstâncias dos avanços das forças de esquerda e progressistas na América Latina, encaixa perfeitamente a ampla estratégia contra a ofensiva das forças da direita conservadora, para tentar minar as mudanças surgidas no Brasil e na América Latina em geral, embora desiguais e diversificadas.

Entretanto, há vozes simpáticas à tendência de avanço da esquerda, mas que simultaneamente condenam o fato de o governo de Lula e os rumos atuais

atenderem demasiado aos interesses da burguesia industrial e de outras oligarquias brasileiras. Argumentam que, dada a heterogeneidade (multiclassista e ampla) do PT e os diferentes interesses das facções nesse partido, o PT, em certo sentido, tornou-se devedor da burguesia industrial e do capital internacional. “O pragmatismo econômico de Lula, com uma face humanitária, é interpretado como uma aceitação informal de grande parte da doutrina neoliberal”.

“A década de 1990” – prossegue o argumento – “caracterizou-se pela democratização e liberalização econômica e o PT contribuiu fortemente para isso, tanto com sua própria capacidade, quanto como um partido político”. No entanto, os grupos econômicos (burguesia consumidora), mais poderosos do que os partidos políticos, ditaram, em grande parte, o discurso político no cerne da política brasileira visando a manter e aperfeiçoar seus próprios interesses.

Fernando J. Cardim de Carvalho (5) é ainda mais contundente sobre Lula e o PT, argumentando: “Mesmo um governo nomeadamente de esquerda, em um país em desenvolvimento, deve almejar ao menos quatro objetivos: o pleno crescimento do trabalho, da economia, a redistribuição de riqueza e dar poder a grupos despossuídos, disseminando os direitos dos cidadãos. Um governo de esquerda não deve ser ‘generoso’. Pelo contrário, deve avançar uma redefinição de direitos e deveres, redistribuindo o poder para longe daqueles usados para governar, em direção àqueles em posição de subordinação.”

Grande parte da crítica mordaz anti-Lula concentra-se também na transformação antissocial e pretende minar os diferentes tipos de esforços (táticos e de considerações – uma vez que estes são processos de democratização e não um golpe

revolucionário) dos governos de esquerda e progressistas que, ao assumirem o poder do Estado na região e em outros lugares, buscam empreender suas políticas em um terreno tomado por forças capitalistas dominantes, que evitam quaisquer desses movimentos. Em tese, o que definiria tal crítica é o esforço sutil para manter a divisão entre ricos e pobres e a perpetuação de uma trajetória que reproduz níveis insustentáveis de desigualdade que ainda caracterizam o Brasil – um legado histórico do comércio de escravos, da marginalização dos povos indígenas e

Os grupos econômicos (burguesia consumidora), mais poderosos do que os partidos políticos, ditaram, em grande parte, o discurso no cerne da política brasileira visando a manter e aperfeiçoar seus próprios interesses

da classe operária e o acúmulo da maior porcentagem do Produto Interno Bruto (PIB) por uma pequena fração das elites poderosas.

Apontar estas divergências é importante como uma tentativa no sentido da análise abrangente dos mandatos presidenciais de Lula, inclusive o primeiro, que é fundamental para a avaliação e a análise em seu sentido mais amplo. Na verdade, existem pontos cruciais a ser apreciados, ao se fazer uma análise detalhada e a avaliação sistemática, entre outros contextos histórico-políticos. No caso de se analisar a administração Lula e, portanto, começar um conjunto provável de sinalização da(s) proposta(s) de política mista, formulada como “Momento Lula” da COSATU Sul-Africana, deve-se, por uma questão de princípio, incluir também a análise detalhada destes aspectos. Tal construção requer a apreciação aprofundada da política, economia, da nação e sociedade brasileiras, ao invés de um esforço de discussões nas mesas de reuniões que, inevitavelmente, cairiam em alguma categoria pré-determinada de critérios, avaliação e análise. Portanto, uma proposta do Momento Lula para o nosso país deve evitar, entre outros quesitos, ser puramente tecnicista e/ou fixada em um único período (segundo mandato de Lula, 2006-10), sem levar em conta as realidades históricas, políticas e econômicas que caracterizam o Brasil.

O discurso da principal corrente (Banco Mundial, FMI, oligarquias financeiras e suas publicações etc.) sobre o Brasil é algo como:

- ⇒ “O Brasil se beneficia de um choque positivo na balança de pagamentos, como resultado do aumento dos preços das *commodities* e da forte entrada de capitais”;
- ⇒ “O Brasil tem tido uma boa trajetória nos últimos dez anos. Seu crescimento econômico acelerou. A pobreza diminuiu. O investimento estrangeiro tem sido abundante, em busca de aproveitar a riqueza de recursos do país, e está orientado para o consumidor da classe média emergente”;
- ⇒ “Após a crise financeira em 2002, o Brasil experimentou uma aceleração do crescimento econômico. Inicialmente, a política monetária e a fiscal, arrochadas, foram compensadas por uma taxa de câmbio maciçamente favorável, proporcionando o impulso para o crescimento, alavancado pelas exportações. Mais tarde, a política fiscal e monetária voltou-se para o apoio ao crescimento econômico da demanda doméstica e, especialmente, ao aumento do consumo. Por fim, os preços das *commodities* globais e os termos comerciais do Brasil começaram a melhorar na aceleração do cres-

Michel Bega



Foi realizado entre os dias 17 e 20 de setembro, em Johannesburg (África do Sul), o 11º Congresso da maior central sindical do país, a COSATU (Congress of South African Trade Unions, na sigla em inglês)

cimento global e, especialmente, na crescente demanda chinesa por produtos primários, permitindo uma expansão maior em termos de consumo final”;

- ⇒ “Do ponto de vista da lei da oferta, a consolidação da estabilidade econômica no governo do presidente Lula (2003-2010) permitiu que as amplas reformas estruturais introduzidas no governo do presidente Fernando Henrique Cardoso (1995-2002), finalmente, pudessem vir a ser concretizadas. Ao conceder a autonomia operacional do Banco Central e arrochar a política fiscal, o governo Lula conseguiu recuperar a confiança. A taxa de crescimento do Brasil quase dobrou nos anos 2000, em comparação às décadas de 1980 e 1990”.

Esta análise é parcialmente correta, mas erra (ou deliberadamente subestima/minora) em relação aos principais pontos da dinâmica socioeconômica e política do país – as características estruturais básicas do país e da sociedade brasileira: a política de economia do Brasil, que teria de superar esses aspectos através de uma luta concertada por um sistema alternativo ao capitalismo. O futuro do Brasil está, como Lula apontou muito corretamente, “(...) na sociedade brasileira, que decidiu que é hora de traçar um novo caminho”.

No entanto, o relatório das Pesquisas Econômicas da OCDE (6), sobre o Brasil (2011), elogia enfaticamente as propostas das políticas levadas a cabo durante o período do governo Lula, e é particularmente laudatório em relação ao “progresso social (que) tam-

bém tem sido impressionante, com forte queda da pobreza e desigualdade”. O relatório aponta também que a economia se recuperou rapidamente das crises globais de 2008-2009 – graças a uma reação política oportuna. O desenvolvimento da infraestrutura é (portanto) uma das principais prioridades na agenda política do governo. Em 2007, foi lançado um grande programa de infraestrutura, seguido, em 2010, por um segundo programa. “A primeira fase alcançou resultados positivos”, conforme aponta o relatório da OCDE. Deve-se notar que, em 2005, criou-se o programa-piloto que precedeu ao Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), com projetos selecionados e cujos custos foram mais altos. No entanto, devido às disparidades regionais esses projetos foram expandidos e desenvolvidos para o PAC 2.

O Eixo da esquerda progressista: o Novo Projeto Nacional de Desenvolvimento (NPND) no Brasil

O Partido Comunista do Brasil (PCdoB), aliado do PT no governo, argumenta que Lula iniciou o “Novo Projeto Nacional de Desenvolvimento (NPND)”, que se caracteriza pela oposição ao imperialismo, ao neoliberalismo, ao latifúndio, à oligarquia financeira; e, por estar de mãos dadas com o apoio ao fortalecimento da soberania nacional, em favor da democratização da sociedade, do progresso social e da solidariedade e integração da América do Sul e Latina, é a resposta mais abrangente ao legado do passado e à superação desse legado.

Curiosamente, quando o Brasil lançou a segunda fase do PAC 2, Paulo Bernardo, ministro do Planejamento, Orçamento e Gestão, dirigindo-se a jornalistas internacionais e buscando investimentos estrangeiros no país, declarou: “A segunda fase do Programa de Aceleração do Crescimento abre um novo leque de possibilidades para o investimento estrangeiro no Brasil.”

As políticas mais conhecidas do governo Lula são:

⇒ Bolsa família – ajuda básica contra a fome e a pobreza;

⇒ Programa Fome Zero;

⇒ Salário mínimo (aumento de 6%);

⇒ Minha Casa Minha Vida;

⇒ O Banco Nacional de Desenvolvimento (BNDS) – criado para resolver dificuldades do Mercado (surgiu em 1982 para contemplar as preocupações sociais com a política de desenvolvimento) – tornou-se o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e, em 1990, enfatizou o papel da descentralização regional, através de pesados investimentos em regiões menos desenvolvidas do Brasil, e também pelo apoio ao setor cultural, na

produção de filmes e preservação do patrimônio histórico e artístico brasileiro;

⇒ Fundo Social – equidade intergeracional e mitigação da doença holandesa (7);

⇒ Fundo de Riqueza Soberana – instrumento anticíclico;

⇒ Brasil sem Miséria, recentemente lançado;

⇒ Pronatec (8) – facilita o acesso dos desempregados e beneficiários do Programa Bolsa Família às escolas técnicas.

Todas as medidas acima são realizadas no contexto do mar de mudanças que ocorrem na América Latina e, em particular, no aprofundamento das lutas para lidar com o legado da dominação colonial imposta, que levou à transfiguração das relações de classe existentes na América pré-colombiana apoiada pelo “direito de conquista”. “O resultado foi uma ordem social heterogênea, em que a supremacia foi dada aos agentes do Tesouro, empresários e comerciantes do país, responsáveis por maximizar a transferência de riqueza para a Coroa, enquanto os senhores e proprietários de minas ficavam fora do domínio da política da circulação monetária”, argumenta Roberto Regalado (9).



Leia a íntegra desse artigo no site
www.revistapricípios.com.br

** Chris Matlhako é membro do Comitê Central e da Comissão Política do Partido Comunista da África do Sul, secretário de Relações Internacionais. Tradução livre do inglês da África do Sul, por Maria Helena De Eugenio.*

Notas

- (1) Confederação Sindical Sul-Africana, em inglês: Congress of South African Trade Unions (NT).
- (2) Doutor em Ciências Políticas pela Universidade Livre de Berlim, Alemanha. Especialista em pesquisas comparativas sobre sistemas de assistência social no Brasil e na África do Sul desde a redemocratização de ambos os países (NT).
- (3) CNA, Congresso Nacional Africano (NT).
- (4) Stephen Driver, professor doutor, chefe do Departamento de Ciências Sociais da Universidade de Roehampton; e Luke Martell, professor doutor em Sociologia e Política da Universidade de Sussex, Reino Unido (NT).
- (5) Professor titular do Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, é Ph.D. em Economia por Rutgers, The State University of New Jersey, Estados Unidos (NT).
- (6) Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (NT).
- (7) Intenção do Estado em escapar à dita “maldição dos recursos naturais”, igualmente conhecida economicamente como “*dutch disease*” (doença holandesa) – resultando na dependência crescente da economia de uma única atividade, habitualmente relacionada com recursos naturais (NT).
- (8) Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (NT).
- (9) Cientista político e professor do Centro Hemisférico e Estados Unidos da Universidade de Havana (N.T.).

A Síria e a transição para um mundo multipolar

José Farhat*, Lejeune Mirhan** e Khaled Fayez Mahassen***



Há ao largo
um punhado
de ingênuos
que acreditam
piamente que
a intervenção
militar contra a
Síria é baseada
em razões morais
e na defesa de
direitos humanos

Em setembro, completaram-se 30 meses da crise na Síria, que caracterizamos como uma agressão externa e não como uma guerra civil. Estatísticas nunca confirmadas falam em mais de cem mil mortos até agora. Já se afirmou que o conflito encerra uma nova ordem mundial em evolução:

A transição de um mundo unipolar para um mundo multipolar. Trataremos neste artigo de analisar o atual estágio do conflito, suas repercussões e desdobramento, à luz de uma visão de política internacional avançada, revolucionária e marxista

Eric Hobsbawm já disse que o século XX foi o mais curto da história. Começou em 1917 com a Revolução Russa de outubro e acabou com o fim da URSS, em 1991. Se pensarmos em “Ordens Mundiais” como períodos onde certos países foram hegemônicos, podemos dizer que tivemos três “Ordens” no curto século XX.

A primeira delas teve início em 1919 com a assinatura do Tratado de Versalhes em 28 de junho. Em 10 de janeiro de 1920 surge a Liga das Nações com a Inglaterra como nação hegemônica. Essa “Ordem” vai até o final da Segunda Guerra, mais precisamente 24 de outubro de 1945, com a criação da ONU. Durou 26 anos. Nessa Nova Ordem os EUA emergem como potência hegemônica, mas num mundo em equilíbrio com a URSS como contraponto. Essa segunda “Ordem” durará mais tempo – 46 anos – e irá até o final da Guerra contra o Iraque em janeiro de 1991.

Nesse período, a partir dos anos 1970, consolida-se o modelo neoliberal de capitalismo financeiro, “Estado mínimo”, perda de direito dos trabalhadores e precarização do trabalho. É o período Reagan/Thatcher. A América Latina totalmente dominada pelos Estados Unidos, e a URSS acabaria em dezembro de 1991. O mundo passava a ser unipolar.

Vivemos, assim, a partir daí o período de uma terceira “Ordem Mundial”. Os EUA passavam a ser a potência hegemônica. No entanto, o mundo passou por uma nova transição para a multipolaridade. Emergem potências regionais que começam a se fazer ouvir. Como é o caso do da China e Rússia, na Ásia, do Brasil na América do Sul. Existe ainda uma aliança de Cooperação Militar de Xangai. E a própria União Europeia com a sua nova moeda – o Euro – tenta se firmar como contraponto ao dólar.

Conforme já dito, é possível que a Nova Ordem em transição para a multipolaridade esteja sendo construída desde 4 de fevereiro de 2012. Nessa data, a Rússia e a China, depois de muito tempo, ve-

taram inteiramente uma Resolução no Conselho de Segurança da ONU que, se aprovada, autorizaria um bombardeio sobre a Síria. Iniciava-se, nesse momento, certa volta a uma polarização jamais vista na história recente.

Se considerarmos esse fato como um marco, o mundo unipolar teria durado 21 anos apenas. É nesse contexto que temos de entender a agressão que a República Árabe da Síria vem sofrendo.

Por que o imperialismo quer destruir a Síria?

Um dos países mais antigos da Terra, com vida continuada, a Síria segue sendo o único Estado verdadeiramente laico em todo o mundo árabe. Possui governo integrado por oito partidos, que inclui o principal e majoritário, que é o Partido Socialista Árabe-Sírio, *Al Baath*; os dois Partidos Comunistas; entre outros. Tem um Parlamento funcionando com 22 partidos com representação, uma Constituição democrática aprovada por mais de 70% da população.

Há ao largo um punhado de ingênuos que acreditam piamemente que a intervenção militar contra a Síria é baseada em razões morais (o que pretendem passar à *Umma* – nação dos crentes – as monarquias do Golfo Árábico), e na defesa de direitos humanos (discurso destinado ao mundo inteiro, principalmente aos não-muçulmanos).

É cinismo puro atribuir ao regime sírio todas as mortes do conflito e a tentativa de atenuar o alcance dos crimes cometidos

pelos mercenários estrangeiros. Os Estados Unidos demonstram incoerência extrema quando se colocam ao lado da Al-Qaeda e principalmente de sua filiada, a facção Emirado Islâmico, no Iraque, e no Levante (*Al Chams*) (1). Pois, os EUA se tornam aliados daqueles que se declararam seus inimigos – os únicos que foram capazes de atacar o coração de seu país.

Uma intervenção na Síria, direta ou indireta, é ilegal e contraria a Carta das Nações Unidas, pois somente o Conselho de Segurança dessa organização

O ataque à Síria está intimamente relacionado com grandes interesses geopolíticos ancorados numa região crucial para o futuro energético do planeta. O verdadeiro pecado da Síria é ser um obstáculo estratégico, há dez anos, no caminho da dominação estadunidense-sionista no Oriente Médio, um exemplo de desobediência inédita, e encorajadora de outras na região



A mídia, mesmo apoiando abertamente os ataques perpetrados pelos que ela chama de “rebeldes”, mas que agem como mercenários e terroristas, aos poucos vem mostrando quem de fato eles são

mundial tem poderes para autorizar o uso da força e em casos nitidamente evidenciados.

O ataque à Síria está intimamente relacionado com grandes interesses geopolíticos ancorados numa região crucial para o futuro energético do planeta. O verdadeiro pecado da Síria é ser um obstáculo estratégico, há dez anos, no caminho da dominação estadunidense-sionista no Oriente Médio, um exemplo de desobediência inédita, e encorajadora de outras na região. A hegemonia estadunidense-sionista vê o regime sírio ancorado numa vasta aliança de forças que se opõe à dominação estadunidense e, ao mesmo tempo, à expansão israelense.

Não se pode omitir o fato de a Síria ser o único Estado árabe que se mantém firme, de pé, recusando qualquer compromisso com Israel, enquanto as colinas de Golã não lhe forem restituídas, nos termos da lei internacional. O povo sírio está em sua totalidade apoiando o governo na retomada de sua integridade territorial. E é sobre este princípio que o governo local fundamenta a sua legitimidade e o Partido Baath lidera uma coalização de partidos que formam um governo de união nacional. A Síria não aceitará jamais perder as estratégicas colinas.

O que incomoda na Síria, inclusive para os poderosos árabes do petróleo e gás e às pretensões hegemônicas estadunidense-sionistas, é sua lealdade

ao nacionalismo árabe, à resistência formada entre Damasco, Hezbollah (no Líbano) Teerã, que já conta com êxitos importantes desde 2006: a vitória política do Hamas contra a intromissão sionista no processo eleitoral palestino; e a vitória militar do Hezbollah e seus aliados internos que compõem a resistência libanesa contra a agressão sionista ao Líbano (a chamada “Frente 8 de Março”). A vitória militar sobre as forças sionistas significou que o Líbano não aceita mais ser ocupado, e que cresce a cada dia a resistência palestina.

Desde os levantes populares, em 2011, que derrubaram os presidentes do Egito e da Tunísia, aos quais se vem chamando de “Primavera Árabe”, a rua árabe está inquieta. Milhões têm ido às ruas para reafirmar as reivindicações populares, que vêm sendo sorrateiramente contrariadas pelos regimes resultantes dos levantes. Mais recentemente no Cairo, em junho passado, o movimento *Tamarud* (“rebeldia” em árabe) mobilizou 22 milhões de assinaturas e levou às ruas 30 milhões de pessoas, que levaram à destituição do presidente Mohamed Mursi, da Irmandade Muçulmana, que tentava levar o Egito, de forma acelerada, a se transformar numa República Islâmica, na linha do Califado da alvorada do Islã do século VII.

Segundo dados confirmados até por satélites, foi a maior manifestação de rua da história da humani-

dade nos últimos tempos em um país. Mais de 35% de toda a população do Egito foram às ruas contra Mursi. O povo egípcio recusava a política de Mursi que caminhava rumo à subserviência aos EUA, aos ditames das monarquias árabes do petróleo, à sua leniência com relação a Israel, à sua atitude contrária aos interesses do povo sírio e, sobretudo, ao não-cumprimento das reivindicações do povo egípcio que tem o pão e a igualdade como objetivos principais.

O imperialismo perdeu nitidamente espaços no mundo árabe. Mas segue forte. Tem como aliados todas as petromonarquias do Golfo, reacionárias e de extrema-direita. Não há nesses países nenhuma democracia, como eles tanto pregam para a Síria. Financiam aberta e descaradamente mercenários vindos de mais de 80 países distintos, e inclusive libertam presos condenados em seus próprios países para lutarem e morrerem na Síria.

A mídia, mesmo apoiando abertamente esses ataques – perpetrados pelos que ela chama de “rebeldes”, mas que agem como mercenários e terroristas –, aos poucos vem mostrando quem de fato eles são. Graças às redes independentes de TV, vídeos amadores, a imprensa árabe que pratica um jornalismo mais equilibrado, como a TV *Al Manar* (do Líbano), a *Press TV* e a *Hispan TV*, do Irã, a *Telesur*, da Venezuela, dentre outras, já vai ficando mais claro para o Ocidente que a guerra que se trava na Síria nada tem a ver com a restauração da democracia naquele país árabe.

Como disse Semih Idiz, do jornal conservador turco chamado *Hurriyet*, a batalha que se trava na Síria não é por democracia ou contra um ditador “cruel”, mas sim para se definir se a Síria seguirá secular ou cairá em mãos de jihadistas que a pretendem governar com base na Sharia. Querem de todos os modos instaurar por lá uma República Islâmica aliada do imperialismo. Perseguem de todas as formas os cristãos e destroem suas igrejas. Mesquitas que não sejam sunitas também são atacadas, assim como os minoritários drusos e alauitas. Abominam a laicidade das instituições.

Ainda assim, os grupos islâmicos que querem depor o presidente sírio, Dr. Bashar Al Assad, estão a cada dia mais divididos. Basicamente temos hoje três grupos: o autoproclamado *Exército Livre da Síria* (ELS) apoiado pelo Qatar e pela Turquia; o *Exército do Islã*, que rachou com o ELS, apoiado pela Arábia Saudita e pela Jordânia; e por fim o formado recente-

mente *Estado Islâmico no Iraque e no Levante* vinculado diretamente à rede terrorista Al Qaeda. Todos esses agrupamentos recebem apoio tácito diretamente dos EUA e das suas agências de inteligência, das potências europeias (especialmente França e Inglaterra) e do Mossad de Israel, que tem interesse que seja desmontada, destruída, toda a estrutura do Estado nacional sírio. Esses são os atores em jogo, na disputa.

Como afirma o secretário-geral do PC Libanês, o mais antigo do Oriente Médio, Khaled Hadadah, são quatro os objetivos do imperialismo estadunidense na atual fase da luta no mundo árabe: 1- Terminar de implantar o plano chamado “Novo Oriente Médio”, concebido na gestão de George W. Bush e Condoleezza Rice, que prevê a erosão e destruição do Líbano e da Síria; 2- liquidar a causa Palestina; 3- controlar o Egito, com a troca do governo laico por um islâmico ditatorial para conter o crescimento e a força do Irã; 4- impedir que a Rússia volte a ter influência no OM, como no passado a URSS teve.

Por fim, não podemos deixar de mencionar o que, de nosso ponto de vista, é o motivo principal do

conflito pela destruição da Síria: a questão econômica. Ainda que o petróleo siga sendo a questão central no mundo hoje, pesquisas sobre extração do xisto betuminoso a preços baixos podem fazer com que o óleo não seja tão estratégico em futuro próximo. No entanto, o gás passa a ser primordial.

Há em curso a construção de um gasoduto pela GASPROM, da Rússia, saindo da Sibéria, e passando pelo Iraque e Síria, cujo destino é oferecer gás para a Europa. O Irã apoia esse projeto. Não é por acaso que o Qatar, que financiava abertamente os terroristas na Síria, queria manter o controle da “torneira síria”.

Chegamos ao fim de uma era?

Desde a deposição, por um golpe, de Muhammad Mossadegh do Irã, em 1953 – há 70 anos –, com ajuda da CIA, o Oriente Médio praticamente não possui Estados independentes e soberanos. São, em sua maioria, protetorados estadunidenses que apoiam Israel. Em algum momento o Egito, sob Nasser, de 1954 até 1970, tinha sido firme defensor dos árabes, em uma época que foi forte o nacionalismo.

Ao Iraque de Saddam Hussein, talvez entre 1989 e 2003, quando o país foi invadido e ele assassinado,

Já vai ficando
mais claro para
o Ocidente que
a guerra que se
trava na Síria
nada tem a ver
com a restauração
da democracia
naquele país árabe

também podemos classificar dessa forma. Também a Líbia, de Muammar Kadhafi, podemos afirmar ter sido independente. Mas também este foi deposto e assassinado em 2011. Restou só a Síria, hoje governada por Bashar Al Assad, um jovem médico oftalmologista. Nada mais restou de soberania e independência. Petromonarquias a serviço do imperialismo cedem seus países para bases militares ora americanas, ora inglesas ou francesas. E é justamente essa Síria, com governo nitidamente anti-imperialista, que o imperialismo pretende remover do complexo tabuleiro de xadrez da geopolítica no Oriente Médio.

Destruir o Estado nacional sírio, derrubar o seu governo, passou a ser a agenda dos EUA desde 2011. E sabemos que o grande objetivo mesmo será a destruição do Irã e sua República Islâmica. Uma certa esquerda brasileira e internacional sequer compreende a batalha que se trava naquele país. Chega ao absurdo de falar em “uma revolução popular” (*sic*), quando se sabe que praticamente não há sírios combatendo o governo, mas sim mercenários contratados a peso de ouro financiados diretamente pelas monarquias do Golfo.

A tal Coalizão Nacional Síria, montada pelos inimigos desse país, é um arremedo de frente política. Não tem unidade e quase todos os seus integrantes moram em Londres, Paris ou Istambul. O tal Exército Sírio “Livre” é formado por militantes fundamentalistas islâmicos vindos de várias partes do mundo. Vão morrer na Síria, cujo exército nacional árabe-sírio que lhes dá combate diuturno já controla praticamente 90% do território, exceto algumas áreas de fronteiras, em especial com a Turquia.

Obama vinha falando desde 2011 em “mudança de regime”. Abandonou faz tempo essa linha. Ano passado passou a falar em “linhas vermelhas que não poderiam ser cruzadas”, referentes ao uso de armas químicas. Sabendo disso, a oposição armada as usou em março e agosto – para forçar um ataque direto dos Estados Unidos e tentar enfraquecer o governo do presidente Bashar.

A partir do ataque de 21 de agosto nos arredores de Damasco, o mundo inteiro apontou imediatamente o dedo para o governo da Síria. Na prática era o que tinha o menor interesse em usar armas químicas contra seu povo e contra seu próprio exército,



Em benefício da multipolaridade, a Rússia vem defendendo a Síria desde os primeiros momentos do conflito

que fora atingido em cheio. Mas os russos e seus satélites demonstraram que os terroristas, chamados de rebeldes, é que fizeram uso dessas armas.

Iniciaram as ameaças de ataque imediato. Mesmo tendo todo o Estado-Maior de suas forças armadas contra qualquer ataque à Síria, Obama, o “Nobel da Paz”, preparava-se para a sua quarta guerra. Foi derrotado. Perdeu de imediato o apoio do Reino Unido, cujo parlamento negou a David Cameron a autorização do ataque. Se votado fosse na França, o belicoso “socialista” François Hollande teria também sido derrotado.

Restou ao presidente estadunidense pedir ao seu Congresso o apoio. Disse que desta vez “atacaria mesmo que sozinho”. Foi, novamente, derrotado. Desta feita pela diplomacia russa, que, a cada dia mais, ocupa o cenário da política internacional e volta a ocupar um grande espaço no Oriente Médio.

Defendendo a Síria desde os primeiros momentos do conflito, a Rússia apresentou a proposta de que a Síria assinasse o tratado de controle de armas químicas e entregasse seu arsenal para os organismos internacionais. Imediatamente, o governo sírio concordaria com a proposta.

Foi como se Obama tivesse sido salvo da desmoralização pública internacional pelos russos! Quem diria. Ele seria, ao que tudo indicava, fragorosamente derrotado no Congresso. Nunca houve potência que lançou mais produtos químicos sobre outro povo



do que os Estados Unidos. Não nos esqueçamos de que nos 13 anos da guerra contra o Vietnã (1962-1975), essa potência lançou dioxinas (agente laranja) contra os vietnamitas na proporção de pelo menos 2,73 Kg por habitante! No Iraque, usou balas de urânio empobrecido. Nisto, os EUA foram seguidos por Israel, que lançou contra os palestinos, em janeiro de 2009, bombas de fósforo branco – fornecidas pelos EUA. Mesmo assim, tiveram a hipocrisia de se manifestarem contra o uso de armas químicas.

Obama não tergiversou em prosseguir com todas as guerras iniciadas pelo seu antecessor. Não só não interrompeu as do Iraque e do Afeganistão, como iniciou a da Líbia e queria atacar a Síria. Criou uma rede mundial de aviões sem piloto – chamados *drones* – que, à sua ordem, assassinam líderes opositores dos EUA em qualquer país no mundo. Assassinato à distância!

Neste quadro, o recuo para o ataque foi uma questão de horas. Não havia saída. A menos ruim foi “suspender” os ataques que nunca aconteceram. Uma vitória do povo dos Estados Unidos que foi às ruas pressionar seus congressistas a votarem contra a resolução de ataque. Mas, acima de tudo, uma vitória do heroico povo da Síria, de seu governo e de seu exército árabe que vêm resistindo às agressões externas. É bem verdade que estão destruindo o país e expulsando milhares de suas terras. Mas, em pou-

co tempo, a Síria será reconstruída e os refugiados serão reintegrados às suas casas. Haverá eleições em maio de 2014. Acreditamos ser muito improvável que o atual presidente não seja reeleito. Ele tem sido visto na Síria e no Oriente Médio, como um todo, como um grande estadista, sucessor de Gamal Abdel Nasser.

Algumas conclusões

Não temos dúvida de que a batalha que se trava na Síria hoje é a batalha por uma nova Ordem Mundial. É a batalha que anuncia a transição mundial de um mundo unipolar para a multipolaridade. Será a derrota dos protetorados como Qatar, Arábia Saudita, Jordânia, da Turquia de Erdogan e seu Califado, da Irmandade Muçulmana no Egito, já posta na ilegalidade pelo povo egípcio. O cenário que se desenha é do isolamento ainda maior de Israel e do sionismo que massacra diariamente o povo palestino há 65 anos.

Um novo Oriente Médio vem se desenhando no cenário mundial. Obama vem aprendendo, pelos erros que vem cometendo. Parece ter aprendido que seus aliados na guerra contra a Síria são os tais terroristas que ele diz combater no mundo inteiro, em especial a Al Qaeda de Bin Laden que ele se orgulha em dizer que capturou e matou no Afeganistão.

Tudo indica que uma Conferência de Paz ocorrerá sobre a Síria. Os acordos para isso estão sendo feitos pelas chancelarias da Rússia e dos EUA, com Lavrov e Kerry. Fala-se que se realizará em novembro, em Genebra. O governo sírio participaria e sua oposição desarmada. Obama precisa voltar-se para ajudar a resolver o problema dos palestinos. Tem que restabelecer a paz com o Irã, para desespero do reacionário Benjamin Netanyahu.

O que vimos nesses episódios todos foi que talvez nunca na história recente da humanidade, desde o início do século passado, o imperialismo tenha estado tão acuado quanto agora. Não está derrotado. Mas está mais isolado e a cada dia mais decadente. Não consegue mais tomar uma decisão de atacar um país isoladamente como, por exemplo, Bush tomou em 2003, sem o aval da ONU.

De fato, vemos o mundo em mudança, convulsão e desajuste, como sugere o livro de Amin Maalouf. No entanto, vemos esperança nas forças progressistas, seculares, patrióticas, vemos bons sinais de ampla aliança que envolve comunistas, socialistas, cristãos e muçulmanos patrióticos, como ocorre hoje no governo, no Líbano e na Síria. É possível que a Frente de Salvação Nacional do Egito, que organizou os protestos que depuseram o reacionário Mursi, vença as eleições de 2014, da mesma forma que na Síria. Há que perseverar.

Como diz o excelente John Pilger, mencionando os juízes do Tribunal de Nuremberg: "Qualquer cidadão tem o direito de violar as leis domésticas para impedir crimes contra a humanidade e contra a paz". Tal qual Pilger, também assim dizemos: toda a nossa honra ao povo da Síria. Povos do mundo inteiro e em especial dos Estados Unidos têm muito que aprender com ele.

** José Farhat é cientista político, diretor de Relações Internacionais do ICArabe.*

*** Lejeune Mirhan é sociólogo, professor, escritor e arabista. É colaborador do portal Vermelho, da Fundação Maurício Grabois, da revista Sociologia.*

**** Khaled Favez Mahassen é jornalista, empresário e diretor da revista Sawtak.*

Nota

- (1) Levante é o termo usado para designar a antiga Grande Síria que englobava vários países: Palestina, Líbano, Iraque e Jordânia, além da própria Síria. E Síria em árabe é El Sham: Estado Islâmico.

Bibliografia Consultada

Os artigos abaixo foram todos traduzidos pela vila Vudu de tradutores.

AL ASSAD, Bashar. "Todos os contratos assinados com a Rússia serão honrados". Entrevista ao jornal **Izvestia**, 26-08-2013.

AL-MANAR TV. "Para os EUA, acabou o tempo das tentativas e erros". Líbano, 04-09-2013.

ANDRAOS, Fahd Saad. "Síria no caldeirão dos projetos de gás gigantes!". **Global Research**, 21-07-2013.

BABICH, Dmitry. "Síria: Por que o ocidente encolheu-se". **The BRICS Post**, Moscou, 30-08-2013.

BHADRAKUMAR, MK. "A Síria desafia o legado da presidência de Obama". **Indian Punchline**, 30-08-2013.

_____. "O grande momento de Putin no cenário mundial". **Strategic Culture**, 07-09-2013.

_____. "Putin joga a carta do entendimento para a Síria". **Indian Punchline**, 1º-09-2013.

BLOG MOON Alabama. "Uma breve história da guerra dos EUA contra a Síria: 2006 a 2014", 14-09-2013.

CHINA Daily. "Nada justifica os ataques", Pequim, 29-08-2013.

COOKE, Shamus. "A mentira da guerra 'limitada' à Síria". **Counterpunch**, 02-09-2013.

CUNNINGHAM, Finian. "A Síria é o coração da resistência". **Information Clearing House**, 31-08-2013.

ESCOBAR, Pepe. "Cães da guerra versus a caravana emergente". **Asia Times Online**, 06-09-2013.

_____. "EUA: nação indispensável (para bombardear)". **Asia Times Online**, 03-09-2012.

FISK, Robert. "Obama sabe que se aliou a Al-Qaeda?!". **The Independent**, 27-08-2013.

LOBE, Jim. "Irã e Síria, dois pássaros para um só tiro dos Estados Unidos". **Inter Press Service**, 07-09-2013.

MALBRUNOT. "Entrevista do Presidente Bashar Al Assad". **Le Figaro**, 1º-09-2013.

MCGOVERN, Ray. "É hora de revelar o que a inteligência dos EUA sabe sobre a Síria". **Information Clearing House** e **Consortium News**, 09-09-2013.

MININ, Dmitry. "Síria: Mecanismos abertos e clandestinos da provocação química". **Strategic Culture**, 29-08-2013.

PARRY, Robert. "Síria e a 'Máquina do Apocalipse' de Obama". **Consortium News**, 06-09-2013.

PILGER, John. "De Hiroshima à Síria: o inimigo cujo nome não queremos dizer". **Blog Pessoal**, 11-09-2013.

PORFÍRIO, Pedro. "A Síria que os EUA querem destruir". **Blog Pedro Porfírio**, 1º-09-2013.

PORTER, Gareth. "Na pressa para atacar a Síria, EUA tentam impedir que a ONU investigue". **Inter Press Service**, 27-08-2013.

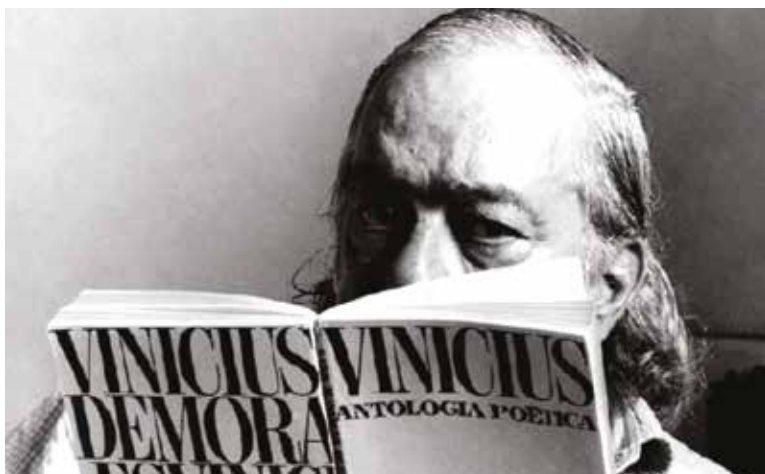
ROBERTS, Paul Craig. "Síria: Mais um crime de guerra ocidental em preparação" 29-08-2013.

Todo mundo quer Vinicius só para si

Vinicius, sedutor como lhe é característico, adiantou-se sobre os outros poetas e dominou minha preferência por anos

Jeosafá Fernandez Gonçalves*





Quando eu concluíra o então Segundo Grau, hoje Ensino Médio, cometi uma de minhas maiores ousadias. Sucede que, desde que entrei na escola, ler foi uma atividade mágica, de prazer fruído ora com euforia, ora com concentração, ora com sofreguidão – porém, livros, só os das bibliotecas públicas, oásis em que me livreí de tanto deserto de humanidade semeado pela metrópole.

A ousadia foi que, comprometendo a renda familiar, entrei em uma livraria do centro da cidade e comprei, de uma só tacada, dois volumes de poesia de Cecília Meireles; *Morte e vida severina*, de João Cabral de Melo Neto; uma antologia de Carlos Drummond de Andrade; e, de Vinicius de Moraes, além da *Antologia Poética* por ele organizada, os livros *Para uma menina com uma flor* e *Para viver um grande amor*. Era o ano de 1982, anotado nas folhas de rosto desses exemplares, que trago até hoje, amarelecidos no papel, mas sempre intactos no coração.



Jeosafá e Georgiana de Moraes, na homenagem a Vinicius por escola em São Paulo

Arquivo pessoal

Eu tinha então 19 anos. E quando apanho esses livros, continuo tendo. Esses poetas eu já frequentava em namoros sempre interrompidos pela necessidade de devolver o exemplar à biblioteca circulante. Levá-los em definitivo para casa selou um casamento desejado e sempre adiado pela falta de dinheiro. Minha família não ficou mais pobre por causa dessa ousadia e, passado o sentimento de culpa, vi que tinha feito a coisa certa.

Vinicius, sedutor como Ihe é característico, adiantou-se sobre os outros poetas e dominou minha preferência por anos. Ainda mais que eu era tímido e, numa época em que todos os meus amigos estavam namorando e se casando, eu disfarçava essa timidez jogando futebol quatro vezes por semana e me enterrando nos livros o restante do tempo que sobrava do trabalho.

Decorei textos inteiros de Vinicius, a exemplo do *Poema de Aniversário*, que eu recitava de memória no ônibus superlotado para um amor platônico meu de então:

Porque fizeste anos, Bem-Amada, e a asa do tempo roçou teus cabelos negros, e teus grandes olhos calmos miraram por um momento o inescrutável Norte...

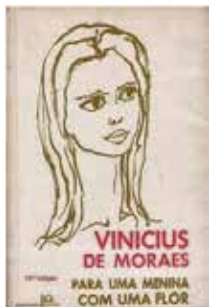
Eu quisera dar-te, ademais dos beijos e das rosas, tudo o que nunca foi dado por um homem à sua Amada, eu que tão pouco te posso ofertar.

Quisera dar-te, por exemplo, o instante em que nasci, marcado pela fatalidade de tua vinda. Verias, então, em mim, na transparência do meu peito, a sombra de tua forma anterior a ti mesma.

O mistério da poesia e da vida estava todo lá, nos versos articulados que transpiravam angústia, exas-



peração e tristeza – mas também amor, entrega e verdade. Foi Vinicius de Moraes quem acabou me empurrando para a escrita da poesia e para o violão, que toco canhestramente. Ouvir sair de meus dedos pela



primeira vez os acordes de *Onde anda você*, que as pessoas insistem em chamar de “E por falar em saudade”, foi a suprema glória para um jovem, encantado com a beleza de viver os seus menos de vinte anos, em meio à música e à poesia.

Nas viagens de trem para o interior de São Paulo que fazíamos para jogar futebol pelo Instituto Dom Bosco (comandado pelo rigoroso padre Rosalvino – que engolia

muito mal derrotas de seu time e gritava da beirada do campo como um Muricy Ramalho mais raivoso), íamos de jeans e camiseta branca cantando *Regra Três*, *Garota de Ipanema*, *Por que Será* e outras do poeta que, morto em 1980, movia nossa geração, que começava a conhecer o amor, e ingressava na juventude por essa porta de beleza por ele aberta.

Alternando minha preferência, sempre retorno, após voltas e voltas, ao poeta que engarrafou o melhor amigo do homem e, hilariamente, caricaturou Magalhães Pinto, à banheira, colocando os óculos de aro grosso na base do próprio joelho.

A foto eu conhecia de há muito, porém a particularidade da caricatura marota feita pelo poeta me foi revelada por sua filha, Georgiana, com quem estive recentemente em um evento em São Paulo.

A esse evento, uma feira cultural organizada pelo Colégio Pioneiro, de tradição japonesa, fomos convidados eu (em razão de meu livro *O Jovem Mandela* ter sido adotado pela escola), Georgiana e Maria, filhas

do poeta (em razão da comemoração do centenário de nascimento de Vinicius). Entre descidas e subidas de escadarias para participar de atividades com jovens e crianças, fomos trocando ideias e sentimentos; ela, de filha; eu, de leitor antigo da obra de seu pai. A informação óbvia sobre a brincadeira de Vinicius me foi transmitida num desses degraus pelos quais nos cansamos de subir e descer.

Num deles é que também revelei a Georgina o contrabando que fizera em *O Jovem Mandela*: num dos capítulos, aproveitando a deixa de o próprio herói da luta contra o *apartheid* ter-se declarado em sua autobiografia um romântico – no que diz respeito às relações amorosas –, incrustei na fala de seu personagem a transcrição de um trecho de Mensagem à Poesia, de Vinicius, talvez um dos mais belos poemas contra a guerra escritos em língua portuguesa.

Perguntei a Georgiana se era fácil ser filha de Vinicius de Moraes, ao que ela respondeu, entre risos: “Nada que mais de trinta anos de psicoterapia não dê algum jeito”. Na verdade, continuou, mais ou menos nessas palavras: “Dividir o pai com todo mundo não foi e ainda não é fácil – afinal, toda filha quer o pai todo pra si”. Disse isso e encaminhou-se para ouvir o coral da escola cantar *Garota de Ipanema* em japonês, numa homenagem emocionante. Depois, subiu ao palco, com sua irmã, Maria, para acompanhar as crianças e os jovens no restante da canção, agora em português, embalada também nas vozes da plateia.

A propósito, a plateia, além do coro, também queria Vinicius só para si.

**Jeosafá Fernandez Gonçalves é escritor e doutor em Letras pela Universidade de São Paulo (USP)*



Vinicius caricaturou o político mineiro Magalhães Pinto (dir.), à banheira, colocando os óculos de aro grosso na base do próprio joelho

Entrevista com Paolo Gerbaudo

“Redes sociais criam paixão política comum que deságua nas ruas”

Cezar Xavier*



Portal Grapois

Paolo Gerbaudo em sua palestra no seminário “Manifestações de Junho – Razões e Perspectivas”

Sociólogo italiano revela como o caráter passionai das redes sociais provoca mobilizações vagas, com teor ideológico indefinido, baixa capacidade de intervenção política. Gerbaudo acredita que a resposta precisa vir dos políticos progressistas, mostrando que são capazes de entender a linguagem do movimento. O fato de os movimentos partirem de uma classe média urbana, que já domina ferramentas de internet há algum tempo, é um recado importante para as esquerdas

Em entrevista à Fundação Maurício Gra-
bois, o sociólogo italiano, Paolo Gerbau-
do, jornalista e professor da universida-
de King's College de Londres, apontou
as características comuns que marcam
os protestos que tomaram as ruas de
vários continentes, nos
últimos meses. Ele pode
acompanhar de perto os protestos
ocorridos a partir de mobilizações
via internet, desde a Primavera Ára-
be, continuando com os Indignados
na Espanha, os movimentos contra
a austeridade na Europa e o movi-
mento *Occupy Wall Street* nos Estados
Unidos.

Os pontos comuns entre esses
movimentos, de acordo com Ger-
baudo, é que “há uma forte im-
pressão de que a classe política e
a empresarial são cúmplices num
sistema de poder que exclui a gran-
de maioria da população”. Há a
impressão de que os tradicionais
instrumentos de participação polí-
tica da democracia representativa
não são capazes de veicular as de-
mandas populares. “Não obstante
as enormes diferenças existentes
neles, há uma crítica profunda em
relação à democracia parlamentar e
à democracia liberal.”

Gerbaudo aponta o reflexo ocidental da luta dos
árabes contra as ditaduras, porquanto não haja di-
taduras daquele tipo no ocidente. “No entanto, a
democracia é percebida como ditadura, como uma
forma autocrática. Então, penso que há diferenças
entre esses movimentos, em diferentes áreas geo-
gráficas, como consequência de diferenças de regi-
mes políticos, sociais, de cultura. Mas há ao mesmo
tempo uma espécie de convergência entre as ques-
tões que dominam as lutas sociais e políticas.”

O avanço qualitativo brasileiro

Durante visita ao Rio de Janeiro, em agosto,
Gerbaudo disse que, mesmo no Brasil, as manis-
festações podem ser consideradas parte da onda de
“movimentos das praças”, apesar de terem objetivos
e identificarem inimigos tão distintos (ditaduras,
austeridade econômica ou a democracia representa-
tiva). As praças representam a demanda pelo direito
à cidade, negado pela repressão policial ou pela falta
de serviços urbanos de qualidade.

**Os pontos comuns
entre esses
movimentos,
de acordo com
Gerbaudo, é que
“há uma forte
impressão de que
a classe política
e a empresarial
são cúmplices
num sistema de
poder que exclui a
grande maioria da
população”**

“No Brasil o governo tratou, pelo menos, de abrir
um diálogo e demonstrar sua disponibilidade de sa-
tisfazer algumas demandas. Então, depende muito do
tipo de governo que se encontra nesses países, quan-
do esses movimentos sociais se desenrolam. Segura-
mente, no Brasil há uma tradição maior de coopera-
ção entre movimentos e partidos de

esquerda, o que pode produzir uma
dinâmica positiva”, avalia ele, sobre
o tipo de resposta que os governos
dão às manifestações. As respostas
puramente repressivas são as mais
comuns, porque, segundo ele, há
demandas que os governos não que-
rem satisfazer, porque isso significa-
ria mudar profundamente sua polí-
tica econômica, que até agora tem
sido muito neoliberal.

Em sua avaliação sobre o caso
brasileiro, o sociólogo diz que vê um
sistema institucional que avançou
nas condições da maioria da popu-
lação brasileira, mas que não conse-
guiu satisfazer a muitas perguntas
do progresso social. Ele cita autores
que falam em um avanço quantita-
tivo que ocorreu com os governos de
Lula e depois de Dilma, mas não um
avanço qualitativo. “Esta é uma di-
reção para a esquerda brasileira, qual
seja, de conseguir passar a uma nova

fase, em que essas questões da qualidade de vida, do
direito à cidade e aos serviços públicos façam parte
da agenda. E não simplesmente as questões em que o
governo tem se focado até agora: questões econômi-
cas, dos salários, de subsídios para os pobres...”

Era do Facebook

Gerbaudo afirma que há uma leitura superficial
do papel das redes sociais nas mobilizações. Se, por
um lado, alguns ignoram sua importância, por ou-
tro, superestimam-se as redes com poderes maiores
do que têm como meras ferramentas que reúnem
comunidades de pessoas. Para ele, as redes sociais
têm um papel importante nas mobilizações, não por
convocarem as multidões às ruas ou informarem
ideologia aos manifestantes, mas por coletivizarem
a emoção de experiências individuais de indignação
com injustiças, frustração com impunidades e falta
de respostas das autoridades. Esse aspecto passional
dos meios sociais na internet tem sido a plataforma
para a catalisação das energias que levaram as pes-
soas às ruas.

Para o sociólogo italiano, não há previsibilidade ou racionalidade claras no modo como as diferenças e pontos comuns se expressam nas redes sociais. Se há alguma influência da tecnologia sobre a pauta e agenda de funcionamento dos movimentos, essa influência é emocional e pouco mensurável. “Os meios sociais são uma plataforma dentro da qual há uma convergência entre experiências individuais e individualizadas de frustração e indignação frente ao sistema social injusto. Experiências que se juntam ao redor de um imã, ao redor de símbolos, imagens, nomes e imaginários e sentimentos públicos compartilhados. É isso que fazem os meios sociais, criar uma paixão política comum, começando por experiências individuais e criando uma nova forma de entidade coletiva”.

Novas entidades coletivas

Conforme observa o pensador italiano, a própria constituição apartidária e indefinida ideologicamente, assim como sua incapacidade de gerar resultados claros, está relacionado com o fenômeno virtual. “O que vemos em nomes como Indignados ou *Occupy Wall Street* são designações muito vagas, que não têm um significado muito forte. Exatamente para serem abertos a pessoas diferentes, indivíduos e cidadãos diferentes, que podem compartilhar esse mesmo sentido de frustração e indignação. É isso que são as redes sociais para os movimentos. Menos um meio de informação que uma plataforma de unificação emocional cidadã.”

Gerbaudo concorda que há um sentimento de representatividade, ali dentro do Facebook ou do Twitter, de que na rede social a pessoa tem uma voz e uma representatividade maior do que teria num partido ou movimento social. “Há uma espécie de contraste entre essas experiências... Especialmente os jovens, para os quais, por um lado, os partidos são como algo que nunca viram ou sequer encontraram. Sabemos que a maior parte dos quadros dos partidos é de velhos e cada vez menos numerosos – estão diminuindo. Onde a participação política é algo que não existe em sua biografia [dos jovens] e sua vida cotidiana. Por outro lado, uma experiência de participação comunicativa e cooperação social, que se desenvolve por meio das redes sociais. Esses dois sentimentos chocam-se um contra o outro. Os jo-

Há uma leitura superficial do papel das redes sociais nas mobilizações. Se, por um lado, alguns ignoram sua importância, por outro, superestimam-se as redes com poderes maiores do que têm como meras ferramentas que reúnem comunidades de pessoas



Mídia Ninja

Diferentemente dos protestos antiglobalização, que levaram à formação do Fórum Social Mundial (FSM), a nova cultura global de protestos surpreende pelo regresso da simbologia nacional

vens não encontram nos partidos e formas políticas convencionais essa possibilidade de participação, às vezes superficial, que encontram nas redes sociais.”

A direita extremista sai dos porões

As pessoas, no entanto, têm clara a importância política das ruas sobre o debate na internet. Também vão às ruas para expressarem demandas que não veem representadas nas instituições políticas tradicionais, vistas com muita desconfiança. Para ele, essa desconfiança é típica de um momento em que o sistema institucional não se adaptou para capturar as demandas dos manifestantes. Na Europa, diz ele, não houve protestos apenas contra partidos, mas contra os sindicatos, vistos como cúmplices do desemprego e do trabalho precário, organizações fundamentalmente corporativas, por não defenderem os direitos universais.

Diferentemente dos protestos antiglobalização, que levaram à formação do Fórum Social Mundial (FSM), o intelectual italiano costuma ressaltar que a nova cultura global de protestos surpreende pelo regresso da simbologia nacional. As bandeiras nacionais costumam estar associadas, nas mobilizações de esquerda, ao nacionalismo e ao fascismo de direita. Outras posturas reacionárias de direita ganharam muita força nesses

movimentos, representando a saída do armário de setores que tinham vergonha de enfrentar o pensamento solidário e coletivista de esquerda. Assim como no Brasil, pequenas multidões foram pra rua pedir a volta da ditadura, na Europa, neonazistas passaram a marchar contra imigrantes.

Para Gerbaudo, a pluralidade dos movimentos junta pessoas com opiniões políticas regressivas, que com as outras compartilham ódios à classe política, mas não necessariamente compartilham opiniões progressistas. Ele cita como exemplo, parte dos Indignados na Espanha, que adotou um discurso de direita com um líder que pertencia à Opus Dei, além de setores do movimento que começaram a dialogar com membros de grupos fascistas. “Creio que seja um risco para todos os movimentos, especialmente estes movimentos populares, que não são nem de esquerda, nem de direita, mas majoritários, e que não se definem politicamente por cores, mas como movimentos de povo”. No Movimento 5 Estrelas, da Itália, a formação partidária, por um lado, tem posições que parecem de esquerda, e, por outro, tem posições claramente xenófobas, de direita – por exemplo, contra os direitos de nascidos de imigrantes em solo italiano.

O dilema do apartidarismo

No Brasil, houve um esforço do Governo Dilma de responder às demandas progressistas das manifestações, ignorando reivindicações vagas ou regressivas. Nos EUA e na Europa, por outro lado, há uma estagnação da agenda política das mobilizações, completamente ignoradas por governos burocráticos e sem liderança clara, subservientes aos centros financeiros e suas regras draconianas. Gerbaudo explica que está colocado um dilema elementar para aqueles movimentos, em sua incapacidade de expressar claramente suas demandas para a sociedade e abrigar alianças capazes de pressionar os governos centrais.

Na Europa, especificamente, há um sentimento de resignação frente à crise econômica e à política de austeridade. Ainda que tenham ocorrido movimentos muito fortes como os Indignados na Espanha e contra a austeridade na Grécia, com caráter quase insurrecional, os movimentos de protesto sozinhos não conseguem mudar a situação, não conseguem derrotar o inimigo da autoridade financeira. “O que se necessita e o que se percebe cada vez mais, em países como a Grécia, é que é preciso acompanhar os movimentos com novas forças de esquerda que possam desenvolver as lutas dentro das instituições. Na Grécia, muitos ativistas, até anarquistas, têm apoiado o Syriza, partido de esquerda, porque têm muito claro que o Estado nacional tem um poder, todavia.



Mídia Ninja

O fato de os movimentos partirem de uma classe média urbana, que já domina ferramentas de internet há algum tempo, é um recado importante para as esquerdas

O Estado nacional possui os botões que ele pode tocar, e com os quais se pode lutar contra o sistema da oligarquia financeira.”

Se há dificuldade de enxergar na esquerda política um aliado, mas uma necessidade premente de aliar-se a estes setores institucionais para enfrentar a direita, Gerbaudo acredita que a resposta precisa vir desses políticos progressistas, mostrando que são capazes de entender a linguagem do movimento. O fato dos movimentos partirem de uma classe média urbana, que já domina ferramentas de internet há algum tempo, é um recado importante para as esquerdas.

De acordo com Gerbaudo, um problema da esquerda, nesta conjuntura, é ter se acomodado e se concentrado na composição de classe de tipo operária, que ele considera não ser mais hegemônica, mas uma minoria da composição do trabalho. “Representar o trabalhador de serviços da classe média, que hoje é hegemônica, significa mudar o discurso político e as formas de organização. Não significa o fim dos conflitos de classe. É uma nova forma de conflito de classes, em que a classe média tem suas necessidades, que são profundamente diferentes da classe operária, e clamam por adaptação por parte dos partidos de esquerda.”

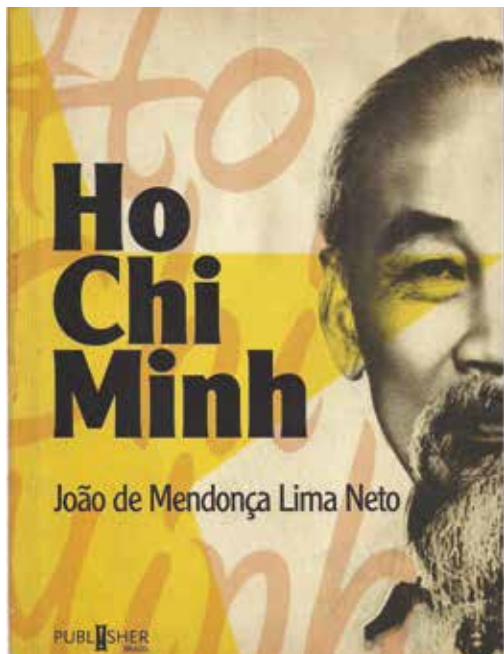
Segundo o sociólogo, essas características que marcam a nova onda global de protestos sintetizam a ideia segundo a qual o governo é que tem de ter medo do povo, certo espírito neoanarquista que se expressa no tom emocional e difuso das passeatas. Para ele, as manifestações demandam formas de democracia participativa, maior representatividade das reivindicações dos setores médios e jovens da sociedade, mas alertam para um vazio institucional e político que pode ser ocupado por forças autoritárias.

**Cezar Xavier, editor executivo do Portal Grabois, entrevistou Paolo Gerbaudo durante o Seminário “Manifestações de junho — razões e perspectivas” realizado no Rio de Janeiro, em 9 de agosto de 2013*



O lendário Ho Chi Minh

Aloísio Sérgio Barroso



Ho Chi Minh

Autor: João de Mendonça Lima Neto

Editora: PUBLISHER

Páginas: 264

I.S.B.N.: 9788585938741

Ano: 2012

Preço médio: R\$ 35,00



A convulsionada, épica e bela história do Vietnã é uma moldura “a mármore”, onde a vida de Ho Chi Minh é esculpida pelo diplomata João de Mendonça Lima Neto. Ho Chi Minh, publicado em 2012 (Publisher, 263 páginas) preenche a enorme lacuna biográfica sobre um excepcional líder revolucionário do século XX. De fato, apenas a famosa pesquisa da vida política do vietnamita, de Jean Lacoutre (Nova Fronteira, 1977) teve ampla divulgação e repercussão internacional.

Sempre entranhado na história de seu país, o lendário tio Ho aparece límpido na obra de Lima Neto, aliás, livro lavrado numa escolha metodológica bastante incomum: a narrativa toda é mesclada por opiniões claras do autor, como se estivesse a arriscar um julgamento posicionado.

Assim, aprende-se nela que a estrutura dinástica dos governos vietnamitas, ainda na passagem ao século XIX, baseava-se inteiramente no mandarinato chinês. Que a dominação colonial francesa iniciou-se em 1858 e só foi encerrada em 1954, com a expulsão definitiva da corja. Pouco antes (1945), Ho havia liderado a independência da primeira colônia francesa – e europeia.

Noutra ponta, Lima Neto reafirma os crimes dos EUA ao terem usado largamente, no Vietnã, o “agente laranja” (desfolhante carcinógeno) entre 1966 e 1972, durante a guerra revolucionária da reunificação do país. O imperialismo norte-americano empregou 15.500.000 toneladas de bombas e munição sobre a Indochina, 12.000.000 sobre o Vietnã (o equivalente a 640 bombas atômicas usadas em Hiroshima!); onze a doze milhões de galões de “agente laranja”, de acordo com pesquisa para o Congresso dos EUA. Foram 1.921.000 vietnamitas mortos versus 58.151 norte-americanos e 5.000 aliados; 14.305.000 refugiados, 10.472.000 sul-vietnamitas, 3.083.000 no Camboja e 750.000 no Laos.

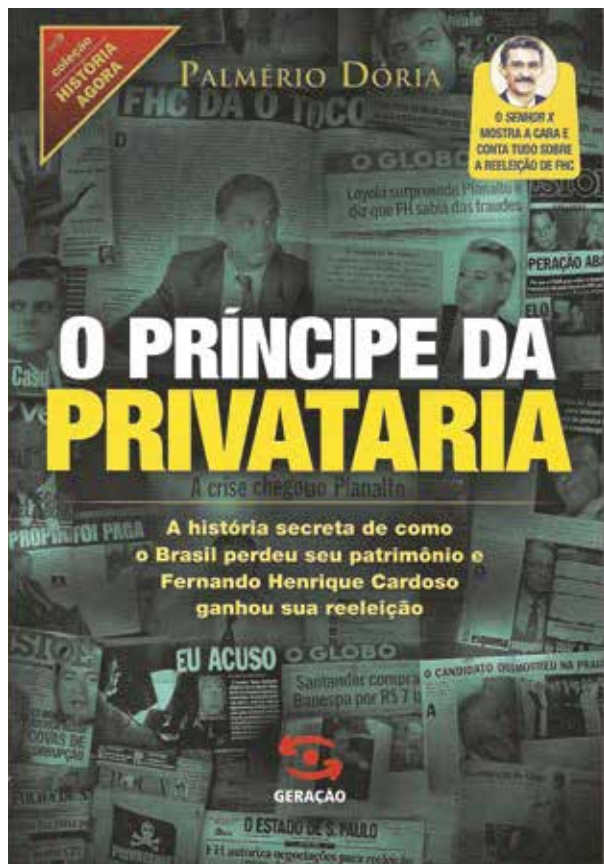
Ho Chi Minh viveu 79 anos, sendo 70 deles de “aventuras, privações e guerras”, diz Lima Neto. Ao deixar o Vietnã (1911), percorre em três décadas Oriente Médio, África, Europa, América do Sul (passou pelo Rio de Janeiro) e América do Norte. Autodidata, aprendeu francês, inglês, chinês e russo, além de alguma coisa de alemão e italiano. Fascinou-se pelas teorias de Lênin; trabalhou com inúmeros dirigentes do Comitern (Dimitrov, Bukharin, Manuisky, entre outros); encontrou-se com Stálin, Krushev, Zhou Enlai, cruzou com Chiang Kaishek inclusive na academia militar de Whamphoa (China); esteve várias vezes com Mao Tse-tung, nos últimos anos de sua vida.

Ho Chi Minh passava horas buscando as palavras corretas a utilizar, mormente endereçadas a um país repleto de massas camponesas embrutecidas; daí a sabedoria duma linguagem de fácil compreensão. Confúcio o influenciara.

“A conclusão a que chegamos” – escreve Lima Neto – “é de que Ho Chi Minh foi capaz de fazer uma grande síntese”, destrinchando o pensamento de Lênin e da esquerda europeia, “para reuni-lo no âmago das tradições vietnamitas”, pois somente assim poderia ser compreendido por seus compatriotas.

Mais honoráveis ainda

por Mylton Severiano



O Príncipe da Privatária

Autor: Palmério Dória

Coleção: História Agora – 9 vol.

Páginas: 400

Ano: 2013

ISBN: 9788581302010

Editora: Geração

Preço: R\$ 39,90

O sujeito com curso superior, desempregado, consegue ocupação num circo: da plataforma no alto do mastro, seu “emprego” será saltar dentro de uma tina d’água cercada de leões. Essa anedota circulou amplamente durante o governo de Fernando Henrique Cardoso. Mas a mídia esteve sempre a favor, ecoando os brados dos tecnocratas e do próprio presidente, induzindo a crer que a privatária traria serviços mais baratos e de primeiro mundo, e mais empregos.

Foi o contrário. O desemprego disparou.

Este novo livro de Palmério Dória, autor do best-seller *Honoráveis Bandidos* — um retrato do Brasil na Era Sarney, desta mesma Geração Editorial, trata agora da Era FHC. Ele compõem um painel que ajuda a entender o período civil de quase duas décadas que sucedeu ao militar e a ele não contrapôs, aliás lhe deu sequência em vários aspectos — submissão ao “consenso de Washington”, monopólio das terras e da mídia, direito à tortura, ensino mediocrizado, caldo de cultura propício ao mandonismo, impunidade dos graúdos, corrupção do milhão pra cima. Raramente se viu tanta desenvoltura com que dois grupos — o da PUC-Rio e do tucanato paulista afinado com FHC e José Serra, aliados aos “demos” de Jorge Bornhausen — transitaram entre cargos públicos e privados, usando informações privilegiadas, favorecendo interesses. E este livro estava gráfica quando correu mundo notícias distribuída pelo site WikiLeaks, dando conta do acordo celebrado por FHC com a Casa Branca para sabotar nosso desenvolvimento em outras áreas estratégicas: energia nuclear e tecnologia espacial (lembra-se da até hoje suspeita explosão do foguete com satélite nosso que subiria em agosto de 2003 na base de Alcântara?). Com o Sivam, entregou o controle aéreo sobre a Amazônia aos gringos. Em seu governo, a espionagem americana operava praticamente às claras em Brasília.

Como observou o colega Aloysio Biondi, corroe-ram a “alma nacional”.

Palmério produziu mais um livro necessário. E de novo me honra com o convite para ser parceiro no texto final. Um terceiro livro, já em preparo, completará a trilogia em que deixaremos testemunho de nosso tempo, contribuição para nossos contemporâneos e nossos pósteros entenderem melhor o período em que os entreguistas viveram fase de ouro.



A grande crise capitalista Global 2007-2013: gênese, conexões e tendências

por Luiz Gonzaga Belluzzo*



A grande crise capitalista Global 2007-2013: gênese, conexões e tendências

Organizadores: Aloísio Sérgio

Barroso e Renildo Souza

ISBN: 978-85-7277-142-9

Páginas: 456

Editora: Anita Garibaldi

Ano: 2013

Preço: R\$ 52,00

Escolhido para escrever o prefácio do livro *A Grande Crise*, organizado por Aloísio Barroso e Renildo Souza, deparei-me com uma rica coletânea de textos de excelente qualidade. Leitor obsessivo dos livros sobre a crise, garanto ao leitor que o livro *A Grande Crise* se inscreve no rol das mais instigantes e abrangentes contribuições à vasta literatura internacional sobre o tema. A diversidade de abordagens não esconde sua origem comum: a *Crítica da Economia Política*, cuja atualidade é reconhecida inclusive por muitos de seus adversários.

Não vou entediar o leitor com a reprodução dos argumentos que sustentam brilhantemente a interpretação marxista da Grande Crise. Mas imagino ser conveniente tocar em alguns pontos que considero importantes. Primeiro, a “financeirização”. Comprada pelo valor de face, a expressão “financeirização” obscurece a compreensão das leis de movimento do sistema econômico e social que hoje estrebucha sob o olhar desconfiado dos que promoveram sua derrocada. Assim, quase sempre são obscurecidas as conexões entre os desenvolvimentos da finança contemporânea e a globalização do capital produtivo. As relações entre esses fenômenos determinaram a rápida acumulação de riqueza produtiva nos emergentes asiáticos e a farra financeira nos submergentes do primeiro Mundo. Nos rincões do Primeiro mundo, esse “arranjo” engendrou a criação de empregos de baixa qualidade, a queda dos rendimentos da massa assalariada e o avanço assustador da desigualdade. Por isso, não faltou à festança a deterioração persistente da receita pública, matriz dos déficits fiscais produzidos por regimes tributários cada vez mais regressivos. Com tais ingredientes, o receituário dito neoliberal preparou a gororoba do “excesso” de endividamento público e privado.

É tolice, senão esperteza, buscar os “culpados” pelo desfecho desastroso das políticas adotadas a partir da “estagflação” dos anos 70 do século passado. Os slogans que proclamavam “mais mercado e menos Estado” não são menos ridículos do que a aceitação dessa falsa dicotomia por quem deveriam criticá-la.

O jogo entre o Estado e os mercados não pode ser tratado sem a avaliação cuidadosa da correlação de forças entre as classes sociais, ou seja, não é possível ignorar o “momento” da luta de classes na determinação das normas de apropriação da riqueza e da renda entre os protagonistas do processo de criação de valor. No capitalismo realmente existente, não há “espontaneidade” ou “naturalidade” nas normas que regem a acumulação de riqueza monetária abstrata mediante o intercâmbio de valores. O desenvolvimento da crise nos últimos anos revela que o manejo dos instrumentos de “intervenção” do Estado estão cada vez mais submetidos à preservação do poder privado de acumular riqueza social.

* resumo do prefácio do livro

Assine *Princípios*, uma revista antenada com o novo projeto nacional de desenvolvimento



Assinatura anual (6 edições) – R\$ 70,00*
Assinatura bianual (12 edições) – R\$ 120,00**
Assinatura trianual (18 edições) – R\$ 170,00**

*pagamento à vista ** duas vezes no cartão de crédito



EDITORIA E LIVRARIA ANITA LTDA.

www.anitagaribaldi.com.br

livraria@anitagaribaldi.com.br

Rua Amaral Gurgel, 447, 3º andar, cj. 31 – Vila Buarque
CEP 01221-001 – São Paulo - SP - Tel.: (11) 3129-3438

Foto Gustavo Rejani



Nerival com a tela "Futebol de Várzea", vencedora de prêmio no Salão Nacional Mogi das Cruzes de Artes (2012)

Nerival Rodrigues, colaboração especial

A quarta-capa desta edição da *Princípios* e a matéria "O futebol como arte de uma nação" (pág.77) estão ilustradas com obras do artista plástico Nerival Rodrigues, de Mogi das Cruzes (SP). Nerival é considerado um dos mais talentosos pintores de arte naif do país e gentilmente nos autorizou a reproduzir na revista as imagens de algumas de suas telas que retratam o tema futebol. Os editores da *Princípios* agradecem pela gentileza e convidam os leitores a conhecerem um pouco mais da obra de Nerival através do link: <http://migre.me/gwHen>



Princípios é uma publicação bimestral da Editora e Livraria Anita Ltda. CNPJ: 96.337.019/0001-05

Registrada no ISSN sob o nº 1415788-8

Fundador: João Amazonas (1912–2002)

Editor: Adalberto Monteiro

Editor executivo: Cláudio Gonzalez (MTb 28961/SP)

Comissão Editorial: Adalberto Monteiro, Aloísio Sérgio Barroso, Augusto César Buonicore, Cláudio Gonzalez, Fábio Palácio de Azevedo, José Carlos Ruy, Osvaldo Bertolino e Pedro de Oliveira.

Conselho Editorial: Adalberto Monteiro, Aldo Arantes, Aldo Rebelo, Altamiro Borges, Ana Maria Rocha, Bernardo Joffily, Carlos Pompe, Carolina Maria Ruy, Carolus Wimmer, Elias Jabbour, Haroldo Lima, Jô Moraes, José Carlos Ruy, José Reinaldo Carvalho, Domenico Losurdo, Luciano Martorano, Luis Fernandes, Luiz Manfredini, Madalena Guasco, Nereide Saviani, Nguyen Viet Thao, Olival Freire Jr., Olívia Rangel, Pedro de Oliveira, Raul Carrion, Sílvia Costa, Umberto Martins e Walter Sorrentino

Secretária de redação: Ana Paula Bueno
correio eletrônico: principios.revista@gmail.com

Jornalista responsável: Pedro de Oliveira
(MTb 9813/30/69/SP)

Capas: Cláudio Gonzalez

Diagramação: Laércio D' Angelo Ribeiro

Revisão: Maria Lucília Ruy

Diretora comercial: Zandra de Fátima Baptista

Diretor: Divo Guisoni

CONTATOS PARA ASSINATURA:

Editora Anita Garibaldi

Rua Amaral Gurgel, 447 - 3º andar - Cj. 31 - Vila Buarque
CEP 01221-001 São Paulo - SP
Tel./Fax: (11) 3129 5026 - 3129 3438

www.anitagaribaldi.com.br

editora@anitagaribaldi.com.br

PONTOS DE VENDA:

SÃO PAULO – Livraria Cultura (Conj Nacional - Av. Paulista, 2073) - Shop Market Place (Av. Dr. Chucuri Zaidan, 902) - Shop Villa Lobos (Av. Nações Unidas, 4777) – Banca Estadão (Av Nove de Julho, 185) – Banca Maranhão (Rua Maranhão 753). CAMPINAS – Livraria Cultura (Av Iguatemi, 777 - Lojas 04-05, Q22, PISO 1). PORTO ALEGRE – Bourbon Shopping (Av. Tulio de Rose, 80 loja 302). BRASÍLIA – CasaPark Shop (SGCV - Sul, lote 22, loja 4A, Zona Industrial). RECIFE – Paço Alfândega (Rua Madre de Deus, s/n Le Revistaria). GOIANIA – Goiania Shop (AV. T-10, 1300 - PISO 1/Loja 150 S. BUENO). MATO GROSSO – Revistaria Prelo na UFMS (Cidade Univ. - Campo Universitário).



Portal Grabois

O portal da Fundação Maurício Grabois é um espaço de convergência e difusão do pensamento marxista e progressista e de debate dos principais temas da atualidade.

VISITE

www.grabois.org.br

Fundação
Maurício
Grabois



- ▶ Notícias, artigos e entrevistas;
- ▶ Fotos, vídeos e áudios;
- ▶ Seminários e debates;
- ▶ Teses, dissertações e trabalhos acadêmicos;
- ▶ Materiais destinados à formação política e ideológica;
- ▶ Análises nas áreas política, científica, econômica, social e cultural;
- ▶ Amplo acervo sobre a história da esquerda e do movimento operário.



**ESCOLA
NACIONAL
do PCdoB**

A página da **Escola Nacional do PCdoB** traz a agenda dos cursos, o currículo das aulas e informações sobre o trabalho de formação ideológica do Partido.



PRINCÍPIOS

A revista *Princípios* tem espaço destacado no portal da Fundação Maurício Grabois. Os 100 primeiros números da revista estão disponíveis, na íntegra, para consulta.



seminários

Divulgação dos debates, palestras e seminários promovidos pela Fundação.

políticas públicas

A seção Bancos de Políticas Públicas sistematiza experiências de gestores, parlamentares e pesquisadores

prosa@poesia

Um espaço literário com muitos colaboradores e seus contos, poemas e prosas.



CDM

Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

O Centro de Documentação e Memória (CDM), ligado à Fundação Maurício Grabois, comporta uma biblioteca especializada na história do Partido Comunista do Brasil, coleções de periódicos (revistas teóricas como *Problemas* e *Princípios* e jornais como *A Classe Operária* e *Tribuna da Luta Operária*, etc.), documentos produzidos pelos comitês partidários, vídeos, depoimentos, fotos e cartazes. É um rico material que ilustra as atividades desenvolvidas pelos comunistas na luta pela construção de um Brasil democrático, independente e socialista.

“Poucas coisas ocorrem, na América Latina, que não tenham alguma relação, direta ou indireta, com o futebol. Festa compartilhada ou compartilhado naufrágio, o futebol ocupa um lugar importante na realidade latino-americana, às vezes o lugar mais importante, ainda que o ignorem os ideólogos que amam a humanidade e desprezam as pessoas.”

Eduardo Galeano

